REVISTA

DO

Arquivo Público Mineiro

Ano XXXVI — 1985

BELO HORIZONTE
1985

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

para o

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

* * *

Em auxílio desta instituição, que não pode ser indiferente aos bons cidadãos, invocamos o concurso de todas as pessoas que se interessam pelas tradições honrosas do nosso Estado, esperando que se dignem de remeter-nos os documentos e informações que possuam ou possam obter concernentes à história, aos homens e às cousas de Minas Gerais, no intuito de serem oportunamente publicados ou de qualquer modo aproveitados convenientemente.

Além de tais documentos e informações — que em número considerável se acham esparsos por muitas mãos, sem nenhuma utilidade para a causa pública — pedimos a remessa (com destino à Biblioteca Mineira do *Arquivo)* de todas as publicações antigas e modernas feitas por Mineiros ou relativas a Minas Gerais, em geral, ou a qualquer de suas regiões e localidades, inclusive periódicos, estatutos municipais, notícias sobre curiosidades naturais, templos, instituições, edifícios públicos, hospitais, asilos, fábricas, associações industriais, literárias e beneficentes, notas e estatísticas, apontamentos biográficos de Mineiros notáveis, lendas e tradições populares, etc.

Por essas ofertas e informações mostraremos, em tempo, público agradecimento, referindo os nomes dos distintos cidadãos que atenderem ao nosso pedido, prestando tais serviços ao Estado.

* * *

Os fiscais das rendas do Estado, os Superintendentes das circunscrições literárias, os fiscais do serviço de imigração e os das estradas de ferro auxiliadas pelo Estado e os engenheiros de distrito ficam encarregados de procurar e obter quaisquer documentos importantes para a história e geografia de Minas Gerais, notícias certas sobre a vida de Mineiros distintos e outras informações que interessem de alguma forma ao Estado, filiando-se aos intuitos do Arquivo Público Mineiro, para onde devem endereçá-las. — Art. 13, do Decreto n.º 860, de 19 de setembro de 1895, que promulgou o Regulamento do Arquivo Público Mineiro).

Nota da Redação — Nos tópicos acima, por respeito à tradição e à linha de apresentação da REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, conserva-se a redação original. Aos leitores, solicitando-se a colaboração subjetiva de atualização de seus termos, reitera-se o pedido ali formulado às Autoridades ao Funcionalismo e aos cidadãos em geral.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

Direção e Redação

FRANCISCO DE ASSIS ANDRADE

Diretor do Arquivo

Ano XXXVI — 1985

Belo Horizonte

1985

Revista do Arquivo Público Mineiro.

Ano 1 — Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, 1896 —

v.

De 1896 a 1898 editada em Ouro Preto.

Do ano I-XXIII: Revista do Archivo Público Mineiro, 1. Arquivos (documentação). 2. Minas Gerais — História — Periódicos. I. Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte.

Solicitamos acusar o recebimento, a fim de assegurar a remessa de futuras publicações.

Endereçar a:

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
RUA DOS AIMORÉS, 1.450
30000 — BELO HORIZONTE (MG)

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Dr. Hélio Carvalho Garcia

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Deputado Delfim de Carvalho Ribeiro

DIRETOR DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
Dr. Francisco de Assis Andrade

SUMÁRIO

Pág.

Nota da Direção da Revista 9

Apresentação — Edição de Alfredo Camarate — FRANCISCO IGLÉSIAS 11

Introdução — Alfredo Camarate e Nova Capital Mineira — EDUARDO FRIEIRO 17

Por Montes e Vales — ANTONIO RIANCHO 23

NOTA DA DIREÇÃO DA REVISTA

Com este número, a Revista do Arquivo Público Mineiro edita pela quarta vez trabalhos sobre Belo Horizonte.

À primeira publicação, Revista de 1979, que contém a relação dos prefeitos de Belo Horizonte de 1897-1975, e legislação pertinente, seguiu-se a do ano de 1982 — esta totalmente dedicada à Capital com bibliografia do pesquisador Hélio Gravatá e artigos de Arthur Azevedo, sob o título de "Um Passeio a Minas", além de crônicas de Moacyr Andrade, sob os títulos de "Coisas da Medicina no início de Belo Horizonte" e "Coisas da Capital já passada".

Em 1984, a Revista publicava as crônicas de Carlos Drummond de Andrade sob os pseudônimos de Antônio Crispim e Barba Azul.

Agora esta edição de 1985, com crônicas de Antônio Riancho, pseudônimo de Alfredo Camarate, revelando fatos, coisas e observações durante a construção da Capital, e cuja justificativa de publicação se encontram na apresentação de Francisco Iglésias e introdução de Eduardo Frieiro.

Com mais esta publicação sobre Belo Horizonte, a direção do A.P.M. acredita estar dando unidade a uma documentação dispersa, e criando facilidades àqueles que agora e no futuro se dedicam ao estudo de nossa Capital.

A DIREÇÃO

APRESENTAÇÃO

EDIÇÃO DE ALFREDO CAMARATE

Os cultores da história de Minas têm valorizado devidamente a contribuição de estrangeiros para o conhecimento do passado e do presente. Se alguns realizaram obra historiográfica, outros fizeram descrições da realidade que conheceram ou depoimentos sobre ela: se passíveis de crítica, por conterem às vezes generalizações apressadas, observações imperfeitas, fruto de uma viagem rápida ou de ligeiro convívio com a paisagem física e humana, todos têm significado e valor. É que o País visto por outros olhos tem sempre interesse, ainda que em retratos incorretos, pois a própria incorreção pode ser expressiva. Por que se cometeu esse equívoco e não outro, por que certos aspectos despertam mais a atenção?

É enorme a dívida mineira com viajantes que descreveram quanto viram ou deram testemunho do que mais causou impressão. Para citar só um nome, lembre-se o francês Auguste Saint Hilaire, que passou longas temporadas em território mineiro, percorrendo-o em mais de um sentido, estudando principalmente sua flora e fauna, sobre as quais escreveu com erudição e ciência, enriquecendo quanto se sabia sobre elas, como eminente cientista que era, ou sobre a natureza física, o povo e suas múltiplas atividades culturais, depondo com simpatia e inteligência, informando de seu passado, presente e até de perspectivas futuras. É o maior de todos. Vários estrangeiros depuseram no século passado e no atual.

Curiosa figura que deve ser lembrada é a de Alfredo Camarate, português que por Belo Horizonte andou quando a cidade começava a ser construída, ainda não inaugurada, em 1894. Os trabalhos de preparo do antigo Curral del-Rei apenas começavam. A Comissão Construtora nos primeiros passos, a aventura tinha interesse para um homem empreendedor como era o lisboeta. Vivendo pouco tempo na nova terra, observou-a com atenção e certo carinho e sobre ela depôs em uma série de artigos — melhor chamá-los de crônicas — no jornal *Minas Gerais*, então em seus primeiros passos, ainda em Ouro Preto. O jornal acolheu

a colaboração espontânea do irrequieto viajante e homem de iniciativas. E foi um bem para ele e para os estudiosos, que têm assim o retrato do que foi Belo Horizonte em fase de instalação, com subsídios para entendimento da paisagem, sua gente, costumes, qualidades e defeitos.

A obra ficaria talvez desconhecida se para ela não chamasse a atenção o escritor Eduardo Frieiro: jornalista do *Minas Gerais* durante muitos anos, precisava recorrer às suas páginas antigas. Cultor da literatura, deve ter visto as crônicas publicadas por um tal de Alfredo Riancho. Leu-as com o entusiasmo ou a curiosidade que todo texto lhe despertava, percebendo tratar-se de matéria de qualidade, além de servir como fonte informativa. Citou-o várias vezes em seus inúmeros e notáveis artigos, dedicando-lhe mesmo atenção especial mais de uma vez. A mais extensa, por certo, foi transformada em estudo, publicado em 1965, em KRITERION, revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, dirigida por ele durante longo tempo.

O crítico mineiro dá aí algumas informações sobre Alfredo Camarate: nasceu em Lisboa, em 1840; veio para o Brasil aos 32 anos, permanecendo até o falecimento, aos 64 anos. Era engenheiro-arquiteto e tinha formação musical: tocava flauta e foi crítico de musica no *Jornal do Comércio* do Rio; compôs peças para piano. Além de crítico, escreveu em outros jornais do Rio, Buenos Aires, São Paulo, Ouro Preto e Sabará, com vários pseudônimos. No *Minas Gerais* usou o de Alfredo Riancho. Eduardo Frieiro dá-lhe o título de primeiro cronista de Belo Horizonte. Informa ainda que morreu em São Paulo, pobre, em 1904.

Camarate falava diversas linguas, gostava de escrever e tinha mesmo certa graça, como se lê na colaboração no Órgão Oficial de 1894. Foi encarregado de trabalhos de arquitetura e construção na nova capital. Chega aí cedo, com os homens da comissão construtora. Morou inicialmente em Sabará, de onde vinha em lombo de animal até Curral del-Rei. Não se sabe que motivos teriam levado esse português a vir para o interior de Minas. Só para ganhar dinheiro? Sua vida terá sido aventureira, de muitas viagens. Não são bem conhecidos os pormenores de sua trajetória: sabe-se que estudou na Inglaterra, esteve na Irlanda, viajou muito. Outras informações são encontradas nas crônicas sobre Belo Horizonte, sob o título "Por montes e vales".

É com prazer que se faz a leitura dessas páginas. O estilo é agradável, o autor é bem humorado e sabe narrar as coisas. A linguagem em geral é correta, os equívocos são eventuais. Descreve as andanças de Sabará a Belo Horizonte, às vezes com no-

tícias valiosas. Assim é que fala de sua surpresa, quando, numa encosta, "o viajante fica de repente surpreendido, pelo súbito aparecimento de um grande edifício, modesto, mas prático nas linhas arquitetônicas, denotando extremado asseio e relativo conforto. É a fábrica de tecidos de Marzagão; em que uma poderosa turbina de movimento a cem teares, que fabricam magníficas casimiras mineiras e que, como quase todas as fábricas de tecidos do Estado de Minas, têm dado bons dividendos".

Alfredo Riancho/Camarate fala com freqüência de suas viagens. Exaltando a beleza do caminho de Sabará a Belo Horizonte, lembra: "e eu que tenho longa prática de viajar pelas charnecas e lezírias de Ribatejo..." Ao longo do escrito, fala de coisas que viu em Moçambique, em Lisboa, Paris, sul da Itália, Espanha, Portugal. A entrada de Belo Horizonte parece-lhe "com alguns caminhos de certas povoações da África Ocidental". Quando aqui chega, exclama, convencionalmente: "um belo horizonte, na realidade". Confessa que em viagem não gosta de seguir os conselhos dos *Guias* e *Itinerários*, pois prefere o acaso e o imprevisto: "em Belo Horizonte tenho feito sempre o que fiz em todos os pontos que tenho visitado: sigo pelas ruas, travessas e praças ao acaso, colhendo, na inesperada variedade de episódios que o acaso me proporciona, muito melhor e proveitoso ensinamento". Nota que a localidade não se preparou para receber os visitantes ou os que têm de trabalhar na construção.

Camarate faz observações freqüentes sobre estilos e construções, denunciando o arquiteto que é. Como é comum na época, não ama o barroco — estilo que será valorizado talvez até em excessos alguns decênios depois, como se dá ainda hoje. A matriz no centro da povoação "tem uma fachada de estilo barroco; mas representa um mau exemplar desse mau estilo de que Minas possui edifícios notáveis..." Afinal, a igreja não é má: "vista de lado, tem boas linhas e o conjunto dos telhados denota que o arquiteto sabia bem do riscado". A propósito das pinturas, supõe que sejam más e dá a razão: "digo, suponho porque a sanha e vandalismo dos restauradores foi tão grande, nos princípios deste século (...), que é muito possível que, por debaixo daquelas pastadas infrenes dos restauradores, haja obras-primas dos pintores; fato que se dá particularmente em Mariana, Ouro Preto e em outras localidades deste Estado". Acha notáveis as obras de talha e julga que o edifício é de 1788, data que aparece em duas portas. Conhecedor de música, observa o canto, as vozes e os coros das igrejas e festas, elogiando a qualidade de alguns intérpretes. Já as pessoas lhe parecem feias e doentias.

Com alto sentido de paisagem e do patrimônio histórico, lamenta que os pintores não tenham se dedicado a fixar a localidade, tal como se encontra: "contudo, parece-me que seria coisa para tentar; para que, nos arquivos da municipalidade futura (...) ficasse uma recordação do que era Belo Horizonte antes de se começar a cortar e a construir a nova capital..." Tratando da cerâmica de Caeté, escreve: "fábricas bem dirigidas poderão aumentar-lhe as perfeições (...); mas se a esses melhoramentos não presidir um homem que tenha o sentimento estético bem desenvolvido, o espírito respeitador dos traços e feições originais, as futuras fábricas de louça de Caeté poderão produzir louças tão belas como as de Sèvres, de Saxe ou de Limoges, mas o protótipo de louça de Caeté desaparecerá. (...) Enquanto a mim que, adorando os progressos da indústria, nunca deixo de protestar quando eles invadem o característico do tipo artístico primitivo..." Na louça de Caeté, "ama os pratos de suave cor de camurça, com os seus policrômicos e ingênuos ornamentos feitos à mão, com esse encanto da sinceridade artística que denotam os despretensiosos fabricantes..." Jornalista, Camarate se diz "ínfimo jornalista". E mais: "confesso que seria o mais desajeitado repórter deste mundo. A especialidade não se coaduna com o meu caráter discreto e desabelhudo".

Cronista, fala do arquiteto José de Magalhães, que tanto fez no Rio e em Belo Horizonte, do pintor Emílio Rouède, que tanto fixou e pintou Belo Horizonte. Tem notícia de famosos economistas de então, como Jean Baptiste Say e Leroy-Beaulieu, muito em voga no Brasil. Houve o levantamento de uma estação da Central, traçada pelo arquiteto José de Magalhães, um "triângulo curvilíneo". Construção notável, a localidade receberia o nome de General Carneiro. Na sua edificação, ganhou a concorrência a firma comercial Edwards, Soucasseaux e Camarate, dos quais dá leve e divertida notícia a página de 12 de agosto de 1894, na qual Camarate faz o auto-retrato. E dizer que essa estação, que seduziu os seus idealizadores e realizadores e centenas de milhares de pessoas que por ela passaram, como os meninos que até há poucos anos faziam excursões de Belo Horizonte a Sabará, foi destruída sem qualquer necessidade pelo vandalismo de outros empreiteiros, como aqueles que eram censurados pelo juízo de Camarate...

O cronista dá notícia de festas, cultos religiosos. A cidade vai crescendo, fala de suas novas obras. A capacidade de ver e julgar do jornalista é valorizada com sua formação de arquiteto e músico, revelando-se observador seguro do visual e do auditivo. Em uma de suas últimas páginas, escreve: "há cerca de um ano e meio que estudo e convivo com o povo mineiro..." E fala de

seus defeitos e sobretudo de "qualidades notáveis, tão caracteristicas, tão originais, que fazem dele como um povo a parte, como se fora constituído por uma argamassa especial, que o torna diferente de todo o resto dos brasileiros". Como síntese de depoimento, escreve no dia 25 de outubro sobre a estranheza que os hábitos e modos mineiros lhe causaram, como antes estranhara irlandeses, espanhóis e outros, mas depois se acostumou e passou mesmo a admirá-los, compreendendo-os devidamente.

Camarate então já está íntimo do mineiro e da cidade que vê nascer. Não se sente ainda de todo mineiro, contudo. Viria a sentir-se, caso permanecesse mais tempo? Chega até a tratar, com bastante graça, do escorpião, "um bicho todo anelado e retorcido". A espécie seria comum na cidade, marcando-a até há alguns anos. Não há belo-horizontino de mais de vinte ou trinta anos que não a tenha conhecido, sendo que muitos foram até suas vítimas. E houve centenas de vítimas fatais, que o escorpião matava, e muito. É grato, para um belo-horizontino, ver alguém falar de como o parque foi planejado e feito, das esperanças postas nessa imensa área verde. Com certo desalento, no entanto, verifica que o mesmo entusiasmo já não pode ser o manifestado pelo cronista no dia 18 de novembro de 1894, pois o parque foi deformado, mutilado, diminuído. Alguns prefeitos que infelicitaram a cidade só não o lotearam pela falta de apoio à idéia, que a idéia já apareceu algumas vezes.

Eduardo Frieiro lendo os textos de Alfredo Camarate julgou que deviam ser editados, pelo alto interesse para a história de Belo Horizonte: "cabe à prefeitura da cidade fazê-lo. Fora do alcance da picareta dos empreiteiros de demolições, o livro seria por certo um monumento mais duradouro do que a malaventurada estação de General Carneiro, que teve em Camarate um de seus construtores. Note-se, ainda, que não há em Belo Horizonte uma rua que recorde a personalidade de Alfredo Camarate, quando tantos nomes insignificantes estão ligados a logradouros públicos da cidade".

O pedido de Eduardo Frieiro é afinal atendido, alguns anos depois. Não coube à Prefeitura editar o texto quase desconhecido, mas ao Arquivo Público Mineiro, em sua preciosa *Revista*. A sen-

sibilidade histórica e artística de sua direção põe assim ao alcance do público um depoimento admirável sobre a capital nascente em 1894. A sugestão foi considerada, editando-se as 54 crônicas. A queixa de que não havia rua na cidade com o nome do jornalista não sei se já foi atendida. Parece que não, pois no catálogo de endereços nada consta. Algum vereador poderia atentar para a falta, prestando ao português que aqui viveu algum tempo, como cinqüentão tranqüilo, simpático à cidade, a merecida homenagem. Já existe a principal, que é a edição de suas crônicas, que o Arquivo Público Mineiro oferece agora, para deleite e proveito de quantos amam Belo Horizonte.

Francisco Iglésias

ALFREDO CAMARATE

E A NOVA CAPITAL MINEIRA

Eduardo Frieiro

O nome de Alfredo Camarate não diz nada ao leitor de hoje. Foi entretanto o de um talentoso jornalista e crítico musical, muito conhecido e festejado nas três últimas décadas do século passado e primeiros anos do atual. Na obra de Abílio Barreto, *Belo Horizonte; Memória histórica e descritiva,* é Camarate lembrado em algumas páginas, já como jornalista, já como arquiteto e construtor, na ocasião de sua vinda para a nascente nova capital mineira, em 1894, com os engenheiros, arquitetos, empreiteiros e operários que iniciaram a construção da metrópole em projeto, alguma coisa assim como a Brasília daquele fim de século.

Américo Pereira, em sua obra *O maestro Francisco Vale* (que se recomenda à atenção dos musicistas brasileiros e sobretudo mineiros), consigna em nota, com a devida precisão, os principais traços biográficos de Camarate, a quem designa como "o fundador da crítica musical no Brasil".

Nascido em Lisboa, em 1840, Alfredo Camarate emigrou para o Brasil aos 32 anos de idade e aqui viveu até seu falecimento aos 64 anos. Trouxera da terra natal uma carta de engenheiro-arquiteto e um primeiro prêmio de flauta pelo Conservatório Real da capital portuguesa. Fixando-se no Rio de Janeiro, tornou-se brasileiro de coração, exerceu o cargo de inspetor do Conservatório Imperial de Música e foi, durante muitos anos, o crítico musical e artístico do *Jornal do Comércio*. Escreveu copiosamente na imprensa do Rio e de São Paulo e colaborou em jornais de Buenos Aires, Ouro Preto e Sabará, versando assuntos de educação, arte, viagens etc. Traduziu livros e deixou composições musicais para piano.

Homem viajado e culto, espírito versátil, conhecia vários idiomas e escrevia o nosso com desenvoltura e graça. Firmava seus escritos de imprensa com diferentes pseudônimos e, mais comumente, com o de Alfredo Riancho, sendo este um dos so-

brenomes de seu pai, que se chamava, por extenso, Augusto Riancho Camarim da Costa Camarate. Olavo Bilac, numa carta jocosa a Afonso Arinos, em que pastichava as velhas épocas de altas linhagens e nomes de perder o fôlego, debicava o seu confrade português, chamando-lhe Riancho de Camarim Camarato Camarote y Belotas de S. Tomé de Riba-Acima.

Num alfarrabista do Rio encontrei um volume de sua autoria, intitulado *Et coetera*, in-8º (18 x 12 cm), 293p + 7 inum., edição de Adolpho de Castro Silva & C., Rua da Quitanda 115, Rio de Janeiro, 1887. Compõe-se de vários escritos de arte, perfis zoográficos (o Burro, o Gato, o Mosquito, o Cão e o Touro) e uma página sobre chapas literárias, oratórias e musicais. Não se acham referências a este volume nos dicionários bibliográficos de Inocêncio, Sacramento Blake e Velho Sobrinho.

Alfredo Camarate faleceu pobre, em São Paulo, a 27 de janeiro de 1904, conforme se lê na citada obra de Américo Pereira.

Aqui o estou recordando, como é de justiça recordar quem foi o primeiro cronista de Belo Horizonte. O primeiro cronista, em data. O segundo, também em data, seria o "Nemo", pseudônimo de Azevedo Júnior, redator da segunda folha periódica surgida aqui, em 1896.

O *Minas Gerais*, Órgão Oficial dos Poderes do Estado, inserta pouco depois do seu aparecimento, em 1892, colaboração de Alfredo Riancho, continuada, no ano seguinte, com uma série de artigos, intitulada "Por montes e vales", que se prolongaria pelo ano de 1894. Note-se que o título é o mesmo do livro de viagens a Ouro Preto e Vassouras, de autoria de Anselmo Ribas, pseudônimo de Coelho Neto, companheiro de Camarate na sua excursão a Minas em 1893.

Já então se achava o jornalista em Belo Horizonte, tendo chegado com os homens da Comissão Construtora da Nova Capital. A viagem se fazia por estrada de ferro, bitola larga, do Rio a Lafaiete, de onde, após baldeação, os viajantes seguiam pelo ramal de bitola estreita até Sabará, ponto terminal da linha férrea. Aposentou-se ali na única hospedaria da cidade, o "Clark's Hotel", nome que o impressionou bem, pois vivera alguns anos na Irlanda, admirava tudo o que tinha pinta britânica e era provavelmente um pouco *snob*. O hotel, sito na banda de cá do Rio das Velhas, não o decepcionou. De lá a Belo Horizonte completava-se o percurso em lombo de mula ou a cavalo. À passagem por Marzagão notou a existência ali de uma fábrica de tecidos, então uma novidade

no interior do País. Estrada lindíssima, na opinião do viajante: *"Caminhamos como se fosse pelo meio de extensas alamedas de jardim"*.

Ao cabo de quatro horas de viagem, entrava o jornalista pela rua de Sabará, a mais extensa do arraial, com as suas velhas casas esparsas de pau-a-pique, cercadas algumas de antigos muros de adobes ou taipa, e que se estendia do lugar denominado Cardoso, junto ao Ribeirão dos Arrudas (começo de Santa Ifigênia, hoje) ao largo da Matriz da Boa Viagem.

Sua primeira impressão do povoado? É a de um povo bom e hospitaleiro, mas inerte. Ninguém se havia preparado para receber condignamente os forasteiros, que chegavam de braços dados com a fortuna, anunciando dias prósperos e um futuro promissor.

"As poucas e mal fornecidas vendas (considerava) não se premuniram nem de qualidade nem de quantidade de gêneros, proporcionados ao número e categoria dos recém-chegados; nem o êxodo de centenares de pessoas, caídas aqui de todas as partes do Estado, despertou os desejos de ganância, tão fáceis de despertar em qualquer parte do mundo. Um fazendeiro abriu hotel, a instantes rogos de seus amigos e o mantém, com a independência de quem está fazendo um favor a seus hóspedes; os proprietários de prédios, a muito custo caiaram a fachada dos seus modestos casebres e, para se ver como aqui se faz errada idéia do que são as exigências da higiene e do moderno "confortable", basta dizer que são raríssimos os quartos de cama que tenham como soalho outra coisa que não seja a terra vermelha da localidade, molhada e batida por processos primitivos."

Todos se queixam do pó vermelho e amarelo que sobe em redemoinhos e as constantes lufadas de vento precipitam em espessas nuvens nos quatro cantos do decadente Curral del-Rei. Iniciados os trabalhos de terraplenagem, em cortes, desaterros e nivelamentos, o pó levantado dá à atmosfera uma tonalidade de bruma ocrácea e é o flagelo permanente dos habitantes da futura capital. Poeirópolis — tal o epíteto que lhe foi dado e que merecerá durante algumas décadas. Para enfrentar a poeira, os que podiam andavam de botas e guarda-pó. Quem não podia, usava coturnos baratos, de tipo militar. E o pó desaparecia, na época das águas, para dar lugar a lamaçais e atoleiros.

O clima, sim, é dos mais agradáveis: temperatura amena, sempre fresca à noite, mesmo no tempo do calor, atenuado pelas freqüentes virações. Camarate respira deliciado os ares puríssimos destas verdejantes colinas, embalsamadas pelos perfumes resinosos

das florestas próximas. Seu robusto apetite lusitano torna-se mais tirânico. "*A julgar pela quantidade que ingiro de alimentos* (escreve), *o clima de Belo Horizonte deve deixar a perder de vista o da Sicilia, de Nice ou da Madeira! E pela mesma rasoeira passam todos os demais comensais, que tenho por companheiros.*"

Para tanto, em nada contribuiam a arte culinária e a variedade do "menu" servido no hotel. Ao almoço comia-se feijão, arroz, carne-de-vento e, as vezes, fresca, batatinhas fritas e café. Ao jantar, a mesmissima coisa. Pão? O curralense não estava habituado a essa "quitanda", como a designava. Quando o havia, era feito por uma familia que sem muita convicção consentia em ganhar dinheiro com intermitentes fornecimentos e tão só por dedicação e favor. Não era pois fora de alguma razão a queixa do jornalista: a população local não estava preparada para receber o luzido exército de engenheiros, arquitetos, mestres-de-obras, médicos, empregados de escritório, empreiteiros, oficiais de diferentes oficios, carroceiros e mais trabalhadores, que já naquele mês de março de 1894 trabalhava intensamente na demolição do velho burgo e edificação de uma *urbs* moderna.

Talvez. Mas, quem sabia lá? Os prudentes, timoratos curralenses, agora transmudados em horizontinos, olhavam desconfiados para tudo aquilo. Era o progresso? Quem sabia lá o quinhão que acaso lhes tocaria nele? Eram gente de confiança, os forasteiros? "*Vendo-os passar, naquela atividade, pelas ruas do arraial, os horizontinos ficavam admirados, com imensa interrogação no olhar, como que a perguntar: Que irão fazer aqueles homens de botas, com tantos instrumentos e feixes de estacas e operários por esses campos, serras e baixadas do arraial? Que destino irão dar às nossas propriedades? Será que eles porão tudo abaixo?...*"

E concluia:

"*Dias angustiosos foram aqueles para os filhos de Belo Horizonte.*"

As desapropriações, como era natural, causaram descontentamentos, mas afinal tudo se arranjou em paz, com especial satisfação dos que souberam tirar proveito do novo estado de coisas.

Corria dinheiro e talvez por isso a vida era cara. Dizia-se que o pessoal da Comissão Construtora ganhava ordenados elevadissimos. Camarate protestava contra os que tal asseveravam: "*se aqui viessem, verificariam que a vida é perfeitamente impossivel: sobretudo para aqueles que exercem segundos e terceiros*

lugares nessa Comissão". Uma banana — espantava-se — custava duzentos réis! Preço de uma dúzia em outras partes. E era um vasto pomar, o arraial.

O povo pareceu-lhe doentio, em desarmonia com a salubridade do clima. Gente magra, pálida, o ar enfermiço, em grande parte. Muitos raquíticos e aleijados. O povo alimentava-se mal, era a explicação do jornalista. E os célebres papudos? Não havia papudos, diziam os partidários da mudança da Capital para o Curral del-Rei. Havia-os, sim, retrucavam os contrários. Camarate depõe: *"Tenho encontrado talvez uns 15 ou 20, e isto nas grandes aglomerações que têm produzido as festas da Semana Santa."* A proporção, declara, não era assustadora; mas ainda assim, asseguravam-lhe, vinham quase todos de uma localidade distante. O certo é que havia muitos por estas bandas de Minas. Circulava até uma cantiga, que fazia a apologia da papeira:

O papo p'ra ser bonito
Tem de ser de três caroços:
Um de um lado, outro de outro
E um no meio do pescoço.

Apesar de relativamente pobre, o arraial fazia as suas solenidades religiosas *"com uma pompa natural e espontânea, muito de ver-se e admirar-se"*. A procissão do Enterro *"era sobretudo de um efeito imponente e comovente, pelos milhares de velas que a acompanhavam e que, na cauda do préstito, formavam um grande foco luminoso, que parecia lutar, com vantagem, com o esplêndido luar que iluminava aquela noite"*.

A velha Matriz era feia, mas tinha belos altares com talha dourada e interessantes pinturas no teto. O jornalista, crítico musical que era, elogiou as vozes das mulheres que cantavam no coro.

Uma das suas páginas mais curiosas é a de um velório a que pôde assistir aqui. Todas as outras merecem leitura e valem como preciosos depoimentos sobre o expirante povoado de Curral del-Rei e a fase ainda fetal da nova capital de Minas.

Na concorrência pública para a construção da estação de General Carneiro, ultimamente demolida pelos vândalos do bota-abaixo, venceu a firma comercial de Edwards, Soucasseaux e Camarate. Referindo-se ao fato, em artigo para o *Minas Gerais* de 12 de agosto de 1894, o cronista gizou em rápidos traços os retratos dos seus sócios, Eduardo Edwards, brasileiro, filho de inglês, comerciante de há muito estabelecido em Belo Horizonte, e Francisco

Soucasseaux, português, artista e construtor, um dos homens que mais ajudaram na edificação da nova capital mineira. E esboçou também o seu próprio retrato, perfilado nestes termos:

"O terceiro dá pelo nome de Alfredo Camarate, foi educado na Inglaterra, mas detesta bebidas alcoólicas. É baixo e calvo (os calvos estão em maioria nesta razão social). É arquiteto e com pergaminho; mas, sobre a sua competência arquitetônica, esquivo-me a dizer palavra, porque Alfredo Camarate é o mais íntimo e fiel amigo, para quem não tenho segredos, nem arrufos, ganhando e gastando ambos, como se a bolsa fosse comum..."

Tivemos já ocasião de sugerir pela imprensa a idéia de se imprimirem em livro as crônicas de Alfredo Riancho — nada menos de quarenta, publicadas no *Minas Gerais* —, onde se acham depoimentos de interesse para a história de Belo Horizonte. Cabe à Prefeitura da cidade fazê-lo. Fora do alcance da picareta dos empreiteiros de demolições — diziamos então —, o livro seria por certo um monumento mais duradouro do que a malaventurada estação de General Carneiro, que teve em Camarate um de seus construtores. Note-se, ainda, que não há em Belo Horizonte uma rua que recorde a personalidade de Alfredo Camarate, quando tantos nomes insignificantes estão ligados a logradouros públicos da cidade.

Transcrito de Kriterion. Revista da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 18, n.º 65, jan. a dez., 1965, págs. 259-266.

POR MONTES E VALES

Antonio Riancho

I

Diz-se que as estradas de ferro mataram a poesia das viagens.

Eu, que conheci a poesia da traquitana, da sege, do churrião e da mala-posta, lanço este suposto *assassinato*, na verba-tempos da mocidade; primavera, em que todas as flores são viçosas e perfumadas, em que todas as mulheres são anjos e arcanjos de formosura, em que as mais turvas e limosas águas se nos afiguram límpidas e cristalinas; primavera, em que todos os pássaros cantam e gorjeiam, mesmo quando se desplumam na muda; estação em que tudo é diáfano, suave, cambiante e cor-de-rosa!

Os que se referem aos encantos das viagens, *por mínima velocidade*, esquecem-se, pois, de uma coisa — é que peregrinaram na primavera da vida.

Nessas épocas, os duros coxins de diligências eram macias almofadas de penas, as tábuas engroladas dos churriões, brandos e fofos ninhos de colibri!

Por minha parte, resigno-me sempre com aquilo que tenho e, com esta verdadeira virtude, talvez a única que me ornamenta, tenho viajado em todas as estradas de ferro; aceitando pacientemente o que as suas direções me reservam; tanto quanto pertence ao capítulo do bom, como o que se arquiva na ação do mal.

No Brasil, digam o que disserem os pessimistas, é fácil viajar por estradas de ferro e, se as viagens entre nós não são tão agradáveis como poderiam ser, não é das respectivas diretorias que provém o mal; mas sim da invencível inércia do nosso povo que nem a mira no ganho e no interesse anima; fatal falta de iniciativa, que transforma todas as estações das nossas estradas de ferro em desertos; quando, em todos os países, elas são os seus verdadeiros oásis!

Na Suíça, na Alemanha, em França, na Espanha, em todos os países da Europa enfim, as estações de estradas de ferro são pontos importantes, por onde se escoam os produtos das pequenas indústrias, que alimentam a localidade.

Vendedeiras de frutas ostentam as melhores que produz a estação, graciosamente ataviadas de folhas e metidas em delicados ca-

bazinhos de vime; outras servem o leite frio, em elegantes copos de cristal; algumas oferecem flores frescas e orvalhadas, como se fossem colhidas naquela ocasião; enfim, tudo aparece à venda naquelas rápidas paradas: doces, trabalhos de penas, flores de miolo de figueira, estampas, romances, etc.; de maneira que uma viagem, por muito *calvário* que seja, tem sempre como *estações* de repouso e de delícia, as próprias estações de estrada de ferro.

No Brasil, acontece exatamente o contrário.

Desde que saímos da Estação Central do Rio de Janeiro, até S. Paulo, Santa Luzia ou Ouro Preto, não se encontra, em todo o seu extensíssimo percurso uma cousa tolerável, que se possa comer ou beber!

Um estrangeiro, que chegasse ao Rio de Janeiro e que partisse imediatamente pela estrada de ferro, mesmo que se dirigisse a qualquer dos seus pontos terminais, ficaria fazendo uma tristíssima idéia do que é o café do Brasil, pela detestável tisana que, em todas as estações lhe oferecem.

E como o café, são os biscoitos e como os biscoitos são os frutos; porque parece que todos se congregam para levar às linhas de estrada de ferro tudo quanto há de mais ordinário, verde, imundo e requentado!

Nas estações em que há bufete e nas quais a gente é obrigada a fingir que janta ou almoça, o serviço regula pela importância e valor de tudo quanto nos propinam durante a viagem; mas, aqui, o remédio estava em mãos seguras e autorizadas e eu não insistirei neste desmando; porque ele deriva exclusivamente da falta de fiscalização, no cumprimento dos respectivos contratos.

Quando percorremos a linha central até Santa Luzia, há, entretanto, um ponto, que faz exceção à vergonhosa ladainha de fornecedores, que povoam todas as estações: Santo Antônio.

Assim que pára o trem, aparecem dois chins, magros, amarelos, chuchados, dois exemplares que realizam perfeitamente o tipo convencional do chim, como o pintamos no Rio de Janeiro.

Numa bandeja trazem café, que não é precisamente o moca perfumado, nem o mingau barrento que nos fornecem os filhos do Oriente; ainda assim, melhor do que todos quanto nos impingiram os seus dignos predecessores.

Mas, em volta do bule de café, há umas bolinhas douradas, lustrosas, cheias de arestas e que despertam o apetite, só de olhar para elas. São os famosos sonhos da estação de Santo Antônio;

esses admiráveis sonhos de uma igualdade inquebrantável no fabrico e que, em mais de cem vezes, nunca os vi e provei nem mais nem menos apetitosos!

Com a fome proveniente do bom ar de Minas e do jejum forçado que nos impuseram todos os vendedores anteriores de bolachinhas e de água de castanhas, come-se uma quantidade incalculável dos tais sonhos que naturalmente despertam a necessidade de ingerir uma segunda xícara de café.

Oh! filhos do Celeste Império, como desconhecem a vossa utilidade; como fingem ignorar essa louvável tendência, para a precisão, para a exatidão, para a imutabilidade das vossas concepções e dos vossos sonhos frescos e tostadinhos!

Mas, enfim, a estação de Santo Antônio passa, mas os sonhos não ficam; porque são poucos para a freguesia e recomeçamos, no bambolear do vagão, sentindo, pouco a pouco, uma temperatura mais alta, um sol mais ardente, com que se harmoniza a paisagem verdadeiramente tropical que nos rodeia: os altos e flexíveis coqueiros, as bananeiras com um verde estrilante e atrevido; um tapete constante de relva, assombreado, de vez em quando, por uma grande mancha azul, projeção de uma espessa nuvem que passa.

Ao longe, aparecem umas casinhas: é Sabará, garrida e vistosa, vista de longe; com assomos de cidade nova, contemplada... do lado de fora!

Mas esta pequena traição que nos faz Sabará e que aliás nos fazem muitas outras cidades, especialmente no litoral do Brasil, é compensada por uma natureza encantadora se bem que menos majestosa do que a de Ouro Preto.

Em Sabará, as montanhas são menos atormentadas nas linhas gerais; o colorido das paisagens é quase todo de uma entoação verde.

Há, ali, enfim uma natureza risonha que parece abrir-nos os braços; e que faria lembrar a entrada da Cidade de Lisboa, se, no alto das suas montanhas, houvesse os inamovíveis moinhos de vento, que, desde séculos, conservam religiosamente as suas formas e que animam a paisagem, como grandes gaivotas que por exceção, tivessem ousado erguer o vôo a tão grandes alturas.

Mas cercam-se uns meninos, todos azafamados e pressurosos, por me levarem as malas, e salto na plataforma da estação, com as pernas um tanto entorpecidas, e vendo, diante de mim, uma extensa e larga estrada, que ainda eu terei que percorrer para chegar à cidade.

Abençoado cansaço em perspectiva, que me fazes repousar do *cansaço de haver descansado*, durante dezoito horas, nos bancos de um vagão!

Minas Gerais — 14-03-1984.
Págs. 1 e 2.

II

Parece que o nome de Clark é tão vulgar, na Inglaterra, como os Wagners na Alemanha e os Pereiras em Portugal.

Desde o Rio de Janeiro, em que topamos logo com o famoso Clark, negociante de calçado e que mandou construir um dos mais elegantes prédios que possui atualmente a Capital Federal, até Sabará, os Clarks, se não são tantos como as palmeiras e os tinhorões, são pelo menos, muito mais freqüentes do que os sorvetes, que só os apanhei, em Juiz de Fora algumas vezes: benzendo-me apenas com um, em Ouro Preto, e que, estou certo, ali apareceu mais por ostentação do que por segura confiança nos resultados mercantis.

Em Sabará, a primeira cousa que dá nos olhos, logo que entramos na cidade, é este consolador letreiro Clarks Hotel.

Com o meu fraco pelos ingleses, foi logo o hotel que escolhi. Tinha ao menos certeza de não morrer de fome e talvez mesmo a felicidade de me atestar de roast-beff sangrento, carneiro guisado com batatas, plum-pudding e outros manjares, de grande solidez de princípios e que explicam, desde logo a robustez, a energia digestiva e a boa saúde do povo inglês.

Mas qual!

John Clark, residente no Brasil há muitos anos, está perfeitamente identificado com os costumes brasileiros. Realiza mesmo a maior maravilha que me foi dado admirar, num filho da Grã-Bretanha... esqueceu-se quase de falar inglês!

Com estes especialmente, sou eu forte e as em que percebi que o homem não era lá muito forte no idioma de Shakespeare, atirei-me ao inglês como se nunca tivesse falado outra lingua, ou como, se sobre os meus estudos na Irlanda, não tivessem passado cerca de quarenta anos.

Clark criou família em Sabará e toda muito trabalhadora e zelosa pelos créditos do estabelecimento, que não é do tipo perfeitamente inglês, mas, em todo o caso, um dos melhores hotéis que se encontra pelo centro de Minas.

Como Sabará era apenas um ponto de transição, na longa viagem que projetei, tratei desde logo de arranjar animais para me levarem a Belo Horizonte; ponto obrigado hoje para todos os viajantes e local onde pretendo demorar-me algum tempo; visto que, pelas descrições e relatórios que li sobre a localidade, era assunto que me daria para muitos artigos.

Mas arranjar animais em tempo de eleições equivale a procurar agulhas de cambraia em palheiro basto.

Os que havia disponíveis estavam esfalfados, com as milhares de correrias a que os submeteram os agentes eleitorais, e ninguém ousaria meter-se em viagens de três léguas, por *montes e vales*, num burro derrancado e manco, com o perigo de levar seis horas na jornada e de nos obrigarem a plantar figueiras em terrenos alheios; figueiras de que nunca comeríamos os figos!

No fim de três dias, repouso mais do que necessário para um burro de aspirações modestamente democráticas prometeram-nos arranjar quatro para o dia seguinte, às cinco horas da manhã.

Às quatro da madrugada já eu estava vestido e de malas prontas. Às seis horas, nem alma de burro sequer, às sete idem, idem, na mesma data e às sete e meia, apareceram por fim os quatro jericos!

Quase que recusei aceitá-los: mas convenceram-me de que a pontualidade ainda não é uma das virtudes mais pronunciadas dos sabarenses e, para exemplo e como escusa de toda população, lembraram-me que John Henry Clark, apesar de inglês, costumava dizer sempre: "o jantar é às quatro horas, pouco mais ou menos"!

O argumento era de força, e como se adiasse a viagem era muito natural que a impontualidade se repetisse, abri as pernas (o que já não é operação muito fácil para mim) e montei-me a caburro, disposto a saborear a viagem de três léguas, pelas informações que um relojoeiro francês me tinha dado.

E depois, há uma coisa que sempre me atormenta nas viagens — é a unidade légua!

Sei que, em todos os países, a légua é uma medida de convenção e de uma exatidão muito problemática, exatidão aliás que se harmoniza completamente com outras unidades métricas, dotadas infelizmente ainda hoje:

O *palmo*, que vai de doze a vinte quatro centímetros; a *polegada*, que acompanha as multiplices variantes do mata-piolhos a *mão cheia* que depende das diversas concavidades da mão; o *pé*, verdadeira jarda, quando se trata do estalão inglês; seis decímetros,

quando se tome por base o pé de andaluza ou de brasileira; e a *colher de sopa* e a *colher de chá*, que ainda vemos indicadas na aplicação de remédios e que comportam, nos seus diferentes tamanhos, desde cinco gramas até quinze gramas de tisana!

Mas nunca vi a légua, com tantas elasticidades de borracha, como a légua mineira.

Há as de onze quilômetros e há as de seis quilômetros; mas todos os graus cromáticos, entre o máximo e o mínimo da extensão de uma légua em Minas, põem-nos num tal estado de descrença e de hesitação que tanto faz dizerem-me que tal ponto está a duas como a oito léguas de distância: porque viajo sempre com o doce encanto do imprevisto.

O relojoeiro francês tinha me dito que as léguas eram compridas e que a primeira metade da viagem era horrível; sempre por grotas profundas, sempre trepando por cima de enormes pedregulhos; continuadamente subindo ou descendo rampas impossíveis, inacreditáveis, insubíveis, etc., etc.; porque, quando um francês embarafusta pelo capítulo das hipérboles, deixa a perder de vista o próprio andaluz!

Levávamos um camarada; isto é, supúnhamos que levávamos um camarada; mas este, logo no princípio da viagem, disse-nos que ia vestir roupa nova à casa e prometeu-nos que indo nós devagarinho, nos alcançaria a meia viagem; viagem fácil de fazer porque bastava seguir, na estrada, o sulco do carro, que nos precedera.

Ora, dizia o meu velho professor de equitação que o cavaleiro deve trazer sempre o bico dos pés e os olhos virados para a orelha do cavalo.

Tive, portanto, que distribuir equitativamente a direção dos olhos, pelas orelhas do burro que eram um alvo de avantajadas dimensões e pelo sulco do tal carro, que ora desaparecia na rocha dura, ora se confundia com outros sulcos, talvez menos recentes; mas muito mais pronunciados:

Adotamos o passo, não porque o trote ou o galope expusesse os nossos créditos de picadores a grandes desaires; mas porque o passo correspondente ao *larghetto* e ao *adágio* na música, e eu sempre sustentei que é no adágio, que se conhece a força e o estilo do músico!

E partimos brandamente, dispostos a criar calos na paciência ou outra qualquer parte, conforme os acidentes e extensão do caminho; conforme os caprichos, trotes e chotos da respectiva alimária!

Minas Gerais — 18-03-1894.
Pág. 4.

III

Todo o homem que monte a cavalo, quer seja bom quer seja mau cavaleiro, cometerá sempre uma grande imprudência, se saltar para cima do animal sem ir munido de um par de acicates e com rosetas de pontas bem aguçadas!

Exige-o o amor próprio daquele que se tem como rei da criação; exige-o a segurança do cavaleiro que, mau ou bom, sempre será mais respeitado pelo animal, se este sentir o casquilho tilintar do ferro e, logo no começo da jornada, uma amostra moderada, do que vale aquele instrumento de persuasão.

Quando se trata sobretudo de um burro que, digam os zoógrafos o que quiserem, é, em geral, muito mais ladino e inteligente do que o cavalo, a ostentação das esporas é uma necessidade imprescindivel. Antes de encetar uma longa viagem, é de grande utilidade que o burro *veja, ouça* e *prove* que o cavaleiro vai munido de meios de lhe tirar todas as birras, acintes e manhas!

Desgraçado do jornadeiro, que, metendo o seu animal a caminho, lhe encoste, à barriga, o tacão da bota, liso, polido e redondo e sem o ornamento de um aciceate de lhe atravessar o couro!

Cavalo ou burro transformará uma viagem de três horas em seis; embirrará, à entrada de todas as pontes; levar-nos-á encostados, às piteiras de todos os valados; descairá para a esquerda, quando nos conviria marchar pela direita, pintará a manta com o cavaleiro que, picador ou pichote, terá irremissivelmente de se sujeitar aos caprichos do quadrúpede; o que é sobremaneira desairoso, para a superioridade que atribuimos ao gênero humano!

O abuso da espora poderia levar-nos a desastres, quando montamos um animal fino e de gênio; mas a ausência das esporas levanos aos mesmos desastres e, cair por cair, melhor é despencar-se a gente de um selim abaixo, levando, como consolação na queda, a glória de havermos reagido com um burro!

Apesar de ter por firme e assentada esta teoria, quando partimos de Sabará, escarranchei-me no animal desprovido de esporas e de chicote; de maneira que a viagem, que devia ser decentemente feita em três horas, levou-me cinco!

O tempo estava ligeiramente encoberto e o muito que há sempre que ver, quando se viaja pelo Estado de Minas, compensa largamente o cansaço e demoras da peregrinação.

O caminho, apesar das assustadoras informações que me dera o relojoeiro francês, é sofrível e mesmo bom, se atentarmos aos maus caminhos que ordinariamente encontramos, pelo meio dos terrenos ultra-acidentados e que qualquer europeu julgaria absolutamente intransitáveis.

A primeira légua da jornada teve alguns declives fortes; em todo o caso, muito menos fortes do que os da ladeira do Pilar, por exemplo!

Numa encosta, o viajante fica de repente surpreendido, pelo súbito aparecimento de um grande edifício, modesto, mas prático nas linhas arquiteturais; denotando extremado asseio e relativo conforto.

É a fábrica de tecidos de Marzagão; em que uma poderosa turbina dá movimento a cem teares, que fabricam magníficas casimiras mineiras e que, como quase todas as fábricas de tecidos do Estado de Minas, têm dado bons dividendos.

Atualmente, as dificuldades que atravessa o nosso país têm diminuído um pouco a quantidade do fabrico: especialmente por "falta de matéria-prima".

A fábrica do Marzagão que, no dizer do relojoeiro, representava a metade da jornada de Sabará a Belo Horizonte, regula pouco mais ou menos pela terça parte. Frescos como nos achávamos, depois de havermos chegado à suposta metade, não nos detivemos e prosseguimos na viagem que a contar daquele estabelecimento fabril, muda completamente de aspecto, não só nos pontos de vista, como na natureza do solo e na força da vegetação.

Salvo raras exceções, toda a estrada, de Marzagão por diante, é lindíssima. Caminhamos como se fosse pelo meio de extensas alamedas de um jardim; com o chão atapetado de uma terra vermelha que, pela rutilância de seu colorido, ainda maior realce dá a vegetação de um verde variadíssimo, mas sempre liso, lustroso, lavado, polido; esse aspecto que raras vezes proporcionam os grandes maciços de verdura, quando o açoita um sol fulvo, depois dos prolongados aguaceiros do verão.

As retas nas estradas são raríssimas e esse defeito muito nosso torna a paisagem ainda mais cheia de acidentes e novidades.

De vez em quando, parávamos debaixo de árvores frondosas e colossais; entretendo-nos a ver longas enfiadas de juntas de bois, puxando um carro, com grossas esteiras rodeando-lhe o leito, e chiando constantemente, com carpidos de carriços que, em estação das frutas, levam pelas estradas afora, grande porção de maçãs espetadas nos seus perfurantes espinhos.

Umas vezes, atravessava-se diante de nós, na estrada, um boi baio ou malhado, olhando para nós com a cabeça muito levantada; indicando mais curiosidade do que intenções agressivas, e eu que tenho longa prática de viajar pelas charnecas e lezirias de Ribatejo, enxotava-o, não com o desafogo que provém da coragem; mas com o desembaraço de vaqueano, que sabe de há muito, que o touro, mesmo o mais bravo e feroz nunca ataca quando está em sociedade.

Aqui, talvez que os moralistas tivessem azado ensejo de tornar salientes as vantagens da sociabilidade, de cantar as conquistas, que derivam do princípio da associação; se os moralistas, que andam às aranhas para explicar a sanha e fúria das guerras, pugnas e batalhas do século dezenove, tivessem tempo e paciência para se ocuparem com os progressos da sociabilidade dos quadrúpedes!

Ao cabo de quatro horas de viagem, muito parecida com as que devem fazer as tartarugas, divisamos a povoação de Belo Horizonte, incrustada numa mata verde-negra e densíssima dentre a qual emergiam os campanários da igreja, construída nas primitivas simplicidades da arquitetura.

Mas como os últimos quilômetros nos custaram a vencer!

Procurava todos os jeitos, todas as posições, para diminuir as agruras do selim. Revoltei-me contra as prescrições dos Tampés, dos Marialvas e dos Bauchés, que determinam que se apresente a maior superfície possível ao selim do animal.

Quem me dera reduzi-la ao mínimo da expressão; diminuí-la até as proporções do ponto geométrico; ainda mais, chegar às sutilezas do ponto matemático!

Mas a viagem começa a apresentar uma feição absolutamente diferente. Enveredamos por uma rua extensíssima, muito larga, muito parecida com alguns caminhos de certas povoações da África Ocidental. Umas casas muito humildes com aparências de cubatas e, nos intervalos das casas, longos muros de barro vermelho, assom-

breados por árvores frutíferas. Mas tudo aquilo muito limpo, muito alinhado e sempre da mesma forma e com o mesmo encanto se chega a Belo Horizonte; "um belo horizonte; na realidade"!

Minas Gerais — 21-03-1894.
Pág. 1.

IV

Em todas as minhas viagens, nunca segui os conselhos e prescrições dos *Guias* e *Itinerários* do grande *Peteca*, como lhe chamava um companheiro de viagem que eu tinha, negociante de muito boa alma, mas unicamente... de muito boa alma!

Seguir o itinerário dos *Guias*, por muito bons que eles sejam, é, para mim, uma coisa idêntica a obedecer às despóticas regras dos academicistas ou aos rigorosos preceitos dos clássicos puros e enfumados.

Para os gozos do espírito, para as galas deslumbrantes, que nos acariciam os olhos, o acaso e o imprevisto são, para mim, as condições mais eficazes, para a impressão estética. Assim como não há dois paisagistas que vejam e sintam um ponto de paisagem da mesma maneira; assim também não há autor de *Guia* ou de *Itinerário*, que descreva um lugar ou um monumento por modo que se coadune com o diferente temperamento artístico dos seus diversos leitores ou consultantes.

Demais, nas viagens, como em todo o resto das coisas, protesto contra o despotismo sempre e com todas as veras do coração, e não há maior despotismo do que imporem-me uma estrada famosa, um grande monumento ou cidade ostentosa; quando eu prefiro, às magnificências e comodidades de uma estrada real, os pitorescos meandros de uma picada, margeada de silvas e piteiras; às colossais e severas linhas do Escurial, esse mastodonte arquitetônico, parto de uma época fanática e despótica, as linhas fantasiosas, desmanchadas e humildes do cemitério da Arrabida e que representam com mais eloqüência a humildade cristã; a Paris, a Viena, a Londres, o simples e assombreado Puerto Real, onde eu estudo e admiro mais, no seu estado de pureza, os hábitos patriarcais do povo espanhol.

Em Belo Horizonte, tenho feito o que sempre fiz em todos os pontos que tenho visitado: sigo pelas ruas, travessas e praças ao acaso; colhendo, na inesperada variedade de episódios que o acaso me proporciona, muito melhor e proveitoso ensinamento.

O que, em todo o caso, vi desde logo, é que o bom, hospitaleiro, mas inerte povo mineiro desta localidade, não se preparou para abrir os braços, com avidez e desafogo, à inesperada fortuna que lhe entrou pela casa a dentro.

As poucas e mal fornecidas vendas não se premuniram nem de qualidades nem de quantidades de gêneros, proporcionadas ao número e categoria dos recém-chegados; nem o êxodo de centenas de pessoas caídas aqui de todas as partes do Estado, despertou os desejos de ganância, tão fáceis de despertar, em qualquer outra parte do mundo.

Um fazendeiro abriu hotel, a instantes rogos de seus amigos e mantém-o, com a independência de quem está fazendo um favor a seus hóspedes; os proprietários de prédios, a muito custo, caiaram a fachada dos seus modestos casebres e, para que se veja como aqui se faz errada idéia do que são as exigências da higiene e do moderno *confortable*, basta dizer que são raríssimos os quartos de cama que tenham, por soalho, outra cousa que não seja a vermelha terra da localidade, molhada e batida, por processos absolutamente primitivos.

E esta especialidade de assoalhos é quase muito preconizada; sendo consideradas as tábuas do assoalho, modas requintadas e esquisitas de fidalgos!

Um resultado já conheço eu, desta moda: é ter ficado, com as camisas, punhos, colarinhos, toalhas e lençóis literalmente cobertos de uma velatura vermelha, muito igual e transparente, que nos dá aparências de pintura antiga, em que a patina dos séculos atuou: dando-lhe uns cambiantes de ouro quente; essa tonalidade que só dá a palheta do tempo e que os pintores modernos têm inutilmente tentado imitar.

Eu e o meu companheiro de quarto, só com oito dias de residência, já estamos dois anjinhos de Raphael ou de Júlio Romano; dourados e enrubecidos, desde o cabelo até as botas e, pelas horas do sol posto, com camadas sobrepostas de almagre, nas partes mais salientes do vestuário; dois *amorzinhos* de Barbedine ou de Colin; mas, escusado é dizer, sem a sua brônzea resistência e o seu elevadíssimo preço!

Não se ajuiza de um clima em oito dias; nem eu, em dois anos de residência, daria opinião com visos de sentença de estalo; sobre matéria afeta a médicos e meteorólogos.

Pelo que tenho visto, apesar de estarmos no mês de mais calor, a temperatura é amena, temperada; havendo freqüentes virações que, enquanto a civilização não povoar com milhares de habitantes este verdejante jardim, nos chegam embalsamadas dos

perfumes resinosos das florestas; desse perfume que se tem mantido fugitivo e esquivo, a todas as complicadas manipulações de retortas, dos Pivers, Houbigants e Atekinsons dos modernos tempos.

Mas, se a respeito da superioridade das águas Pignan aconselha o inquérito como muito superior à análise; a respeito do clima, as indagações prudentes e pausadas feitas na localidade, também me parecem de alta utilidade e importância.

A julgar pela quantidade que ingiro de alimentos, o clima de Belo Horizonte deve deixar a perder de vista o da Sicilia, de Nice ou da Madeira!

E pela mesma rasoira passam todos os demais comensais, que tenho por companheiros.

Note-se, em todo o caso, que, para as verdadeiras voracidades deste apetite de Gargantuas não tem influido nem a variedade do *menu*, nem a ciência culinária do Brillat Savarin cá do hotel.

Ao almoço, temos: feijão, arroz, carne-de-vento, e às vezes, fresca, batatinhas fritas e café!

Ao jantar, em compensação, temos: feijão, arroz, carne-de-vento, e às vezes, carne fresca, batatinhas fritas e café!

É aquela certeza, como dizia o falecido ator Vasques; aquela certeza infalível, sacramental, inevitável; mas à qual a gente resiste, com o heroismo e solidez dos quadrados do exército inglês, munida de um apetite, que devasta tudo quanto aparece na mesa, e mesmo o resto que fica de reserva na cozinha!

Para que se faça idéia do pouco que este povo se preparou, para receber este luzido exército de hóspedes, basta dizer que o pão é fabricado por uma familia, que se dedica a ganhar regulares somas de dinheiro com intermitências nos fornecimentos e exclusivamente por dedicação e favor.

Que Deus lhe pague, com especiais lugares nas estadelas do céu e sem intermitências este seu meritório ato de dedicação.

Minas Gerais — 25-03-1984
Pág. 1.

V

Belo Horizonte tem duas igrejas; proporção modesta, comparada com o grande número de templos que têm todas as cidades, vilas e povoações do Estado de Minas.

A que fica no centro da população e que é a matriz, tem uma fachada de estilo *barroco;* mas representa um mau exemplar, desse mau estilo de que Minas possui edificios notáveis pela pureza desse gênero arquitetônico pesadão e destituído desses donairosos lineamentos que, nos outros estilos, parecem emergir do solo e, por meio de altos campanários, agulhas e cúpulas, levarem as preces dos fiéis ao etéreo seio de Deus.

Vista de lado, porém, a igreja tem boas linhas e o conjunto dos telhados denota que o seu arquiteto sabia bem do riscado.

Por dentro, tem poucas pinturas, e essas suponho que sejam más, e digo "suponho"; porque a sanha e vandalismo dos restauradores foi tão grande, nos principios deste século, sobretudo no Estado de Minas, que é muito possivel que, por debaixo daquelas pastadas infrenes dos restauradores, haja obras-primas da pintura; fato que se dá particularmente em Mariana, Ouro Preto e em outras localidades deste Estado.

Em obras de talha, é a igreja de Belo Horizonte bastante notável.

As duas primeiras capelas laterais têm estilo, grande nitidez e originalidade na ornamentação, e uma certa liberdade no agrupamento das linhas; o que indica que o entalhador, se bem que respeitasse o estilo, tinha muito sofríveis tendências para pôr de parte os preceitos do academicismo e deixar-se levar, livre e serenamente, pelos impulsos da sua inspiração.

O altar-mor, conquanto notável também, é de estilo menos puro e muito menos elegante e fino na minuciosidade dos ornatos.

Em duas pequenas portas, que dão acesso ao trono, está a data de 1788, que me parece corresponder à da construção de todo o edificio.

O templo está muito limpo e os seus paramentos e alfaias depõem muito em abono da piedade cristã do povo de Belo Horizonte.

No cruzeiro da igreja, e um pouco à direita, está um harmônio. Colocaram-no talvez ali, para guiar mais de perto as orações dos fiéis; porque a igreja possui um bom coro e mesmo com uns balaústres admiráveis e atrevidamente torneados!

Dizer que este povo é muito religioso, é cair numa redundância, quando se conhece a nossa gente, e bem lhe haja por isso; porque eu, que ainda não fui atacado pelas pretensas con-

quistas do positivismo, sempre entendi que, da religião, quando não transviada em sendas alheias ao seu benéfico caminhar, tem provindo mais bens do que males à sociedade.

Todas as senhoras, ao entrar no templo, põem em cima da cabeça um lenço branco. Só conhecia este costume, por vê-lo na Itália meridional; mas afiançam-me que, em muitas outras localidades de Minas, existe igualmente.

Parece que esta cerimônia provém de determinações ou, antes, conselhos, do papa Lino II; que dizia que, assim como os anjos até, velavam as faces diante de Deus, assim, com mais sobejidão de razões, as deviam velar os pecadores.

Do velar as faces, a cobrir simplesmente o alto da cabeça com um lencinho branco, vai uma grande diferença; mas todos sabem que o belo sexo, apesar dos seus sentimentos eminentemente religiosos, sempre acha meios de encontrar processos aceitáveis de, com a consciência isenta de remorsos por pecados de monta, operar todas as transformações possíveis e imagináveis, tais como a de substituir um longo véu por lencinho exíguo, e acho que nisto têm razão as mulheres; porque tornam patentes e embelezadas as melhores criações do criador.

A todas as solenidades religiosas, a que tenho assistido, sempre houve cantoria. Todos os moteles são executados a três vozes, por um grupo de fiéis, que fica junto ao sacerdote e repetidos, quase sempre também a três vozes, pelo povo.

Entre o primeiro grupo há uma voz de senhora, potente, vibrante, muito afinada; mas também com todos os vícios da emissão, aliás muito naturais em quem nunca cultivou a arte do canto e que de mais a mais nas repetidas festas desta igreja dá, em voz, tudo quanto tem e mesmo mais do que era lícito exigir-lhe.

As outras partes conjugam afinadas com a primeira e, como a música fosse escrita por bom e sábio mestre antiqüíssimo, e de quem nem sempre a tradição fornece o menor dado, há intervalos difíceis, mas que os cantores atacam com elogiável firmeza.

Entre os coros do primeiro grupo, há uma voz de baixo clara e que, em certos trechos, mantém um pedal de grande beleza.

O povo responde sempre ao primeiro coro, com igual afinação e sobretudo com o imponente efeito das grandes massas corais. Entre os fiéis, há um meio-soprano-contralto, com uma voz muito bem timbrada, arredondada nos centros e sempre muito igual em todos os registros.

Está, talvez, perdida, naquela grande coletividade de cantores, uma *prima dona* de primeira ordem.

Entre os homens que cantavam no corpo da igreja, ouvi também um baritono e dois baixos cantantes muito aproveitáveis.

O sacerdote ainda é novo e muito dado à arte da música, que cultiva regularmente e, por isso, as festas da sua igreja hão de ter sempre o caráter religioso e artistico, que deriva de um bom sacerdote e de um bom amador de música.

Havia também, em Belo Horizonte, uma banda de música, composta de cerca de vinte figuras.

A ausência de mestre e, portanto, a falta de renovamento de repertório e de disciplina artistica, foi dispersando, pouco a pouco, todos os elementos e, atualmente, a Filarmônica de Belo Horizonte apresentou-se, na procissão do Depósito, apenas com cinco figuras e, ainda assim, uma delas fora requisitada de outra localidade próxima.

A procissão, que se realizou na noite de 17 do corrente, levava um préstito extraordinário. Como a banda de música não pudesse ir tocando continuadamente e os fiéis, que acompanhavam a procissão, fossem no mais respeitoso silencio ainda aumentado pelo surdo pisar na terra das ruas, aconteceu passar-me a procissão, por defronte das janelas da casa onde resido, sem que eu a pressentisse.

Vi-a já de escorço, pela cauda do préstito.

Uma grande massa de povo, em que avultavam as mulheres quase todas vestidas de branco, que se tornava solenemente azulado, por um luar de uma ostentação tropical.

O céu limpido, profundamente cerúleo, estava recamado de cintilantes estrelas e aquela serpente humana, picada por centenares de pontos luminosos, ondulava muda pela extensa rua.

Nunca as harmonias de lacônica filarmônica local deviam ter perturbado aquela majestosa harmonia da natureza.

Minas Gerais — 28-03-1894.
Pág. 2.

VI

Hão de passar dois ou três séculos, sobre o povo brasileiro; as conquistas da sua civilização hão de levá-lo ao mais

elevado grau de povos cultos, e o brasileiro, por entre o grande número das suas ótimas qualidades, ainda há de conservar o arraigado vício da imprevidência!

Se não fosse essa secreta e inexplicável proteção da Providência; que é do melhor tom chamar agora o Acaso, já o Brasil teria ficado derrocado e derruído até a base, desde norte a sul, desde nascente a poente, pela desídia, abandono e indiferença, com que nos preparamos e precavemos contra todos os males que nos possam assaltar.

Essa fatal amenidade de clima; essa contraproducente uberdade de nosso solo, inspirou-nos exagerada confiança nos recursos naturais da mãe-pátria. O "Deus dará", frase que provém mais do fatalismo árabe do que da nossa piedade cristã, resolve, ou supõe-se resolver, todas as dificuldades da vida; sem nos lembrar que é o "Deus dará", que nos leva à ruína e à casa de penhores; à perniciosíssima improvidência, com que olhamos para o nosso futuro e para os dos nossos filhos; à confiante inação, diante dos perigos internos e externos da nação; a todos os perigos, enfim; porque o nosso "Deus dará" é aplicado tanto às questões comerciais como às de higiene, a todas as ameaças sociais, a todos os perigos políticos nacionais ou internacionais; porque o "Deus dará" é panacéia para todas as enfermidades, como certos remédios de Ayer, e guarnece de todos os males, mesmo os do "veneno" que se não cura com tringa!

O povo de Belo Horizonte e circunvizinhanças sabia, pelo menos há dois meses, que viria, a essa pequenissima população um êxodo de engenheiros, condutores, auxiliares, empregados administrativos e, com a maior parte deles, as suas respectivas famílias e não lhe era muito difícil prever que, atrás dessas centenas de pessoas, viviam outras, chamadas pela fatal atração da permuta.

Não era também muito difícil prever que este suprimento relativamente grande de população vinha quase todo habituado ao conforto e comodidades que proporcionam os grandes centros da população, e que, disposto a privar-se de muita coisa agradável e supérflua, não esperava encontrar-se num meio absolutamente desprovido mesmo daquilo que é considerado o rigorosamente indispensável.

Pois bem, já estavam bem ou mal instalados nas suas casas, os engenheiros da comissão e suas famílias; já o pequeno hotel regorgitava de hóspedes, que dormem aos 2 e aos 3 nos quartos, salas e aposentos dependentes ou de passagem; já os

aluguéis de prédios, casarões e mesmo pardieiros, tinham chegado a proporções de preço a que, nem pela mais exaltada imaginação dos seus proprietários, poderiam chegar no decorrer de séculos, e ainda todos os armazéns de comestíveis estavam de prateleiras desertas ou, quando muito, povoadas com resíduos de gêneros que mal serviriam para contentar as modestas exigências da gente pobre do sertão.

Foi então, depois de repetidos pedidos e exigências da nova freguesia, que se começou a pensar naquilo que já de há muito devia estar pronto; e, com a dificuldade de transportes que existe entre Sabará e Belo Horizonte e que ascendem à cifra de quarenta mil réis por cada carro de bois, os gêneros aqui sofreram a necessária alta, que produz a muita procura e a pouca oferta; chegando o preço do feijão, do toucinho, do arroz, do açúcar e o de todos os mais gêneros correntes, às vertiginosas alturas do custo que apresentam, entre nós, as famigeradas especiarias do Oriente.

Os que acharam, a princípio, elavadíssimos os ordenados do pessoal da Comissão Construtora da Nova Capital, se aqui viessem, verificariam que a vida é perfeitamente impossível; sobretudo para aqueles que exercem segundos e terceiros lugares nessa comissão.

Qualquer hotel, pousada, ou casa particular adotou invariavelmente a *diária* de cinco mil réis por cabeça; mas esses cinco mil réis são o preço de um almoço e jantar de feijão, arroz, carne-de-vento e café, e do alojamento noturno numa cama, que se chama *cama* por um ostentoso luxo de tecnologia e assente num chão de terra batida e que, dia e noite, nos fornece umas velaturas de amarelo ou de vermelho, conforme o barro ou argila de que é composto!

O dr. Aarão Reis, prudente e enérgico como é, tem bastantes meios de cortar pela raiz as exageradas pretensões dos vendeiros, abrindo um armazém de comestíveis, que os fornecesse pelo custo, sobrecarregados apenas pelas despesas de frete e carretos, aos seus empregados; e muito poderia fazer também contra as hipérboles de lucro dos hoteleiros; mas creio que julgo por enquanto melhor atuar pela convicção e pela exposição verdadeira e clara dos recursos que ele tem em suas mãos, como chefe da Comissão Construtora.

Outra coisa suponho desde já necessária, e essa suposição deriva exclusivamente da minha impressão pessoal: é haver aqui uma força policial, não para manter a ordem na povoação, porque, aqui, a gente é boa, ordeira e cortês para com todos;

mas para manter em respeito os que, pela cizânia e intriga, com fins inconfessáveis, pretendam inimizar os que estavam com os que chegaram.

No vastíssimo campo de transações, empreendimentos e negócios de toda a espécie, como vai ser, nos primeiros anos, Belo Horizonte, as ambições e as rivalidades de interesse sempre proporcionam desaguisados, insignificantes ao nascedouro, mas que muitas vezes tomam proporções sérias, quando não há recursos de ordem para os fazer abortar logo no começo.

Por enquanto, as festas religiosas da Semana Santa têm sido um derivativo salutar, e digamo-lo com justiça, que Belo Horizonte, apesar de ser uma localidade relativamente pobre, faz as suas solenidades religiosas com uma pompa natural e espontânea, muito de ver-se e admirar-se.

Todos os dias da Semana Santa tem havido procissões; ostensissimas filas de irmãos, pobres, ricos ou remediados, muitos deles sem capa; mas todos numa ordem e respeito que seria muito de seguir-se como exemplo pelos povos de outras cidades mais ricas, mas que, da religião, fazem pretexto para folias e ostentações.

A Procissão do Enterro era sobretudo de um efeito imponente e comovente, pelos milhares de velas que a acompanhavam e que, na calda do préstito, formavam um grande foco luminoso, que parecia lutar com vantagem, com o esplêndido luar que iluminava aquela noite.

Uma coisa não se pode negar ao povo de Belo Horizonte: é a sinceridade das suas crenças.

O que nas outras terras católicas é *carolice*, aqui é preito leal, culto verdadeiro e fervoroso, homenagem despida de lantejoulas, que muitas vezes transformam as festas do culto sagrado em apoteoses cenográficas de mágica!

Em Belo Horizonte os sentimentos religiosos, são vasados; mais do que em qualquer parte, nos tacelos da humildade cristã.

Minas Gerais — 01-04-1894.
Págs. 1 e 2.

VII

Sempre fiz ostentação da minha ignorância na medicina; porque sempre entendi que, sendo a meia-ciência, em todas as especialidades de conhecimentos humanos, altamente ridícula e

nociva, ainda o é mais nociva e ridícula, na ciência do velho Hypocrates, onde, quem não é médico, é curandeiro e o curandeiro é uma espécie de ladrão e assassino, que rouba o dinheiro e a vida dos seus crentes clientes, com toda a segurança e placidez de consciência!

Por isso, se me vou ocupar da aparente saúde dos habitantes de Belo Horizonte, não vão em mim descocadas pretensões de decisões de competentes; mas simplesmente o desejo de dizer, a meu costumado modo, a idéia que faço deste bom povo, pela impressão que me apresenta o seu aspecto, que eu tenho estudado atentas e repetidas vezes, nestes dias de festividades que aqui produzem raras e numerosas reuniões, dos habitantes do lugar e cercanias.

O tipo geral deste povo é doentio. Magros, amarelos, pouco desempenados na maioria; havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e raquíticos.

Ora, esta fisionomia quase geral da população de Belo Horizonte desarmoniza completamente com a amenidade do clima, com o ar seco e batido quase constantemente pela brisa, com a natureza do solo que é magnífica e com a boa saúde e pantagruélico apetite que tem todos os que para aqui têm vindo e que, em mais de um mês de residência, já iriam percebendo sintomas e prenúncios de mal-estar futuro.

Mas o mesmo estudo profano mas sincero que tenho feito nas fisionomias, aplico-o, com igual boa vontade, à mesa, apreciando, com os cuidados de estatística, o que cada um come e quanto come!

A julgar pela alimentação que nos propinam no hotel e pela de algumas casas que tenho visitado, o povo de Belo Horizonte, num clima depauperante e abafadiço como o do Rio de Janeiro, não seria magro, nem amarelo, nem franzino; seria apenas uma multidão de cadáveres!

O proprietário do hotel, homem sincero e honrado, e que procura por todos meios possíveis e imagináveis estar à altura das exigências e niquices dos *senhores fidalgos* que lhe chegaram da capital, dá-nos, como já disse noutro artigo, invariavelmente ao almoço e ao jantar: feijão, arroz, carne-de-vento e café!

Ora, esta alimentação, que faria fugir a sete pés um europeu ou mesmo um fluminense, representa, neste sóbrio povo, um festim muito para comparar às bodas de Camacho!

Ninguém aqui tem semelhante ostentação de *menu*; ninguém aqui se sente, como nós, assoberbado pela prodigalidade e variedade de tais manjares, ninguém de Belo Horizonte, mesmo que seja remediado ou rico, mesmo que festeje batizado ou casamento, se mete em *funduras* alimentares deste jaez; funduras que seriam consideradas regalias e acepipes de nababo ou de príncipe russo!

Por muito pouco que eu entenda de higiene da alimentação, conheço ainda o suficiente dessa ciência tão querida e explorada dos franceses, para que possa asseverar, sem medo de engano ou do *cochilo* científico, que um regime permanente de feijão e arroz, com algumas raras surtidas pela carne-de-vento, não pode levar ninguém a ostentar faces rubicundas e bochechudas de camponês minhoto, que recheia e alaga o estômago com carne, frutas e generoso vinho; nem tão pouco exibir tez, com louçanias de moringa da Bahia, como apresentam os súditos de S. Majestade a Imperatriz do Reino Unido e Indias; que se atascam, de manhã à noite, em monolitos de *roast-beef*, em saladas e conservas de toda a espécie e tudo mergulhado na nutritiva e corante *pale-ale* ou em ingestões freqüentes do Sherry ou do Porto, na frase deles, e que corroboram e fortificam.

Portanto, a palidez e magreza dos filhos cá da terra, é enfermidade (se é enfermidade) muito fácil de corrigir, e, neste caso, é que está aplicada acertadamente a sentença de um célebre médico, que profetiza que, para séculos vindouros, a higiene há de completamente substituir a medicina.

Mas nem me parece que haja necessidade de aconselhar paternalmente este povo, para que se alimente devidamente; o exemplo, dado na maneira de viver dos outros, será o suficiente para acabar, pela raiz, com este enfezamento artifical; como o exemplo do viver dos ingleses, franceses e alemães, transformou completamente a mesa dos habitantes do Rio de Janeiro, que, observados por mim durante o espaço de vinte e tantos anos, provam que lhes foi fácil e agradável trocar pelas honestas entoações do vermelho, a cara de desmamar crianças que possuiam outrora!

Restam-nos ainda: os descambados de costas, os defeituosos, os aleijados e os raquíticos.

Pois bem, para estes, procedi igualmente, como fazia na pintura e no jornalismo, estudei-os *d'aprés nature* ou, antes, completei as minhas observações, com uma espécie de inquérito.

Quase todas as famílias de Belo Horizonte têm por hábito contrair matrimônio entre parentes, e, das muitas que me citaram, o número dos raquíticos, aleijados e defeituosos era espantoso!

Seria uma inutilidade dizer alguma coisa sobre o estafado assunto dos casamentos entre parentes e, sobretudo, entre parentes de um certo grau; tanto mais que a minha incompetência nada vinha acrescentar de novo ou de útil, ao muito que sobre o caso têm escrito os luminares da ciência.

A inoculação de novos agentes de povoação, disseminará mais as simpatias que terão mais amplo ensejo de procurarem aclimar-se em terrenos novos e, nesta forçada mescla, que provocam todas as grandes coletividades, os filhos e netos do povo de Belo Horizonte hão de vir a ser desempenados, esbeltos e robustos, e aqui é o caso de dizer: quer queiram, quer não queiram!

Reservei para fecho a magna questão do bócio, ou mais popularmente dos papudos.

Tenho encontrado talvez uns quinze ou vinte, e, isto, nas grandes aglomerações que têm produzido as festas da Semana Santa.

Mesmo que eles pertencessem aqui ao lugar, a proporção não era assustadora; mas afiançam-me que são quase todos de uma localidade distante; o que, a ser certo, pelo sim pelo não, talvez que conviesse conservá-la muito isolada da capital "Minas".

Mas, mais do que tais informações, me deu *sossego* e confiança o fato de verificar que quase todos os *papudos* são de cor, o que não impede de olhar para o assunto com o mesmo cuidado e carinho; mas que sem exceção, a doença acomete os que arrastam a mais miserável vida e todos podem imaginar o que será "a mais miserável vida", passando e experimentando o que é a vida dos supostos fidalgos e ricaços!

Enquanto a mim, que não tenho pergaminhos para afiançar que o *bócio* provém da falta de iodo nas águas, ou do seu excesso de magnésia, creio, por intuição, que o *papudo*, pelo menos aqui, é um fruto exclusivo da mais requintada sobriedade de boca e da mais contristadora falta de recursos da mais comesinha higiene!

E para o *bócio*, ao menos para o bócio daqui, também me parece que, se ele existe propriamente nesta zona, será estancado

e paralisado pela conquista que a civilização, inerente a uma grande capital, há de realizar neste magnífico pedaço da terra brasileira!

Minas Gerais — 05-04-1894.
Págs. 1 e 2.

VIII

Uma destas manhãs, num dos meus constantes passeios matutinos, vi, perto da janela de uma modesta casa térrea, um velho cosendo, ainda pelo antigo processo da agulha manuseada a dedo; processo que, mesmo em França, é preferido pelos que compram, com grandes resistências dos que vendem.

Tenho notado uma coisa: é que o moço mineiro pode ser ou não ser um homem bonito; mas um mineiro velho é quase sempre mais bonito e, dessa beleza veneranda, que inspira respeito e simpatias; um como que respeito filial que sentimos, por aquelas alvas barbas; cuidadas quase sempre com a garridice, se não imprópria pelo menos muito pouco de esperar-se, num ancião de setenta anos.

Tenho passado, por muitas vezes, diante desses rostos venerandos; mais venerandos do que os que descrevem a história sobre os antigos patriarcas; admito, sempre com instintivo respeito, o modo pausado, seguro e justificadamente sentencioso, desses homens dos princípios do meu século e que na simplicidade dos seus hábitos, na modesta grandeza das suas virtudes; na sobriedade das suas exigências; no seu quase constante isolamento, que nada tem de feroz nem de ostentoso, podem falar de baixo para cima, com todos os homens da geração que sucedeu à sua e que tão cheios são de requintes, de pretensões, de vaidades e orgulhos e que olham de revés para o próximo, com a soberana convicção desse próximo estar muito *distante* dele.

O bom do velhinho o meu alfaiate, mantendo-se um tanto, nas despretensões do curioso, um tanto nas seguranças do oficial de ofício, deu-me os bons dias, costume invariável em todas as terras pequenas do Estado de Minas, onde se considera toda a população como um cacho de parentes, mais ou menos radicados, no tronco que a todos foi berço!

Aproximei-me dele com respeito; quase que tive vontade de lhe tomar a bênção e, travando a conversação pelo assunto que julguei ser-lhe mais familiar e agradável, falei-lhe da bizarra e galharda arte da alfaiataria; citei-lhe os nomes de Poole, de Keil,

de Strauss e de Raunier; mostrei-lhe que apreciava a graciosa vergadura das calças do Keil, a franqueza de corte do Strauss, que nos punha completamente à vontade, nuns casacos aparentemente esterlicadinhos; a fama universal que tinha o grande Poole de Londres, e a resistência e duração que possuiam todos os *aviamentos*, e o donaire de feitio, que tinha a roupa do grande Raunier.

Mas o meu velhinho ouviu-me, sorrindo, com aquela espécie de complacência que denotam os caracteres sérios e meditados, diante do leviano tagarelar dos frangos de botica; eu, porém, percebi pela sua eloqüente cena muda, que tudo quanto eu estava dizendo lhe era absolutamente indiferente como indiferente lhe seria também a perfuração do istimo de Suez, a construção da torre Eiffel, a invenção do fonógrafo e a descoberta das injeções de creosoto na traquéia, para cura ou paralisação da tuberculose.

Como eu vira que fizera *fiasco* naquele campo de ostentosa erudição, sobre os méritos e virtudes dos homens da agulha, entrei no assunto mercantil, que sempre é grato a mineiros, os puros descendentes dos portugueses, e perguntei-lhe quanto custaria um par de calças de brim, para lhe encomendar algumas.

O alfaiate disse-me que custariam quatro mil réis; aconselhando-me, entretanto, que comprasse o brim, não na loja de um amigo e onde eu ia todos os dias, mas, na outra um pouco mais adiante, que o vendia mais barato e de muito melhor qualidade.

Encomendei-lhe, então, seis pares de calças de brim pardo; uma cor que se aproxima um tanto das entoações do barro que, aqui, encobre por enquanto todas as ruas, todas as casas e todos os corpos de Belo Horizonte.

E não havia, nesta encomenda de meia dúzia de calças, ostentações filantrópicas de altruista; necessitava realmente delas e não eram demais; porque não é lícito pedir um *bis* a qualquer peça de roupa, que a gente vista uma vez.

E quando me preparava para que o meu patriarca de ponto e pesponto me tomasse a medida das pernas, ele, depois de mastigar por alguns segundos, disse-me com adorável simplicidade:

— Olhe eu queria dizer uma coisa ao senhor; o sr. vai por esta rua acima e quando chegar a igreja, siga por uma ladeira que lhe fica à esquerda mesmo na esquina; há um alfaiate; fale com ele; porque lhe faz as calças que o sr. quer, com muito mais perfeição e talvez mesmo que lhe fiquem mais baratas.

Vi, em Moçambique, um malabar encostar a mulher a uma tábua e, a vinte passos de distância, acompanhar-lhe os contornos do corpo, com uma multidão de facas de ponta e que pelos dois gumes, cortavam como navalhas de barba!

Vi, em Lisboa, um empregado do corpo telegráfico, saltar de uma janela de peitos, para um consolo de ferro, pregado no cunhal de cantaria do prédio, passar o fio de arame pelos isoladores e depois, com igual pulo e igual perigo, saltar de novo para o peitoril da janela de que partira e que era praticada nem nada mais nem nada menos do que num terceiro andar!

Vi, em 1867, em Paris, um soldado de bombeiros vir com uma mulher às costas, suspensa de um lençol e descendo pela escada prussiana que ficara muito afastada do corrimão da sacada do quarto andar, pela saliência da cimalha, saltar, com a tal mulher às costas, para cima desse corrimão e manter-se-ai, por alguns segundos, nos vaivéns do mais assutador equilíbrio instável; até que se salvaram ambos!

Pois bem admirei menos a destreza do malabar que, no mais pequeno desvio das facas, poderia matar sua própria mulher; impressionou-me menos as habilidades de acrobacia simiesca do telegrafista português; comoveu-me menos a valentia do bombeiro que para salvar a pobre mulher, arriscara tudo pelo tudo; do que me comoveu, impressionou e admirou aquele pobre alfaiate, aquele respeitável velho, unicamente por preito à verdade e honradez, aconselhar, ao freguês, outro colega como mais perito e quiçá mais barateiro.

E não houve regras e demonstranças que chegassem, para o demover do seu propósito, apesar das minhas reiteradas instâncias; porque eu já estava disposto a enfiar as pernas mesmo que fosse num par de fronhas de travesseiro; tanto mais que não era caso para isso, porque a obra que eu lhe vira nas mãos parecera-me muito jeitosa no corte e, sobretudo, de grande firmeza de princípios, na solidez das suas costuras!

E fui-me cismando neste estranho episódio e pesando, na balança da minha consciência, os novos bens que trará a este povo a conquista vertiginosa dos progressos do século e as antigas virtudes patriarcais deste povo, que se irão esvaindo nas fórmulas positivas e interesseiras dos povos ultracivilizados.

Filósofos e moralistas dirão, uns, que Belo Horizonte ganha, outros que Belo Horizonte perde!

Minas Gerais — 08-04-1894.
Págs. 1 e 2.

IX

Têm-se escrito milhares de artigos, contando as espantosas belezas da paisagem brasileira; têm-se elevado às mais altas hipérboles os encantos do seu colorido, a majestade das suas linhas, a variedade dos seus planos, a transparência do nosso céu, a multiplicidade de verdes da nossa vegetação; mas, sobre o que poucos têm falado, é nas insuperáveis dificuldades que a nossa natureza apresenta aos paisagistas e, ainda mais, dos constantes e repetidos insucessos dos que, em presença dela, têm tido os artistas, nacionais ou estrangeiros, que tentam interpretá-la.

Depois, falar na paisagem brasileira, no tom da mais absoluta generalidade, equivale a dar uma fisionomia geral à natureza das diferentes partes do mundo; que é tão diferente e variada, quanto é variado e diferente o seu clima e até a sua civilização.

Ninguém ousará proclamar a uniformidade entre as paisagens do Amazonas e as do Rio Grande do Sul; como ninguém poderá encontrar pontos de contato sequer, entre a verdejante e meiga natureza dos arrabaldes do Rio de Janeiro e as alcantiladas e verde-negras serras, que circundam Ouro Preto.

Mas, em todo o caso, apesar da grande diversidade de paisagens nos diferentes Estados do Brasil, nem por isso deixam todas elas de ser uniformemente difíceis, esmagadoras, para os créditos de pintores, passados, presentes e futuros, que sempre foram, são e serão assoberbados pelas dimensões colossais da nossa flora e, sobretudo, pela intraduzível transparência dos nossos céus, que apresentam, de minuto para minuto, todas as tonalidades mágicas e fugitivas, que apresenta o nácar, nunca exauste, dos seus cambiantes e matizes!

Em resumo, diante da imensa grandeza da paisagem do Brasil, o pintor fica constante, irremissivelmente pequeno!

Se no Brasil há paisagens que se assemelhem, embora ligeiramente, às da Europa, é com certeza em Belo Horizonte.

Quando contemplamos um ponto de vista desta localidade, recebemos, desde logo, no seu conjunto, uma impressão idêntica à que sentimos diante das paisagens do sul da Itália, de Espanha ou de Portugal.

O firmamento, aqui, não é tão atrevidamente azul como, por exemplo, em Nápoles; não há, como, naquele ridente golfo, tantos vapores que fundem os diferentes pontos e os harmonizam sem recortes e sobressaltos; mas, em compensação, a vegetação de Belo Horizonte tem verdes mais profundos e limpos; porque,

afastados de estradas muito transitadas, conservam o lustre na folhagem, que se ostenta sempre limpa e lavada, como se horas antes tivesse sido banhada por copiosa chuva!

Enquanto à entoação do solo, percorre toda a escala cromática de gradaçoes, entre o vermelho e o amarelo e entre esta cor e o branco. Terrenos tão quentes no colorido, só os vi iguais no sul da Espanha e nas cercanias de Lisboa, onde há areais que ostentam as pompas da mais assarapantada púrpura!

Mas, no que as paisagens de Belo Horizonte excedem as demais que conheço no Brasil, é na multiplicidade de planos que apresentam.

Essas grandiosas e respeitáveis montanhas das vizinhanças do Ouro Preto; as rendilhadas cordilheiras que circundam e afogam a cidade do Rio de Janeiro, são aqui substituidas por uns montes ligeiramente ondulados nos cumes, e nunca tão altos que escondam outros que lhes ficam por detrás, e assim, de plano em plano, a palheta do pintor é provocada pelo natural, que lhe exige uma infinda gradação de matizes; tantos quantos podem existir entre um primeiro plano violentamente vermelho e os últimos planos que se fundem quase com os céus, num azul ligeiramente violáceo que, para quem não conhece a localidade, será considerado verdadeira hipérbole de perspectiva aérea, fantasia descabelada de pintor suiço, ilustrando tampas de caixa de rapé.

Ignoro se a localidade tem ou não água boa e suficiente para abastecer uma grande capital, e devo crer mesmo que a tem, louvando-me na probidade exigivel do relatório feito a tal respeito por engenheiro idôneo e competente; mas o que posso afiançar é que há imensidade de córregos, nascentes, que proporcionam graciosissimos episódios de paisagens e que lhes serpenteiam as linhas e adoçam essa tal ou qual secura aparente, que têm todas as paisagens que acentuam o vigor dos seus primeiros planos no amarelo ou no vermelho.

Os que só ocupam um pouco com a pintura e sobretudo com a pintura de paisagem, devem saber que o gênero panorâmico não é muito da predileção dos paisagistas. Poucos são os que empreendem semelhante dificuldade e, na qual, as minuciosidades são por tal modo repetidas, que um quadro, por muito bem remunerado que seja, raras vezes paga condignamente o trabalho incessante que deu.

Não é natural, portanto, que paisagista se atreva, por conta própria, a traduzir, na tela, um ponto de vista, que represente, em toda a sua grandeza, esta diversidade de planos, que ostentam as paisagens de Belo Horizonte.

E, contudo, parece-me que seria coisa para tentar; para que, nos arquivos da municipalidade futura ou nos da secretaria da Agricultura, ficasse uma recordação do que era Belo Horizonte, antes de se começar a cortar e a construir a nova capital "Minas".

As fotografias, embora tornadas de grande duração pelos processos da fotogravura, nunca darão uma idéia exata do que era a natureza aqui; já porque lhes faltam as galas do colorido; já porque nunca elas darão, com a desejada nitidez e precisão, a intensidade gradativa que oferecem todos os planos.

Salvo encomenda a artista conhecido, e dois ou três pontos principais de Belo Horizonte, todas estas belezas deixarão de ficar arquivadas; embora deixando em seu lugar, as belezas que provêm das futuras conquistas da civilização.

E será pena que tais quadros se não façam, porque, como diziam os velhos: "não há maior prazer, para quem tem de andar muito, de que olhar para o caminho que já se tem andado!.

Para transformar estes campos esplêndidos de cultura, em ruas esplêndidas de casaria, não é tão curto o caminho, que não haja desejo de ter o alívio de contemplar o caminho já andado.

Pontos prediletos para paisagistas, esses não faltam aqui, e a cada canto.

As casas, quase todas com a modéstia e encantos de verdadeiras choupanas; as ruas sempre margeadas por sebes, todas no mais gracioso desmancho e irregularidade; grupos de verdejantes bananeiras, destacando-se, muitas vezes, sobre os tons verde-azuis dos eucaliptos; rochedos das mais atormentadas linhas, dentre os quais surgem pitorescas quedas d'água; todas as estradas animadas, especialmente agora, por carros chiadores, pacífica e vagarosamente arrastados por dez bois, que mascam de alegria quando a chuva lhes mitiga o prolongado cansaço da tração; todas as ruas onde, por enquanto apascentam livremente cabritos e ovelhas; em todas as festas e reuniões do povo um trajar rutilante no colorido e quase que à moda do Minho, a única parte de Portugal em que a invasão civilizadora não destruiu completamente os costumes de outrora; tudo, finalmente, aqui é teatro vastíssimo e inesgotável, para os Corots da nossa terra e do estrangeiro!

Mas os paisagistas brasileiros, e os que no Brasil residem, já chegaram à justificada descrença de que, neste torrão *essencialmente agrícola*, é amarga desilusão fazer arte unicamente pelo amor da arte!

É mesmo mais justo que outros a amem e eles a explorem!

Minas Gerais — 11-04-1894.
Págs. 1 e 2.

X

Imagine-se uma pobre povoação do litoral, que sempre tivesse vivido dos mesquinhos e incertos proventos da pescaria e que, de repente lhe dissessem que, dentro do solo em que estavam assentes as suas misérrimas choupanas, havia, fabulosas jazidas de diamantes ou de ouro e que essa família de andrajosos pescadores, que por tanto tempo ali havia gozado as patriarcais e primitivas felicidades, que lhe proporcionava a sua humilde condição, seria, dentro em pouco, cercada de todos os requintes do luxo e prazeres da comodidade; que o magro produto da sua pesca, que, até então, era vendida por preços de nonada, dada aos pobres a que se não vendia e enterrado, no solo, à guisa de estrume, o que nem os pobres consumiam, seria elevado ao duplo e mesmo ao triplo de seu preço; que as suas cubatas se transformariam em casas higienicamente construídas e ventiladas; finalmente, que essa povoação ignorada do litoral se metamorfosearia num grande centro de atividades comercial e fabril!

Que pensariam e que fariam esses miserandos pescadores que, até então se entregavam, por necessidade, ao regime prolificador do fósforo?

Aumentar a tonelagem dos seus barcos de pesca e o número dos seus tripulantes, para abastecerem as crescentes exigências do seu, até então, mesquinho mercado?

Contentarem-se com o inesperado aumento de preços de mercadoria, abrindo os braços reconhecidos para o céu, que, sem eles terem merecimentos para isso, lhes duplicava ou mesmo triplicava o valor dos seus peixes?

Não, senhor! Não faziam nada disso!

Continuavam com igual moderação, na faina de todos os dias; conservavam sem consertos nem melhoramentos, com os seus barcos recamados de ostras no fundo, com as suas redes rotas e insuficientes, com os seus remos estalados e seguros por cordelinhos, com as suas velas aluadas pelos rasgões e remendadas com farrapos que lhes aumentavam o peso e diminuiam o enfunamento, com as suas âncoras desdentadas, com tudo quanto tinham respirando essa feição inamovível das noras espanholas que ainda existem, com os mesmos dentes, calabros e alcatruzes, com que as mimosearam os árabes e, em paga desta ausência de recursos, desta cômoda inércia do receber o maná celeste, deitados de costas, para que, de boca aberta, o ingerissem, sem dar trabalho às mãos para lho levarem à boca, pediam pelo mesmo

peixe, que *queimavam* na venda e depois davam à pobreza e malbaratavam no adubo da terra, não o duplo, não o triplo de seu antigo preço, mas o quintuplo ou mesmo o décuplo!

Isto tem acontecido sempre e acontecerá, enquanto o mundo for mundo; porque não há quem mais eleve os seus méritos excepcionais, do que aquele que nunca os teve; nem há vôos mais fantasiosos, do que aqueles que, maltratados sempre pela fortuna, se acham, por acaso na posse de algumas centenas de mil réis!

Pois bem, toda esta extensa digressão é carapuça, e carapuça bem talhada, para os comerciantes e proprietários de Belo Horizonte.

Os primeiros dobraram os pés com a cabeça nos preços; os segundos arvoraram as suas cubatas em mágicos palácios de nababo; mas note-se que a munificência arquitetônica e ostentação dos ornamentos dos seus pardieiros não sofreu a menor alteração; só os preços, de aluguel é que subiram, à guinda das alterosas agulhadas dos campanários góticos!

Mas, por esta abusão no suposto valor das suas propriedades, não incrimino o bom povo de Belo Horizonte: porque é pecha geral e eivada em todos os povos do mundo estabelecer o movimento oblíquo, entre o valor intrínseco e o valor estimativo, daquilo que lhes pertence.

A propriedade fica sempre tal qual era mas, em compensação, o seu valor trepa, trepa incessantemente, até chegar às proporções de bolsa de dinheiro encarapitada em mastro ensebado; bolsa que todos vêem e cobiçam, mas à qual a ninguém é dado chegar.

Este mau cálculo pode precipitar esse desalojamento forçado de quase todos os habitantes, atentas às necessidades de cortes e arruamentos dos terrenos destinados à nova capital.

A lei de expropriações por utilidade pública, no Estado de Minas, como, em todo o caso, todas as leis de expropriação em tais circunstâncias, não são convidativas; porque a indefectível cartilha do imposto predial por onde ela se regula, fará descer, aos profundos vértices de dois ou três contos, os valores que a imaginação febril dos seus proprietários tinha, talvez, erguido aos páramos etéreos e ideais de quarenta ou cinqüenta contos de réis!

Nestas circunstâncias, parece-me que os proprietários de Belo Horizonte não devem pretender "abarcar o céu com as mãos ambas" e, moderados nas suas exigências, era muito natural que

quem está devidamente munido de amplos poderes não os pusesse em ação, senão quanto as fatais necessidades da nova capital o exigissem!

Enquanto aos preços dos comestíveis, não insistirei neste ponto, cujas linhas gerais já esbocei em artigo anterior.

Citarei apenas o preço a que, em Minas, chegou o toucinho de Minas.

Cada quilo de toucinho elevou-se a 2.400 réis!

Esta elevação é muito natural que o fizesse *descer* com menos freqüência às nossas diárias feijoadas; mas não ouso afirmar a sua absoluta ausência; porque, a maior parte das feijoadas feitas no interior de Minas, ostenta o toucinho, com modéstias de violeta; isto é, completamente derretido e democratizado, logo nas primeiras fervuras; perdido e anônimo, na turba-multa dos plebeus restintos *balharotes!*

Passar de porco a cavalo sempre me parece transição menos forçada e humilhante do que passar de cavalo para burro, e parece-me conveniente mencionar aqui a enormíssima procura e estrondosíssima alta que têm tido os animais de montaria.

Cavalos magros e esguios, como rocinantes quixotescos; *faquinhas* de marca miúda, que arrastam, pelo chão, seis pés de cavalo e cavaleiro; semleiros, já em gozo de jubilação, mas trazidos de novo à atividade do serviço; *pangarés*, desconjuntados e descoordenados na andadura, e que inflingem ao picador as torturas da peneira; burros desbarrigados pelo pouco exercício dos queixos e excessiva ginástica das pernas; *jericos* impalpáveis, microscópicos e intangíveis; alimárias de todo molde, configuração e cor de pêlo; tudo aqui, chegou a preços fabulosos, de corcel de puro sangue, de cavalo ilustrado, na sua vida e na dos seus maiores, por vitórias estrondosas, nas mais afamadas arenas de corridas.

De maneira que causa gosto ver, pela manhã, quando ainda o sol espreita, por cima das cumeeiras, o momento oportuno de nos vir alumiar, os engenheiros, de grandes chapéus moiles e largas abas; de medievais acicates, afivelados, em grandes botas à Luiz XIV, quase todos desempenados e donairosos, a choutear, nuns pintalegretes de quatro pernas, muito miudinhos e enfunados no andar, com meneios de cabeça, à guisa de cavalo de cortesias; impando de anchos e ufanos, por levar, em tão exíguos lombos, pessoas de tanto valor e sobretudo... de tanto peso!

E os colegas saúdam-no, com um sorriso de troça amigável; sorriso de uma bondade um tanto problemática e que só se explica pela dura necessidade de poupar quem no dia seguinte, nos deve, poupar também, com reciprocidade de razões!

Ah! como são vãs as tuas gloriolas e honrarias, oh! histórico e vaidoso Bucéfalo, comparadas com as justificadas vaidades dos *pileques* cá da terra!

Minas Gerais — 15-04-1894.
Págs. 1 e 2.

XI

Às seis horas da manhã, quando o crepúsculo ainda conserva, em entoações violáceas, as cristas das montanhas, já se encontram senhoras passeando pelas ruas de Belo Horizonte.

As manhãs aqui são fresquíssimas e a atmosfera, de excepcional pureza e transparência, não encobre, como no Rio de Janeiro, pela manhã, o azulado fugitivo dos últimos planos.

Os encantos do clima, as belezas da paisagem devem influir um tanto na feição madrugadora das senhoras residentes em Belo Horizonte; mas eu estou disposto a crer antes que o fato das noites monótonas que elas passam e que as arrasta a deitarem-se pelas nove horas é que é o principal elemento destes matutinos pendores para o bucolismo.

Há dias, por volta das seis horas da manhã, vi entrar para uma loja um rancho de senhoras, acompanhadas por um cavalheiro. Era o doutor Hermillo Alves e sua família, que procuravam exemplares da célebre louça de Cacté, para os enviar, como recordação, a parentes e amigos de S. João del-Rei.

Na questão de louças, como nas de pintura e escultura, os entes que mais funesta influência exercem sobre elas são esses pseudo-entendidos, que, longe de as exaltar com hipérboles laudatórias, as deprimem, não pela sua falta de valor absoluto, mas pela sua ausência de valor relativo.

Estes semidoutos na matéria tomam sempre para inalterável estalão um tipo de louça melhor ou que seja tida por melhor e, com aquele inexorável padrão sempre em vista, fazem a crítica de uma louça qualquer e ainda pouco vulgarizada, comparando-a ao seu protótipo; isto é, cometem de uma assentada, dois erros: todos os tipos de cerâmica do mundo, pela bitola que eles entenderam por melhor!

A atenção que, desde há muito, presto à bela e característica louça de Caeté, ficou até certo ponto lisonjeada, com ver engenheiro tão eminente e preparado fazer atenção neste produto cerâmico mineiro e tão mal apreciado por mineiros, e observar como uma família, tão habituada às facilidades e luxos de grandes centros civilizados, comprava, com risos de apreço, aqueles trabalhos exóticos e que exatamente, do seu exotismo, tiram o maior quinhão do seu valor.

Durante quinze ou vinte minutos, houve uma completa *razzia* de louça, na loja do bom e singelo negociante, que nunca esperou em sua vida, uma tão grande *saída* daquela especialidade e, de mais a mais, provocada por um rancho de moças elegantemente vestidas e calçadas!

Pires e pratos, tigelas e xicaras, e até modelos cerâmicos para as mais arriscadas e espinhosas aplicações, tudo saiu daquela modesta loja, levado ostentosamente em triunfo, e com aquela liberdade e sem-cerimônia própria de quem tem a mais absoluta consciência da inteireza dos seus atos.

Ao chegar ao hotel, encontrei o "Minas Gerais" de 7 do corrente mês, que dedicava a terceira coluna da sua primeira página às fábricas de louça em Minas.

E a coincidência, se não me admirou visto que tanto no bem como no mal, as coincidências se encontram a cada canto, provocou-me o tagarelar sobre o assunto, que não está de todo fora de molde, ocupando-me, como me ocupo, por *montes e vales*, dos futuros progressos de Minas.

Se os bens da fortuna nunca me proporcionaram meio de ser colecionador, os encargos da minha profissão, como conservador do museu de arte ornamental, na Academia Real das Belas Artes de Lisboa, e as minhas incessantes viagens puseram-me em contato com tudo ou quase tudo quanto há de belo, nas diversas províncias de Belas Artes.

Contemplei os vasos egípcios, conhecidos pelo nome de canopianos, a sua majestosa forma que deriva do conóide invertido, com cabeças encimando-lhe a parte superior e sempre com aqueles lineamentos severos, com aquela feição sepulcral e que tão bem está em relação com a escultura granítica daquele grande povo, admirei, durante horas, os vasos de estilo grego, os quais, sob o aspecto estético, denotam a mais apertada afinidade da cerâmica e da arquitetura, considerando muitos a primeira como o elemento de grande progresso da segunda; extasiei-me diante de elegância do áureo e rubro Lecythus, diante da garbosa elegância da taç. d'Arcésilas, tão rica no interior como no exterior; perdi horas e

horas ou, antes, ganhei-as, no Museu Campana, estudando os negros vasos etruscos de Vulci e de Velletri; conheço os ladrilhos encáusticos do décimo terceiro século, as majólicas, que os árabes introduziram em Espanha e em Itália, os esmaltes sobre composições de Giovanni della Robia, as grandes faianças feitas debaixo da direção de Orazzio Fontana d'Urbino, os prodigiosos pratos modelados por Bernardo de Palissy, os policrômicos azulejos dos mouros e dos quais ainda há curiosíssimos exemplares em Portugal, os grandiosos vasos enlaçados por milhares de arabescos em relevo como o célebre vaso do Alhambra, as variadas fantasias cerâmicas dos chineses, originalíssimas nas formas, espantosas na harmonia de tantas e tão assarapantadas cores, os vasos indianos feitos de uma massa preta com desenhos claros, as floreiras de terracota de Follet, os grês de Wedgwood, os porcelanas de Honoré, as magníficas jarras de Sèvres e as famosas louças das Caldas, reformadas mas respeitadas em tudo quanto tinham de original e característico, pelo grande Raphael Bordallo Pinheiro.

Pois bem; ainda mais do que o grande ensinamento que colhi com o estudo de tantas maravilhas da cerâmica antiga e moderna, considero a convicção, que adquiri, que todos estes estilos, épocas e escolas procuraram, acima de tudo, ostentar os caracteres da sua individualidade.

Aceito, respeito e elogio até todas as tentativas que se façam para melhorar o fabrico da interessante louça de Caeté; mas receio muito que, de melhoramento em melhoramento, essa louça perca os seus lineamentos característicos.

Fábricas bem dirigidas poderão aumentar-lhe as perfeições do torno, a limpidez do vidrado; poderão conseguir o perfeito desempenho de todas as peças; mas se a esses melhoramentos não presidir um homem que tenha o sentimento estético bem desenvolvido, o espírito respeitador dos traços e feições originais, as futuras fábricas de louça de Caeté poderão produzir louças tão belas como as de Sèvres, de Saxe ou de Limoges; mas o protótipo da louça de Caeté desaparecerá, como desapareceu o da louça chinesa, da qual só os vasos antigos são procurados e estimados pelos entendedores!

Enquanto a mim que, adorando os progressos da indústria, nunca deixo de protestar quando eles invadem o característico do tipo artístico primitivo, faria ostentação, num jantar dado em minha casa, de apresentar sobre alva e adamascada toalha de linho, ao lado de cristais de Baccarat, rodeados pelas magnificências artísticas de Christofle, os pratos de suave cor de camurça de Caeté, com os seus policrômicos e ingênuos ornamentos feitos à

mão; com esse encanto de sinceridade artística, que denotam os seus despretensiosos fabricantes e estou certo de que os convidados, fossem eles sabidos em todas as manifestações da cerâmica antiga e moderna, diriam:

— Mas como esta louça é adoravelmente ingênua, como o seu corte e ornamentos rescendem à mais pura originalidade!

E, na arte, a sinceridade da comoção estética e a individualidade da sua manifestação é tudo ou quase tudo!

Minas Gerais — 18-04-1894.
Págs. 1 e 2.

XII

Belo Horizonte está assente, sobre um colossal e extensíssimo formigueiro.

Dizem-me os entendidos que é o característico de todas as terras vermelhas no Brasil.

A destruição desta alcatéia de operárias subterrâneas não constitui um problema insolúvel, para a nossa engenharia; mas promete interessantes *vésperas sicilianas*, não a montantes e lanças de conto; mas a explosões do benéfico formicida!

Que se preparem os respectivos fabricantes, que o gênero deve ter importante saída nestes próximos meses.

Os pessimistas cá da terra dizem que as formigas devoraram, logo em tenros rebentos, todas as plantas, que não escapa repolho nem jabuticaba e, agarrados a este consolador pretexto para dar largas à natural preguiça, procuram, nas aventuras mercantis, o que a agricultura, na opinião deles, lhes não dá!

Mas eu com a minha mania exageradamente locomotora, tenho percorrido todas as localidades vizinhas e vejo as jabuticabeiras carregadas de luzidios frutos, as laranjeiras e limeiras vergando debaixo de volumosos e apetitosos pomos, os ananases emergindo do solo, em graciosos e bastos penachos e sempre, nas árvores e nos arbustos, nas hortaliças de todo o gênero, esse verde sadio, limpo e lustoso, de quem vive nas melhores condições de saúde e robustez; apesar de viverem ameaçadas de morte, que lhes deve começar pelos pés e que, talvez porque a ameaça lhes venha de tão baixo, as não assustem, como não assustam as crianças nem os moços, as reiteradas promessas de males futuros.

Nunca vi terra tão cultivada como aqui; é verdade também que nunca vi terra que tão pouco tenha feito pela cultura.

Os cafezais, cobertos de capim, abandonados absolutamente, estão cheios de rubros grãos e prometem lucrativa colheita; as laranjeiras, na maior parte cobertas de erva-de-passarinho, ostentam pomos de uma cor e perfeição admiráveis; mas o capim não se monda, a erva-de-passarinho não se arranca, unicamente porque um colossal e vastíssimo formigueiro mina as terras de Belo Horizonte!

E eu, que nunca tive coirelas de terra sujeitas a geadas, nem trigais sujeitos a ferrugem, nem pomares em perigos de bicho, adoro as formigas, pela sua exemplar atividade, pela sua infinita destreza, pelos seus inesgotáveis recursos de ataque e sobretudo pela sua disciplina e coesão social.

Não influi em mim, a boa lição dos naturalistas; se bem que a respeite; mas sim as observações que tenho feito do natural; observações que, para o caso, são sempre as mais agradáveis; porque, nas viagens, como na instrução, sempre tive pronunciadas inclinações para o imprevisto.

Demais, parece-me que o grande Michelet foi por demais sentimentalista no *Inseto*. Os eflúvios amorosos da aranha, descritos com tão primoroso estilo por aquele escritor impressionaram-me moderadamente, talvez pelas minhas arraigadas pieguices de naturalista ou antes, de feroz realista; talvez porque as minhas velhas antipatias pela aranha me tivessem trazido, à idéia, a nojenta baba que deve acompanhar os seus ardentes amores, os enredados fios das suas teias quebrando-se, desfazendo numa infinidade de rangeres microfônicos; um verdadeiro inferno de ocasião o mais terrível tormento prometido, a reincidentes pecadores; porque eu não imagino infernos descritos por Dante ou pintados por Michel Angelo, que se possam comparar ao repugnante inferno das aranhas!

E como Michelet, Luiz Figuier procura angariar simpatias para o mosquito, chama a condoída atenção dos humanos, para a infinidade de perigos que cerca o seu aquático nascimento, prestes a gorar com a mais pequena brisa que encrespe as águas do rio que tem a honra de serem seu berço e isto tudo, com abundâncias e mesmo sobejidões de eloqüência; esquecendo-se que fala do nefando mosquito, dessa fera sedenta do sangue humano, insaciável e premeditadamente munida de ferramentas perfurantes, excitantes e chupadoras; desse monstro, que canta e dança, sobre as próprias chagas da sua vítima!

Li, portanto, muito do que se tem escrito sobre a formiga; conheço a sua preconizada tática e estratégia nos combates, a ma-

neira por que lançam para frente as hostes de atiradores, o modo por que o grosso do exército resiste, depois, em massa, ao embate dos inimigos, os cuidadosos processos empregados nas suas ambulâncias que ocupam a retaguarda, onde as formigas curam os feridos ou, pelo menos, os retiram do grosso da refrega; conheço tudo isto e mesmo outras cousas com que os naturalistas têm endeusado a formiga; mas, cá no íntimo da minha consciência, apesar de respeitar estes vultos da literatura francesa e alemã, sempre considerei estas *formigueidas* como verdadeiros contos de carochinha!

Mas daquilo que vi, falo sempre e sempre sem medo; que é a única enfermidade que ainda não me atacou o carcomido edifício da saúde.

Uma roseira do Japão tinha eu nos maiores cuidados, e, contra o mal das formigas, empreguei debalde um tanquezinho circular de zinco, cheio de água, petróleo, fumo, o diabo; e sempre as formigas a investirem com o meu adorado pé de camélia! Até que finalmente aconselharam-me que fizesse um círculo em volta do arbusto, com alcatrão da Noruega.

E assim o fiz.

E pus-me com paciência exemplar, sentado num banco, perto da árvore, para me regozijar com o desapontamento (perdoa, meu bom dr. Castro Lopes) das formigas, que já rondavam por perto da minha favorita planta.

E vi: uma formiga carregar um baguinho de areia, para o rebordo exterior do disco de alcatrão, uma outra, com outro baguinho, avançar por cima do primeiro e repetir a operação, uma terceira formiga, passando já por cima dos dois grãos de areia, lançar a terceira pedra fundamental daquela ponte provisória, e assim por diante, por maneira que, ao cabo de duas horas, quando muito, as formigas passavam muito à sua vontade, por cima do alcatrão que tinha vindo da Noruega, para colaborar na derrota que me infligiu o povo formigal!

Que paciência, que método, que inteligência e sobretudo que patifaria têm as formigas!

E outro exemplo veio enriquecer, agora, o meu repertório de observações do natural, sobre as manhas, costumes, e virtudes das formigas.

Alguns engenheiros estavam ocupados em estabelecer a base do triângulo traça difícil e que demanda extraordinários cuidados; porque em matéria de ponto de partida para a triangulação, não se admitem cochilos de pouco mais ou menos.

O tempo estava abafadiço, o sol tinha vaidades de competir com a crueza dos sóis do Rio de Janeiro ou do Senegal, como estivessem na mais agradável liberdade que proporciona o mato, despiram os casacos e dependuraram-os em galhos de arbustos, que é o que não falta por aquelas regiões.

Acabada a faina, quando iam para envergar os tais casacos, encontraram-os graciosamente adornados de grandes discos, abertos à *jour* pelas formigas; que, sabendo que tinham de se haver com engenheiros, perfilaram tão perfeitamente os seus círculos, que resistiam à mais meticulosa verificação do compasso!

E chamam a estes bichos: *formigas alfaiates!*

Se quiserem, protetoras de alfaiates quanto muito!

Minas Gerais — 26-04-1894.
Pág. 2.

XIII

Quando entrei para o único hotel que então, possuia Belo Horizonte, o dono da casa, um homem idoso, simples como quase todos daqui, obsequioso e sem essas zumbaias exageradas que deprimem a indispensável altivez de que as faz, foi-me mostrar o quarto *especial;* classificação que me entusiasmou moderadamente, porque conheço já a latitude e extensão do termo *especial,* que se aplica ao queijo bom e macio e ao queijo duro e bichoso, ao café com arreganhos de Moca oriental e ao café ultracomprido com transparência de água de castanhas e que me dizem possuir altas propriedades diuréticas!

Em Belo Horizonte, a palavra *especial* é uma espécie de chapa auxiliar e indispensável a toda e qualquer coisa e objeto, como em todos os demais pontos do Brasil, em que certos cargos, oficios e profissões arrastam, para cima dos ombros dos seus respectivos encarregados, oficiais e profissionais, uns adjetivos infaliveis, sacramentais e mais imutáveis do que os decretos da Divina Providência.

Assim, por exemplo, todo o negociante é *honrado negociante;* todo o jurisconsulto é *notável jurisconsulto,* todo o médico é *abalizado médico,* todo o artista é *genial artista,* etc.

O adjetivo *especial,* o difere dos demais adjetivos inseparáveis, em ser aplicado a todas as coisas e pessoas, sem exceção de sexo e de idade! Dir-se-ia, de um pêssego como de um marido, que é

especial, como é possível que se diga também que fulano, beltrano e sicrano têm, o primeiro, sentimentos religiosos especiais, o segundo culturas de espírito especiais, o terceiro, umas terçãs e maleitas mais do que especiais — especialíssimas.

No meu quarto especial, havia um leito também especial! Nele havia dormido, conforme as asseverações históricas do bom do meu hoteleiro, nada mais nem nada menos, do que o grande Tiradentes, pondo-me esta declaração ao fato de uma peregrinação do ilustre mártir, de que, talvez, não tenham conhecimento os pacientes escavadores de elementos, para sua completa e perfeita biografia!

O leito é de jacarandá, com pés torneados e cabeceira ornada com quatro balaústres sobre os quais ainda existe metade da lábaa que os encima, na qual se vê o pé de uma lira, acompanhada por um par de rosetas em baixo relevo e que me não parecem mal trabalho de entalhador.

E o bom e honrado dono do hotel apontou para a cama e disse:

— Foi ali que dormiu o célebre Tiradentes!

— Coitadinho! exclamei eu involuntariamente, apoiando a mão naquela carangueijola desconjuntada e que, com aquele simples contato da minha mão, gemeu com ganidos plangentes, por todos juntas e espigas!

Por volta das nove horas da noite, apesar do cansaço, pelo chcutear incessante durante cinco horas na alimária que me trouxe de Sabará, meti-me na cama, com todas as atenções e cuidados, não só pela honra que o destino me proporcionava de dormir, eu ínfimo jornalista, na mesma cama em que dormira esse vulto histórico, brilhantemente perpetuado na memória dos mineiros pelo alteroso monumento do arquiteto Cestari, como também porque o ranger daquela trapizonga memorável, me prometia merecidas cambalhotas da cama no chão; parece que castigo bem merecido para quem, como eu, ostentava abafos de igualdade, entre celebridade incontestável e nulidade conhecida e reconhecida pelo próprio e alheios!

Mas o sono não me cerrava as pálpebras, sentia, por entre as divagações de espírito que me provocavam os episódios da vida do Tiradentes, um prurido também especial, umas comicheiras em todo o corpo, essas picadas que acompanham certas dormências, um mal-estar indescritível que, francamente, mais derivava dos incômodos do corpo do que dos do espírito!

Não me contive; acendi a luz, levantei os lençóis e saiu-me da boca um explosivo e atordoador:

— Oh! ! !

O meu companheiro de quarto, Francisco Soucasseaux, saltou logo da cama, apesar de, pelo cansaço, estar mergulhado no profundo sono do justo ou do porco.

E eu, no mais lacônico de todos os vestuários, eu, de braço apontado para a cama, com gestos solenes de lady Machbet, na cena do sonambulismo, mostrei-lhe cinco pontos rubros passeando, com hesitações de *touriste*, por sobre a alvura dos lençóis.

— Oh! que patifes, exclamou o Soucasseaux e tirando-me a vela, que eu empunhava na mão esquerda, correu para a minha cama, levando pintadas no rosto as mais sinistras intenções.

Mas eu detive-o, segurei-o pelo braço e perguntei-lhe, depois de uma pausa de semibreve em andamento largo:

— Quantos anos vive um percevejo?

— Homem! eu não sei precisamente, mas minha avó afirmava que as aranhas, papagaios e percevejos chegam muitas vezes a cem anos!

— A cem anos? A cem anos? repeti eu iluminado por uma idéia súbita.

Olhe que eu não afianço; mas só o que lhe posso dizer é que minha avó nunca mentiu e que era muito entendida em percevejos!

E, então, é difícil descrever a multiplicidade de fenômenos que se deram, no tumultuar do meu cérebro:

Quem sabe! No voraz aspirar do sangue daqueles percevejos, era natural que, por entre o muito sangue que entrava, houvesse algum que, em luta com a corrente, saisse com naturais escapadas em prazo de muitos anos; que nessas surtidas de sangue, era possível que algum me entrasse na circulação e esse sangue, embora em dose infinitamente pequena, embora dificultosamente mantido nas reservas do estômago conservador dos seculares, esse sangue, na sua exígua transfusão para as minhas veias, era uma parcela do sangue do célebre Tiradentes; e então, comecei a sentir-me grande, imenso, perpetuado na história, glorificado na poesia, encarapitado numa coluna de granito, elevado às glórias do martírio, em cima de um patíbulo...

Mas a lembrança do patíbulo acalmou-me um tanto a agitação; porque eu, que sempre me ufanei de nunca ser montado por ninguém, achei humilhante, para o meu orgulho, acabar a vida montado num cachaço por um carrasco!

E o Soucasseaux, contrariado, aborrecido mas sempre verdadeiro amigo, amigo que me atura nas dores e nas fraquezas, agarrou os percevejos e atirou-os, um por um, pela janela fora, mas, quando se meteu na cama, percebi que resmungava:

— Deixa estar que eu amanhã já te ponho ponto nos entusiasmos!

Eu, que já sentira arrepios de frio, prenúncio de uma furiosa constipação, abanei a cabeça, resignado, e deitei-me também.

A cama, com aquela colheita de parasitas, pareceu-me mais mole, mais fresca, com virtudes das papaveráceas do oriente e, por fim dormi, dormi esse sono prosáico dos brutos, dos anêmicos da inteligência, que no capítulo *soneca*, gozam muito mais do que os levantados de espírito e de inteligência.

Na noite seguinte, quando entrei no quarto senti um ligeiro cheiro de querosene; funguei por diversas vezes e, perguntando ao meu companheiro de que provinha aquele cheiro de petróleo, o Soucasseaux respondeu com toda a simplicidade:

— Foi uma lata de querosene que eu derramei em todo o leito! Os algozes do tal Tiradentes e do senhor que, para mim, é o principal, estão todos a pedir chuva. Irra! que havia mais de mil!

"E agora deite-se e durma, que todo o seu mal é sono"!

Minas Gerais — 29-04-1894.
Págs. 4 e 5.

XIV

"Longe da vista, longe do coração".

Quem engendrou este nefando atentado contra a verdade, talhado à guisa de rifão e de molde para o seu egoísmo e conveniência, naturalmente viveu sempre aconchegado ao fofo ninho paterno, aquecido, no corpo e na alma, pelos ósculos carinhosos da família, atendido e prontamente por todos os parentes, em todas as necessidades reais ou supostas; sendo o Ai! Jesus! das tias, o Santantoninho-onde-de-porei das avós; conhecendo portanto os efeitos da ausência, como simples antípodas dos efeitos da presença,

como qualquer leitor, paisano e burguês, imagina, dos perigos e trabalhos da guerra ou do mar, unicamente pela leitura da prosa floreada dos romancistas.

Para mim, o amor é como o perigo, aumenta com a distância e, sobre esta contradição dos efeitos da perspectiva, eu falo com conhecimento de causa, pelos muitos baldões e vicissitudes, que me tem reservado a sorte.

E correlativamente com a ampliação do amor, a ausência influi por igual na amizade, na simpatia e, por tal modo, que tento muitas vezes refazer para o meu exclusivo uso o tal rifão; transformando neste que entendo digno de ficar seu sucedâneo: "Longe da vista, perto do coração".

Para que borde este tema com variações adequadas, começarei por dizer que este ano, neste cantinho triste, embora, prometedor de Belo Horizonte as festas que se realizaram no ano passado, em Ouro Preto, como devida homenagem ao Tiradentes, atuaram este ano sobre mim duplamente, pela saudade e pelo prazer agro-doce da ausência; duas poderosas objetivas ampliadoras, que sempre nos deliciam e compungem, como verdadeiro "gosto amargo de infelizes".

Havia um ano que eu tinha visitado pela primeira vez a cidade de Ouro Preto, que, nesse dia, confesso que me deslumbrou um pouco com as suas excepcionais louçanias de capital animada.

As manhãs apresentavam-se fresquíssimas representando exatamente esse ponto de transição, em que se passa do fresco para o frio; dois bens para a saúde do corpo, no dizer dos higienistas, que não nego nem sequer discuto, mas que classifico o primeiro, nas prudentes e cautelosas dosagens da homeopatia, o segundo, nas doses cavalares, que muitas vezes receitam com proveito os alopatas.

As alunas da Escola Normal subiam a Rua Direita, todas sisudas, com os livrinhos e cadernos de deveres debaixo do braço, arrepiadas pelos açoites da brisa matutina e envergando o uniforme democratizador que, pelo menos na aparência, passa a rasoira por cima de todos os preconceitos da hierarquia social.

As ruas ostentavam-se excepcional e garridamente limpas e varridas; as lojas com mostradores de cristais transparentíssimos, com as fazendas arranjadas com uma tal ou qual arte de agrupamento de linhas e de cor e, de manhã até a noite, uma nunca interrompida ordem, uma constante, sincera e nunca desmentida cortesia para os recém-chegados.

Dir-se-ia que as luzes tinham mais luz do que parecem ter agora; os amigos pareciam mais pródigos na amizade do que hoje

e, nesta tremenda e suposta transformação, que corre parelhas com as mutações e visualidades das mágicas, é necessário não ver reviramentos que absolutamente não existem, nem inconstância nos afetos, nem quebramento de sinceridade nas demonstrações amistosas; mas simplesmente os horríveis descambamentos das ilusões que se efetuam num ano, que é equivalente a um século, logo que se começa a descer dos quarenta e cinco anos, que são o zênite da robustez e da vida humana!

Passaram por cima do meu corpo e do meu espírito mais trezentos e sessenta e cinco dias, consagrados, é verdade, como sempre, a viver da honesta permuta do trabalho que faço e do salário que recebo, e como sempre também na minha vida ainda nestes trezentos e sessenta e cinco dias não faltei uma vez só a nenhum dos deveres porque me obriguei a cumprir e, não iludindo a verdade numa parcela nem o horário num minuto sequer, resta-me a serena consciência de não haver prejudicado ninguém, a não ser aqueles que se magoam com a verdade, ressalvando os seus erros no broquel do rifão protetor que reza: "nem todas as verdades se dizem".

Feitas bem as contas, balanceado o *crédito* e o *débito* deste meu ano mineiro, vejo que é mais um, como todos os demais, sobre o qual desabaram bastantes desgostosos; mas que, em todo o caso, não derivam da hospitaleira Minas nem dos bons mineiros.

Como o rei Simão XLV, estão-me sempre reservados os primeiros besouros para a taça do meu leite e todas as cadeiras quebradas, quando nelas procuro descansar o dolorido corpo.

Nasce-se Simão XLV e morre-se Simão XLV.

O que o berço dá, a cova leva!

Em Belo Horizonte, a vida continua, na sua suave e encantadora monotonia, que, como a toadilha dos fados populares, acaba por adormecer nesses meios sonos, que representam a suprema delícia do dormir acordado.

Por todas as ruas, travessas e largos, por todas as picadas e veredas, o solo já está crivado de estacas, enterradas com a cabeça à flor da terra e com o seu prego cravado e a sua testemunha encostada junto aos muros ou à beira de viçosos valados; a todas as horas e por todos os montes e vales das circunvizinhanças, os engenheiros, manuseando o nível, o teodolito ou o trânsito, condutores e auxiliares, tudo numa faina de quem quer chegar depressa, e sempre com a convicção de que não chegarão tão depressa quanto o dr. Aarão Reis desejaria.

Abriu-se um hotel mais digno deste nome, onde se come regularmente, que ostenta aqui o inaudito luxo de dar aos seus hóspedes de quartos assoalhados e no qual a dona da casa proporciona o aconchego do lar às famílias que ali se hospedam; todos da localidade se enfunam por já possuírem um padeiro francês, por se matar boi todos os dias, por terem carpinteiros de verdade, boticários (perdão: farmacêuticos), bandos de turcos bufarinhando ninharias de *toilette* e um cemitério provisório; porque, enfim, mesmo nos climas mais sadios, é sempre conveniente pensar em ter seis palmos de terra para repouso do derrocado edifício da saúde!

A monotonia do lugar foi apenas quebrada pela chegada do bispo, que veio visitar as suas ovelhas.

Em brilhante cavalgada de mais de cem, foram os graúdos daqui esperá-lo ao alto do Cruzeiro, donde o acompanharam, seguindo-o, dois a dois, em luzido préstito, que passou por debaixo de bananeiras de ocasião e de festivos arcos de fitas graciosamente entrelaçadas.

Houve crisma, reza e cantoria no templo e nas ruas e o vigário, que teve as honras de hospedar o seu reverendo hóspede, proporcionou-lhe, na medida do possível, um quarto com uma cama de elegante simplicidade, dando-lhe as refeições numa sala toda atapetada, no chão e nas paredes, da mais exótica folhagem das cercanias.

O chefe da comissão construtora, respeitando todas as crenças, permitiu sueto aos empregados que quisessem ir esperar a chegada do bispo; foi enfim uma festa que pôs em reboliço os incolas de Belo Horizonte e com o entusiástico afã, com que os fluminenses receberam as vitoriosas hostes brasileiras, ao chegarem da guerra do Paraguai.

Mas, saído que foi o bispo, Belo Horizonte continuou no seu costumado ram-ram; alternado apenas pelo sonolento chiar dos carros, que é também outro ram-ram convidativo, para longas e reparadas sestas!

Minas Gerais — 06-05-1894.
Pág. 2.

XV

Como se passam os dias em Belo Horizonte?

Eis uma pergunta que me fazem, a todo o momento, amigos íntimos, que me sabiam acostumado a viver sempre em grandes

centros populosos; pergunta aliás justificadíssima e à qual me parecem acertado responder, quando mais não seja, para que não me arreiem com sacrifícios que me não ilustram.

Quem anima as cidades não são as suas grandes populações; mas o caráter geral, o temperamento, a educação e hábitos daqueles que as compõem.

Londres, apesar de possuir no seu seio uma população quase igual à do nosso Estado de Minas, tem dias do mais soberano e mortal aborrecimento.

Os domingos, talvez que o não sejam para os orgulhosos filhos do Albion; mas as localidades são menos avaliadas pelos que as habitam, do que por aqueles que as visitam e, com certeza, nenhum estrangeiro dirá de Paris ou de Viena o que dizem de Londres, esse imenso *deserto povoado!*

E dizendo "deserto povoado" não faço mais do que dizer o que sinto; porque não conheço ermos que mais confranjam o coração, que mais fecundam a tristeza, do que as grandes cidades onde, por falta de parentes, de amigos e de conhecimentos, nos sentimos isolados, no meio daquele turbilhão vertiginoso de homens e mulheres, que correm, sem sequer se ocupem de nós, no contínuo tropel diário e noturno, que se chama a *luta pela vida!*

As grandes coletividades sofrem, em geral, de febre obcecadora do mercantilismo, e não é nas mais populosas cidades que se encontram meios de nos distrair e foliar e, se Paris faz exceção à regra geral, é porque é uma cidade que tem por especial motor da sua extraordinária vitalidade, a população flutuante, na maior parte composta de estrangeiros, que ali vão para encanto dos olhos e gozo de todos os demais sentidos.

Mas o que faz Paris, com os seus três milhões de habitantes, fá-lo Nápoles com os seus quinhentos mil, e, ainda com mais espontânea e ruidosa animação, as pequenas cidades de Cadiz ou de Sevilha.

Disse-o e repeti-o por diversas vezes, aos que se queixavam da monotonia e tédio dos dias e noites de Ouro Preto, que essa monotonia e tédio provinham exclusivamente dos hábitos caseiros da sua população, dessa vida quase monástica que leva a maior parte das senhoras ouro-pretanas, desse sestro, quiça herdado dos tempos coloniais e que nos faz parecer os habitantes de Ouro Preto como esquivos e bisonhos; quando, realmente, na intimidade, são dados, hospitaleiros, alegres e espirituosos.

A vida de Belo Horizonte não se devia portanto ressentir da exigüidade da sua população; mas sim do caráter lhano ou arredio dos seus recém-chegados.

A princípio, os arranjos domésticos preocuparam exclusivamente todas as famílias. Não era negócio de pouca monta acomodar filhos e demais parentes, em casas mal abrigadas e despidas de toda a sorte de conforto; puxar pelo talento culinário, para fazer refeições ingeriveis, com os parcos recursos de que se dispõe, arranjar servos onde até faltam cavadores de enxada; descobrir agulhas, alfinetes, fitas, pentes, perfumarias, papel, penas, etc., porque tudo faltava, nos primeiros dias, numa população preparada para as mais simples exigências de um povo do interior de Minas.

Mas agora, que o *estoque* dos armazéns daqui se tem avolumado consideravelmente; agora que todos ou quase todos têm as suas choupanas com modesta garridice de salões, começa-se a pensar no alimento do espírito e, para as senhoras *o alimento do espírito* são bailes, musicatas e reuniões de todo o gênero; reuniões que se fazem sem programa, porém que o espírito da mulher substitui vitoriosamente, com milhares de frivolidades, de belos nadas; mas que ao adormecer, nos deixam recordações vagas e gratíssimas de uma noite deliciosamente passada.

Ora como o homem tenha vindo ao mundo quase que exclusivamente para servir de editor responsável das idéias, caprichos e manias da mulher e, neste destino inexorável estão incluídos os pais, como editores de suas filhas, os filhos, já barbudos, como editores das respeitáveis e venerandas fantasias de sua mãe, o marido civil e religioso editor responsável dos atos de sua mulher, apareceu, em Belo Horizonte, uma lista cheia de nomes de membros da comissão, subscrita com o fim de utilizar os momentos de ócio em dar bailes, reuniões, concertos, naturalmente epilogados por chá com doces e torradinhas, que nesta especialidade, são as senhoras mineiras mestras sabidas como nenhumas outras.

Ainda não há sala apropriada; mas esta lacuna tem de naturalmente desaparecer, ou construindo-se um pavilhão de modesto dispêndio ou aproveitando qualquer casarão, por meio da restauração de diversos e diversas colaboradoras; seja de que modo for, os bailes hão de realizar-se; porque, quando passa pela cabeça da mulher o suave rodopiar da valsa, fiquem certos que ela há de dançar, mesmo que seja em cima do fundo de uma agulha!

E como a sociedade de Belo Horizonte está com a mão na massa dos divertimentos, procuram-se minuciosamente as cantoras da localidade e entre as recém-chegadas; e consta-me que, com

esse numeroso suprimento, se tenciona executar uma grande missa festiva, em que se ostentem coros de trinta ou mais senhoras acompanhadas pelo bom órgão que tem a igreja que com certeza, nesse dia solene, enriquecerá as suas alfaias e paramentos, com muitas dádivas e a sua ornamentação com os graciosos e artísticos enfeites, que sabem fazer as senhoras das grandes cidades.

Eu jubilo com mais este preito à religião católica e à música sacra; mas estou já prevendo, que me vai desabar, sobre o lombo, muito ensaio cheio de prolongadas minuciosidades, para que me chegam o tempo e a nunca desmentida paciência, mas para que me falecem saber e competência.

E ainda será caso para louvar a Deus de gatinhas, se não me impingirem algum *solo* de tenor a mim que, de há muito, tenho o *sol* rouco, o *lá* encantarroado, o *si* gosmento e o *dó* de peito, com um pigarro crônico, que o vela com uma deslumbrante e sonora afonia.

Anima-me apenas uma esperança; é de, pela idade e pelas manhas de macaco velho, saber iludir as dificuldades, quando as não posso vencer!

O meu *solo* de tenor será, portanto, um *solo* de ilusões!

Enquanto se conspiram estas festas de caráter sacro e profano, eu alterno os afazeres de redação e colaboração de folhas diárias, com passeios matutinos e vespertinos e, nas horas intermediárias, passo o tempo...

— A dormir? perguntarão uns.

— A ler? perguntarão outros.

— A cismar? acudirá este?

— A comer? interrogará outro, mais propenso aos prazeres materiais e positivos.

— Não senhor: passo o tempo a pintar potes de barro, fabricados em Caeté!

Compra-se uma vasilha de barro fosco, apenas com o rebordo vidrado e essa compra arrasta-nos à despesa de duzentos e quarenta réis; chegado o vaso à casa, lixo-o cuidadosamente, para lhe tirar todos os jeitos e desigualdades dos maus tornos em que eles se fabricam e pinta-os com flores fantásticas como verdadeiras *chinoiseries* do Celeste Império, com paisagens, como as queria Theophile Gautier de céus verdes, árvores azuis, terrenos cor de lama de Paris e água cor de burro-quando-foge!

E não fazem idéia da *freguesia* gratuita que já tenho.

Pote pintado é pote vendido.

Vendido pelo preço de amáveis agradecimentos, já se sabe!

Nem artistas da minha estatura se sujeitariam aos preços do vil metal; que, entre nós tem, de mais a mais, o encanto de ser um *vil metal representativo!*

Minas Gerais — 10-05-1894.
Pág. 4.

XVI

Sempre considerei como coisa de mal gosto a bisbilhotice.

E contudo, atualmente a bisbilhotice constitui o repasto principal das folhas diárias e tem por favoritos amadores, não as senhoras, mas os homens e, o que pior é, dos que representam ou pretendem representar as primeiras camadas da sociedade.

O repórter, palavra de procedência norte-americana, não é mais do que o bisbilhoteiro, com a circunstância agravante de fazer praça das suas bisbilhotices.

Paramentado este sestro de senhoras-comadres com tão retumbante palavra, a indiscreção passou a ser uma virtude e a inconfidência, longe de provocar castigo, origina, pelo contrário, motivos para aumentar o ordenado e as gratificações do indiscreto.

A reportagem, no Brasil, é por enquanto uma pálida sombra do que ela tem sido nos Estados Unidos do Norte e mesmo do que está sendo esta ciência infusa em França, na Itália e na Inglaterra; e contudo, nos fastos da reportagem brasileira, já se cita: um repórter, assistindo, escondido por detrás de uma resposteiro, a uma sessão do antigo Conselho de Estado; um outro que presenciou um banquete político secreto, metido dentro de uma cesta de pão, ainda um outro, que entrava nas tipografias e punha a mão em cima dos "paquets" de composição, dizendo — "Tapo, para que não pensem que pretendo ler o que aqui está" e ia depois decifrar, para casa, a tiragem do tal "paquet", que lhe tinha ficado impressa na palma da mão e, finalmente, ainda outro que, de madrugada, foi esperar o criado imperial, que tinha por invariável hábito beber um copinho de cachaça num quiosque, antes de ir entregar as folhas diárias a seu imperial amo e, pedindo-lhe a folha emprestada, substituiu-a, na restituição, por

uma do dia anterior e assim ainda houve tempo de copiar os despachos do *Diário Oficial*, que, nessa época, se negavam às outras folhas.

Isto, até certo ponto são proezas, ou antes, espertezas modestas de repórter, comparadas com o que fez o repórter do *New York Herald*, na véspera da rendição de Sedan e sobretudo, com o que fez Stanley na África, em busca de Livingston.

O pior mal de que sofre, porém, a reportagem do Brasil é o de ser pouco versada na gramática e o de ter, em geral, uma instrução limitadíssima. Contando com isso, só lhes exigem apontamentos, para que os redatores os redijam, se não com uma correção irrepreensível, pelo menos, com um feitio decente.

Por enquanto o Brasil não possui o que propriamente se pode chamar um repórter; mas apenas simples cortadores de notícias.

É por isso que muita gente, menos versada nas tricas do jornalismo, os alcunha de alvissareiros, de cheira-cheiras e mesmo de intrujões! É verdade que, para essa gente, os jornalistas, bons e maus, são sempre insignificantes escrevinhadores.

Excetuando algumas raras exceções do tal "sempre", essa "muita gente", que representa o bom senso burguês, não deixa de ter razão.

Enquanto à famosa *interview*, que não sei porque foi conservada em todas as nações, na sua primitiva palavra inglesa, nunca há de prosperar entre nós. A *interview* representa a reportagem transcendente e exige que seja conservada tal qual o repórter a trouxe e não me parece que, por estes dez anos próximos, apareça um repórter, que seja igualmente repórter, gramático e taquígrafo; sobretudo, enquanto pagarem, à classe, ordenados de modesto oficial de ofício.

Por minha parte, confesso que seria o mais desajeitado repórter deste mundo. A especialidade não se coaduna com o meu caráter discreto a desabelhudo.

Vivo aqui, com quase todos os engenheiros da comissão construtora da nova capital de Minas, e o que sei não indago, o que ouço não pergunto; nem no meio desta febril atividade dos trabalhos iniciais, há recursos para descobrir idéias futuras, ou planos que ainda devem estar nebulosos e indecisos, na mente dos planejadores.

Parece apenas que as ligeiras ondulações que tem o terreno se prestarão a bons efeitos de agrupamento dos edifícios, e sobre-

tudo a deliciosos pontos de vista, e que a localidade se presta a delinear avenidas de alguns quilômetros de extensão e às quais se poderá dar a largura de sessenta metros; que a média do declive, da maior parte das ruas, regulará por três ou quatro por cento, um declive famoso, para o trânsito, para o esgotamento das águas pluviais e para o serviço do esgoto, e que algumas ruas terão talvez 10% de declive, mas que serão poucas e as necessárias para os moradores, que consideram as subidas moderadas como altamente vantajosas para a atividade e funções de estômago e para aqueles que, por natural vaidade, gostam de olhar sempre para o próximo, de cima para baixo!

Vi, sem cometer indiscreção de repórter, o plano da estação da estrada de ferro e que me pareceu edifício de grande gosto arquitetônico e, em todo o caso, muito superior, em beleza, às estações que possuem as nossas estradas de ferro.

O silvo da locomotiva será o sinal de uma vida absolutamente nova para Belo Horizonte e a estrada, que ligar a zona da nova capital com os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, marcará uma era inteiramente nova para aqui, onde quase todos se assustam com três léguas de viagem, para ir a Sabará, chouteando numa alimária derrancada de aluguel, que, com os solavancos que nos dá ao corpo, nem nos deixa apreciar as incomparáveis belezas desta localidade.

O ramal de estrada de ferro explorado parece ter uma metade muito fácil na construção e outra metade bastante difícil; mas eu louvo-me no "diz-se" dos amigos; que não me assistem empáfias de entender do riscado!

Os recursos da vida, em Belo Horizonte, têm-se desenvolvido e aumentado consideravelmente.

Há já um hotel que proporciona grandes comodidades a seus hóspedes e que foi estabelecido pelo sr. Lima, que creio haver sido funcionário em Ouro Preto.

A mesa é farta, variada e boa; os quartos, todos assoalhados (!) tem mobília decente, roupa limpa nas camas, lavatório, jarro e bacia (!!) e a esposa do dono do hotel é de extraordinário cuidado e carinho para com os seus hóspedes (!!!!)

Neste ponto, estamos já com os recursos de uma grande cidade e ficamos por uma vez livres de certos estalajadeiros que, fazendo-nos comer e dormir como animais, em cela e em chiqueiros, nos cobravam à razão de cinco mil réis diários e, entre

os quais, havia um que, numa conta mensal na importância de 196,440 réis, fazia figurar esta rara e monumental verba: Uma banana..... 200 réis.

Imaginem que sabor e que tamanho teria a tal banana!

Outros hotéis, em idênticas condições das do que se inaugurou no largo do Rosário, estão prestes a abrir-se e não levará muitos dias que não vejamos por aqui, cafés, botequins, restaurantes, lojas de confeiteiro, de ferragens e de alfaiates, armazéns de modas, perfumarias etc. etc.

Sempre asseverei que, onde se reúnem quinhentos habitantes, devem forçosamente aparecer, dentro em pouco, outros quinhentos para ganhar com os primeiros.

São as fatais e inevitáveis leis da permuta.

Agora, enquanto ao estabelecimento de *roletas* em Belo Horizonte, parece-me que o caso fica mais fino!

Dizem (reparem que eu digo: "dizem") que o dr. Aarão Reis lhes jurara pela pele e que, logo que lhe conste a existência da mais pequena espelunca, manda-lhe destelhar a casa!

É um magnífico processo depor os jogadores com a calva à mostra!

Que nunca as mãos lhe doam!

Minas Gerais — 13-05-1894
Pág. 3.

XVII

Na noite de 14 deste mês, deu-se, em Belo Horizonte, um fato muito insignificante na aparência, mas que pode ser origem de outros mais graves, e contra os quais será difícil redigir, sem o emprego violento da força; emprego muitas vezes legal, lógico e inevitável, mas que representa atos muito avessos ao caráter brasileiro e à civilização do nosso século.

Na rua dos Capões, deu-se o óbito de uma mulher idosa e do povo e, como parece que é de praxe, reuniram-se, no seu quarto, vários homens e mulheres, para fazerem as honras de câmara ardente à defunta, comendo, bebendo e cantando.

Cada qual deve entender a religião lá a seu modo e o processo de acompanhar o corpo do defunto, na noite do seu passa-

mento, sem comes e bebes, se bem que lembre um tanto as honras fúnebres dos ciganos, estaria compreendido entre muitos outros, que merecem a mais absoluta e completa tolerância.

Os cantos, porém, que ecoam por portas afora, já não podem ser classificados entre as liberdades religiosas de qualquer seita, porque constituem um atentado à liberdade dos outros, a que, a horas mortas da noite, também têm o incontestável direito de repousar, na quietação do sono, pelo muito que mourejaram durante o dia.

Um vizinho da casa mortuária, moço trabalhador, zeloso cumpridor dos deveres e que tem por norma entrar cedo na repartição, depois de muito bem banhado, escovado e almoçado, começou, por volta da meia-noite, a embirrar com o eterno e atroador cântico de defuntos; levantou-se, vestiu-se e curtindo um frio de levar couro e cabelo, foi-se pela rua em fora, a cata da autoridade, representada por um capitão da polícia de Sabará e que, em Belo Horizonte, exerce as funções de delegado.

A autoridade policial atendeu à queixa do moço, com toda a atenção e cortesia foi logo ao local indicado, acompanhando-se de duas praças e, por meios brandos, ordenou que cessasse a cantoria, alegando que as rezas já deviam ter feito mais do que o necessário, pela alma da pobre velha, que não constava estar assoberbada pela carga de grandes pecados mortais ou mesmo veniais!

O coro fúnebre pôs, portanto, ponto final na sua elegia, representada por uma melodia mais ou menos plangente, cantada em intervalos de terceiras, sextas e algumas quintas à mistura; quintas, que arrepiariam um severo mestre de contraponto, mas que tinham, como atenuante, o fato de não serem cometidas com premeditação.

E o capitão-delegado foi para sua estação e o moço foi ver se assinava o ponto do sono, a horas de não levar falta e desconto no ordenado.

Mas, um quarto de hora depois, recomeçou o coro de carpideiros, e o moço que já estava dormindo apenas com um dos olhos fechados, como dizem que dormem as lebres, atirou com os lençóis por ares e ventos, enfiou-se de novo na roupa e nas botas e foi ele de novo para a estação, que já lhe ia parecendo uma verdadeira estação de Calvário.

O delegado ficou furioso com a reincidência dos cultores do *de profundis*, chamou uma praça e ordenou-lhe que fosse

imediatamente a casa da defunta, para intimar de novo os cantores que se calassem; se não, que os metia na estação ou em cacete!

Neste ponto, divergem os autores.

A praça foi e o coro calou-se...

Mas recomeçou outra vez.

E então é que choveram ave-marias, benditos, padre-nossos, ladainhas, orações especiais para alívio e conchego das almas dos mortos em pecado, etc., etc. e tudo por música: ave-marias, benditos, padre-nossos, ladainhas, orações especiais e até os etc., etc.!

Foi um desengraçar de nênias lacrimosas, por sopranos, contraltos, tenores, baritonos e baixos, que se prolongou até as horas frescas e orvalhadas da rouxa e trêmula aurora!

E a autoridade?

Dormiu ou cedeu; o que, para o caso vertente, deu como resultante um exemplo pernicioso, para a futura ordem e disciplina na nova capital.

Ninguém mais do que eu respeita o povo, essa volumosa massa, que as liberdades modernas ampliaram por tal modo, que todos atualmente são povo ou pretendem sê-lo e assim se formou, real ou aparentemente, a democracia, que repousa, real ou aparentemente também na igualdade e fraternidade.

Mas, eu, apesar de me considerar homem do povo, em toda a acepção da palavra, nem por isso desconheço os pecados e defeitos do povo, que são também defeitos e pecados meus.

O povo é o barro mais plástico, que tem produzido a terra; é dúctil a todas as exigências da modelação, é obediente a todos os caprichos do escultor; mas, como barro que é, precisa ser desde o começo comprimido na sua estrutura interna; porque balofa que ela fique, todas as demais camadas sobrepostas repousam em falso e a estátua derroca, a mais pequena oscilação da temperatura; porque assenta no vácuo ou num espaço que não resiste aos empuxos, que se originam da sua própria plasticidade.

Se, ao núcleo de habitantes que vai formar essa futura capital, se aplicasse, desde logo a ação prudente e enérgica da autoridade, a futura capital, essa colossal estátua de barro, dúctil, e maleável, porque será feita de elemento mais maleável e dúctil, o homem, ficaria desde princípio, assente em sólido miolo

e as deslocações e movimentos das suas futuras camadas externas já não fariam perigar a sua geral solidez; porque tinha, por esteio resistente, o seu bem conformado e disciplinado centro.

Mas deu-se exatamente o caso oposto: o povo é quem venceu e nestas surtidas contra a disciplina, como em todas as coisas deste mundo, *Il n'y a que le premiér pas qui coûte* o amanhã, a autoridade será novamente desobedecida, depois de amanhã desrespeitada, no dia seguinte vaiada, se não apedrejada!

Sempre entendi, como melhores locais para viver ou as cidades mais completas e perfeitamente policiadas, ou então, aquelas em que se não encontra o mais pequeno agente armado.

Mas uma cidade, com polícia sem força ou sem prestígio, é um ninho de desordens e conflitos e na qual apanham, entre as duas partes beligerantes, aqueles que ficam no meio!

Minas Gerais — 20-05-1894.
Pág. 3.

XVIII

Possuir o Brasil uma arquitetura inteiramente sua ou, pelo menos, uma ornamentação arquitetônica, modelada na esplêndida folhagem das nossas árvores, confesso que foi um sonho que me atormentou por mais de quinze anos e que, como é fatal em quase todos os sonhos, se foi esvaecendo pouco a pouco, até se me apagar de todo do pensamento.

Duas coisas atuaram neste meu reviramento: a primeira, o ecleticismo que prepondera na arquitetura do século dezenove, em todos os países do mundo; a segunda, a inevitável trilha de todos os nossos artistas e operários, que, tendo por mais cômodo e fácil recorrer aos modelos de estampa franceses ou alemães, do que ao esplêndido e nunca repetido modelo da natureza, levam a sua existência artística, vivendo da cópia ou da imitação, donde tem resultado não termos feição característica nos nossos edifícios, os quais se não recomendam pela novidade ou pela elegância, nem tão pouco pela pureza acadêmica; o que seria um mal, mas, em todo o caso, mil vezes preferível a não sermos nem naturalistas nem acadêmicos na arte.

Dizem os antigos, que o caráter devia ser antes de quebrar do que de torcer; que o homem não devia ter senão uma palavra, e aplicavam esta louvável firmeza de princípios aos negócios, à religião e até à ciência e à arte.

Enquanto a mim, que entendo que mudar de idéia significa, na maior parte dos casos, um sintoma de progresso, tenho modificado muito a minha opinião na música e nas belas artes, e nesta variabilidade suponho encontrar pelo menos para meu consolo, um sintoma de haver progredido.

Atualmente, aceito qualquer estilo arquitetônico, desde que ele manifeste, logo ao primeiro aspecto, o fim a que o edifício é destinado por dentro e desde que ele satisfaça às multiplices exigências da comodidade e da higiene.

Enquanto à ornamentação que sempre deve existir num edifício de certa ordem, sem pecar contra o belo da simplicidade, trabalhei muito, trabalho e trabalharei, nos poucos anos que tenha de vida, para que se aproveite como modelo a magnífica folhagem que, na variedade, elegância e exótico das linhas, deixa a perder de vista as preconizadas belezas da clássica folha de acanto.

Nesta propaganda, não tenho militado só com palavras, só com artigos; consegui obter modelos em gesso, tirados diretamente dos exemplares naturais; forneci algumas dúzias desses primores de delicadeza e variedade à casa "Moreira Santos", e só agora, depois de cerca de dois anos, é que me consta que se vai ensaiar esta nova escola de ornamentação, da qual, espero em Deus, que ainda verei em obra de jacarandá, peroba ou cedro, a realização desse sonho, que tantas insônias me custou.

A nova capital de Minas tem um arquiteto distintíssimo, o dr. José de Magalhães, engenheiro pela antiga Escola Central do Rio de Janeiro, e arquiteto, formado na Escola de Belas Artes de Paris, a qual cursou, sempre em evidência, durante cinco anos.

Tem construído "centenares" de edifícios; conhece portanto praticamente o *ofício* e a prática livra-o de hesitações, em que caem, na maior parte das vezes, os arquitetos teóricos ou bisonhos.

Conversamos, durante uma viagem em estrada de ferro, sobre arquitetura, e como a arquitetura *barroca* de Minas não podia deixar de acudir à conversação, falamos sobre as formosas *ouropemas*, que adornam ainda muitas janelas do Estado de Minas e, das quais, há ainda em Ouro Preto, um magnífico exemplar, na rua que corre por debaixo do paredão reconstruído junto ao largo da Alegria.

Será a *ouropema*, (peneira) essa janela engradada e saliente, com ares severos e misteriosos de convento ou de recolhi-

mento, uma criação das ordens religiosas, que dominaram todo o Brasil e especialmente a provincia de Minas e que imprimiram, no seu povo e especialmente nas suas mulheres, esse caráter concentrado, recolhido, bisonho e assustadiço?

Será antes a *ouropema* uma corrupção da palavra *mouro-prema*, com que os antigos portugueses chamavam às janelas impostas aos moradores dos bairros de *judiaria* e *mouraria*; consentidos ainda, por munificente tolerância régia, nas cidades cristãs?

Parece-me em todo o caso a palavra *mouro-prema* como mais provável, e digo parece-me porque, nos vocábulos portugueses, não há muito que fiar nos lexicógrafos, e eu conheço apenas a palavra de outiva; que ainda não me achei com tempo e paciência para mergulhar no proceloso mar dos dicionários.

Ouropema ou *mouro-prema*, esta janela, da qual não existem no mundo, exemplares intactos, a não ser no Estado de Minas, modificada no tamanho, nas proporções; dando-lhe maior saliência, enfeitando-a com um garboso *culde-lampe*, encimando-a com outros fechos mais leves e elegantes e aplicando-lhe os ornamentos adequados ao tempo e as venezianas apropriadas ao gosto da atualidade, ficaria um belíssimo episódio arquitetônico, correspondente, um pouco, às tradições históricas da antiga Minas; satisfazendo completamente às comodidades das janelas modernas, pelas quais deve entrar o ar e o sol, à vontade do freguês e, das quais se vê sendo visto, e se vê sem ser visto!

E tudo isto, com um campo de observação extensíssimo e que domina toda a frente oposta da rua e toda a rua, desde princípio ao fim!

Prestado este singelo preito à antiga arquitetura mineira, que é sempre um pouco nossa, quer a *ouropema* venha da palavra peneira em lingua indígena; quer a chamem *ouro-prema*, como recordação da opressão da moirama, de que ainda há tantas recordações em Lisboa, nos bairros de Alfama e Mouraria, é natural que o estilo arquitetônico da nova capital "Minas" tenha, sobre muitos requisitos modernos, o encantador caráter da simplicidade.

Há só uma coisa que me constrange e comove, no meio de toda esta lufa-lufa necessária, para fazer surgir, do nada, uma capital que deve trazer, desde o nascedouro, todos os resultados benéficos das conquistas deste século — é que, de há dois meses para cá, vejo enterrarem-se, numa cova que mal daria, em tamanho, para o corpo de um recém-nascido, cadáveres sobre cadá-

veres; desenterrando-se os crânios dos antigos *posseiros*, ainda trazendo pedaços de pele pegados ao osso, e isto acompanhado do nauseabundo cheiro de cadáveres mal curtidos, de profanações (que não são outra coisa) com os crânios rolando pela terra onde todos pisam; essa terra que dá ingresso ao Templo de Cristo, que, entre todos os respeitos que pregou, também pregou o respeito pelos mortos!

Afirmam-me que aquele cemitério improvisado fica numa zona que terá forçosamente de ser aterrada e talvez que, por esse motivo o dr. Aarão Reis não entendeu necessário arremeter contra este costume antigo do povo da localidade.

Mas, que demônio! Antes de Belo Horizonte ser escolhido para servir de alicerce, para a nova capital do Estado de Minas, já era uma localidade sujeita à administração e jurisdição do Brasil; onde, de norte a sul, sempre vi respeitar os que passam e que ficam!

Sei que este tristíssimo episódio que, nestes últimos tempos se tem repetido cinco ou seis vezes, pode perfeitamente ser lançado à conta do passado de Belo Horizonte; mas eu, em todo o caso, protesto contra ele, como cristão e como homem e protesto, com a indignação sincera, de quem lhe dói a alma ou o coração de ver, na quietação e repouso da eterna vida, repetir-se essa constante luta dos humanos e que se define singela e eloqüentemente, nesta frase popular: "tira-te, para que eu me ponha!"

Parece que, em Belo Horizonte, a *luta pela vida* se prolonga, continua e emenda, na *luta pela cova!*

Minas Gerais — 23-05-1894.
Pág. 5.

XIX (*)

— As laranjeiras vestem-se com rutilantes pomos de ouro; os ananases surgem do solo, desdobrando-se-lhes as folhas, em graciosas curvas, de uma vistosa peça de fogo de artifício; os beija-flores esvoaçam, em torno dos tépidos ninhos ou doudejam, em volta do suave e perfumado nectário das flores; desponta, enfim, esse segundo outono das frutas, criado talvez por Deus,

(*) Não foi publicado quando devia, tendo por isso ficado truncada a série, falta essa que hoje sanamos.
N. da I.

para saciedade dos insaciáveis, e o termômetro, na inflexibilidade dos seus despotismos, já marca seis graus, por volta das cinco horas da madrugada!

E, eu, longe do calor da mocidade, tendo como perdido para sempre os conchegos da família, enovelo-me nos cobertores e resistindo as guinadas do vento, que me entra, pelo teto, pelas frinchas das janelas e pelos interstícios das tábuas do soalho, iludo as minhas eternas insônias, pensando no que me reserva o inverno, durante os meses de junho e de julho, e sobretudo o vento, com as leais mas valentes investidas que lhe permitem os grandes descampados, as grandes planícies, por onde ele pode passar, em largas filas; onde pode oferecer desafrontados combates, cara a cara, peito a peito e, nos quais, sempre vitorioso, derruba árvores e chacina homens, com a consciência, de quem luta em boa e cavalheirosa guerra!

Preferem muitos esta empáfia belicosa do tufão, às manhosas surtidas dos ares encanados que endefluxam e resfriam sub-repticiamente; mas eu, entre o primeiro e os segundos, prefiro uma terceira modalidade do vento e que consiste, na sua mais absoluta e completa ausência!

Para que serve o vento?

Para afugentar e destroçar os micróbios, responderam.

Mas para que servem os micróbios? Redarguirei eu. Pois não era melhor passarmos sem vento e sem micróbios; como igualmente seria preferível passarmos sem médicos e sem doenças?

Sempre considerei o vento e as trovoadas como uma ostentação cenográfica do bom Deus, que tem sobejas razões de se rir e de meter medo, a esta irrisória penca de humanos micrómegas, que, na exigüidade da sua portância ignota e despercebida na incomensurável grandeza do Universo, se intitulam "reis da criação".

Diz-se que há, entre as fertilíssimas províncias do Chile, duas ou três, onde nunca ou quase nunca chove; onde há velhos cobertos de cans, que nunca assistiram a semelhante demonstração meteorológica e que, diante de uma chuvinha de molha-tolos, ficariam aterrorizados, como outro qualquer povo, diante das tremendas sacudidelas de um terremoto!

Como seria, para mim, o paraíso terreal, se houvesse, uma terra, onde nunca tivesse soprado o ciclone, o tufão, o siroco, o mistral, o simoun, o levante, o pampeiro; onde nem sequer adejasse a brisa; deixando as folhas, as palhinhas, as flores, desse páramo ideal, na mais sublime e prolongada quietação; um ver-

dadeiro jardim paradisíaco para mim... para mim e para os fotógrafos, que teriam nas paisagens, sempre modelos firmes, sossegados e imóveis, como frades de pedra!

Mas o vento e sobretudo o vento frio, se me assusta, não assusta a engenharia da comissão construtora da nova Capital, que anda, de um mês para cá, com o fogo... nas pernas, é que eu queria dizer.

Procuram-se e acham-se córregos importantes, nascentes, que seduzem pela limpidez e boa qualidade das águas; e, nesta incansável peregrinação, pelo Reino das Águas, encontram-se episódios de paisagens encantadoras: a linfa deslizando, só por entre pedras e pedaços de ferro; regatos borbulhando pelo meio de pitorescas rochas, córregos serpenteando por baixo de uma vegetação frondosa, fresca e luzente, com aquele aspecto limpo e asseado, das crianças, que vivem, com pouca poeira à porta e muita água em casa!

E, nesta caçada à água, o dr. César Campos, como Santo Huberto, galopando nas pegadas de veado policornuto, nunca se contenta com a água que encontra; porque, procurando água para 200.000 habitantes, quer dar-lhes regalias de patos; quer que se inundem, por dentro e por fora e que, nas multiplices necessidades de um povo civilizado, com relação ao líquido elemento, haja em abundância, água para o movimento das turbinas, para a irrigação das ruas, para a lavagem dos esgotos, para a seção balnear de todos os hospitais, asilos, quartéis e casas de ricos e pobres, para cascatas e repuxos, nos jardins públicos e chácaras particulares e dizem até que para beber!

Ora vejam lá: até água para beber!

E quanto à quantidade de água fornecida pelos mananciais, parece que chegará; e quanto à qualidade de todas elas, só mais tarde a análise científica poderá dizer o que será tal fornecimento, derivado da contingência de tantos córregos e regatos.

Por minha parte, que presto, à água, toda a atenção que me deve merecer o único líquido que me entra no estômago, já fiz uma análise, incompleta e inconsciente da água, que fornece o córrego do Acaba Mundo.

No laboratório fotográfico da comissão, apesar de estar regularmente fornecido, de todas as drogas fotográficas indispensáveis, faltou um dia a água distilada; exatamente, quando era necessário preparar o banho de nitrato de prata, para sensibilizar o papel.

Eu, que tenho *arranhado* fotografia, em diferentes pontos do globo, sei já, pela dura experiência, quão difícil é encontrar uma água potável que, em contato com o azotato de prata, não forme imediatamente um precipitado leitoso, que inutiliza a solução para os misteres da fotografia e tais experiências efetuam-se sempre a medo, porque o nitrato de prata não é droga que se venda, pelo preço do farelo ou mesmo da farinha de Suruhy.

O dr. Radici, engenheiro muito preparado e fotógrafo distinto, deitou água na *éprouvette* onde estava o banho de prata, feito com um pequeno resto de água distilada que ainda ficara e deitando pinga a pinga a água potável estava tão convencido como eu, de que a água do Acaba Mundo lhe acabava com o banho de prata; o que, para nós dois, era cataclismo muito mais importante e assustador.

Mas eu, agachado, com os olhos no fundo da *éprouvette*, via a coluna de água subir, subir e sempre límpida, transparente; como se nela não houvesse senão o mais ingênuo e inocente H_2O.

Eu já não me lembro se o símbolo da água distilada é o H_2O.; mas, se errei, levem os leitores o erro, à conta da caducidade natural, na casa dos cinqüenta anos!

Ora, o fato da água não formar com o nitrato de prata, cloreto de prata, não quer dizer que a água seja absolutamente potável; tanto mais que há sais necessários na água de beber e porque se as águas do Acaba Mundo não alteram o nitrato de prata, podem alterar a saúde dos humanos, por mil espécies de outras impurezas ou, o que é mais, pela sua excessiva e exagerada pureza!

E vejam como, nos homens e nas coisas, os excessos das boas qualidades se transformam em defeitos.

A economia, exagerada, dá a sordidez e a avareza!

As hipérboles da generosidade transformam-na em prodigalidade!

A emulação, desregradamente ampliada, tem a sua metamorfose na inveja!

Da cortesia, excessivamente aumentada sai a cortesania.

As pausadas lágrimas da tristeza, quando correm como por goteiras de chafariz, viram a melancolia respeitável, em irrisória choradela; o riso moderado, que se comunica e alastra pelo contrário, cai, pelo exagero, na gargalharda alvar e como a na-

tural fluência pela prolixidade, acaba por se chamar *verborragia*, ponho ponto na digressão, para que me não desabe, com justiça na cabeça, o acerado cutelo da doutrina que preguei!

Minas Gerais — 06-06-1894.
Págs. 5 e 6.

XX

Dizem alguns, que se deve reservar, para o fim, os grandes efeitos e estes entendem que, no discurso, no livro, no drama, o epílogo deve ser a apoteose que tem de coroar toda a obra oratória, romântica ou dramática; essa famosa chave de ouro que, na opinião deles, resgata todas as faltas e fraquezas do princípio e do meio e que se esteia, no velho adágio francês: *tout este bien, qui finit bien*.

Sustentam outros e com argumentos não menos convincentes, que todo o efeito estético de qualquer produção de literatura ou de arte depende da primeira impressão, que a obra literária ou artística exerce sobre o leitor ou sobre o espectador e fundamentam eles esta opinião, em que o espírito dos homens se leva, por todos os atalhos agrestes e fatigantes, por todos os meandros tortuosos e cobertos de silvas, contanto que os primeiros passos da jornada se efetuem, por caminho plano, direito, agradável e assombreado.

Eu, por minha parte não digo positivamente nem que sim nem que não; porque, por ambos os princípios tenho deixado empolgar o meu interesse e a minha atenção; mas, em todo o caso, se bem que vá de encontro a todos os princípios da lógica, opto pela doutrina de conquistar as simpatias e benevolência dos que me lêem ou dos que me ouvem logo nas primeiras palavras ditas ou escritas; porque, para o recheio central ou final, nunca me faltam artes e manhas, para navegar corajosa e desafrontadamente num mar, que eu já sei de antemão que está livre de tufões e de procelas.

Não sei se o dr. Aarão Reis, diretor da comissão construtora da nova Capital do Estado de Minas, antepõe ou pospõe os grandes efeitos nos seus empreendimentos e é mesmo muito natural que se não tenha preocupado com isso como marinheiro velho e experimentado nos mares da engenharia, que já se não assusta com os ciclones e macaréus que produzem o joguete de vento da opinião pública; mas o que posso afiançar é que

os *touristes* que visitarem o ex-Belo Horizonte transformado na garbosa "Minas" embatucarão imediatamente, diante da estação da estrada de ferro, erguida na nova Capital!

É a suntuosidade arquitetônica do edifício que deve produzir essa deslumbrante impressão?

É a grandeza da construção?

É a prolixidade da ornamentação?

É o estilo exótico e torturado dos lineamentos principais do edifício?

Não é nada disso que deve ostentar a futura *gare* da Capital de "Minas".

O que este edifício tem de mais característico é a sua feição eminentemente prática, emoldurada numa arquitetura simples e relativamente econômica e que, no meio da sua economia e simplicidade, apresenta grande elegância no agrupamento de linhas, grande clareza no aspecto exterior e que faz saltar aos olhos o fim a que é destinado o edifício e sobretudo uma grande comodidade; destas comodidades que se não arreiam com ostentações de requintado conforto e que se traduzem — por tudo quanto é necessário e nada mais do que o estritamente necessário!

Na fachada principal, nota-se, logo à primeira inspecção, esse ecleticismo arquitetônico moderno, que é a feição quase geral dos edifícios construídos na segunda metade deste século. O pavimento térreo (se assim se pode chamar) tem grande harmonia de linhas, graciosamente interrompida por duas rampas com balaústres e que corta artisticamente essa tal ou qual superabundância de paralelas, que ostentam todos os estilos de arquitetura.

Estas duas rampas dão serviço aos peões, que têm, além disso, como entradas e vomitórios, duas portas laterais; ao passo que os ricos ou os comodistas têm acesso direto pela porta principal, onde os carros entram e rodam com o maior desafogo.

Uma capital absolutamente nova, como a que vai edificar o Estado de Minas, não pode nem deve ser moldada pelos hábitos simples, caseiros e modestos do atual povo mineiro. O luxo, as comodidades, a elegância são bens ou males inevitáveis nas grandes coletividades, e os futuros *coupés*, vitórias *landáus*, caleças e *benders* deviam, desde já, entrar em linha de conta, como elementos futuros e que hão de irremessivelmente aparecer, com o desenvolvimento e progresso de uma grande cidade.

Separados por um pátio gradeado do corpo central, estão os dois corpos laterais; um, destinado à administração da linha; outro reservado, no pavimento inferior, para botequim, que tem ensanchas para acomodação de extraordinárias concorrências, num vistoso jardim e no pátio gradeado, que lhe fica ao lado. O primeiro andar nobre e o segundo, deste corpo lateral da estação, são reservados para um hotel, que, naturalmente, não será mais do que um hotel para pernoitar; mas que conta trinta e seis quartos muito espaçosos, iluminados e ventilados; tendo os do pavimento nobre cinco metros de altura e os do segundo três metros e cinqüenta, naturalmente reservados para os fâmulos ou mesmo para viajantes menos endinheirados ou mais econômicos.

Enquanto aos armazéns, são amplamente suficientes e neles há umas tesouras, que são uma maravilha de ligeireza e solidez.

Aqui está, a traços largos, descrito absolutamente pela rama o que é a nova estação da estrada de ferro de Belo Horizonte e que se vai ligar à Estrada de Ferro Central do Brasil, por uma estação construída em terreno triangular e que deve fornecer, ao arquiteto dessa outra estação, episódios de agrupamento de linhas arquitetônicas muito originais e mesmo muito felizes, se souber aproveitar-se daquela forma estranha e exótica que as necessidades do terreno lhe impõem.

Poderia apresentar ainda muitas informações sobre dimensões, sobre detalhes na decoração e ornamentação do edifício que se vai construir em Belo Horizonte; mas eu tenho, por sestro velho, escrever segundo as impressões do momento e se, nas descrições, a análise perde com isso, ganha a verdade do que descrevo e que faço sempre, respeitando a sinceridade da comoção estética e a probidade na sua manifestação.

E, como, falando de uma estação de estrada de ferro, é muito natural que fale na estrada de ferro que a ela se dirige, felicito aos mineiros e sobretudo às finanças do governo mineiro, pela extrema facilidade que apresenta esta estrada.

Tendo 14.592 metros, não se torna necessário o mais insignificante pontilhão. A sua rampa máxima (e essa mesmo em muito poucos lugares) é de 2% e a curva mínima tem 101 metros de raio!

Parece que a providência protege a edificação da nova capital de Minas; porque uma estrada de ferro, em semelhantes condições de exeqüibilidade, pode construir-se em quatro meses

e, na minha humilíssima opinião, o apito da primeira locomotiva será o início de uma era completamente nova para os íncolas e hospedados nesta esplêndida localidade.

Uma estrada de ferro que se ligasse à Central, foi a menina dos olhos do dr. Aarão Reis e do seu luzido estado-maior de engenheiros; porque praticamente nada se poderia fazer de importante e produtivo, em todos os demais ramos de serviço afeto à comissão construtora, sem que o material variadíssimo e numeroso que demanda tão complicada obra viesse trazido pela locomotiva que inutiliza de uma vez para sempre essas eternas boiadas que, de Sabará para aqui, arrastavam, em quarenta e oito horas e com uma chiadeira sonolenta, cem ou duzentos quilos de carga, à razão de quarenta mil réis por carrada!

Mas, ainda assim, tudo o mais tem caminhado com essa assombrosa rapidez dos que respeitam o rifão: andar devagar, para chegar depressa!

E os hoteleiros, os negociantes, os armazenistas, como as palhinhas arrastadas pelo tufão, vão caminhando, por bom ou mal grado. Já há perfumarias, capas à espanhola, fogos da China e xícaras com asa!

Só faltam teatros e um jornal.

Comédias e comédia!

Minas Gerais — 27-05-1894.
Pág. 5.

XXI(*)

O movimento postal de uma localidade não se mede pela massa bruta de sua população, mas pela difusão da sua primária e secundária, e pelas conquistas do seu progresso moral e material.

Assim é que, na Suiça, em que os analfabetos são entidades raríssimas, o movimento postal da maior parte de suas cidades e aldeias é comparativamente maior do que o de muitas capitais da Europa; e tanto a qualidade dos habitantes influi

(*) Publica-se novamente por ter saído com transposição que prejudica o sentido.
N. da I.

no movimento, que basta citar as localidades mais importantes de águas termais ou de banhos que, na estação apropriada, apresentam um incremento espantoso no seu movimento postal.

As populações flutuantes têm sobretudo grande ação na freqüência das cartas remetidas e recebidas; porque elas são, em geral, compostas de uma certa camada, à qual os meios de subsistência permitiram educar-se ou que na faina de entreter o comércio de amizade ou das mercadorias, se desata, a todo o momento, em epístolas, que são sempre trabalho fácil e mesmo recreativo, para quem manuseia a pena com igual facilidade com que dá à língua.

Belo Horizonte, no dizer do vigário da Matriz, possuia cerca de três mil habitantes que com certeza, se entregavam, com moderado ardor, aos graves empreendimentos de *construir* uma carta, apesar de ser ela quase sempre formada por chapas gastas e sumidas, como a que fatalmente inicia quase todas as missivas: "a minha, graças a Deus, ao fazer desta, é boa".

Mas o pessoal da comissão construtora da Nova Capital, com todos os seus demais pessoais anexos, modificou inteiramente o movimento epistolar de Belo Horizonte, para o qual até aqui bastava um estafeta cavalgando pela pitoresca estrada de Sabará e fazendo a sua viagem um dia sim e outro não, o que seria perfeitamente indiferente às pessoas que escreviam uma ou duas cartas anualmente; mas que é uma perfeita irrisão, diante do considerável movimento postal que produz a correspondência de centenares de pessoas ultimamente aqui estabelecidas e que escrevem pelos cotovelos, uns por interesse, outros por mitigar saudades.

A comissão construtora tem o seu correio particular, que todos os dias chega e todos os dias parte; mas este serviço postal, que não está sob a direta inspeção do sr. administrador geral dos correios, é destinado, como deve ser, à correspondência oficial e mesmo, talvez, à correspondência dos seus numerosos empregados superiores e subalternos; e a pequena população flutuante de Belo Horizonte, que veio atraida, para aqui, pela multiplicidade de negócios que proporciona o vasto empreendimento de construir uma capital nova, espera oito dias pela resposta de uma carta, dirigida para o Rio de Janeiro e quatro por uma endereçada para a vizinha cidade de Sabará, ao passo que Ouro Preto, que fica a cerca de cem léguas do Rio de Janeiro, pode resolver esse dificuldade em três ou quatro dias!

E aqui está como se prova que é mais moroso trazer a resposta de uma carta de Sabará a Belo Horizonte, duas localidades separadas apenas por três léguas escassas, do que de Sabará ao Rio de Janeiro, cidades separadas por dezessete horas de estrada de ferro e pela distância de mais de cem léguas?

Se os moradores do Belo Horizonte se queixam pela demora havida em dotar este importante núcleo de população com um estafeta diário, embora chouteando em magra alimária, com a velocidade média de quatro quilômetros por hora; imaginem como eles se queixarão da falta de telégrafo que, com razão, ainda não existe entre Belo Horizonte e Sabará e que, sem ela, também não existe entre Sabará e outros pontos próximos ou distantes da República.

Os agentes das estações da Estrada de Ferro Central do Brasil recebem, é verdade, os telegramas e a sua respectiva importância; recebem mesmo telegramas com resposta paga; mas, tanto o despacho telegráfico como a sua respectiva resposta, encalham quase sempre a meio da linha, e essa interrupção não é momentânea como sucede aos trens em atraso; mas eterna ou, às vezes, quase eterna; porque é uma verdadeira eternidade a demora oito dias na expedição de um telegrama quando, ansiosos, perguntamos por aqueles que nos adoram ou que adoramos!

Se os telegramas se não aceitassem conformar-nos-íamos com a medida dura, mas que podia ser indispensavelmente necessária.

Mas receber-se telegramas, a sua importância, mesmo com o apêndice da resposta paga, e eles não chegarem ao seu destino, é que me parece caso para cismar, e por longo tempo.

Consolemo-nos, explicando o caso sem o explicar, como já o fez Camões em transes difíceis, nos seus *Lusíadas:*

Digam os sábios da escritura
Que segredos são estes da natura.

O dr. Aarão Reis atravessa, talvez, agora, a fase mais difícil e atribulada da importante comissão que lhe foi confiada pelo Presidente do Estado de Minas: a da desapropriação.

Em todos os países, a desapropriação por utilidade pública nunca, ou quase nunca, fornece aos proprietários ensejo para fazerem um bom negócio.

Em Belo Horizonte há, porém, fatos especiais, que ainda tornam mais dura essa expropriação, se bem que perfeitamente justa e legal.

As propriedades aqui tinham um valor insignificantíssimo e aparentemente mais insignificante ainda; porque a décima predial era, em geral, calculada por valor muito inferior ao seu produto locativo; fato aliás muito vulgar em todos os Estados do Brasil e mesmo em Espanha, Portugal, Itália, e poderia dizer mesmo, sem grande injustiça, em todos os países do mundo.

Os que valorizaram as suas propriedades por menos, com o fim de fraudar o fisco, com a mais absoluta inocência, com a maior serenidade de consciência, porque é corrente, entre o povo, que roubar a nação não é pecado, vêem-se agora colhidas nas malhas da própria rede que apertaram, o que é a mais desastrosa e desoladora decepção; porque, cavando a ruína pelas suas próprias mãos, sem sequer podem ter e alívio de queixas, motivadas em males que não sejam os da sua própria lavra!

Havia, além disso, prédios sem nenhum valor locativo e que se alugavam gratuitamente, só para que os inquilinos os mantivessem num estado de uma tal ou qual conservação; havia culturas tentadas, aos acasos da fortuna, em terrenos do Estado, e todos estes posseiros e proprietários mais ou menos contestáveis e contestados de Belo Horizonte olharam apenas para o futuro, que lhes prometia a instalação de uma grande capital nestes terrenos, e mesmo o pouco que olharam para os sorrisos do futuro fez-lhes esquecer que o valor das suas propriedades ia ser considerado a valer e que os seus supostos direitos teriam de ceder, diante da lei, que até hoje não tinha vindo ter com eles; mas que lhes apareceu, como espectro sinistro, logo que se tornou necessária a sua aparição!

Uns, que se tinham por espertos, foram ultimamente pagar o imposto proporcional a um exagerado valor locativo; outros agarram-se aos melhoramentos e benefícios que fizeram nas suas propriedades; outros, finalmente, alegam exceções que realmente se não fizeram; mas todos se esquecem que estão sob a alçada da lei e de uma lei que não foi arquitetada expressamente e de momento, para o caso que agora os desnorteia!

O dr. Aarão Reis, que, como chefe da comissão construtora, é apenas o executor dessa lei, tem procedido até agora

com toda a prudência e justiça; mas o mal que se faz a outrem, embora seja feito com a mais escrupulosa legalidade, sempre é ato que molesta e aflige.

Minas Gerais — 01-06-1894.
Pág. 3.

XXII

A matriz de Belo Horizonte tem um relógio e um relógio que dá horas e todas as pessoas que conhecem a minha *ojeriza*, com os relógios de torre e seus derivados, já podem ter calculado o que tenho sofrido; tendo, a cavaleiro da minha estafada individualidade, o badalar do sino deste relógio que, nos seus sestros, manhas e manias, anda na mais completa oposição, com tudo quanto há de lógico e de racional.

Em primeiro lugar, o relógio da matriz de Belo Horizonte, animado do mais louvável espírito de classe, serve para que toda a população da localidade nunca saiba a que horas anda!

Neste ponto, não há que censurá-lo; porque todos sabem que, em todas as cidades deste mundo e creio mesmo que do outro, o badalar das três pancadas do meio-dia sucede-se, em todas as torres e campanários, pelo espaço de meia hora.

Vim uma vez, de Belém para Lisboa, que ficam a uma légua bem puxada, ouvindo os toques do meio-dia, desde o momento da partida até o momento da chegada.

E o fato repetiu-se por tantas vezes, que cheguei a acreditar que o meridiano daquelas duas cidades ribeirinhas do "Tejo de cristal" fazia diferença de meia hora!

Mas o caso foi-me depois explicado. Quem dá as três badaladas do meio-dia é o sacristão. Ora, o sacristão, mal pago pela igreja, vê-se na necessidade de acumular dois empregos: o de vendeiro, por exemplo ou, então, o de alfaiate ou sapateiro.

Falemos francamente: pode exigir-se, de um pobre sacristão, que abandone o freguês, a quem vende meio quilo de toucinho ou dois decilitros de cachaça; pode impor-se um mesquinho aquinhoado pelas rendas da igreja, que abandone umas tombas bem assentes e cosidas num par de botas, só para ir puxar pela corda do sino, que tem por missão anunciar aos

povos que é ou que pode ser meio-dia; porque, no século dezenove, já não há quem acredite piamente, nas horas fantasiosas de campanário nem na palavra de honra nunca cumprida dos alfaiates!

É por isso que respeito o sino do relógio de Belo Horizonte: conserva intacta a vetusta tradição de que "os relógios de torre servem exclusivamente para nunca sabermos que horas são!"

Outra insuportável mania tem este nefando gotejador de horas: é a de deitar a correr à desfilada, no tempo quente, e de ficar quase imóvel, nos dias frios!

De madrugada, quando me levanto, tenho por hábito consultar um termômetro que possuo dependurado à cabeceira e, tão habituado estou a regular a atividade e a preguiça do relógio da matriz, pela ascensão ou descensão da coluna de mercúrio do meu termômetro, que instintivamente, murmuro sempre: "Doze graus! Grande preguiça no relógio da matriz".

Ou então: "Olá! Vinte oito graus centígrados! O relógio da igreja, com certeza, já, a estas horas, está no dia de amanhã!

O fato de correr com o calor e de ficar quieto com o frio vai de encontro a todos os princípios da higiene; mas tem a sua explicação baseada nos mais severos princípios científicos; princípios que conheço por Espírito-Santo de orelhas, porque apesar de ser homem de princípios, faltam-me exatamente os princípios da ciência.

Mas lá vai o que me disseram:

O relógio é, de vez em quando, lubrificado com azeite de peixe, de peixe ou do algodão, de algodão ou de qualquer outra procedência vegetal, mineral ou animal, que pertença ao capítulo dos azeites baratos!

Como se limpe raras vezes o relógio, ou como mesmo ele nunca se limpe, as camadas acumuladas de óleo de várias procedências formam crostas espessíssimas, que se liquidificam com o calor ou, então, que se tornam de uma grossura densa e teimosa, quando o frio aperta...

Digo que o frio aperta; porque também me ensinaram que o frio, em geral, aperta.

Ora já se deixa ver, mesmo aos menos versados na ciência mecânica, que o tal azeite suspeito, durante o calor, lubrifica e, durante o frio, constrange e emperra os movimentos

daquela desconjuntada caranguejola e assim se explica como os incolas de Belo Horizonte se levantam mais cedo de verão e mais tarde de inverno; fato que não tem a menor novidade para mim, que sempre tive pronunciado pendor, para admirar as alvoradas tépidas e luminosas e para *açucarar* três horas na cama, depois do sol polido e trêmulo ter espreitado, por cima das colinas, veladas por denso e pardacento nevoeiro!

O relógio de Belo Horizonte é, portanto, uma das minhas infelicidades e como eu, pelas muitas que tenho tido, já as estude e encare frente a frente, fui saber que o famoso desregulador da igreja matriz de Belo Horizonte havia sido construído por um ferreiro chamado Manoel José das Infelicidades!

Contaram-me muitas, que ele tivera na sua atribulada vida; mas eu só reti duas de memória: o desastroso parto daquele relógio, que foi uma espantosa infelicidade e o desgraçado parto de uma filha, chamada Prisca, que nascera cega de um olho: do esquerdo ou do direito, que já me não lembro bem!

Os leitores relevarão de eu não citar as outras infelicidades do Manoel José das Ditas; contentando-se com estas duas que citei: um parto direto e absolutamente seu — o parto do relógio; e o parto indireto e provocado por ele — o parto de sua filha Prisca!

E contaram-me que era um ferreiro habilíssimo; mas tão infeliz, tão caipora, tão perseguido pela macaca, que tudo lhe saía às avessas e, como o feitiço sempre lhe virasse contra o feiticeiro, adotou o nome de Manoel José das Infelicidades; verdadeiro ferreiro de maldição, que, quando tinha ferro, não tinha carvão.

Eu, por coleguismo, perdôo-lhe o mal que me faz, com o irregular andamento do seu relógio; porque, coitadinho! Mais caipora do que ele, só conheço um — eu!

Mas, ao saber alguns fatos da vida deste desgraçado perpetrador de badalada, tive também conhecimento da existência de um tal Luiz de Souza Menezes, individualidade muito respeitada aqui no lugar, por haver sido o descobridor do ferro (?) na província de Minas, e por haver sido de mais a mais, o primeiro que conseguiu fundi-lo (!!!)

O rei, (que o caso deve ter sido passado nos tempos de El-Rei Nosso Senhor), ficou tão admirado, com o faro e *habilidura* do seu súdito de além-mar, que, louvando-o natural-

mente por carta régia, firmada por seu soberano punho, que talvez assinasse com cruz, verdadeiro símbolo do cristianismo e não menos verdadeiro subterfúgio para uso dos reais analfabetos, lhe perguntara o que queria, como condigna remuneração do seu raro e incomensurável talento.

Os seus invejosos — porque todos os homens superiores têm irremissivelmente em torno de si um cortejo de invejosos, espalharam logo que ele pediria uma comenda ou moradia; mesmo uma comenda de Vila Viçosa, que tem por benefício e comedorias, um alqueire de cevada e quatro ferraduras; outros, que não podiam ocultar o *ferro* que tinham pelo ferro que o Menezes descobrira e fundira, inventaram que ele teria abafas e empáfias de ser titular, com muitos quartéis no brasão; outros, finalmente, caluniaram-no, espalhando que o Menezes levantara olhos irreverentes para uma princesa de sangue, pretendendo entrar na família real, não pela porta escusa dos casamentos morganáticos; mas pela porta principal, aberta só para os casamentos com mão direita!

Pois o nosso Luiz de Souza Menezes pediu apenas para ser nomeado capitão da guarda nacional!

Quantos, atualmente, se contentariam, não havendo descoberto coisa nenhuma, com a patente de coronel ou mesmo de general?

Minas Gerais — 03-06-1894.
Págs. 3 e 4.

XXIII

Durante muito tempo freqüentei o observatório astronômico do Rio de Janeiro.

Atraia-me para aí a profunda veneração que tinha pelo grande Emmanuel Liais e a íntima amizade que sempre nos ligou, por um destes inexplicáveis fenômenos, que reúnem e congregam o que é imensamente grande com o que é infinitamente pequeno.

Passávamos horas e horas juntos, eu agarrado ao telescópio, imenso na imensidade do céu e da minha crassa e lastimável ignorância; ele, sentado no meu lado, falando com a singeleza necessária para crianças ou para analfabetos sobre coisas do universo.

E, por entre os mesquinhos títulos e diplomas que tenho, olho sempre com desvanecimento para um exemplar, primorosamente encadernado do seu livro *l'Espace Céleste*, onde, em letra microscópica, existe uma bondosa e complacente dedicatória à minha

humilíssima individualidade e para umas longas cartas, lavradas já com mão bastante trêmula e nas quais me falava, talvez sem razão, nos serviços que prestei ao estabelecimento que ele tão digna e zelosamente dirigia.

Pois bem, nessa minha fúria de me ilustrar em ciência superior às minhas forças intelectuais e ao meu exíguo cabedal de instrução, havia uma idéia inconfessável — a de, pela contemplação do céu, poder sacudir, de uma feita e para sempre, o espírito religioso que haviam inoculado em mim as austeras e piedosas lições de minha mãe.

E, com a maior surpresa, com uma satisfação secreta, embora de encontro aos fins que me levavam à contemplação dos astros, arraigaram-se mais em mim as minhas crenças religiosas; tanto é certo que o homem, depois de levado pelas deduções científicas à não existência de Deus, reserva, secreta ou ostensivamente, no íntimo da sua alma, um cantinho onde se aninha uma dúvida ou antes, uma crença em que se dá, à causa ou a Deus, um importante lugar.

Mas, se sou religioso, se considero a religião cristã como a mais bela e confortadora de todas as mitologias, nem por isso deixo de entender que a religião cristã, como aliás todas as religiões, têm naturalmente de se afeiçoar às idéias do século; como sempre se afeiçoou aos modos de ver, de crer e de sentir dos homens de todas as épocas; que se inundam, por assim dizer, numa entonação especial e que corresponde às vistas, crenças e sentimentos que reinam e dominam nesse tempo.

Olhemos, por exemplo, para o *Juizo Final*, de Miguel Angelo e o que vemos?

Um Cristo, iracundo e vingador, musculoso como um atleta de circo; ameaçando os pecadores com as severas e justas pancadas do seu látego!

As almas, naquela grande composição artística, aparecem trêmulas, aterradas; porque supõem achar-se, não diante do Deus de misericórdia, mas na presença do Deus vingador; naqueles corpos reunidos, depois de tão longa separação, às almas ninguém descobre um olhar de esperança, um beatífico êxtase de adoração, porque nenhum se considera diante de um pai bondoso, mas diante de um juiz inexorável!

Tal é a admirável e monstruosa obra-prima de Miguel Angelo e tais são as idéias religiosas abraçadas pelos homens da idade média.

Mas, se depois olharmos para o adorável quadro de Ary Scheffer, representando *Cristo e as crianças* já encontramos o Salvador, sereno e meigo, estendendo os braços protetores para as ino-

centes crianças e, em todos os lineamentos daquela sublime figura, só vemos doçura, misericórdia, complacência, paz e amor, porque Ary Scheffer floresceu em meados deste século, quando as idéias religiosas eram vasadas nos tacelos mais humanos e mais de acordo com o programa do Deus-homem, que veio ao mundo para nos salvar e redimir.

Mas, ao descambar do século XIX, o naturalista Bonat pinta o seu famoso Cristo para o Tribunal do Júri e, nessa comovedora concepção artistica, não se vê no Deus-homem senão o Homem e que, como homem, sofre as cruciantes dores que lhe causam a coroa de espinhos e brutais cravos que lhe atravessam os pés.

E, diante daquela prodigiosa produção da nova escola naturalista, que não é mais do que uma modalidade da Escola da Verdade que, atualmente, se alastra por todos os ramos da ciência, da arte e da literatura, o criminoso sente-se assoberbado pela imagem daquele homem sem pecado e, na presença do qual, o mais miserável dos assassinos não se atreveria a fazer em falso, um juramento de alma.

E o Cristo de Miguel Angelo, de Ary Scheffer e de Bonat foi igualmente aceito pelos crentes das suas correspondentes épocas e basta isto para provar como a mesma religião passa, sem cisma nem apostasias, pelas mais radicais e completas transformações.

Entretanto, o vigário da matriz de Belo Horizonte parece um dos poucos sacerdotes modernos que não admitem estas concessões feitas geralmente aos fiéis do presente século.

É um homem bom, bem intencionado, talvez padre instruido como padre, mas parecendo completamente alheiado das conquistas cientificas modernas e, sobretudo, sem os imprescindiveis e dificilimos dotes necessários num sacerdote que vai assistir à transformação, de uma insignificante povoação numa importantissima capital, transição em que, para a religião, hábitos e costumes, seria mais necessário um arguto e esperto diplomata, do que um sacerdote irritadiço e sem o menor pendor para transigir com as idéias religiosas gerais, que necessariamente, hão de dominar numa população que tende a ser verdadeiramente cosmopolita.

Na religião, como em todas as demais coisas deste mundo, os meios brandos e suasórios são sempre mais eficazes do que os meios e processos violentos, contra os quais reage instintivamente a liberdade e civilização do nosso século.

Em lugar de se pregar contra a dança, essa nefanda dança, que tem seduzido todos os homens, todas as mulheres, todos os séculos e todos os povos do mundo civilizado e não civilizado; em lugar de pretender demonstrar, do alto do púlpito e com a solenidade da

prédica, que todo o bom e singelo mineiro que se deixar enterrar sem mortalha fará uma triste e constrangida figura, quando, chegado o Julgamento Final, se vir diante do Deus bom e misericordioso, com paletó e calças de brim de Minas; em lugar de negar a bênção, na igreja, enquanto diante da cruz da sua mão direita não estiverem todos prostrados a seus pés; em lugar de reservar nomes, na memória ou em livro negro, para execração e castigo futuro de Deus e talvez dos homens; em lugar de aconselhar os fiéis a levantar baluartes contra a onda irreligiosa que promete invadir a localidade, não seria melhor aumentar as ovelhas do seu rebanho com as famílias dos recém-chegados, que, diante da sua exagerada austeridade, se afastam, parecendo ovelhas tresmalhadas do piedoso redil? Não seria mais conveniente iniciar a fundação de mais escolas de instrução primária, estabelecer *creches* para essa futura população operária, que terá, na maior parte dos casos, de confiar, ao pequeno juízo de seus filhinhos a sua própria guarda durante as horas de trabalho? Não seria, sobretudo, convenientíssimo e perfeitamente permitido explorar a vaidade e natural ostentação das novas devotas em proveito dos esplendores do culto sagrado, essa indispensável encenação em todas as religiões para eficaz impressão do povo?

Por enquanto não tem havido o menor atrito entre sacerdote, os seus fiéis e os membros da comissão que, pressentindo uma como que trovoada ao longe, resolveram, por acordo tácito, afastar-se completamente do templo.

Ora, eu lastimo isto profundamente, pela igreja, pela paz religiosa, que eu desejaria ver cimentada para o futuro na esplêndida "Minas" e sobretudo porque aprecio e admiro a austera existência deste vigário, irrepreensível na sua vida privada, zeloso até o sacrifício pelo bem das suas ovelhas, a quem vai prestar os socorros da igreja, a dezenas de léguas, ao sol, ao frio ou à chuva, e admiro, sobretudo, como de um homem na flor da idade se pode fazer um velho na seriedade, compostura e correção de todos os seus atos.

Eis aqui o que entendo sobre a norma de proceder que devia ter este sacerdote diante da grande coletividade que o vai cercar e que o digo e escrevo, como fiz sempre, sem refolhos nem rebuços e com tanto mais entusiasmo quanto o cultivo a sua amizade.

Minas Gerais — 10-06-1894.
Pág. 4.

XXIV

A chegada do dr. José de Magalhães com os seus quatros magníficos cavalos árabes, foi um verdadeiro acontecimento para os incolas de Belo Horizonte.

É a vantagem que têm os pequenos teatros e as pequenas povoações, todas as cenas fazem efeito, todos os sucessos pequenos, medíocres ou grandes tomam as proporções avantajadas de grandes acontecimentos.

E, depois, o povo mineiro é todo ele, mais ou menos entendido em animais de montaria e a indústria de criador teria chegado aqui a grande desenvolvimento se o governo a tivesse auxiliado com coudelarias-modelos e mesmo com a criação de institutos zootécnicos e veterinários, para que a ciência do criador de gado cavalar, vacum e ovelhume não fosse a trilha empírica herdada de avós para netos, como as receitas de curandeiros, que atravessam três ou quatro gerações, envoltas em mistérios e crendices que só muitos séculos de atrito civilizador podem desmascarar e destruir.

Sem este pendor inato do nosso povo para a montaria não é muito para estranhar que os animais fossem rodeados pelos amadores, admirados, comentados e avaliados pelos entendidos, que, no capítulo avaliação, ficaram com certeza muitos furos abaixo do que realmente valiam e custavam tais animais.

E os cavalos, galgadores impávidos dos desertos africanos, como *bons princes*, deixavam-se apalpar, permitiam que lhes escancarassem a boca, que os mudassem de lugar; tanto é certo que é ilimitada a bondade, complascência e aristocrática *democracia*, de todos os fidalgos de *vieille roche*, de dois e mesmo de quatro pés!

Eu, que diante de animais de sangue quente, sempre me conservo a respeitosa distância, também, de longe, lhe fiz a minha corte e, por indagações indiscretas que fiz sobre a sua naturalidade e filiação fiquei sabendo, que o Estado de Minas, sem dispender um vintém com a encomenda, possui agora dois sultões e uma sultana; dos quais há muito que esperar, em prol dos melhoramentos do cavalo mineiro, pacífico, forte, resistente mas burguês, tardio, sorumbático e pesadão.

E, para isso... é só deixar correr e marfim.

Descreverei, como entendido, bisonho e hesitante, três desses animais, e que já vi.

Ben-Chicão, um alazão dourado, de quatro anos e que custou 5.300 francos.

É um animal musculoso, com um pescoço encaracolado, como alguns cavalos de bronze das estátuas eqüestres, pernas finíssimas, cabeça e porte expressivo; com olhos que falam e ventas dilatadas, como dois escovens de navio; um dos característicos mais particulares dos cavalos africanos.

Mascaro, tordilho-sabino, de cinco anos, e que custou 3.000 francos.

Tem uma aparência mais para despertar a atenção do nosso povo. É mais roliço da anca, mais enfunado no andar, mais garboso no modo de levantar a cabeça, mais espumante na boca, mais escavador da terra, mais sultão nas prosápias e empáfias do relinchar; mas menos cavalo do deserto, do que o precedente.

Diante da massa geral do povo, é de todos os animais do dr. Magalhães aquele que obteria mais votos; mas a maioria de votos já todos sabem que nem sempre representa a superioridade inconstestável do votado.

Messaouda, égua alazã, de sete anos e que custou 5.000 francos.

Não me detenho na enumeração das qualidades deste formosissimo animal, porque sempre entendi que, em todos os seres da criação, o sexo fraco deve estar muito acima dos elogios e da censura da crítica!

Todos estes animais, que vieram enriquecer o Estado de Minas, com a sua presença, vêm marcados pelo *stad-bock* de Argel e trazem um crescente e uma estrela no pescoço.

Só estes três produtos árabes custaram 13.300 francos que, ao câmbio atual, representam nada mais nem nada menos, do que treze contos e trezentos mil réis.

É o que verdadeiramente se pode chamar: um pau por um olho!

Agora que já falei pela rama e como se deve descrever aquilo que se vê de longe, dos três animais: *Ben-Chicão, Mascaro e Messaouda*, vou falar do seu feliz possuidor o engenheiro arquiteto, dr. José de Magalhães, e já me parece estar vendo, aqui, o carregar do sobrolho dos meus leitores, o seu desdenhoso descair de lábios, por me ouvirem primeiro falar nos cavalos, do que no seu respectivo dono!

Pois, foi muito de indústria que o fiz.

Muito de indústria, muito de acordo com a cortesia e creio mesmo que muito de acordo com o seu modo de sentir e de pensar.

Um homem que povoa exclusivamente as suas cavalariças com animais árabes, não pode ser um amador vulgar, um especulador de circo de corridas.

Conhece a vida e superiores qualidades do cavalo árabe; comprou-os com todas as cautelas e finuras de entendedor e basta ver como o dr. Magalhães fala dos cavalos africanos, como conhece os

cuidados de que precisam, os meios de os domar pelos afagos e pela voz, para que todos se convençam que, naquele cavaleiro, — porque é infalivelmente cavaleiro quem confia o corpo ao caprichoso corcovear e desordenada marcha de tais animais, — há o quer que é do cavaleiro africano, o quer que é da sua mística adoração pelo corcel e sobretudo pelo seu corcel!

Ora, para o árabe, o cavalo está em primeiro lugar; no segundo, está a sua individualidade!

Eis o motivo porque, cantando a glória dos seus favoritos cavalos árabes, eu os pus em primeiro plano.

Quase árabe, na fibra e nas predileções, o dr. Magalhães deve ficar satisfeitissimo no segundo plano, que lhe assinalo neste artigo.

E dado este cavaco ao melindre oficioso de algum leitor mais cristão do que o papa e não ao distinto artista, passo a dizer o que me ocorrer sobre os incontestáveis méritos do dr. José de Magalhães engenheiro e arquiteto *de verdade;* duas entidades que parece haverem nascido para caminharem sempre de parceria, mas, que infelizmente, raras vezes vemos reunidas, em homens do Brasil.

José de Magalhães nasceu em Pernambuco, fez o seu curso de engenharia na escola central do Rio de Janeiro: Seguindo depois para Paris, onde estudou arquitetura, na Academia de Belas Artes, debaixo da direção do célebre Daumet, o arquiteto do *Ecce Homo* de Jerusalém.

Eu, que tive a felicidade de ser modestissimo discípulo de um notável discípulo de arquitetura, da Academia de Belas Artes de Paris, considerei sempre o estudo desta disciplina artística muito mais perfeito, completo e metodizado na França do que na Itália e mesmo na Alemanha.

Ao passo que a Itália moderna tem dado a maior fuga e liberdade às criações da pintura e da escultura; o estudo da música, visivelmente descurado neste século, tem-na feito descair e atrasar; e os seus arquitetos, como que alheiados às exigências da vida atual, tem-se por demais mantido nas fórmulas clássicas, purissimas se o quiserem, mas inteiramente avessas ao modo de viver e de sentir do homem do século dezenove.

Na minha humilíssima opinião não é na contemplação e respeito da arte grega que o arquiteto moderno se deve inspirar, nem tão pouco, no exagerado senso prático da arquitetura norte-americana; ainda menos na arquitetura inglesa, que representa a infeliz luta da estética, com as hipérboles do *confortable* e com a sufocante necessidade do espaço.

A França arquitetônica moderna é, no meu entender, o único modelo a seguir, porque se adapta, com pequenas modificações, aos povos do norte, do sul, das zonas frígidas ou das zonas quentes.

O dr. José de Magalhães parece que também assim o entendeu e fez-se um arquiteto francês e, creio pensou bem!

Minas Gerais — 27-06-1894.
Pág. 4.

XXV

Quando o dr. José de Magalhães chegou ao Rio de Janeiro, já eu, de há muito, havia iniciado, no *Jornal do Comércio*, uma cruzada feroz e sem mercê, contra os mestres de obras, que monopolizavam todas as construções e haviam transformado a Capital do Brasil na cidade mais mal construída do mundo.

Assisti, por assim dizer, ao nascimento do *chalet*, no Rio de Janeiro, esse *chalet* primitivamente destinado às casas, onde se fabricavam manteiga e queijos, na Suíça, depois adaptadas às suas formas pitorescas, às vivendas dos ricaços das regiões do Norte da Europa e, ainda depois, implantadas na nossa terra, onde o calor sobe a alturas hiperbólicas e onde as formas, embora degeneradas do verdadeiro *chalet*, desarmonizam, praguejam e protestam contra o sol, como praguejam e protestam todos os seres, transplantados para os climas inteiramente avessos e opostos àquele em que nasceram.

Demais, sempre o disse e escrevi: no Rio de Janeiro, não há *chalets*, há casas com bicos!

Adquirido um terreno, transação em que se atendia quase que exclusivamente economia da compra e um pouco também ao local em que ele estava situado, chamava-se um mestre-de-obras, isto é, um pedreiro ou carpinteiro *fantasiado* com esse título e entrava-se em ajustes sobre o preço e sobre o número de quartos.

O arquiteto improvisado fazia um alicerce também improvisado; cravava, nos ângulos quatro paus a prumo; engendrava uma tesoura, cuja força e resistência se fundia numas leis mecânicas especiais, preferia a alvenaria, porque o tijolo, fácil de contar não se precisava tão bem a *meter a unha* no freguês e, ao cabo de quinze dias, estava uma gaiola armada; isto é, uma gaiola que, com certeza, marearia os créditos de um gaioleiro que tivesse aprendido o ofício!

Depois de competentemente armada aquela caranguejeira; depois de aplicada a obra de esquadria, que nunca estava em es-

quadria; depois de mal emboçadas as paredes, então é que se tratava da ornamentação e, antes de se proceder a esse importante vandalismo artístico, havia irremissivelmente uma conferência, entre o mestre e a vítima — o proprietário.

Assisti muitas dessas conferências; porque sempre tive o vezo de estudar os assuntos ao natural e quase todas elas, salvo ligeiras variantes de linguagem ou de preço, passavam-se da seguinte maneira:

— Agora, que enfeites quer o senhor que lhe ponha, no seu palácio?

— Homem, respondia o proprietário, com um sorriso entre orgulhoso e modesto, ouvindo a imponência e sonoridade da palavra "palácio"; ponha para aí uns *arrebiques*, que não custem muito dinheiro.

— Se quer estátuas ou vasos nas esquinas, fica-lhe obra mais asseada.

— Hum! estátuas e vasos ficam mais fino no preço!

— Qual! arranjo-lhe umas estátuas; vidradas, feitas na fábrica das Devezas, do Porto; que é o que há de melhor em escultura.

— E quanto custa essa história?

— Deve regular por quinhentos ou seiscentos mil réis.

— Deus nos acuda! Eu gastava lá esse dinheiro! Olhe, mestre, ponha aí qualquer coisa, que fique bonito e que custe pouco dinheiro.

— Então, ponho lhe cem mil réis de enfeites?

— Pois ponha. Estes mestres de obra tiram-nos os olhos da cara!

E os tais enfeites compõem-se de umas *chapas* de gesso, de uns lambrequins chavões; de...

Mas, para que perder tempo, com semelhante enumeração; quando esta frase explica eloqüentemente tudo: — *cem mil réis de enfeites!*

Mas a preferência pelos mestres de obra não existia só nas classes menos ilustradas no Rio de Janeiro.

Um dos meus colegas do jornalismo, escritor de grande mérito e de justificada reputação, aconselhando-o eu a que tomasse um arquiteto para planejar e dirigir a construção de uma casa, que ia levantar na rua de d. Carlota, respondeu-me:

— Já sei: um arquiteto para a casa cair abaixo logo dois meses depois de acabada!

Sobre o que era a arquitetura no Rio de Janeiro, até estes últimos dez anos, não exagero no que estou dizendo e todos ainda hoje podem verificar os vandalismos arquitetônicos de que foi vítima a capital do Brasil; visitando a cidade nova e os bairros suburbanos de Vila Izabel, Andaraí Grande, Engenho Novo, etc.

O dr. José de Magalhães encontrou, portanto, um teatro vastíssimo, onde pudesse exercer a sua atividade e competência artística; mas também uma indisposição quase geral dos habitantes da Capital contra os arquitetos; indisposição em parte justificada também pela insuficiência, atraso e pedantismo de alguns arquitetos que havia então e que realmente não eram arquitetos senão no nome!

Encontranmo-nos, pela primeira vez, creio, quando fui, em serviço do *Jornal do Comércio*, visitar o edifício da câmara municipal do Rio; um acervo de disparates arquitetônicos e que fora entregue ao dr. Magalhães, para o modificar e remendar, como possível lhe fosse.

Ainda assim, o discípulo de Daumet fez ali muito, mas o que "torno nasce, tarde ou nunca se indireita" e não é de certo, do palácio da câmara municipal do Rio de Janeiro, que o nosso arquiteto tirara o mais farto quinhão da sua glória artística.

Lembro-me que conversamos muito sobre arquitetura; eu desenvolvendo-lhe todos os planos estratégicos da minha consoante e encarniçada guerra contra os mestres-de-obra; ele expondo-me as suas idéias sobre a dificuldade com que ia lutar no Rio de Janeiro, cuja população ainda estava tão pouco preparada, para auxiliar e aproveitar um arquiteto.

"Um arquiteto tem um edifício que construir, dizia-me ele. Dão-lhe um programa confuso como, de ordinário são todos os programas. É forçoso satisfazer as necessidades e serviços diversos. Depois de várias combinações tendo enchido muitas folhas de traçados julga o arquiteto achar, no seu programa uma idéia principal, dominante, póde entrever o edifício, e como os serviços diversos se devem sujeitar a uma disposição larga, comum a todos.

"Achando o plano; o edifício levanta-se no seu espírito, a estabilidade, os meios de construção indicam-lhe a aparência ex-

terna porque as disposições últimas devem-se manifestar no exterior; a idéia do plano é acusada na elevação, umas partes devem ser enriquecidas, outras sacrificadas.

E então procurava-me convencer de quanto seria difícil fazer aceitar todos estes requintes de arquitetura aos nossos compatriotas ainda tão bisonhos na arte.

E depois continuou, fazendo-se ver a necessidade de abolir a construção com revestimentos de cal, que dá aos edifícios a aparência de pão-de-ló enfeitado, verdadeira obra de confeiteiro!

Não há arquitetura, sem o emprego indicioso de materiais, tais, como o tijolo, o mármore, granito, etc.

No Brasil, não se vê senão colunas e cimalhas de cal, fingindo pedra; estuques fingindo mármore, esculturas e lavores de cal, abóbadas de ripas, revestidas de cal, etc. A arquitetura, entre nós, procura com maus materiais simular qualquer coisa; procura enganar em quanto à forma e à matéria; constrói-se empiricamente obra de mestre vulgar que deixa de parte todos os processos modernos."

Eis, pouco mais ou menos, como pensa o engenheiro arquiteto, que vem construir a Nova Capital de Minas.

Minas Gerais — 01-07-1894.
Pág. 6.

XXVI

O vasto repositório das histórias velhas é inesgotável tesouro para todos os gostos e adaptações modernas; como o incomensurável aditário das máximas, adágios e rifões, é carapuça que se pode aplicar a qualquer das nossas conveniências; porque é pau para toda a obra, no dizer dos antigos e tomando, como o fabuloso camaleão, todos os matizes e gradações do objeto sobre que pousa, ao grado da elasticidade da consciência dos humanos.

E é talvez por isso, que se diz que os adágios são a sabedoria das nações.

Que lhes preste!

Esta digressão posta à entrada do assunto, como carne em gancho de açougue, abroqueleia a centésima edição da his-

tória *Rei o ovo e o estalajadeiro* e que agora faço reviver, nos prelos do *Minas Gerais*, porque ela vem de molde e cabe em citação, para escudo e conveniência do que intento escrever.

Era uma vez um rei, muito largo e generoso, no desatar de graças e mercês aos seus favoritos, e não menos pródigo e grandioso no distribuir o látego e o real arrocho nas costas dos seus fiéis e antipáticos súditos e servos que, na frase dos leais moralistas e cronicqueiros, eram a mesma entidade; visto a natureza haver amassado o seu barro com os glóbulos e pigmentos plebeus, do sangue vermelho.

O rei *esplesnetico* pela saciedade dos seus gozos; farto dos dourados caixotões dos tetos do seu suntuoso palácio; dispéptico pela exagerada abundância e variedade dos manjares da sua mesa; quis-se ir campos em fora, repastar-se nas pitorescas galas da natureza, refazer o sangue e alargar as funções do pulmão, aspirando o vivo perfume das florestas e recebendo desrespeitosamente em cheio, nas reais bochechas, os açoites da brisa da manhã e as democráticas picadas dos mosquitos e borrachudos; as duas classes de bichos mais abertas e desaforadamente republicanas, que Deus pôs no mundo, se é que não haja mais sobejas razões para acreditar que fosse o diabo que, como a sogra, os pusesse ao lado do homem para seu martírio e comicheira!

Os passeios, em que se aspira a aperitiva seiva das árvores, despertam o apetite, e o soberano, aproveitando o ensejo de demonstrar o seu amor pela plebe, que citados moralistas e cronicqueiros consideravam doutamente como sinônimo de canalha e mesmo de ralé, entrou numa estalagem e encomendou, para o seu enfastiado estômago, um ovo frito.

Eu não sei se o estalajadeiro empregou na operação culinária, manteiga conscienciosamente fabricada com leite ou simples banha de porco; sendo possível que a primeira entrasse em operações, atenta as eras priscas em que se deu o fato e a consideração e honrarias especiais, que merecia o real freguês; o que sei é que feitas bem as contas, incluindo todos os *extras* possíveis e imaginários, sobretudo imaginários, porque só existiam na escaldada imaginação do fornecedor, o estalajadeiro apresentou, com muitas zumbaias, cumprimentos, salamaleques e cortesias, ao seu real hóspede, uma nota, em que o solitário ovo era computado pelo preço de uma peça de ouro.

Ignoro se o leitor já teve a felicidade de contemplar na palma de sua fina mão uma peça de ouro. Talvez não acreditem; mas eu já tive duas, dadas pelo meu avô. Mas, em todo

o caso o leitor deve saber que, pelas amplificações constantes e crescentes que os numismatas dão às moedas antigas a peça de ouro vale, atualmente, mais de cinqüenta mil réis e que portanto, um ovo, mesmo servido em prato de ouro ou de louça de Sevrés, era um real preço ou antes, uma comedela real!

Mas o rei, ou por honra da firma ou porque o dinheiro lhe saísse do público erário, sempre regorgitante com o sangue do povo, abriu os cordões à bolsa e pagou; mas, em todo o caso, sempre foi resmungando:

— Homem! a modo que os ovos são raros aqui na terra.

— Não os ovos, real senhor, respondeu o estalajadeiro, mas os réis é que são raros!

E o estalajadeiro respondeu, com fino francês na Normandia ou como esperto mineiro de Belo Horizonte; que uns e outros têm dedo e prontas saídas, para os bons negócios!

Ora esta história velha, que eu renovei, com artes e manhas de sapateiro-remendão, teve só um fim: o de preparar resposta, aos que porventura me dissessem, pelo muito que me tenho ocupado do dr. José de Magalhães:

— Homem! a modo que os assuntos são raros aí na terra!

— Não os assuntos, responderia eu, mas os arquitetos é que são raros, não somente aqui na terra, como em todo o Brasil!

Uma vez agora que posso insistir no assunto; visto que o leitor receará com certeza, que lhe impinja outra história muito historiada, se contra mim recalcitrar justa ou injustamente, enumerarei, além do acabamento da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, os prédios que o dr. José de Magalhães tem construído, porque acho importantíssimo que os mineiros conheçam que a edificação da sua nova capital foi confiada, não só a um arquiteto titulado, como a um arquiteto, prático, circunstância, que, para mim, tem muito mais importância.

Citarei, em primeiro lugar, o projeto do Jardim Zoológico, que se realizou em Vila Isabel e, passando para o lado as dezenas de prédios que o nosso arquiteto construiu, nos bairros de Botafogo, Catete, Laranjeiras, S. Cristóvão, S. Clemente, Petrópolis e Vassouras, destacarei, por melhores, uns prédios para aluguel, de tijolo aparente, na rua de Guanabara e uns outros, no fim da rua das Laranjeiras; uma casa para aluguel, com a frente toda de cantaria, no Catete, a casa do Visconde de Vergueiro, e a do sr. Teixeira Leite, em S. Clemente.

Em Petrópolis citarei por entre muitas outras casas, a do sr. Tavares, na rua de D. Affonso e a do, então, cônsul argentino, o sr. Luiz Frias, à rua Joinville.

Em Petrópolis existe também, do mesmo arquiteto, a fábrica de S. Pedro de Alcântara toda erigida com blocos imensos de pedra e que só possantes aparelhos poderiam levar para ali.

Em S. Paulo, há para citar o palacete do dr. Abílio Vianna, à rua do Conselheiro Chrispiniano, e uma outra casa na rua do Barão Itapetininga.

E, finalmente, porque a lista já vai longa, no concurso havido em Ouro Preto, para o monumento a Tiradentes, cujos editais foram publicados no Rio e em S. Paulo, e concurso em que entrou grande número de arquitetos nacionais e estrangeiros, o dr. José de Magalhães foi classificado em primeiro lugar.

Aqui têm, pois, os leitores do "*Minas Gerais*" o arquiteto Magalhães devidamente apresentado, na suntuosidade da sua coudelaria, nas suas idéias sobre a arte, nos seus prédios públicos e particulares, devendo ficar certo que lhes poupei a inteira lista das suas construções, ao par da qual a Ladainha de Todos os Santos, com os seus concomitantes *ora pro nobis*, era uma modesta quadrinha de bala de estalo!

Prestada esta homenagem a um verdadeiro arquiteto, na mais larga acepção da palavra, cumpre-me fazer uma declaração, talvez inútil para os que conhecem os meus hábitos de velho lidador da imprensa brasileira: é que, daqui a seis meses, daqui a um mês talvez mesmo daqui a uma semana, eu me *engalfinhe* com ele, numa questão arquitetônica, porque, em matéria de jornalismo não conheço, nem amigos, nem parentes!

E o próprio dr. José de Magalhães fez-me essa justiça.

Minas Gerais — 08-06-1894.
Págs. 4 e 5.

XXVII

O sol do inverno é como a saúde dos convalescentes: bem fugitivo, ausente de muito ou de pouco tempo, cujos encantos se ampliaram com a distância, que muitas vezes se julgara infinita.

Depois, as árvores ainda recém-tiritando, com os arrepios do frio, parecem vestir-se de gala, envergar os seus luzidios

e roçagantes mantos de seda, para receberem o astro-rei em ócios de viagem por longas bandas; os passarinhos gorjeiam com mais alegria, pipilam com mais amor, esvoaçam com mais animação, e até as laboriosas formigas parece que apressam o passo, carregando ainda com mais pesadas cargas, em busca da cova protetora, como se as carícias tépidas do sol fossem, como todas as coisas neste mundo, bens que nem sempre duram!

Aqui, em Belo Horizonte, os bonitos dias de inverno têm uma limpidez do céu que desorienta os olhos!

Desde o cimo da cerúlea tela até ao lugar em que o firmamento se abraça com os últimos planos violáceos da paisagem, tudo é ininterruptamente azul; mas agora, com o frio, esse azul deixa de ser vigoroso e profundo, para se vestir de umas gazes diáfanas, que parecem querer deixar penetrar a imensidade do infinito.

Mas, para contraste dessa esplêndida uniformidade do firmamento, a paisagem desenrola-se-lhe por debaixo, com uma orgia desenfreada das mais diversas tonalidades, onde todas as cores do arco-íris brigam e se harmonizam, onde todos os matizes e gradações se fundem e se misturam, sem que, em todo o caso, deixe de sentir os recortes e durezas dos atrevidos dias do inverno.

Eu, com sol nas costas, sou valente. Sinto mesmo impetos de arremeter com o frio; tanto é certo ser sempre fácil a prática do heroísmo, quando a gente sente as costas quentes!

Com provisões deste gênero de coragem, larguei-me uma destas manhãs, pela rua dos Capões abaixo, incumbindo ao exercício das pernas a missão de me aquecer o corpo em colaboração com o sol e, logo em frente da matriz, esbarrei com um amigo que, por "Deus te saúde" começou logo com esta:

— Então já sabe que desabou a base?

— Qual base, homem de Deus?

— Ora, aquele tronozinho de Santo Antônio, que servia para a triangulação.

— Que servia para a triangu...? O que me diz, sr. Juvêncio!

E comecei a percorrer Belo Horizonte, ora para a esquerda, ora para a direita, à laia de profeta de iluminação e, como acontece invariavelmente em todos os inquéritos minuciosos e feitos a preceito, nada fiquei sabendo que tivesse ares ligeiros de verossimilhança.

Dizia um: Falta de encontros.

Dizia outro: Falta de tirantes.

Dizia este: Foi a pedra podre da rua do Rosário.

Dizia aquele: Falta de prumo nos pilares.

E perdido, entre encontros, tirantes, pedra podre e faltas de prumo, fiquei na mesma!

Mas eu, apesar de muito tímido, sou sujeito a impetos temerosos, a resoluções extremas.

Uma vez, estando eu em comissão do governo do Brasil em Buenos Aires, recebi um telegrama do diretor do *Jornal do Comércio*, concebido nestes termos:

"Responda já o que há de certo Questões Missões. Grande ansiedade aqui".

Um telegrama destes, disparado pelo diretor do *Jornal do Comércio*, era o que verdadeiramente se podia chamar: uma faca aos peitos.

Fiquei como se tivessem desabado sobre mim os dezesseis volumes do Larousse! Aquele "já" arremessado através do fio telegráfico, pelo *Jornal do Comércio*, era um ukase czariano e despótico, do qual podia depender a minha glória... ou a minha demissão.

Não havia remédio! Era mister obedecer ao tal "já" fatal.

Procurei o ministro do Brasil;

Mascou e não disse coisa nenhuma.

Procurei o ministro dos estrangeiros;

Mastigou e não disse nada.

Procurei o ministro da República Oriental, d. André Lamas, que diziam estar muito enfronhado na política argentina;

Este mascou, mastigou, franziu o nariz, tossiu muitas vezes, assoou-se com um estrépito, que parecia as cornetas, no dia do Juízo Final e... três vezes nada, coisa nenhuma!

Foi então que eu me senti acometido por uma dessas resoluções ferozes e inexoráveis, que me assaltam em raros momentos da minha existência!

Corri para a *Casa Rosada*. No portão, perguntei pelo presidente da República:

— Suba por aí acima, respondeu o porteiro.

Subi e cheguei a uma grande sala onde havia muitos empregados, e repeti a pergunta:

— Siga por esse corredor adiante.

Segui e perguntei a um sujeito que estava sozinho e a escrever num pequeno gabinete:

— O sr. general Rocca, presidente da República?

— Levante esse reposteiro. Acabou de entrar agora.

Entrei, sentei-me; larguei-lhe o meu pedido a correr, para não se me gastar de todo o resto da minha corajosa resolução e ele, com um sorriso, perguntou:

— Quer que eu mesmo lhe redija o telegrama?

Ora se queria!

Então ele ditou, com grande fleugma e clareza:

"A República Argentina está disposta a esgotar todos os meios diplomáticos e a recorrer mesmo à arbitragem; mas não pensará jamais em resolver, pelas armas, a Questão das Missões".

E foi com este arremesso de resolução, que eu consegui sossegar o espírito público do Brasil e fazer jus a um aumentozinho de ordenado.

Pois, agora, deu-me a mesma veneta em Belo Horizonte! Embarafustei pela porta do escritório da Comissão Construtora; entrei no gabinete do dr. Aarão Reis, com a sem-cerimônia que ele a todos permite, e comecei titubeando:

— Então, o que me diz à derroca da base.

— É verdade, que pechincha! Hem!

Eu, se não fiquei tolo, pelo menos devia parecê-lo.

— Foi uma lição magnífica e econômica, continuou ele. Demos-lhe três metros de alicerce, estudamos devidamente o terreno, mas um formigueiro profundíssimo fez-nos falsear o solo, em que estavam lançados os alicerces.

Foi uma lição magnífica e econômica, repito. De hoje em diante, não se constrói mais nada sem um preparo especial para solidificação do terreno. E depois, eu gostei por que havia idéia de se conservar aquilo, no meio da avenida, à qual se daria o título de *Avenida da Base*. Ora aquilo, para base de triangulação, servia perfeitamente; agora, para ficar, à guisa de monumento, no meio de uma grande e imponente avenida, era...

— Um verdadeiro estafermo, acrescentei eu.

— Não digo tanto, acudiu o dr. Aarão Reis, com a sua imperturbável diplomacia; mas talvez que não servisse.

E aqui está como, mediante este insignificante desastre arquitetônico, a Grande Avenida não ficara *pecando pela base!*

Minas Gerais — 11-07-1894.
Págs. 6 e 7.

XXVIII

O mês de julho iniciou a sua existência nas extensas e onduladas planícies de Belo Horizonte, com o mais raro e esplêndido espetáculo que nos é dado contemplar no centro do Brasil — uma geada; mas esse esplêndido e raro espetáculo acompanhado de uma temperatura de um grau, às sete horas da manhã!

Eu não gozei das magnificências da geada alastrando toda a relva com um luzente e diáfano manto de prata; mas rapei o frio, que, na minha pobreza anêmica, me pareceu não de um grau acima de zero, mas de trinta graus abaixo do dito — uma verdadeira *retraite de Russie!*

Mas, diga-se em abono da verdade que, de há mais de um mês, me preparo para os desaforos siberianos, que me prometiam os habitantes do lugar, com cobertores de lã e de papa, com esteira assente sobre a lona que me reveste o soalho do quarto e com vidros na janela.

É verdade, tenho a honra e o orgulho de ser um dos raros habitantes de Belo Horizonte que possuem vidros na janela, o que, aqui para nós, já me tem valido algumas mordeduras e picadas dos invejosos.

E os meus vidros, oa, antes, o meu vidro é de musselina esmaltado de rosáceas azuis; um amor de vidrinho, digno de figurar como *vitraux* numa catedral de estilo gótico ou de qualquer outro estilo, porque a igreja de S. Francisco de Paula do Rio de Janeiro tem *vitraux* e é de estilo barroco ou filipico que, entre os dois, leve o diabo à escolha!

À colocação deste portentoso vidro assistiram: um arquiteto, um construtor e um carpinteiro, mandado vir expressamente da Capital Federal para este e outros serviços e permitam-me que diga aos meus leitores que, com todos estes mata-

dores técnicos, o vidro ficou, como era de preceito, torto que fazia gosto: fato que se dá infalivelmente todas as vezes que se reúnem, com um só fito, arquiteto, construtores e carpinteiros!

Depois de convidadas as sumidades científicas do lugar, para assistirem à inauguração do celebrizado *vitraux*, às quais ofereci um copo de água, na sua mais restrita acepção do termo, estava um dia destes cismador e meditabundo, contemplando o esguio canudo de luz, que me introduzia no quarto a minha monumental fresta envidraçada, quando sinto chamarem-me, da rua, em alta grita e repetidas vezes, como se a visita não permitisse delongas para seu solene e faustoso recebimento.

Corri pressuroso à porta e eis o que vi:

Emílio Rouède, a cavalo num burro cinzento, com as pernas abertas e os braços estendidos, seguido por um camarada a cavalo e por um outro animal, trazendo, à guisa de cangalhas, uma mala e uma penca de telas por pintar.

Eu raras vezes abraço uma pessoa a pé, mas a cavalo, isso é que nunca; não só pela exigüidade da minha estatura, como também por que receio que, enquanto os dois braços de cima me apertam em amistoso amplexo, as suas pernas de baixo me machuquem, na mais desoladora inconsciência!

Portanto, esperei que o artista Rouède se apeasse, o que foi executado com alguma dificuldade, por causa do peso de três léguas de viagem, que agravavam, sem dó nem piedade os reumatismos adquiridos pelo festejado pintor, na sua brilhante carreira de sessenta anos de ininterruptos trabalhos.

E, depois das suas sacramentais beijocas, Emílio Rouède exclamou com um ah! de alívio; sentando-se irreverentemente na minha cama:

— Venho pintar Belo Horizonte!

— Oh! que felicidade! respondi eu.

Mas, no secreto âmago da minha consciência exclamei:

"Oh! que espiga!"

E sem mais tir-te nem gar-te, obrigou-me a pôr o chapéu, a descer os cinco degraus da minha escada e a correr atrás dele, como cão fraldiqueiro, à cata de pontos de vista, para os seus futuros quadros.

Mas, na realidade, Emílio Rouède não precisava de cicerone, para achar pontos de vista; porque, ao cabo de duas ho-

ras, tinha quatro ou cinco já armados dos seus primeiros, segundos e terceiros planos foi, nas perplexidades deste *embaras de cheix;* que me vi tonto para o aconselhar.

No dia seguinte, estava já o nosso artista, em frente da *Igreja matriz,* com a tela diante de si, sentado no pedregulho duro e ponteagudo e eu, ao lado dele como companheiro inseparável, adoçando, com o frívolo palrear, os tremores e arrepios que sentíamos, com um frio de seiscentos milhões de demônios!

À tarde Emílio Rouède pintava outro ponto: a *Estrada de Sabará;* na manhã seguinte, o *Panorama de Belo Horizonte,* visto do alto do Cruzeiro.

E, aqui, há agora lugar, para notar um fato muito curioso, com relação à sua aptidão artística, outrora confinada no domínio das marinhas e agora, desde que reside em Minas alargada pela pintura de paisagem e de figura.

Emílio Rouède sempre foi artista: mas artista pelo amor da arte e sobretudo pelo convívio dos artistas, com quem sempre privou especialmente, na Europa e na América.

Pintava, porém, pouco e, muitas vezes, ele se me queixou, de que a mão nem sempre lhe obedecesse aos impulsos da inspiração.

Mas Emílio Rouède, em Ouro Preto, comeu *de la nache enragde;* teve de trabalhar duramente, para a manutenção dos seus e, com esta espécie de fome que põe a lebre a caminho, tornou-se artista na idéia e na prática e a tal ponto que, se eu não tivesse assistido á sua faina artística, de todos os dias, seria capaz de negar a pés juntos, que os quadros que ele pintou em Ouro Preto fossem de sua autoria e lavra própria.

Basta comparar as últimas marinhas, que ele pintou no Rio de Janeiro com o magnífico quadro que acabou agora, reproduzindo a festa do Tiradentes, para que o mais profano em artes reconheça um salto e progresso imensos; destes saltos e progressos raríssimos, na vida dos artistas!

Na sua última e grandiosa tela, há cor, perspectiva linear e aérea: há desenho de figura em que, por debaixo das roupagens, se sente a anatomia do nu; há vida, animação, essa inexplicável vibração na atmosfera, que as grandes festas populares parecem imprimir-lhes.

Há arte, sem as ostentações da arte; há efeitos sem as *ficelles* da convenção. É, enfim, um quadro pintado com o coração; cujo palpitar é regulado pelas regras da arte, que atualmente se permitem: as regras da verdade e do bom senso.

Transformado e melhorado como está o nosso pintor, não é muito que, logo as primeiras pinceladas, segurasse o efeito geral dos seus três quadros, que serão para o arquivo municipal de Belo Horizonte, três brilhantes atestados, do que fez o Congresso e o conselheiro Affonso Penna, pelo engrandecimento de Minas; transformando um local mísero embora pitoresco, numa formosa e adiantada capital, como a merece o florescente Estado de Minas.

Já não pinto há muitos anos, nem sei mesmo, se o que fiz em outros tempos, merece o nome de pintura; mas ainda sou médico suficiente em artes, para que possa prognosticar que as três composições que vai fazer Emilio Rouède serão três futuras glórias para os mineiros.

Emilio Rouède partiu de Belo Horizonte no dia 2 deste mês.

Era um dos poucos entes que, com o calor da amizade, me mitigou, durante três dias, os frios que me proporcionam o tempo e a ausência dos meus!

Minas Gerais — 14-07-1894.
Pág. 6.

XXIX

Do arraial de Belo Horizonte, o bairro das Cafuas é considerado, pelos pintores e pelos poetas, a coisa mais bela e pitoresca, que possui esta povoação.

Há que notar uma circunstância muito curiosa na maneira porque esses iluminados da pintura e da poesia classificam o belo e o pitoresco.

Para uns e outros, as manifestações do belo consistem numa camponesa suja e andrajosa, calcando a lama ou o pó das estradas, com os pés descalços; isto é, com os pés cobertos de poeira ou de lama!

Num sendeiro felpudo e escanzelado, com almatriz de palha e toda cheia de buracos, ruminando com dificuldade algumas magras folhas de erva ressequida e queimada pelo sol.

Num pardieiro derrocado, com calvas e soluções de continuidade nas telhas, com as portas sem gonzos, com as janelas sem vidros nem caixilhos; uma morada menos abrigada do sol, do vento e da chuva de que os negros covis das feras.

Ora, como em questão de gostos e de cores não há disputa, tudo isto acharia eu perfeitamente tolerável e permitido; mas o que eu nunca estive disposto a permitir e a tolerar é os pintores, os poetas e o seu concomitante rancho de borradores e poetastros reclamarem indignados, quando lhes vestem e lavam as camponesas, quando lhes engordam e ensilham devidamente o sendeiro, quando lhes rebocam, entelham e consertam o pardieiro!

"Raça de bárbaros, vociferam eles nos empuxos ferozes da inspiração, essa inspiração que muitos entendem ser nada mais nada menos do que uma modalidade de alienação mental, cambada de vândalos! Estragaram-me a minha camponesa; despoetizaram o meu sendeiro escangalharam a minha choupana".

Cumpre não esquecer que, na linguagem de poetas e artistas, os verbos *estragar, despoetizar e escangalhar* são sinônimos *de lavar, engordar e consertar!*

E se não reclamam em tumultuosos comícios ou pelas vias competentes, é porque receiam que os metam num hospício de loucos; que, com sobejas razões, se julgam eles posseiros e mesmo proprietários de todas aquelas descambadas belezas poéticas e artísticas!

Não sei se pelo prolongado convívio com pintores, escultores e poetas de todas as cores e feitios possíveis, já contraí o contágio destes privilegiados e honrosas perversões do gosto, tanto é certo que, pelo comércio dos doidos e dos gagos, se contraem a doença da loucura e o hábito da gagueira; mas o que é certo é que as belezas bucólicas mesmo as que se medem pela bitola da poesia e da pintura, impressionam-me agradavelmente; tudo está agora em saber se essas belezas influem na minha estesia, do mesmo modo por que os amargos e picantes atuam no paladar: como necessário contraste, para saborear as iguarias que real e logicamente se podem considerar boas!

E demais, como o hábito, no dizer dos filósofos e moralistas, é uma segunda natureza e muito natural que as belezas pitorescas das cafuas sejam perfeitamente toleradas pelo meu gosto, como, no fim de larga e dura aprendizagem, me habituei com o horripilante sabor da cerveja e o enjoativo amargo do fumo!

Sobre os inevitáveis efeitos do hábito, seria inútil acrescentar exemplos; mas acolhe-me agora à pena ou, antes a máxima, o exemplo de uma criada paraguaia que tivemos e que fora, toda lavada em lágrimas, lastimar-se à minha mãe, nesta soluçada frase:

— Ah! minha senhora, o meu marido já não gosta de mim!

— Porque, Conceição? Perguntou-lhe minha mãe.

— Já há oito dias que não me dá pancada!

Era a profunda e sincera convicção que seu marido já não a amava, que fazia chorar a pobre paraguaia?

Seriam bem ou mal fundados ciúmes, que tinha do marido?

Nada disso! A mulher chorava, pelo cacete do marido, que periódica, isocrômica e infalivelmente lhe caia em cima do lombo; afago brutal e doloroso se quiserem; mas suportável e mesmo gostoso, depois de certo tempo!

Depois, deve contar-se com as extraordinárias tolerâncias a que se chega, pelos processos paulatinos e gradativos.

Ou, por este processo do pouco a pouco, cheguei a tomar vinte e sete gramas de iodeto de potássio por dia!

Era muito possível, se bem que muitíssimo humilhante, que, se me aplicassem as vias de fato, por um processo suavemente gradativo como o do iodeto de potássio, eu conseguisse tolerar vinte e sete pauladas nas costas, sem dor nem chiadeira!

O pior é que a dignidade não tem estômago para tal espécie de tolerâncias.

Seja lá como for, vou muitas vezes passear pelas cafuas; ou, quando o sol nascente as acorda indiscretamente, ou quando o ocaso as doura com uns tons fulvos, ardentes, mas melancólicos e tristonhos.

A rua das Cafuas lembra-me certas ruas, que vi na África Ocidental.

Casas, nas paredes, cubatas, nos telhados de colmo; com o esqueleto de madeira tosca, a sair por entre o barro, como ossos de tísico a acusarem-se através da transparente e lívida pele; toda esta miséria, que provém mais do abandono do que da pobreza, é emoldurada numa vegetação opulenta, pródiga, que, nas empáfias da sua riqueza, nos desmandos da sua prodigalidade, parece assoberbar ainda mais essas mesquinhas tocas de humanos que, por irrisória filáucia, se dizem pertencer à raça dos reis da criação!

A terra da rua parece uma alcatifa vermelha, floreada com verde vivo, brilhante esmeráldico; o céu parece que reserva o fausto das suas orgias de cor, para encimar aquela como que aldeia de índios, sem a virilidade, energia, robustez e destreza dos seus habitadores!

Mesmo no meio da rua, existe a capelinha de Sant'Ana; uma choupana apenas mais alta do que as outras que a rodeiam, tendo por humilde campanário, um buraco praticado na parede, donde pende, espreitando timidamente pela janela, uma sineta; garrida, que deve ter um som plangente e poético como todas as sinetas do campo; mas eu ainda a não ouvi, ou porque toque pouco, ou porque só sirva para chamar os fiéis à missa das almas; isto é, quando a minha descansa do cansaço de procurar, durante horas e horas, o necessário descanso!

Para o lugar onde se ergue esta modesta capelinha, da qual, dizem que o orago conta inúmeros milagres e milagres espantosos, segundo é crença ou crendice do povo da localidade, o dr. José Magalhães projetou uma capela, com um pórtico grandioso e tendo, por coroamento, a forma piramidal; esse feitio que, no dizer dos arquitetos, exprime melhor do que nenhum outro a elevação, ao firmamento, das preces dos criados ao Criador.

Conservará a santa, dentro do seu novo palaciozinho, dentro dos faustos e louçanias de um tempo que é lavra de arquiteto, as mesmas virtudes miraculosas?

É natural que sim, mas é possível que não, porque os santos são como as águas de nascente, que perdem a sua abundância e perenidade, por pouco que lhe mexam.

Em todo o caso, o que será certo é os pintores e os poetas, daqui a poucos anos, quando virem a piedosa choupana transformada em templo regular, clamarem indignados, com uivos de lobo sem presa, de poeta sem idéia e de pintor sem *ponto*:

— Pois essa cambada de selvagens não me deu cabo da igrejinha!

E vão lá ser juízes com tais mordomos e arquitetos com tais fregueses!

Minas Gerais — 18-07-1894.
Pág. 5.

XXX

Por montes e vales, me fui eu, daqui, ao Rio de Janeiro à cata de coisas que os estabelecimentos de Belo Horizonte ainda não possuem e também para desenferrujar as pernas e lubrificar o espírito; que, por enquanto, a famosa capital, nas penum-

bras de um risonho futuro, ainda embota a inteligência e emperra os membros locomotores, e uma e outros, como todos o sabem, são como estômagos de dispéptico e fantasias de moça; que carecem de bastante campo, muito exercício e muitíssima variedade.

E, daí, não desgostava de medir, por experiência própria, o grau da minha como que selvageria campesina; habituado como estava a dormir num simulacro de cama, a comer uma suposição de jantar, e a vestir-me com tal sem-cerimônia, desmancho de linhas e capricho de cores, que, diante de uma cama digna de tal nome, em presença de uma mesa com donaires de baixela metido numa sobrecasaca de alfaiate de verdade, eu devia com certeza fazer triste figura; tanto é certo que, nos temperamentos mais aclimáveis, existe necessariamente o elemento compensador da desaclimação!

Entrei na Capital Federal por uma noite chuvosa, calquinhando a terra revolvida pelos calçamentos novos ou restaurados, de mala na mão; recusando carros, tiburis e bondes que a todo o momento encontrava; encadernando-me assim, nas duas virtudes proeminentes dos mineiros: a simplicidade e a economia.

E, por economia e simplicidade, fui para um hotel, em que se pagava dez mil réis por dia; calculando que, pelas teorias de Baptiste Say ou de Beaulieu, as acertadas despesas produtivas dão verdadeiros resultados econômicos; teorias que me arrastaram também a beber vinho do Porto a oito mil réis a garrafa; o qual, fortificando-me e ativando as funções do estômago, me pouparia as despesas de consultas médicas e as das receitas da botica; as únicas *receitas* que, na escrituração por partidas simples e dobradas, entram invariavelmente, no capítulo das *despesas!*

Dormi como um santo ou, antes, como um cearense; porque o colchão de molas a que confiei o meu cansado corpo, tinha ondulações de gangorra, bamboleados de navio, jogando de popa a proa!

Pela manhã, às seis horas e meia saí para o meio da rua de casaquinho leve; aguerrido como estava com os frios de Minas, e olhando com desdém para os friozinhos de família do Rio de Janeiro, onde se falam em frio como, nas repúblicas do Prata, se fala em paz; exatamente porque são coisas que não existem!

E deste desdém pelo grau termométrico doze, o que representa um inverno siberiano para os fluminenses, apanhei um enorme e persistente defluxo, conseqüência de haver esquecido o preceito de que, na Capital Federal, é o higrômetro e não o termômetro que resolve ou determina as probabilidades do defluxo.

Encontrei uma certa atividade municipal; não tanto como careceria uma cidade tão mal agraciada pelos seus benefícios; mas percebe-se que existe uma municipalidade, uma edilidade, uma prefeitura, ou coisa que o valha; que, não obstante as variantes de tecnologia, nunca houve no Rio de Janeiro representação de municípios que se lobrigasse mesmo com grandes óculos de alcance.

As quatro ruas que emolduram a Praça da Constituição foram alargadas em mais do dobro e, desta transformação, resultaram dois efeitos com que eu não contava: primeiro o do jardim ficar aparentemente tão grande como antes; segundo, o de toda a fileira de casas da rua que se prolonga, da Carioca até a do Visconde do Rio Branco, ficar transformada num renque de choupanas, cubatas, cafuas e pardieiros; fatal conseqüência das leis do contraste, em que se apoucam e amesquinham as coisas pequenas, em comparação do que é extenso, largo e grandioso.

Reforcei então, com esta lição da prática, o que me tinham ensinado as teorias de livros e mestres, que exigiam monumentos e edifícios com tamanhos e alturas proporcionadas às praças e ruas em que tinham de ser erigidos.

Assim como seria erro estético e contra-senso grosseiro meter o Rocio na Bitesga; assim não menor atentado ao gosto e à lógica seria ornamentar grandes superfícies com lavores miudinhos, e ainda maior vandalismo margear grandes praças e largos, com casebres microscópicos e como que talhados para pigmeus.

Endosso esta lição arquitetônica ao dr. José de Magalhães; se é que arquiteto de tanta monta carece de lições, ainda que sejam por endosso!

Corri todas as quatro ruas que fecham aquela bonita praça; verifiquei o garbo com que meia dúzia de edifícios grandiosos que ali existem fazia vista naquele grande recinto; e, quando me dirigia para o Campo da Aclamação, senti rebentar, com a velocidade do relâmpago, o alarma de que o teatro Politeama estava ardendo!

Tinha sabido momentos antes que, neste circo improvisado em teatro, não havia um lugar vazio. Pagavam-se simples entradas por preços fabulosos, e Deus sabe como os empresários, em maré de concorrência, ampliam a lotação dos seus teatros!

Lembrou-me então que o Politeama, com uma enchente à cunha, poderia conter para mais de três mil espectadores; lembrou-me da augusta largura da sua porta principal; vomitó-

rio único conhecido pelo público que, em tais aflições, não raciocina; defeito ou fraqueza, de que resulta a maior parte das desgraças que causa um incêndio!

Não havia que ver: àquela hora o Politeama seria um montão de cadáveres carbonizados ou ainda, com mais probabilidades, de corpos esmagados pela perdoável imprudência de quem corre tumultuosamente acossado pelo terrível contágio de *sansve qui peut!*

O teatro Politeama era todo construído de madeira; tinha, como ativador do incêndio, o combustível fornecido pelas cenografias, na maior parte pintadas em papel e, como um palheiro, ficou reduzido a cinzas em poucas horas.

Na porta havia montões de corpos estrebuchando uns por cima dos outros; houve espectador que se precipitou dos camarotes, para encontrar fuga mais fácil pela platéia; deram-se fatos que representavam, em toda a sua brutalidade a *struggle for life*, e contudo os jornais, no dia seguinte, não registraram uma só morte, nem sequer ferimento que prometesse fatais conseqüências!

Os artistas ficaram reduzidos às mais precárias condições, sem roupas alguns e sem escritura todos; mas é dos coristas e empregados subalternos que se deve ter dó; porque esses nem sequer têm o recurso de haverem trazido, para o Rio de Janeiro, a consoladora passagem de ida e volta.

O maestro Mancinelli, diretor e empresário da companhia lírica que trabalha no antigo teatro Pedro II, pouco poderá fazer por eles; visto que de coros, bailarinas e orquestra, está a sua companhia suficientemente provida.

E diante das aflições destes artistas, com os seus contratos rotos pela fatalidade de uma catástrofe lembrei-me do Alfredo Riancho de outros tempos, que se fez empresário de teatro lírico, diante de uma outra catástrofe idêntica, causada pela patifaria de um empresário e que, em dez dias, deu, a esses artistas, vinte e seis contos de réis, em cinco espetáculos que dirigiu e ensaiou: mas o Alfredo Riancho de outrora corria a foguetes e, como as ingratidões lhe tenham posto cataplasmas emolientes no entusiasmo e na dedicação, tratou desde logo de tomar o trem, para que se não lembrassem dele para tal prebenda.

Minas Gerais — 29-07-1894.
Pág. 4.

XXXI

Sempre tive grande queda e pendor pelos impressionistas e na literatura e nas artes, a impressão que dita as suas manifestações é a alavanca mais poderosa, para levantar o entusiasmo e a admiração do leitor ou do espectador.

Mas, para mim, a impressão só pode originar-se da contemplação do fato e ainda mais de o *haver vivido;* expressão francesa, que eu aclimato na nossa língua, embora, contra esta naturalização, proteste o vernáculo dr. Castro Lopes.

Mas como dos *Montes e Vales* eu não queira e não posso fazer obra acabada e antes pretenda deixá-los com os caprichos e imperfeições de um esboço, citarei as impressões que senti nesta minha última viagem ao Rio de Janeiro exatamente como elas atuaram em mim; manifestando-as, com as hesitações, sinceridades e incorreções de um impromptu.

O povo do Rio de Janeiro está militarizado. Não discuto as vantagens de inocular, num povo, o espírito militar; digo apenas que uma nação, para que, na minha humilíssima opinião, possa chegar às aproximações da perfectibilidade, deve ter apenas um pequeníssimo exército, ao qual se possa agremiar, num caso de guerra estrangeira, todo o povo válido, devidamente municiado, disciplinado e exercitado.

O homem armado é um mal; mas um mal necessário.

Ora, a condenável revolta, que tantos estragos produziu e tantas calamidades arrastou para a nossa nascente República, já apresenta uma vantagem compensadora: a de ter aguerrido, exercitado e disciplinado o cidadão.

Entre os diversos corpos de guarda nacional que vi no Rio de Janeiro verifiquei, com satisfação, que eles em pouco ou quase nada se diferençavam dos de linha.

Notei-lhes verdadeiro garbo militar, virilidade no aspecto dos soldados, firmeza e exatidão nas manobras: todas estas qualidades que, francamente, não eram a primeira virtude dos fluminenses.

Vi, com doloroso orgulho, cicatrizes na testa, nas faces, junto à boca; o que denota que foram recebidas com a cara voltada para o inimigo e, como considere as guerras como indispensável vergonha e crueza dos humanos, senti desvanecimento vendo, em crianças quase bisonhas no serviço, cicatrizes que honrariam veteranos encanecidos.

Outra impressão aponto eu aqui, no desalinho desta narração: os cornetas, que outrora eram uma ladainha de soluços e *cuacs*, que pareciam comer magros feijões em todo o ano, tal era a sua frouxidão de beiços; hoje repenicam, e espingardeiam o som, nos seus instrumentos, nos quais sobem, com grande firmeza ao registro sobreagudo!

Será salutar reforço, no caldeirão do rancho, será porque o clarim trombeta, agora adaptado, facilite mais a emissão das notas ou será o extraordinário exercício de beiços que tem tido os corneteiros, puxando dia e noite soldados para as guardas e bravos para o combate?

Sem que, com esta última observação, queira fazer o panegírico da guerra, terminarei dizendo que me pareceram os soldados mais gordos e sobretudo mais corados.

Resultados infalíveis do exercício e talvez dos *extras*, que acompanham o rancho, em tempo de guerra.

Na primeira do *Mefistófeles* escondi-me numa galeria, no paraíso dos verdadeiros *dilettante*.

Na companhia lírica de Mancinelli, entre cantores aliás bons, não notei nenhuma celebridade, mas achei que a companhia tem grande valor pela igualdade das suas figuras principais.

Pelo que respeita a coros e orquestra, nunca no Brasil, os tinha ouvido tão bons.

O prólogo da famosa partitura de Boito foi de um vigor e exatidão deslumbrantes.

E, sobretudo, como era grato e original para mim, assistir a um espetáculo de teatro lírico, com a doce convicção de que não teria que pensar nas asneiras que devia escrever no dia seguinte!

Feitas as minhas mercas à pressa, passado despercebido de amigos e conhecidos, voltei para Minas pelo noturno de 20 do corrente, nesse *expresso* que vem parando em quase todas as estações, doudejando como as borboletas em todos os cálices, para sugar o nectário das flores, ou como pardal inconstante e faminto, que toca em todas as espigas de dourada seara.

Perto da estação da Aliança, a locomotiva começou a silvar, em aflitivos apelos. O trem parou, alguns passageiros desceram; houve esse borborinho intermitente e indefinido, que acompanha, em geral, as catástrofes que ocorrem pela escuridão da noite.

Era o caso que um rondante, querendo conciliar as exigências do serviço com as imperativas exigências do sono, se

deitara com a cabeça encostada a um dos trilhos, em cuja continuidade a vibração do metal acusaria, de muito longe, a chegada do trem.

Mas o sono fora de pedra em poço; o segundo sentido atraiçoou o pobre rondante e, como o leito da estrada fosse em curva, o maquinista nada pôde fazer para o salvar e o *chasseboeuf* arremessou o infeliz a grande altura e distância, caindo na terra, com o sangue saindo-lhe às golfadas pela boca!

A máquina continuou a apitar, chamando pela turma e, chegada ela, foi-lhe entregue o rondante que, no dizer de um empregado do trem, já aquela noite ceava com Cristo.

Esta frase indiferente, de fazer cear com Cristo um ex-colega, é muito mais piedosa e elegante do que a que simbolizava a morte, pondo o falecido a comer couves pela raiz!

Oh! povo! como és duro e eloqüente na tua fraseologia!

Poucos minutos depois do desastre, já eu me embrulhava cuidadosamente no meu chale-manta e procurava dormitar, embalado pelos solavancos do trem como se tivesse tratado da morte de um rato ou de uma mosca!

A indiferença pelos males dos outros é um dom que só se conquista com a idade.

Mas, duas ou três estações mais adiante, um novo incidente perturbou a minha agradável modorra.

Um gatuno audaz, experto e experimentado, introduzira-se no vagão-leito n.º 5 e levara a mala de um passageiro e, com ela, uma carteira com cerca de um conto de réis, mas tendo a louvável condescendência de lhe deixar, no bolso o salvo-conduto, documento policial que, pela sua ausência, podia acarretar inúmeros trabalhos ao ilustre viajante!

Tenho conhecimento de mais alguns gatunos deste jaez.

Um que trabalhou por muitos anos e com grande êxito no Rio de Janeiro, tinha sempre por costume deixar recibo dos objetos que roubava, recibo que assinava e que, se não reconhecia devidamente no tabelião, era por falta de tempo, que não faltariam notários que reconhecessem aquela firma, desacreditada.

De outro gatuno sei eu que, na Capital Federal, varria os galinheiros mais povoados, deixando sempre um galo e uma galinha; talvez por eqüidade, talvez para que os representantes dos dois sexos lhe proporcionassem, com a propagação da espécie, novos elementos para as suas futuras *razzias* noturnas!

O roubado no trem noturno com dificuldade achava graça no procedimento do seu amável gatuno, tanto é certo que, sendo o dinheiro sangue, não há quem ache graça a sangrias de novecentos e tantos mil réis!

O passageiro interrompeu a viagem em Congonhas, para correr atrás do gatuno!

Foi perder o dinheiro e com ele um par de botas!

Minas Gerais — 01-08-1894.
Pág. 5.

XXXII

No tempo em que eu viajava por prazer qualquer digressão por estrada de ferro era uma fonte perene de alegria, um novo tesouro de sensações, e nunca trem de carga moroso e pesadão me fez soltar ais de lástima, porque parado, junto às estações, caminhando com a moderada velocidade das tartarugas ou voando nas vertiginosas carreiras do expresso ou do *rapid*, sempre achava tema para os meus estudos; se é que estudos se pode chamar à série de observações que tenho feito na minha vida, sempre desprovidas de um fundo sólido e sério de instrução.

Hoje viajo só por necessidade, e quando o dever me leva às vezes a Ouro Preto percorro todo o trajeto daquele formosíssimo ramal, com a indiferença dos esplenéticos ou com a boçalidade dos que procuram no sono o descanso dos trabalhos puramente materiais.

Entrei há dias em Ouro Preto por uma garoa muito propícia a abalroamentos de vivos. O sol teimava, lá das alturas, me dissipar aquele impertinente véu, que tapava os formosíssimos píncaros das montanhas, os vales, as praças e as ruas; mas o nevoeiro tinha as teimosias da inércia, que são as mais pertinazes e insistentes, e eu, pela rua da Forca acima, pela rua do Caminho Novo adiante, só vi o sol nos olhos de Emilio Rouède que, de palheta em punho, me recebia na porta, com um destes olhos! sinceros, quentes e expansivos, que só podem partir dos corações bem conformados, das almas que põem o coração ao pé da boca, diante de amigos e de inimigos.

A temerosa *Aída* recebeu-me com trepidações rossinianas na cauda, prova incontestável de me haver reconhecido não obstante o largo prazo que nos separara, e nesta recordação me fez lembrar, com desdém, do ingrato esquecimento de alguns amigos ou dos inimigos que adquiri, servindo-os!

Estar cinco minutos na companhia de Emilio Rouède sem que se fale na arte, seria caso tão impossível como falar com um cafezista, sem que viesse à baila e logo às primeiras palavras, a futura abundância do precioso grão ou as inconstantes oscilações do câmbio!

Mas, desta vez, não foi música, nem pintura, nem escultura que forneceu assunto à conversa; mas a sua adorada aula de desenho, onde ele, ministrando ensino a vinte e quatro discípulas e discípulos, tem feito maravilhas; se bem que, para tão milagrento resultado, haja por muito concorrido o talento dos seus alunos e alunas.

Conhecem Emilio Rouède?

É um conversador eterno e de mais a mais, agradável; o que obsta a que gente se insurja contra as suas intermináveis *cacetadas*.

Nunca pretende vencer, mas convencer; nunca impõe as suas idéias mas caustica a vítima da conservação com a sua demonstração, que a gente acaba por aceitá-la, quando mais não seja, para que ele se cale e a gente possa tomar fôlego!

A descrição da sua aula e do talento das suas discípulas e discípulos não bastou àquele carrasco da palavra, para saudar a minha chegada; obrigou-me a ir à aula, sem violência, é verdade, mas com a serena convicção de que eu não teria direito nem coragem de me recusar ao seu amável e imperioso convite.

Descidos uns degraus em caracol e aberta uma porta modesta na largura, achei-me, de repente, mergulhado num oceano de papel branco, riscado a carvão, assombreado a esfuminho, coberto de tinta a óleo; mas este oceano afigurava-se-me que subia do chão, lambendo as paredes até o teto; um verdadeiro inferno de claro-escuro; muito pior do que aqueles que pintou Dante e que, para os pecadores endurecidos como eu não deixa de ter um certo número de atrativos e encantos.

Mas, quando a análise substituiu a síntese, quando comecei a detalhar desenho por desenho, vi, com satisfação, que não estava contemplando estas sacramentais *habilidades*, com que a complacência e cegueira dos pais me tem atormentado, exibindo e encarecendo as monstruosidades artísticas da lavra de seus amados filhos.

A aula de Emilio Rouède não é uma academia, felizmente para ele e sobretudo para os seus discípulos e discípulas; mas é uma escola de desenho absolutamente vasada nos princípios modernissimo da arte.

Ali já se não copiam as litografias de Julien, nem aparecem como originais, paisagens de Herbert ou de Ferogio; os discípulos já não dispendem todo o seu talento e atividade cobrindo extensas superfícies de papel com tracinhos de gravador, que, na sua miudeza e igualdade, faziam constituir outrora o maior mérito e a prova da melhor aplicação do discípulo.

Desde a primeira lição, foi o natural o único modelo e, como ele seja o único mestre dos artistas modernos, os discípulos de Emílio Rouède não perderam tempo, não se extraviaram pelos atalhos da trilha ou do especulação mercantil do professor; galgaram, com extraordinária velocidade, os primeiros passos da arte, sempre os mais difíceis e diante dos quais as academias e os academicistas fazem encalhar e desistir todos os talentos nascentes e até mesmo as mais decididas vocações.

Desta acertada aplicação dos bons e lógicos processos de ensino artístico, resultou uma coisa: é que em pouco mais de dois meses, todos os discípulos de Emílio Rouède sabiam olhar para o natural, coisa que para os profanos parece muito fácil, esquecendo-se que existe uma grande diferença, entre *olhar e ver!*

Nas belas-artes, acabaram-se atualmente as especialidades, e até mesmo a pintura e a escultura já não têm vida independente e não são mais do que artes subsidiárias da arquitetura, a que acompanharam como simples artes decorativas.

E, nesta unificação das belas-artes a pintura, teve também que estender o campo das suas operações, reunindo numa só especialidade — a pintura, todas as outras que se dividiam e separavam, com milhares de títulos e viviam arrumadas cada uma em sua prateleira, devidamente etiquetadas.

Acabaram-se os pintores históricos, os paisagistas, os pintores de gênero, os pintores de marinhas, os de interiores, os de natureza morta, etc.

Agora só há pintores... de pintura do natural.

E assim devia ser, porque o pintor histórico tinha que saber paisagem, marinhas, flores, arquitetura, para os seus fundos, e a estética moderna já não admitiria, por exemplo, um Fra Angélico, que pintava virgens deliciosas e bois que pareciam cavalos, e cavalos que pareciam jumentos!

Na aula de Emílio Rouède, vi sólidos muito bem entendidos e copiados; paisagens em que, por entre a entonação do claro-escuro, já se divisam notáveis tendências para o colorido; desenhos de gesso para ensoberbecer mestre e discípulo;

finalmente uma aula tanto de acordo com o que durante vinte anos tenho sustentado, que me desvaneceria, não em ser seu mestre, mas em ser seu aluno!

Em cerca de três meses já os discípulos de Emílio Rouède pintam a óleo; e note-se que estes progressos não são violentados nem artificiais, são a natural conseqüência do método e probidade de mestre e do talento e boa vontade dos discípulos.

Emílio Rouède não tem sido só um bom mestre, mas um desvelado amigo dos seus discípulos. Ele próprio constrói os cavaletes, mói as tintas, prepara os cartões; é finalmente, um verdadeiro Faz-Tudo; o que, para uma cidade ainda desprovida de certos recursos, é uma mina de valor incalculável.

E quando eu, entusiasmado, louvava o talento deste ou daquele discípulo, Emílio Rouède encolhia os ombros e não dizia palavra como que não querendo estabelecer melindres e rivalidades.

Não se contenta com ser artista, é também diplomata!

Que pena!

Minas Gerais — 05-08-1894.
Pág. 5.

XXXIII

Questões de interesse particular levaram-me ao local em que se vai levantar a estação do entroncamento, onde se devem ligar as linhas de trilhos do ramal de Belo Horizonte às da Estrada de Ferro Central do Brasil.

A estação fica mesmo na foz do Arrudas, ribeirão manso e modesto, durante os seis meses de seca; ribeirão largo, espraiado, tumultuoso e com arreganhos de rio caudaloso, enquanto duram as épocas chuvosas que, no dizer da gente da terra, duram, muitas vezes, cinco e seis meses.

Como ponto de vista, o lugar escolhido é admirável. Dir-nos-íamos diante desses pitorescos lagos em que abunda a Suíça, com mais rutilâncias de sol, com mais hipérboles de colorido na vegetação, com mais tons quentes nos terrenos e, por enquanto, com o seleto encanto da solidão, porque não me parece que três homens, duas mulheres, três crianças e seis vacas, possam riscar a foz do Arrudas do mapa dos ermos conhecidos e desconhecidos deste mundo.

Esta ascética localidade tem, porém, quatro minutos no dia, em que se transforma em paragem movimentada, com assomes de civilização; é quando passa o trem de ferro, de Sabará para Santa Luzia e de Santa Luzia para Sabará; viagem redonda que, por enquanto, tem duas edições, o que produz alternadamente quatro minutos de cenografia animada e movimentada; talvez movimentada demais, por que o trem de ferro descreve a graciosa curva em que desenha por aquele local, a todo o vapor, transformando, por conseqüência, aquela aparição numa apoteose de mágica, que passa sempre a fugir pelos olhos dos espectadores, para escamoteação da imperfeição das minúcias e economia dos fogos de bengala, que a iluminam e engrandecem!

As obras da estação do entroncamento a conseqüente paragem dos trens da Central, o interesse das multidões que exploram as multidões que residem, metamorfosearão, em breve, aquela deliciosa solidão, lugar que eu considerava o páramo ideal, para lá ir curtir os meus amuos, desgostos e rabugices.

O local escolhido para estação, talvez o único que se poderia encontrar por aquelas proximidades, tem a forma de um triângulo curvilíneo e, aceitando o terreno tal qual era, o dr. José de Magalhães estabeleceu também sobre uma planta triangular todo o edifício que, por entre muitas outras qualidades arquitetônicas, tem a de ser de um aspecto absolutamente novo e original.

Em cada face do triângulo há um vestíbulo que dá para um salão de passagem central, aberto em círculo e iluminado por uma clarabóia, centro de uma grande cúpula, coroada em cima por uma espécie de capacete anamita do centro do qual se ergue um alteroso catavento.

Nos dois vértices do triângulo estão os armazéns e as casas dos guardas; no outro vértice, a sala de espera com o seu respectivo toilete e um buffet cortado em forma circular.

Junto do vestíbulo que dá para a plataforma da Central, está a casa do agente junto a outro vestíbulo que dá para um dos desvios, o telegrafista.

O aspecto gráfico da planta é lindíssimo e a distribuição dos compartimentos, atendendo, como devia ser, em primeiro lugar à comodidade e ao aproveitamento do espaço, ficou com uma tal ou qual simetria ou, antes com uma tal ou qual harmonia de linhas que a simetria já pertence ao gênero de composições de linhas carcomidas e fora do uso.

O aspecto das três fachadas impressiona, sobretudo, pela novidade do agrupamento de linhas que partem de um triângulo e rematam num círculo.

A fachada que dá para a Central tem nove portas, encimadas como que por uma rosácea e envidraçadas, com os vidros protegidos por uma grade de ferro. A porta do centro, mais larga é toda de madeira, remata em semicírculo, aureolado por um renque de tijolos.

A cúpula que nasce com um diâmetro de dez metros e cinqüenta centímetros é toda coberta com folhas de zinco em forma de escamas, é coroada por um corpo elegante, com grande balanço e que a remata graciosamente, tirando a monotonia das catenárias com que ela, de baixo a cima, se embolsa.

As duas outras fachadas em pouco ou quase divergem da que descrevi a correr; não por falta de conhecimento dos detalhes da obra (feliz ou infelizmente); mas porque é aqui, neste caso, que convém deixar o prazer da surpresa, aos primeiros viajantes que aqui chegarem.

Arquitetos mais ou menos diplomados poderão achar que o aspecto arquitetônico de tal edifício não corresponda absolutamente ao primeiro preceito da arquitetura moderna, que estabelece que um edifício indique, logo ao primeiro relancear de olhos pelo seu exterior, o fim a que é destinado por dentro.

Mas a arquitetura das estações de estrada de ferro tem ainda outros preceitos mais atendíveis e, a esses, o dr. José de Magalhães atendeu com todo o zelo e boa vontade, mas sempre também nos limites do possível, porque, em espaço pequeno, não se faz obra grande nem tão pouco, quando se estabelecer para base da planta um terreno triangular, se pode voar à larga, em cata do belo nos lineamentos gerais e na traça de toda a obra.

A comodidade do público foi o tema dado pelo dr. Aarão Reis e pelo seu luzido corpo de engenheiros; o dr. José Magalhães escreveu as variações desse tema brilhantemente; mas sempre, com os bons clássicos de outrora, respeitando, na fuga dos rendilhados e ornamentos das variações, o casco e contextura do tema inicial.

No último concurso houve dois concorrentes para a empreitada da construção dessa estação.

O primeiro, conhecido empreiteiro do Estado de Minas, ofereceu dois e meio por cento de abatimento sobre os preços

das unidades da tabela anexa aos trabalhos desta construção; o segundo ofereceu seis por cento da redução, sobre os preços da mesma tabela.

O proponente aceito é a firma comercial Edwards, Soucasseaux e Camarate.

Descreve-los-ei, com a justiça imparcialidade e independência que sempre me têm assistido, na imprensa jornalística.

O primeiro chama-se Eduardo Edwards. É brasileiro, mas filho de inglês. Corado, calvo (o que é sempre indício de juízo e sensatez), muito delicado e amável no trato e negociante de há muito estabelecido em Belo Horizonte, onde é muito conhecido, respeitado e estimado.

O segundo chama-se Francisco Soucasseaux, vulgarmente o Braguinha. Baixo, com muito cabelo na cabeça e muitíssimo nos bigodes. É artista e operário de grande reputação no Rio de Janeiro e construiu, além de diversos prédios a grande fábrica de móveis Moreira Santos, um dos maiores edifícios do Rio de Janeiro, dentro do qual ele montou também todos os inúmeros e complicados maquinismos da tal fábrica; os quais no primeiro dia em que foram tocados pelo poderosíssimo motor a vapor que lhes dá movimento, trabalharam todos sem a menor hesitação devida ou soluço. É um homem prático às direitas.

O terceiro dá pelo nome de Alfredo Camarate, foi educado na Inglaterra, mas detesta as bebidas alcóolicas. É baixo e calvo (os calvos estão em maioria nesta razão social). É arquiteto e com pergaminho; mas, sobre a sua competência arquitetônica, esquivo-me a dizer palavra, porque Alfredo Camarate é o meu mais íntimo e fiel amigo, para quem não tenho segredos, nem arrufos, ganhando e gastando ambos, como se a bolsa fosse comum...

Nestas circunstâncias, o meu juízo sobre ele seria fatalmente dado como suspeito!

Minas Gerais — 12-08-1894,
Págs. 5 e 6.

XXXIV

Diz-se que a arquitetura é a expressão material das necessidades, das faculdades e dos sentimentos do tempo em que ela se manifesta, e que o estilo é a forma particular que toma a expressão, sob a influência do clima, e dos costumes, dos materiais de que se dispõe e do estado das ciências que se aplicam.

Existe, com efeito, como diz Reynaud, uma certa relação entre os usos e costumes, os conhecimentos e os sentimentos da humanidade, nos diversos períodos do desenvolvimento da arquitetura; e essa relação constitui uma sublime e misteriosa harmonia, que é acentuada, em todos os trabalhos da mão do homem; mas, se bem que tenhamos consciência dela, não podemos lê-la em cada um deles; ao passo que a arquitetura tem o poder de a resumir e de a expor claramente. Os sentimentos, conhecimentos e usos traduzem-se, nos edifícios, pela decoração e pelas proporções, pela natureza e emprego dos materiais, pelo número e distribuição das suas peças; a riqueza e grandeza dos monumentos representam além disso, o poder e a indústria das nações que os levantam. Uma vez que a distribuição esteja conforme com as exigências dos costumes; uma vez que os processos de construção sejam aqueles indicados pela ciência; uma vez que as proporções e o sistema de decoração decorram naturalmente dos sentimentos e do gosto da época, o sistema de arquitetura, que resultará de todas estas condições, há de forçosamente possuir o privilégio de representar a sociedade sob todos os seus aspectos. Dirigir-se-á a todas as faculdades do homem; será, de certo modo, uma admirável enciclopédia será o harmonioso e completo resumo de qualquer síntese.

Mas é evidente que os homens não podem criar a representação de uma grande síntese, senão com a condição de terem conhecimento dessa síntese e, daqui, se conclui que é necessária uma ciência geral, para que se estabeleça um sistema completo de arquitetura. Por isso, a arquitetura nunca teve o seu grande caráter de verdade e a sua harmonia geral, senão nas épocas religiosas. Nessas épocas, foi nos momentos religiosos que a arquitetura chegou ao seu mais alto grau de perfeição; foi para eles que ela parece haver sido criada e foi deles que a arquitetura desceu para os outros edifícios.

Toda a ciência e toda a poesia provém de um Deus conhecido e tendem a reerguer-se para perto dele. É necessário, portanto, um lugar de reunião para todos esses homens num só pensamento; é necessária uma grande nave, em que ecoa a voz do orador ou do poeta e, na qual, se virão emoldurar harmoniosamente as obras do pintor e do escultor.

É ao arquiteto que compete criar esse edifício e essa criação é neste caso tão grande, que compreende implicitamente todas as outras que ele inspira e dirige.

Seja qual for a mitologia que domine um povo, há portanto necessidade de erguer um templo, para a congregação dos seus crentes e fiéis e a religião católica, espalhada por todas as partes

do mundo, injetada pela doce e persuasiva palavra dos missionários, no espírito dos povos mais ferozes e selvagens, não podia deixar de ter um grandioso templo na nova capital de Minas; porque, felizmente para nós é neste Estado do Brasil que perisiste, com mais fé, pureza e desafogada crença, a religião cristã; que também sempre foi a religião dos que nos povoaram e colonizaram.

Mas um templo, erguido na nova capital do Estado de Minas Gerais, tem a um tempo de ser condigno com os sentimentos piedosos dos mineiros e a altura dos progressos e conquistas do século dezenove.

A estética moderna já não admitiria as amaneiradas formas de um Churriguera, cujo estilo barroco, constrangido e caprichoso se alastrou durante muitos anos, pela Espanha, por Portugal, no Brasil e sobretudo no Estado de Minas; nem, nos esplendores de uma das raras capitais talhadas para isso, desde o nascedouro, com ruas de vinte metros de largo, com avenidas de cinqüenta, com iluminação e bondes elétricos, com encanamentos de água e de esgoto aperfeiçoadissimos e sobretudo com talhadas dimensões de grande cidade, que possa comportar duzentas mil almas, quinhentas, um milhão, que sei eu? Se pode conceber erguer-se um templo, com as augustas dimensões de uma capela; uma igreja com simplicidades e modéstias de eremitério!

A economia mineira tem sido, até hoje, uma proverbial virtude deste povo; que tanto à riqueza do seu solo como aos escrúpulos com que pratica a economia, deve o seu desassombrado estado financeiro e a influência que tem sobre todos os demais Estados do Brasil; mas é necessário lembrarmo-nos de que os excessos mesmo das melhores qualidades se transformam em defeitos, e sobretudo cumpre que o povo mineiro comece a convencer-se de que há um profundíssimo abismo entre as despesas que são puros esbanjamentos e aquelas que, embora pesadas no início, se classificam na verba dos *gastos produtivos*.

Foi com essa verba, que o barão de Haussmann enriqueceu Paris, e todos sabem quanto aquelas colossais *despesas produtivas* foram combatidas, não só na imprensa francesa, como no parlamento, e mesmo por homens que se tinham como luminares na ciência da economia.

Uma capital raras vezes vive da riqueza natural do seu solo e mesmo das suas cercanias; o que alimenta as grandes coletividades, as cidades suntuosas, é a sua população flutuante, esse Potosi incalculável e incalculado por nós, e a população flutuante não se atrai senão pelo fausto, pela comodidade e pela ostentação.

O Estado de Minas, atualmente, tem tudo quanto pode desejar um Estado nascente; mas, devemos convir que até hoje não conseguiu ter um centro de população que, pela sua importância, conforto e variedade de atrativos, chame afluência dos nacionais e de estrangeiros.

Chegou agora o ensejo de criar esse centro; dando a capital de Minas uma grandeza e importância proporcional a um grande e florescente Estado que conta para mais de quatro milhões de habitantes, e convém não perder esse ensejo; unicamente por não chocar melindres de campanário.

E uma grande capital, como vai ou como deve ser a que atualmente se está erguendo, tem necesariamente de possuir palácios, teatros, jardins, parques, e sobretudo igrejas; porque é necessário atender a este raríssimo fenômeno, que se dá em Minas e que consiste em seus filhos fazerem caminhar perfeitamente de parceria os progressos da civilização, com a conservação das puras idéias religiosas, coisas que eu, de há muito, sustento que podem marchar perfeitamente de braço dado.

O dr. José de Magalhães está projetando a igreja, que deve substituir a acaçapada matriz, que atualmente se ergue no arraial de Belo Horizonte.

É uma igreja de estilo gótico; não sei se de gótico *vertical, florido, chamejante* ou *manuelino;* mas é desse estilo livre, em que se podem ligar, em harmonioso conúbio, todos os lineamentos e ornatos; desse gótico que, para mim, tem a suprema qualidade de manifestar, melhor do que qualquer outro estilo mais ou menos pagão, o sentimento religioso dos cristãos; esse gótico que, no subir da base até ao ápice das suas agulhas, procura simbolizar a ascensão das preces dos criados, para o seio do Criador.

Mas quantas vezes tenho eu visto o nosso arquiteto, hesitando, dando trato à sua bem educada estesia artística, murmurar com mágoa:

— Como ficaria bem, aqui, uma rosácea; ali um rendilhado, acolá umas nervuras! Mas é o demônio, fica a obra mais cara!

Quanto lastima ver em tão soberbo templo, sempre o cunho de uma estética barata!

Minas Gerais — 19-08-1894.
Págs. 4 e 5.

XXXV

Conhecem os governos provisórios, as instituições provisórias, os edifícios provisórios, todas as diversas modalidades, enfim, do estado provisório, que, na opinião do falecido conselheiro Nicolau Tolentino, era o estado donde se originavam os maiores desastres e calamidades para os seres e para as coisas?

O estado provisório implica a dúvida e a desconfiança, anula e inutiliza os mais previdentes cálculos para o futuro; atrofia a natural emulação; é o figadal inimigo da perfeição e da solidez e o mais nocivo e doloroso cancro roedor que tem afligido a sociedade.

A pretexto das situações provisórias, tornamo-nos desidiosos e inertes à conta de obra provisória, lançam-se todos os aleijões da legislação e da arquitetura, todas as tombas e remendos que sofrem as ciências, as artes e a literatura.

Compreendo e aceito todas as situações, sejam elas as mais tristes e desastrosas; mas revolto-me, com todas as forças da minha alma, com todas as veras do meu coração, contra as situações provisórias.

Demais, o estado provisório é infinito. Ninguém sabe quando ele começa nem quando ele acaba; e, se formos julgar a duração do provisório pelas lições da história, veremos que o estado provisório é de todos os estados aquele que mais dura!

Tenho muitas vezes pensado, nos momentos de ócio, que são os únicos que podemos malbaratar com idéias de além-campa, no que devem ser os cruciantes tormentos do inferno; desse inferno que prometem aos meninos que mentem; desse inferno que, até certo tempo, foi freio, para sopear grandes crimes e grandes criminosos. Admito-o mesmo, cheio de todos os horrores, com que o descreviam os poetas e pintores da idade média; mas, depois de refletidos, duros e prolongados cálculos, acabo sempre por aceitar o inferno, para justo castigo dos meus pecados, *que são muitos e em si mesmo mui grandes*, com essa forçada resignação e estoicismo de pacotilha que tem todos os heróis à força e todos aqueles que se abraçam, com fingida serenidade, ao aforismo que prega: "o que não tem remédio, remediado está".

A impressão que me causa o inferno do catolicismo é muito parecida com a que sinto quando passo pela estrada de ferro de Sabará, entre a estação da Esperança e a de Santo Antônio: em caso de descarrilamento, por imperícia do maquinista, em caso de trambolhão para o Averno, pelo passado acervo dos meus pecados, estou sempre certíssimo, de que a liquidação é completa!

Não há sequer salvados de membros do corpo, nem de esquirolas da alma. No inferno e naquele famoso trecho de estrada, a alma e a existência, como se fossem riscadas a giz, desaparecem pela ação da esponja molhada com que, sobre elas, passa as inflexíveis leis do destino!

Por isso, se as viagens e os pecados me reservarem estas duas cambalhotas ou qualquer delas isoladamente, o meu grito de angústia será este, verdadeiro padrão de heroicidade e laconismo:

— Ora, muito boas-noites!

Fica trancada a vida da matéria e do espírito com um trambolhão, contra o qual nem mesmo nos assiste o famoso remédio de "chorar na cama, que é parte quente".

E aqui está onde reside a amarga doçura das liquidações completas!

Agora com o purgatório, o caso fia mais fino. São as terríveis, labaredas de uma fogueira espevitada, a crestarem-nos pêlo e pele e tendo por malfadado consolo, as futuras frescuras de um paraíso celestial.

Quanto mais inquisitorial é, este martírio, do que o do celebrizado Tântalo, a quem, se não lhe matavam a fome, pelo menos lhe despertavam o apetite, com o mais sublime e eficaz de todos os aperitivos — o desejo não realizado!

Mas, nem é caso para nos extraviarmos pelo inferno e ainda menos pelo purgatório, para provar as inconveniências das situações provisórias, quer elas se dêem na política, no amor ou mesmo nas mais prosaicas e burguesas questões da vida.

A palavra "provisório" traz associada consigo a idéia de transição e a transição é naturalmente a negação absoluta da perfectibilidade.

A povoação de Belo Horizonte passa, atualmente, por todas as agruras e desencontros da provisoriedade.

Os proprietários são provisoriamente donos dos seus prédios e terrenos.

Os inquilinos residem provisoriamente nas suas casas.

As águas que o povo bebe, têm todas as lamas e imundícies dos regos por onde correm; regos que são, por enquanto, o seu encanamento provisório.

Os barracões, que se erguem para diversos serviços da comissão, são ainda levantados pelos operários da localidade e ostentam o mais pitoresco montão de aleijões e de torturas, que se pode imaginar.

Mas para que alinhar, endireitar e esquadrar tudo aquilo, se é obra que se levantou já com o fito de servir provisoriamente?

Os dois ou três armazéns de comestíveis de Belo Horizonte já sustaram a sua faina comercial; já deitaram água fria na curta efervescência que ostentaram nos seus fornecimentos. Já não há vinho; já não há batatas; já não há conservas, nenhuma destas coisas que os espanhóis chamam provisões de regalo.

Mas também para quê? Dizem eles; não sabemos quanto tempo nos deixarão estar aqui e, para residências provisórias, ninguém se fornece por grosso e à larga.

Quando a comissão construtora iniciou aqui os seus trabalhos, havia três ou quatro hotéis coxos e manhosos, se quiserem; mas que davam abrigo a cerca de cem pessoas. Atualmente, há um hotel só; é verdade que um hotel razoável; mas que, empilhando os hóspedes como sardinhas de Nantes, poderá conter, quando muito, trinta pessoas, e mais de sessenta dão com as ventas na porta e tratam de se acomodar nas casas dos outros; porque, digam lá o que disserem os poetas, sobre a esplêndida serenidade das noites tropicais; que, por duas ou três noites que, de cabeça ao léu, dormi debaixo de cacimbas e serenos, levei a espirrar uma semana, que parecia desfazer-me por todas as costuras.

Eu não censuro os atos do dr. Aarão Reis; porque culpa nenhuma lhe cabe por este melindroso estado de coisas; nem o censuraria agora, que tenho um meu amigo muito íntimo debaixo da sua alçada; mas dizia minha avó: "donde se tira e se não põe, falta faz"; e visto que temos forçosamente de aceitar o regime provisório, acuda-se-lhe com barracões, armazéns e outras medidas provisórias, e aqui apoiei eu, inconscientemente, a doutrina homeopática que diz que o semelhante cura o seu semelhante.

Nunca meti o bedelho nas questões que não contendem com o meu dever e competência; mas como o jornalista tem ou pelo menos, asseveram que tem a liberdade de dizer o que entende, acho que o único remédio, para resumir este prazo doloroso do sistema provisório, seria o de pôr em venda, já, alguns lotes de terreno da zona que está estudada e delineada (e aqui para nós, que é lindíssima) e começar-se a construir, não só edifícios do Estado, como casas de particulares; que pretendentes não faltam, sei eu de muito boa fonte.

Eu, com as minhas forçadas economias que me impõe Belo Horizonte, já dispondo de modestas quantias para me tornar possuidor de um quinhão de terra da formosa "Minas".

E, tudo com a prata da casa, construirei uma casinha.

Que o caracol morra, ao menos, em casca sua!

Minas Gerais — 22-08-1894.
Pág. 5.

XXXVI

Saí de casa, no dia 16 deste mês, depois de haver acordado às cinco horas da madrugada, pelo esfuziar dos foguetes, pelo estampido dos morteiros e pelo badalar dos sinos da matriz, que são dois; mas dos quais o sineiro tira tanto partido e efeitos, que parecem repicar as matinadas dos portentosos carrilhões do Convento de Mafra, padrão da estupidez de um dos reis de Portugal e glória de um dos mais célebres sineiros de Antuérpia.

Devo começar primeiro por dizer que Belo Horizonte tem andado, estes últimos dias, num desengaçar de festas religiosas muito edificantes para a alma; mas muito amoladoras para o corpo!

Há três dias que sucede invariavelmente esta série de cerimônias do culto religioso.

De madrugada, muito antes de cantarem os galos e de cacarejarem as galinhas, espojando-se na terra e sacudindo as asas para expurgarem os restos de sono do corpo entorpecido pelo dormir de pé e fazendo ginástica nas instabilidades de um poleiro cilíndrico; antes de se erguerem das casas e cafuas essas colunas de fumo azuladas, que indicam desde logo a fúria ou serenidade dos ventos para o seguir do dia, funga meia dúzia de foguetes, ribombam alguns morteiros com um estrondear que parece zombar das posturas municipais e dos direitos de propriedade dos senhorios que mantêm os seus casebres em pé, pelas mais inacreditáveis leis de equilíbrio; os sinos multiplicam-se como os pães na mão do Redentor, e toda a povoação religiosa e profana salta da cama, os primeiros com preces mastigadas a custo nos lábios; os segundos murmurando pragas e maldições, capazes de arrepiarem o próprio diabo caudato e bicornuto!

Segue-se uma pequena pausa entre as nove e as dez, empregada pelos fiéis e infiéis a comer o respectivo grude, para que as pernas não lhes fiquem entre as dez e as onze!

Às dez horas, missa cantada e acompanhada pela banda de música que veio expressamente da Contagem para esta extensa solenidade sendo louváveis os esforços que os cantores empregam para se fazerem ouvir e os não menos ingentes esforços de banda marcial, para não inundar as vozes com o hiperbólico estrondar dos seus oficleides e trombones.

A saída da missa é um espetáculo muito para ver-se.

A maior parte dos fiéis é composta de senhoras, que, na simplicidade do seu trajar, na compostura dos seus gestos e na suave combinação das cores claras dos seus vestidos, produzem uma marcha harmoniosa e variada, que provoca a palheta de um pintor.

Entre a missa e a festa da tarde, a banda de música, composta de moços com os mais robustos pulmões que tenho visto na minha vida, aparecem tocando em toda a parte! De longe ou de perto, todo o dia se ouvem polcas, marchas, quadrilhas, dobrados etc., e tem sido tal a escovadela que tem apanhado o tocador de bumbo, que este instrumento supergrave já vai, no coice, às cavaleiras de um crioulo que, vergado para diante, sente a todo o momento os tremeliques da vibração da pele que lhe ecoa por sobre o lombo e os não menores tremeliques do orgulho, por se ver em tão honrosa e sonora posição social... ou instrumental, se assim o tiverem por melhor!

Os foguetes, lançados alternada e economicamente, também intervalam as peças de músicas, com os seus estalidos.

À tarde, reza, procissão, sermão, fogueira e levantamento de mastro embandeirado, acompanhado de nutridas girândolas de foguetes, que têm sido epilogada, por duas rodinhas com cores, para grande satisfação dos festeiros e gáudio da garotada, que as festejam com entusiástica e atroadora grita!

A procissão da tarde, como todas que tenho visto em Belo Horizonte, comove, pela sua simplicidade e sincera sem-cerimônia.

Um guião vermelho com dois ciriais, empunhados por três irmãos, envergando capa economicamente curta mas impecavelmente limpa, rompem o préstito, seguidos pelos fiéis à paisana, com velas ou sem elas, mas todos no maior respeito e decência; vêm depois os andores, com as imagens ornadas de vistosas flores; uns acompanhados de anjinhos, com as suas alvas asas de algodão ou de arminhos; outros rodeados das virgens, meninas vestidas de branco com laços azuis, que se avizinham do pálio, atrás do qual a incansável filarmônica da Contagem entoa uma marcha grave.

Mas, seguindo o pálio, caminham centenares de senhoras, com essas admiráveis e suaves festas de colorido no trajar e que jamais vi em parte alguma, e Deus sabe quanto tenho viajado!

Depois do sermão, terminada a festa do templo, a filarmônica, que tem sete fôlegos como os gatos, lá vai em cata da bandeira, que se deve prender debaixo da borla do respectivo mastro que, desde manhã, se acha deitado sobre dois cavaletes, onde vistosamente o listraram os fiéis pintores, que se não poupam a despesas de cores e de ornatos, para que ele fique pelicromicamente catita, como é de praxe e dever em todas as festas do povo e para o povo.

Momentos depois, reaparece a filarmônica, imperturbável na força e na resistência dos bofes e, com ela, a bandeira, que deve naturalmente ser prenda de algum festeiro mais habilidoso ou mais apatacado.

Ajusta-se a bandeira no mastro; levanta-se este valorosamente só a braço, e então é que é ver e ouvir foguetes, que respingam miraculosamente do solo aos milhares; foguetes que eu nunca deixo de acompanhar, na ascensão e na descensão, com a vista pelo amor que tenho às parábolas luminosas e pelo medo que tenho das flechas que, abandonadas pelas galas do fogo, se deixam muitas vezes cair com todo o abandono e sem-cerimônia sobre as nossas cabeças, ficando estas feridas ou contundidas com o celestial e pirotécnico carolo!

Lança-se fogo às peças de artifício e à fogueira, armada com as achas cruzadas, como a construção dos *chalets* suíços de verdade, o que faz belíssimo efeito; vendo-se, por entre aquela gradezinha, as chamas lambendo pouco a pouco, pelo centro, aquela curiosa estrutura externa, e o povo vai, aos poucos, encaminhando-se para sua casa.

É, neste ponto, que falta à povoação de Belo Horizonte a estética cenografia que os povos adiantados nunca deixam de empregar nas suas festas populares.

Na Europa reserva-se sempre para a cauda das festas uma cerimônia que cause impressão, uma peça pirotécnica que produza grande vista e sobretudo grande estardalhaço!

É o fecho indispensável; é o coroamento da obra; é finalmente, a sacramental chave de ouro!

Em Belo Horizonte, a fogueira tem duzentas pessoas em roda dela às nove horas; cinqüenta, às nove e meia; oito, às

nove e três quartos; e às dez, só existe em frente dela algum teimoso ou friorento ou, quem sabe mesmo, se algum desgraçado, que não tenha casa ou que, havendo-a, tenha a sogra dentro dela!

Mas, apesar deste erro lógico, desta falta de tino em não caminhar sempre do menor para o maior, as festas de Belo Horizonte têm sempre extraordinários encantos para mim.

Disseram-me que o luzido corpo de festeiros, para o ano, é quase todo composto de engenheiros da comissão construtora que, acostumados ao trânsito e ao nível, vão saber agora *de que pau é a canoa!*

Poderão fazer muito, enriquecer as festas com desusados esplendores, incorporar nos cânticos cantores e músicos de primeira plana, mas as festas de Belo Horizonte perderão o cunho da sua piedosa sinceridade, deixarão de ser as alegres rondas campesinas, para se transformarem em majestosos bailes, em que deverão aparecer o amarrotado *gibus* e a prosaica casaca!

Aí não estarei eu com certeza!

Minas Gerais — 26-08-1894.
Pág. 3.

XXXVII

De frente da casinha em que moro, está estabelecido o único barbeiro, que, atualmente possui Belo Horizonte.

Tem tido, portanto, a honra de *por a mão na cara,* de quase todos os membros da comissão construtora, sem ofensa e conseqüente desforço; havendo gozado também a satisfação de me ter ido aos queixos de vez em quando, nas ocasiões em que a minha navalha mecânica começa com amuos e resistências de mulher caprichosa.

É espanhol, não sei se da Estremadura, das províncias vascongadas, de Castela Velha ou de Andaluzia; sei apenas que fala pelos cotovelos, com os fregueses, com os conhecidos, com a família, de dia e de noite; porque durante as minhas longas horas de insônia, sinto-o de vez em quando, exclamar "doutor! doutor!"

É bom barbeiro. Adotou o ecleticismo na sua profissão. Tem um pouco os rasgos de barbeiro sevilhano, um pouco as insistências e teimosias do barbeiro do norte de Portugal; não desconhece os requintes alambicados do cabeleireiro parisiense e possui em supremo grau, a arte de aconselhar as vantagens de um

toalete próprio e de impingir sabonetes e outras perfumarias concomitantes, que, no dizer dele estão agora no Rio de Janeiro, pela hora da morte!

No *stock* das suas perfumarias, há sabonetes de sete mil réis; incluindo o rótulo e o seu competente invólucro já se sabe.

Como se vê, é um sabonete de príncipes e uma *espiga* de reis!

Só tem um defeito, que lhe conheça: é jornalista.

Tenho, defronte da minha casa, um polimista, um articulista de fundo, com o seu pendor inocente para o socialismo!

Mas todas as suas idéias subversivas são espalhafato de galo. No intimo, é incapaz de matar uma mosca!

Ah! é verdade, tem outro defeito:

O de querer, por força, cortar o cabelo da gente à *pany toros!*

É um penteado exclusivamente espanhol, em que as melenas correm, das orelhas para as fontes e se alinham, com a regularidade de um corpo de tropas inglesas.

É bonito, lá isso é; mas aquele penteado exige, como complemento, camisa sem colarinho; jaquetinha curta com cotovelos de veludo variegado, calção justo, polainas com os cordões chorando pelas pernas abaixo e chapéu de abas curtas e levantadas, com dois *pompons* no lado esquerdo.

Aquele penteado pede além disso, navalha de ponta e mola com meio metro pelo menos de comprimento, um par de castanholas, muito saracotear nos gestos, muito bambolear nos movimentos e, sobretudo, um repertório picaresco de frases, tais como estas: *caramba! viva la gracia!* e muitas outras, que não ponho em letra redonda, cá por certas razões e, das quais abunda o vocabulário popular de todas as Espanhas!

Ora eu não uso navalha, já não tenho castanholas, os donaires do meu andar regulam pela gravidade majestosa do passo do elefante e, pelo que respeita ao vocabulário espanhol, prefiro-lhe o português; que tem a soberana vantagem, de não ser empregado senão quando a mostarda nos chega ao nariz!

Mas também, nas raras vozes que portugueses e brasileiros põem a boca no mundo, oh! pai da minha alma, é um desabar do céu velho, com o choque de tão retumbantes palavrões.

Em resumo, à *pany toros* não me corta o vizinho o cabelo ou, se me cortar traiçoeira e sub-repticiamente, nesse dia há pancadaria de criar bicho.

Pois bem, e meu bom vizinho barbeiro chamou-me um destes dias para me mostrar uma coisa muito curiosa.

Fiquei logo de pé atrás; porque o homem, além de barbeiro e jornalista, negocia em cavalos, em burros, em peixe, em ventoinhas de candeeiro de querosene, em quitanda (aliás muito gostosa), é capaz até de negociar e entrar em ajustes para fornecimento de uma nebulosa ou mesmo de meia dúzia de cometas, em muito bom estado.

É espiga que vou tomar, murmurei eu e confesso que injustamente; porque foi coisa que ele nunca me arrumou.

Mas enganei-me. O que o homem queria era mostrar-me um par de cabrinhas; mas um par de cabrinhas papudas!

Ora, eu meto-me outra vez, pelo bócio a dentro, horrivelmente contrariado.

Estudei o mal, pelos recomendados processos do inquérito e depois de três meses, fiquei, com o seguinte acervo de informações, cada qual a mais contraditória:

O papo provém da falta de iodo nas águas.

O papo provém do excesso de magnésia nas águas.

O bócio origina-se da miséria da alimentação e da insuficiência dos abrigos.

A papeira tem por causa o abuso de carregar grandes pesos na cabeça.

O papinho aparece quando se sopra o fogo com muita força e durante muitas horas.

O papo só aparece, depois do primeiro parto. (Esta informação inspira-me um certo sossego).

O bócio, finalmente, é um mal hereditário.

Se os doutos na ciência de Esculápio forem capazes de aplicar qualquer destas coisas, às duas cabrinhas em questão dou-lhes uma trouxa de ovos e prometo-lhe necrológios, se tiverem a condescendência de morrer antes de mim.

Excesso de iodo ou superabundância de magnésia nas águas não é; porque eu e todos os companheiros bebemos da mesma e até agora (o diabo seja surdo) ainda não nos apareceu nada de mais.

Miséria de alimentação e insuficiência de abrigo também não é; porque há muito bom capim (para elas, já se sabe) e um telheiro abriga-as noite e dia.

Carregar grandes pesos, soprar continuadamente o fogo e conseqüências do primeiro parto também não é, por incompatibilidade dos bichos e porque nasceram há dias!

Resta-nos ser o defeito das cabrinhas um mal hereditário.

Mas a sua respeitabilíssima mãe tem um pescoço de gazela e, a não ser os úberes prenhes de leite, não lhe descobri saliência de mal agoiro!

E aqui estou eu outra vez na mesma dança, com as mesmas dúvidas e hesitações sobre o célebre e celebrizado bócio; assunto interessante para os homens de ciência, pasto fertilíssimo para os exploradores que, quando se pensava que a capital ia para a Várzea do Marçal, expuseram fotografias com este título *Papudos da Várzea do Marçal*, e que, logo que a nova capital se mudou para Belo Horizonte, expuseram a mesma fotografia, com o dístico, *Papudos de Belo Horizonte*.

Por minha parte, voltei para o meu humilde tugúrio, com a confiante serenidade de quem, do papo, não espera ataques para si ou para os seus.

E como já não posso dizer, como Camões:

Digam os sábios da Escritura
Que segredos são estes da natura

porque tais sábios não existem e, quando existissem, de certo não me ouviriam: deixo o assunto, aos doutos e enfronhados na ciência para que o papo os ponha em papos de aranha!

Minas Gerais — 29-08-1894.
Pág. 4.

XXXVIII

O leitor já comprou algum cavalo?

Como bom mineiro, deve ter comprado; porque, nos acidentados terrenos deste pitoresco Estado, o cavalo é tão grande necessidade, que melhor fora havermos nascido centauros, do que humanos com dois pés; tendo, por penosa missão, trepar constantemente ladeiras, em que as mãos exerceriam funções locomotoras se não fora a aspereza das areias, a agrura dos espinhos e o desaire de andarmos de gatinhas; soberana humilhação, que, com este porte simiesco, sofreria o enfunado rei da criação!

Pois as exigências do serviço levaram-me à insólita faina de procurar uma alimária, para me ajudar a engolir algumas dezenas de léguas que teria de fazer por estes meses, e uma fatal imprudência levou-me a comunicar esta idéia a algumas pessoas de minha amizade.

Oh! diabo, que tal disseste!

Foi como se o presidente de uma assembléia legislativa depois de empunhar a campainha para restabelecer o silêncio dissesse:

"Agora, meus senhores, podem todos falar ao mesmo tempo".

— Então, compre um burro! disseram-me logo dois amigos, em concertado unissono.

— Compre um cavalinho e deixe-se de histórias, meu amigo, acudiram outros dois, sem rodeios nem refolhos, como quem pregasse doutrina incontestável e incontestada.

— O burro, continuaram os advogados do burro, é animal como que talhado pela Providência, para os nossos caminhos tortuosos e acidentados!

Eu achei um tanto irreverente a imagem do meu amigo, que punha a Providência a talhar burros para um fim qualquer; mas não respondi; porque depois que escrevi, nesta folha, um inocente artigo sobre burros e com o qual despertei gratuitamente inimizades e calúnias, tenho uma *ojeriza* aos *jericos*, que basta olhar para as orelhas arrebitadas de um jumento, para ter uma sincope de muitas horas ou um flato histérico de assarapantar toda a vizinhança.

Mas, em auxílio da minha perplexidade, vieram os apologistas de cavalidade e, esses, apoiando-se em leis zoológicas e zoográficas de primeira ordem; pelo menos lá para eles.

— O burro nasceu para a tração; o cavalo para a montaria. É uma lei natural, contra a qual só se pode insurgir um burro! O cavalo tem, na saliência e elevação do pescoço, no alçado da anca, um lugar predestinado para o selim; ao passo que o burro tem, na cumeeira do corpo, uma constante e ininterrupta tábua rasa, por onde se escorrega, para trás ou para diante, com a maior facilidade!

— Ora se escorrega, acudi eu logo, por muito prático e escarmentado que estou nas tais escorregadelas.

— É verdade, retorquiu o encarregado da apologia do bicho orelhudo; mas o burro é muito mais inteligente do que o cavalo

e mesmo do que o homem. Num brejo, ninguém melhor do que ele escolhe o lugar, por onde pode passar num desfiladeiro angusto e pedregoso, ninguém melhor conhece a pedrinha onde deve pousar o cauteloso pé; a chuva, o vento, o sol, a falta de pasto, a ausência de água, nada incomoda o burro, exemplo da sobriedade, de paciência, de força e de resistência. Quer o senhor saber a minha opinião? O burro é um camelo.

— Lá isso é, murmurei eu, sem más intenções.

— Sim senhor, replicou o outro mas a gente monta num burro, num camelo, numa avestruz, quando não tem cavalo. Todos os exércitos civilizados adaptam o corcel na cavalaria e os burros unicamente na artilharia para puxar pelos canhões. A Prússia, a França, a Inglaterra sentir-se-iam magoadas, nos seus brios patrióticos, se tivessem de mencionar, no efetivo dos seus exércitos, em lugar dos sessenta mil homens de cavalaria, sessenta mil homens de burraria!

Aquele argumento pareceu-me convincente.

"Demais, continuou o orador, que figura garbosa e elegante faz um homem, montado num cavalo ardente e fogoso...

— Sobretudo, quando lhe sai pelas orelhas afora, resmunguei eu.

"Que graça no bracejar das mãos; que garbo no seu caprichoso piafé: que donaire no menear da cabeça; que encanto, no seu relinchar; que...

— Ora deixe-se de histórias, cavalo é para janotas e pelintras!

— E o burro é para burgueses e jagodes!

— Não seja tolo!

— Tolo é você!

E engalfinhavam-se ou engalfinharam-se; porque, pretextando falar a um amigo, despedi-me, aborrecido com o rumo que tomara a discussão que, como sempre acontece quando é longa e acalorada, deixara o assunto para ulteriores resoluções!

Na manhã seguinte, bateu-me um sujeito à porta e, depois de me dar os bons dias, disparou-me esta, à queima-roupa:

— Soube que o sr. queria comprar um cavalo e trago-lhe este magnífico, para o sr. experimentar.

Como está adiantado o serviço de reportagem, entre os alquilés!

"O cavalo é muito novo; queira olhar-lhe para os dentes.

E lá fui eu escancarar a babenta boca do bicho, com manifesto medo de apanhar alguma dentada.

"Esta gordinho que faz gosto. Tem andadura, marcha e travado. A gente anda neste cavalo, como se estivesse numa rede. É manso, dá cilhão e uma criança pode ir aqui com toda a segurança.

Mas eu não me quis afogar logo na primeira oferta e disse ao homem que voltasse dali dias; famosa fórmula brasileira que, na sua falta de precisão, abrange desde o *amanhã* até as *calendas gregas!*

E fui-me vestir para sair; quando, antes de pôr o chapéu, senti novo chamado e vi novo cavalo e novo alquilé.

O homem começou logo por esta sentença:

— O cavalo é velho; exatamente o que convém a *vancê*. Isto não é bicho engordado com palhoça de cana, nem lustrado a água com sal. É magro e musculoso; como deve ser um animal de jornada. É um trotão e um galopador de primeira ordem. Esta história de andaduras e de marchas é boa para cavalo reles de almocreve! É esperto e tem fogo, apesar da idade, e *vancê*, em cima do Choramulata, vai que um nem principe.

Vi desde logo que, sobre idades, gorduras e magrezas, marchas e trotes das cavalidades, divergiam os autores.

Não fechei o negócio, para esperar novos modelos e novas opiniões.

Até a noite desse mesmo dia, propuseram-me:

Um burro calçado da mão direita; indicio de fogo e animação.

Um burro descalçado; prova de seriedade e comedimento, na arte da escoucearia.

Um cavalo baixo de agulha; que dava grande comodidade para montar.

Uma égua, com altura excedendo a marca para a cavalaria; animal que me daria o aspecto de um Santo Antoninho de barro, em cima de um tronco.

E com esta égua, vi-me entre a cruz e a caldeirinha; porque o homem dava-me por dez réis de mel coado; punha-a, por oito dias, a meu contento; insistia nas suas virtudes prolíficas; afiançava-me que, dentro em pouco, estaria possuidor de uma numerosa manada de garranos e olhando, desvanecido para mim, dizia:

— O sr. escarranchado neste animal, fica mesmo um rei!

Com o corpo que eu tenho, em cima daquele mangrulho, ficava mas era um cercopitecus!

E ainda estou na mesma, na barafunda de tão desencontradas opiniões!

Como é difícil andar a cavalo nos outros!

Minas Gerais — 02-09-1894.
Pág. 13.

XXXIX

O estado-maior da comissão construtora, tendo a sua frente o inteligente e ativo dr. Leal, seu secretário, projeta, e creio mesmo que já começou a pôr em realização, a criação de uma biblioteca-museu; onde todo o brilhante corpo de engenharia, em trabalhos neste delicioso páramo, mas segregado absolutamente do movimento científico, literário e artístico de todo o resto do mundo, possa encontrar, à noite, nos seus curtos momentos de ócio, um lugar onde consiga apascentar o espírito pela leitura, ou aumentar a lista dos seus conhecimentos, com a vista das maravilhas mineralógicas do Estado de Minas e, se possível for, de todo o Brasil.

Ora, eu sempre fui grande apologista das criações de bibliotecas em toda a parte, nas capitais, nas cidades de primeira e segunda ordem, nas vilas, aldeias, arraiais e povoações; porque conheço diretamente os serviços que os museus e bibliotecas têm prestado a todos os povos do mundo.

Os meus leitores — se é que os tenho, — sabem isso tão bem ou melhor do que eu; mas eu continuo a insistir neste assunto, que nunca será suficientemente respigado e jamais tratado à saciedade.

Começarei por apontar um exmplo, especialmente porque se deu no país onde fui educado e que eu, talvez com um pouco de parcialidade, cito a todo momento, como nação digna de imitar-se, em muitos pontos, sobretudo nos que contendem com a educação.

Refiro-me à Inglaterra, essa coletividade, sobre a qual pesam grandes culpas; mas que é formada por elementos muito dignos de louvor e imitação.

Figurara a Inglaterra numa das exposições de Paris, com as suas prodigiosas e colossais máquinas, e o júri francês, fazendo-lhes os maiores elogios, à sua solidez, simplicidade, e novidade de invento,

notou-lhe que, em todo o caso, a fabricação inglesa ressentia-se da falta de instrução dos seus operários, na parte que respeita ao desenho.

A observação era justa e o inglês, apesar do seu orgulho, dos exagerados arroubos de seu patriotismo, da sua mais ou menos justificada vaidade de nação poderosa e dominadora, nunca deixa de aceitar um conselho justo e de receber docilmente uma lição bem dada, sobretudo quando, dela, pode tirar proveito, para si ou para sua pátria, que o inglês tem o louvável sestro de considerar, como a ampliação do seu *home*, como coisa sua, absolutamente sua.

O governo inglês considerou razoável a observação consignada no relatório que publicaram os franceses e tratou logo de instituir o *South Kensington Museum* e que, pelo impulso do governo e também da iniciativa particular, se tornou o museu de arte industrial mais importante, que se conhece na Europa.

Não há lição mais proveitosa para as artes e sobretudo para as artes industriais, do que aquela que se recebe pelos olhos.

Adornem as paredes de uma casa, com obras-primas da arte ou pelo menos, com as suas boas cópias, que já fornece a indústria moderna e as crianças nascidas e educadas nessa casa, irão, pouco a pouco, iniciando-se no sentimento do belo e rejeitarão, por educação, todos os aleijões, que lhe apresentem e que, as outras crianças, com a vista educada nas monstruosidades, acharão produções estéticas de primeira ordem.

Os operários ingleses, que tinham quinhão na reprimenda francesa, começaram a estudar, no tal museu, os trabalhos industriais das outras nações e sentiram, com o proverbial bom senso britânico, que careciam de aulas de desenho e o governo da Inglaterra foi ao encontro dos seus desejos, criando também cursos públicos de desenho e liceus de artes e ofícios.

A lição foi tão proveitosamente dada e recebida que, doze anos depois, quando a Inglaterra concorreu a um novo certame de indústria francesa, as máquinas inglesas foram consideradas, por todos os entendidos, como superiores às de todas as demais nações, não só pela sua solidez, simplicidade e novidade de invento, como pelo seu *puro e correlíssimo desenho!*

Não sei como a história da Inglaterra classifica este triunfo, entre os muitos que tem conseguido esta poderosa nação; mas eu julgo-o muito superior, ao da batalha naval de Trafalgar ou outras, em que a superioridade dos povos se manifesta, pelas artes e artimanhas da guerra!

O homem, por mais que nos doa o amor próprio, foi, é e será sempre uma criança grande! Tem todas as suas rebeldias, todos os seus caprichos, todos os seus amuos. Se o convidarem para um lugar, com o fim ostensivo de o instruírem, não vai a esse lugar, um pouco por orgulho, ou pouco por desidia; ao passo que, se lhe durarem a pílula, com os refolhos da conversação, ele apanha a lição, aproveita-a, convencido, na sua empáfia, que a não recebeu!

É por isso, que eu adoro os livros de Jules Verne, as *Causeries* de Henri de Parville, as notícias científicas de Gaston de Tissandier, porque ensinam, por processos comesinhos e agradáveis, sem essas abafas guindadas de pedagogo.

Alexandre Dumas pai, para mim o primeiro romancista dos tempos modernos, tinha razão, quando dizia que ele, com os seus romances, tinha ensinado mais a história francesa, aos seus compatriotas, do que todos os compêndios, que se haviam publicados com o pomposo título de *História de França!*

Além disso, a idéia sugerida por grande número de membros da comissão construtora de criarem uma biblioteca-museu, tem, para mim, a soberana vantagem de ser um dos primeiros passos da nossa iniciativa particular.

O Brasil herdou muitas das qualidades e muitíssimos dos vícios de Portugal.

Para nós, tudo deve partir do governo; tornamo-nos, por modo próprio, seus tutelados e é só debaixo da teta orçamental, que pomos o jarro, que deve ficar a transbordar, com o leite da vaca do tesouro!

São os governos que nos devem fornecer todas as escolas primárias e secundárias, todas as bibliotecas e museus, todas as aulas e liceus de artes e ofícios, todas as escolas de Belas-Artes, todos os conservatórios e institutos de música; sem nos lembrarmos que todos esses estabelecimentos com caráter oficial academizam a instrução, dão-lhe tacelos uniformes, legislam, na ciência, na arte e na literatura, com esse tal ou qual despotismo, inerente mesmo aos governos mais liberais!

Como o povo português, somos capazes de pedir, ao nosso governo, esteiras almofadadas, para que não quebremos a cabeça nas paredes; como ele pediu, pelos seus mais autorizados órgãos da imprensa, uma grade, para a muralha de S. Pedro de Alcântara, em Lisboa, e outra, para o paredão das Virtudes, no Porto; a fim de porem cobro à mania dos suicídios!

É necessário que os brasileiros comecem a inaugurar a época de sua iniciativa particular, e a modesta instituição da biblioteca-museu a que me refiro é já um dos primeiros passos dados nesta senda.

Eu abraço cordialmente o dr. Leal, a quem conheço de há mais de vinte anos, por esta sua admirável e utilíssima idéia.

Fique sabendo que freqüentarei esse centro de instrução; certo de que um homem só começa a saber uma matéria no dia em que decididamente ficou convencido que a não sabe!

Parece um paradoxo; mas é uma dura e incontestável verdade!

Minas Gerais — 05-09-1894.
Págs. 4 e 5.

XL

Há um alimento, sem o qual me é difícil passar, a carne de vaca.

Em Belo Horizonte, este gênero de primeira necessidade foi, por muitos anos, considerado um manjar de príncipes, se é que não assumiu, para os incolas não viajados, as proporções do fato duvidoso ou mitológico.

Vieram os *fidalgos* do Rio de Janeiro, do Ouro Preto, de S. João del-Rei, e tal gritaria fizeram com a ausência diária do boi, que os timoratos negociantes de Belo Horizzonte resolveram-se a matar um por dia e fizeram-no como mal preparados no ofício, mal e porcamente.

Devo desde já confessar uma coisa, que atenua um tanto a ignorância magaréfica desta população: é que, mesmo no Rio de Janeiro, o comércio das carnes verdes está tão atrasado como na China; se é que o boi já entrou nas cozinhas do Celeste Império, afugentando os ninhos de andorinha e os miolos de formiga, que os historiadores e viajantes, que em geral metem pelas tripas de Judas, diziam ser o favorito alimento daquele povo amarelo, esguio e raquítico.

O corte do boi, no Brasil, ainda não é uma ciência e faz-se, não segundo as regras; mas conforme as conveniências de impingir, com brutal velhacaria, ao infeliz freguês, carne, gordura, ossos, sebo, peles e chavelho!

Tirada esta perícia, a única que recomenda um cortador no Brasil, o boi é vendido e cortado pelos processos primitivos, com grande gravame dos compradores e mesmo dos vendedores; a quem a sua ignorância da matéria não permite que, pela bem entendida seleção eles explorem o comércio das carnes de vaca com mais interesse para si.

Em França, na Bélgica, na Inglaterra e em quase todos os países da Europa, o boi é cortado segundo os preceitos da arte e dividido em carne de três categorias.

Na primeira categoria, figuram: a *culotte, tranche de petits os; cimier, tende de tranche, milieu do gite à la noix e aloyau avec filet*.

A coisa vai mesmo em francês, porque eu, apesar de bastante habituado com a língua de Racine, não encontraria de certo um termo, na língua de Camões, que acertasse com a algaravia dos nossos açougueiros.

Os pedaços da segunda categoria são os seguintes: *milieu de macreuse dans le paleron bande de macreuse, derrière de paleron, côtes couvertes, côtes à noix, talon de collier, buvette de aloyau, plat de côtes e surlonge*.

Agora, os pedaços de terceira categoria, os pedaços naturalmente mais prediletos dos deserdados da fortuna, são: *collier, gros bout, mil eu de poitrine-planchet; boite à moelle, queu de gite de devant, gite de devant, gite de derrière e plat de joues*.

E dizem os entendidos que todas estas variedades produzidas em França e que estão ainda longe de perfectibilidade, foram resultado de indagações precisas; indagações que foram distinguidas pelo júri dos concursos do Passy.

E não é só o corte do boi que está metodizado; a vitela também é dividida em duas categorias e o carneiro também tem a hora de estar classificado em carneiro para pobres e em carneiro para ricos.

Talvez os nossos açougueiros achem esta enumeração, das diferentes partes do boi, uma ladainha tão extensa como a de Todos os Santos; mas o que é certo é que o freguês, na Europa, sabe o que compra e naturalmente o preço daquilo que compra; ao passo que, no Brasil, quem manda comprar um quilo de carne nunca sabe, com certeza, se o cozinheiro lhe trará um quilo de osso ou mesmo de chavelho!

E, depois, em França, na Alemanha em todos os países em que existe uma política municipial digna de nome, um quilo é um quilo; ao passo que no Brasil, um quilo de carne varia entre o peso de seiscentas e oitocentas gramas.

Diz-se que o açougueiro e cocheiro são sempre maleriados, em todos os países em que eles florescem; mas, pelo menos que eu visse, em Paris só os encontrei irregularmente delicados e se me descompunham, era na ausência e, nesse caso diz o ditado que: "El rei também tem costas!"

Aqui, em Belo Horizonte, a carne de vaca ainda tem contra si a falta de um matadouro e sobretudo a falta de um médico ou mesmo de um veterinário, que decida se um boi está ou não em condições de se matar, para servir de alimento à população.

Aparecem para o corte bois velhos como o dilúvio e que, no prato, apresentam resistências verdadeiramente invenciveis para se deixarem comer; aparecem animais cheios de mataduras; talvez mesmo que morrendo, não debaixo do cutelo e da choupa, mas em conseqüência de doenças prejudiciais a quem os come e, se a gente reclama, oh! diabo que tal disseste! não digo que levamos pancada, mas descompostura é certa ou, pelo menos, frases como esta:

— E dê graças a Deus!

Nos portos de mar e nas cidades cujos arrabaldes são cuidadosamente explorados pelos agricultores, o peixe e os legumes ainda poderiam servir de concorrentes, para adoçar a ferocidade dos açougueiros.

Mas, Belo Horizonte tem sofrido uma seca prolongadissima, e as poucas hortas que aqui existem estão com a hortaliça murcha, crestada e pedindo chuva.

Nunca poderia ter vindo estação mais propicia, para a engenharia da Comissão Construtora poder calcular o minimo de água que podem produzir os mananciais que devem fornecer a nova capital.

E apesar disso, no serviço de captação tem-se encontrado a água necessária para uma grande população, talvez não tanta como desejaria o distinto engenheiro César Campos, mas o nosso engenheiro parece que quer que os *minienses* se banhem três vezes por dia, apenas com a despesa de sabonete e da lavagem do lençol!

Antes que ecoe a hora de eu entrar para a *retorta do trabalho honrado*, como dizia um português meu amigo, faço as minhas

digressões pela sala dos desenhadores e, sem mau sentido o digo, nunca vi repartição pública de Portugal ou do Brasil, onde tanto se trabalhe!

Em mão, estão agora os retoques e modificações da estação central, a igreja, que deve ser um dos templos mais majestosos do Brasil e da qual já há a fachada principal e a lateral, os estudos de detalhe da capela-mor, do púlpito, do coro: a vista perspética do interior do templo, da agulha em forma de cruz, que há de encimar a alterosa torre, cujo travejamento está delineado, com grande primor e novidade.

Numa mesa, vê-se o projeto do hotel; noutra, uma aquarela da igreja; noutra, ainda a futura capelinha do Rosário.

Aqui, uma ponte lançada com extrema elegância; por toda a parte, desenhos topográficos; empregados resmungando em cima de cadernetas; outros, com grandes prensas, tirando provas em papel ferro-prussiato das plantas e detalhes; uma inferneira, finalmente, de desenhos; ao pé da qual uma aula de academia de belas-artes seria uma pálida redução.

Na porta do escritório da Comissão Construtora da Nova Capital, podia inscrever-se, sem jactância:

Aqui trabalha-se!

Minas Gerais — 10-09-1894.
Pág. 1.

XLI

Quando, depois de uma prolongada e fatigante viagem de estrada de ferro, me levantei da cama, na manhã do dia seguinte, o criado do hotel, ao apresentar-me a xícara de café, disparou-me, por Deus te salve, esta notícia:

— Então matou-se o sr. Mancinelli!

Ora, eu era muito amigo do maestro-empresário; devia-lhe o inapreciável favor de haver recebido os desabafos da sua atribulada vida, as sinceras expansões de sua franqueza, e sobretudo sentia como que um certo orgulho de ser um dos três representantes do sexo macho, que eram admitidos na intimidade da sua casa.

E, contudo, o suicídio de Marino Mancinelli não me causou a menor surpresa; porque era, para mim, o fatal coroamento da sua louca tentativa de haver querido ser empresário; era a fatal

e inexorável derrocada de um edifício, assente sobre alicerces mal concebidos e mal executados, de um edifício que fora erguido sobre terreno falso, fofo e sem ter sido prévia e prudentemente sondado!

Conheço, como poucos, o que é a vida de um empresário de teatro, de um teatro lírico, e sobretudo de um teatro lírico, trabalhando a centenares de léguas dos focos artísticos da Europa.

Sempre considerei um empresário, na América do Sul, como um jogador que empenha, numa cartada ou num rodopiar da roleta, todo o acervo do que tem e mesmo daquilo que não tem!

Para um empresário encartado, para um empresário de número, essas arriscadas tentativas não são mais do que processos do jogo: se ganha, muito que bem; se perde, *arranja-se*, com essa infinidade de recursos que possuem todos os empresários, mesmo aqueles que são ou que se têm por mais honrados!

E, depois, a honra, como tudo neste mundo, tem modalidades cromáticas para todas as consciências e paladares; é uma virtude de valor relativo e que se modula, amolda e transforma, a sabor de quem dela se preza.

Tenho-a visto ostentada por comerciantes e gatunos, por vestais e messalinas e, às vezes mesmo, fundando-se nos precedentes de seus maiores.

A honra, para um empresário, é portanto de um estofo diferente da dos demais, e um empresário de teatro lírico que paga, *de vez em quando*, aos seus artistas, se não está em completo cheiro de santidade, é, em todo o caso, citado como homem de uma tal ou qual honestidade!

Angelo Ferrari é considerado como um empresário modelo. Quebra, fica devendo aos acionistas, aos fornecedores, aos bancos, onde, especialmente na praça de Buenos Aires, o seu débito sobe a muitos centenares de contos; mas paga pontual e religiosamente aos seus artistas e, se lhes não paga numa temporada lírica, paga-lhes na outra, e assim vive sempre contente, satisfeito, com uma eterna rosa espetada na lapela do casaco, com uma lauta mesa para si e para os amigos, com boas jóias, carruagens e amantes; porque, como bom pagador que se preza de ser, entende e com certa razão que deve ser ele um dos contemplados no pagamento e contemplado com a generosidade que merece um empresário, um maestro e um homem que se preza.

E, embotado pelos desencontrados vaivéns de sua acidentada vida, recebe os aplausos ou os assobios com a mesma serenidade; admite imperturbavelmente que lhe chamem o rei dos empresários ou o imperador dos gatunos e, depois de passada a tempestade das

palmas ou das patadas, ele vai, com o maior sangue frio, para o camaroteiro, para saber quanto rendeu a noite; porque, para Angelo Ferrari, as simpatias de um público medem-se, não pelo bater de mãos ou pelos elogios da imprensa; mas unicamente pela votação mais ou menos cerrada, na urna do bilheteiro!

E mesmo assim, quer a urna regorgite de votos ou fique erma e deserta pela mais concertada abstenção, ele come, bebe e ri, com igual gosto e apetite.

Dizem mesmo ser dele esta frase:

Quando ganho, bebo uma garrafa de vinho por dia, e quando perco, bebo... duas!

Ora Mancinelli era um artista, e um artista na mais rigorosa expressão da palavra: artista no talento, artista no rigoroso desempenho dos seus deveres de regente, artista no coração, na largueza de vistas, artista na justiça que fazia ao talento de todos; mas, em compensação, distraído, ingênuo, crédulo, franco, confiante; isto é, possuindo a antítese de todas as qualidades de um homem, que tem de se embarcar nos procelosos mares do comércio e das especulações mercantis!

Além disso, há sempre, nos homens superiores, um certo desdém pela ciência comercial: julgam-na um fruto exclusivo da sorte, uma coisa ao alcance da mais amesquinhada inteligência, se não exatamente, à mão dos mais tacanhos e desprovidos do talento, da razão e do bom senso.

Não é em vão que lavrou tanto o ditado que diz: Quanto mais burro, mais peixe!

E contudo, a voz do povo, nesta, como em quase todas as máximas e anexins, engana-se redondamente; porque, pela prática que tive de rabiscar no Diário, no Razão e no Copiador, em cinco anos que exerci e lugar de guarda-livros, não há ciência mais complexa; coisa que mais peça ao talento, à prudência, ao bom senso e à coragem!

Faz-se um pintor com muito estudo, um músico com muito exercício; mas um comerciante, na mais alta acepção da palavra, tem de nascer com esse dom intuitivo; se bem que a prática lhe desenvolva, aumente e amplie todas essas qualidades inatas e naturais.

E depois, o amor do ganho não tem a mesma feição, nos homens de talento e nos homens do negócio.

O artista gosta do dinheiro, gosta mesmo mais do que devia; mas com o fim de o gastar; ao passo que o homem de negócio ambiciona-o, deseja-o ardentemente para o acumular, como base de novas ambições e desejos.

O dinheiro dá gozos mais imediatos ao artista; o modo porque o dispende ou malbarata é mais brilhante, digamos mais simpático; mas não há ganhos, por mais colossais que sejam, que se possam conservar por muito tempo, guardados num cesto roto!

É por isso que os homens superiores têm quase sempre, por epílogo de sua vida, a ruina e a miséria e os homens de negócio resgatam as agruras de uma vida de privações com um final de sossego, conforto e bem-estar.

Para o fim desastroso de Mancinelli, tudo concorreu: a sua ignorância no capítulo negócios, a sua boa fé, as suas preocupações artísticas, o deplorável estado do nosso câmbio, o seu caráter pichoso, nobre e elevadíssimo e o seu exaltado temperamento nervoso.

Para qualquer empresário, os artistas eram simplesmente seus empregados; para Marino Mancinelli os artistas eram seus companheiros.

Matando-se, é verdade que não lhes pagou, mas entendeu, lá pelas leis do seu íntimo código de honra, que a sua vida sacrificada era uma reparação honrosa, se não proveitosa.

E digam lá o que disserem, diante do cadáver de um suicida todos se descobrem com respeito.

Eu que, admitindo o duelo regulado, para evitar os desagravos físicos na sua primitiva brutalidade, sempre condenei o suicídio, diante do corpo ainda quente de Marino Mancinelli, talvez que murmurasse:

— Bravo! Mancinelli!

Que Deus e a sociedade me perdoem tal impiedade.

Minas Gerais — 23-09-1894.
Pág. 2.

XLII

Imaginem um quartozinho, com dois metros de largura e com cinco ou seis de comprimento, ocupados por um leito antigo, sem colchões e com as tábuas a descoberto, por uma mesinha de pau e uma área de pinho e aqui está o que é a agência postal de Belo Horizonte.

Não há uma grade, uma sombra de teia com balaustrada, que separe o público, da senhora que exerce as funções de agente do correio.

Tudo ali entra, à vontade e sem cerimônia, revolvendo maços de cartas, escolhendo os jornais que lhes pertencem ou dizem pertencer levando cartas para si, para parentes, para amigos, para conhecidos, para vizinhos e, de toda esta embrulhada, resulta em fenômeno muito curioso é que, em Belo Horizonte, há muito mais pessoas que carreguem cartas, do que pessoas que as recebam.

A agência do correio em Belo Horizonte está confiada a uma senhora viúva, carregada de filhos, um exemplo de modéstia e de delicadeza e que não obstante o considerável aumento no movimento postal desta localidade, desempenhou e desempenha ainda, a contento, geral, a espinhosa missão de receber e distribuir milhares de cartas, para uma população nova, desconhecida para ela e que, na maior parte dos casos, dá por nomes muito arrevezados; ora com uma chusma de *i i* e de consoantes de ostentação, como usam os italianos; ora com uma floresta de troncos para cima e para baixo, parecendo um escaler que rema avante por bombordo e cia a ré por estibordo, como nas palavras da língua alemã e, depois ainda, a ortografia descabelada do povo dos campos de Portugal e do Brasil; a fantasia caligráfica dos semianalfabetos; os zig-zags das mãos trêmulas ou das mãos inexperientes e não é necessário dizer mais, para fazerem idéia dos martírios, que deve ter sofrido esta digna senhora, que vivera, durante anos, na doce e quieta existência das humildes taperas dos lugarejos do interior de Minas e que, como agente do correio em Belo Horizonte, expedia, um dia sim outro não, quatro ou cinco cartas, que o rossinante postal, impando de contente pela leveza da carga, levava para Sabará; se é que o rossinante não era um homem; que, a passo de tartaruga, percorria três léguas, satisfazendo cabalmente as exigências do povo da localidade que, em matéria de correspondência, devia ser, como em tudo o mais de uma paciência ultrajobiana.

Pois bem, esta viúva, pobre, digna, ultradelicadíssima, zelosa e todo o dia preocupada com o movimento postal e a sua pródiga regulamentação, recebe por este insano trabalho...

Ora quanto imaginam os leitores que recebe esta respeitável viúva, pelos seus complicados serviços postais?

Cem mil réis? Cinqüenta? Trinta?

Não senhor. Ganha vinte mil réis por mês; isto é, recebe, por toda aquela faina diurna, à razão de seiscentos e sessenta e seis réis por dia; metade do preço que pede qualquer garimpo, para levar uma carta, da rua Direita de Ouro Preto à respectiva estação da Estrada de Ferro.

Ora, devo confessar uma coisa: é que esta exigüidade de honorários, que percebe d. Joana Jardim, tem a sua compensação; porque, não sei se o leitor tem reparado numa coisa: é que, neste vale de lágrimas e de sorrisos, há sempre como que um agente compensador, que equilibra, na balança da existência, os bens e os males, as venturas e as desgraças, as esperanças e as desilusões, as carícias e os coices, que a gente leva neste mundo e, com tão meticulosa proporção, que, feitas as contas no descambar da vida, na concha das felicidades e na das desventuras, o peso regula um por outro, pouco mais ou menos.

Ainda mais, advogado como tenho sido sempre da teoria das compensações, acho que, como na natureza que põe infalivelmente o antídoto ao lado do veneno, todas as venturas trazem imediatamente a sua compensação de desventura e tanto assim é que, atrás do beijo, eu sempre espero o murro e em seguida à sorte grande (se ela um dia me visitasse) devia contar infalivelmente com um imediato ataque de bexigas confluentes ou com a fratura de uma perna ou das duas; se a sorte grande fosse de valor superior a cem contos de réis!

Pois bem, a pobre agente do correio de Belo Horizonte tem apenas vinte mil réis de ordenado por mês; mas, em compensação, há seis ou sete meses que não lhes pagam!

Aqui a minha famosa teoria das compensações coxeia um tanto; mas não faz mal; a desgraça há de lhe ser compensada noutra província da vida e creio mesmo antevê-la, na resolução que esta digna senhora tomou de pedir a sua demissão; demissão que se tem feito esperar e com muita sobejidade de razões; porque um funcionário que, por muitíssimo trabalho, não recebe vintém, é sempre digno de ser conservado, atarrachado e colado ao mourão do serviço do Estado.

Mas, visto que estou com os correios na tela da discussão, lembro-me também dos inconvenientes que traz a louvável iniciativa da Comissão Construtora de ter um correio seu, especialmente dedicado às instantes necessidades do seu serviço postal.

Este correio particular, embora funcionando com a correspondência devidamente selada, presta-se a confusões, por parte do agente de Sabará.

A correspondência particular chega muitas vezes por este correio privado; as folhas periódicas merecem mesmo, ao tal agente, seleções e preferências: a *Gazeta de Notícias*, por exemplo, chega pelo correio geral; o *Minas Gerais*, pelo correio da comissão; o *Paiz*, entra em Belo Horizonte, pelas duas vias postais; ao passo que muitas outras folhas, que eu sei haverem sido remetidas do Rio de Janeiro, não entram por nenhuma das duas vias supracitadas!

Demais, acho que ninguém tem direito de reclamar, dos empregados da Comissão Construtora, uma correspondência extraviada. São favores que ela faz e favores de subido preço; porque atualmente desde o seu digno chefe até o mais modesto auxiliar ou escriturário, ninguém tem tempo sequer para se coçar!

Feita natural separação do trigo e do joio, o pessoal que atualmente trabalha nos terrenos de Belo Horizonte é, na sua quase totalidade, de primeira ordem, pela perícia, prática e atividade.

Já não há engenheiro, condutor, ou auxiliar, que faça menos de um quilômetro por dia; toda a vasta zona destinada à nova capital está literalmente coberta de estacas e suas respectivas testemunhas; o ilustre doutor César de Campos já dispõe, numa época de seca sem exemplo, de água para cento e quarenta e tantos mil habitantes, à razão de trezentos litros por cabeça; as empreitadas já começaram todas o seu serviço, apesar da extraordinária escassez de pessoal e as expropriações estão, na maior parte feitas amigavelmente, em condições, que muito abonam o zelo do dr. Aarão Reis.

E aqui, caberiam perfeitamente em citação, certos predicados com que a natureza dotou alguns individuos, que pelo seu bem ou mal entendido brio se desviam da carreira para que os fadara a natureza ou a Providência.

O engenheiro Aarão Reis é já um vulto conhecidissimo na ciência; mas parece-me que nascera antes para o comércio, quer por grosso, quer a retalho.

Tem mesmo o que se pode chamar a *bossa do negócio*.

Discute vintém por vintém, conta histórias aos expropriados, de uma fantasia econômica admirável, deixa-os sair, para os mandar chamar momentos depois, encarece, com argumentos

irrefutáveis, o valor dos lotes que quer impingir, gracejа, ri, conversa, argumenta sempre como chão e bom burguês; mas a vítima da expropriação fica, desde logo, convencida que, depois daquela agradável e interessante prosa, há de escarrar a propriedade pelo mínimo que ela vale.

O seu zelo pelos interesses do Estado de Minas metamorfoseou-o, de ilustre engenheiro, em não menos ilustre quitandeiro!

Que os mineiros lhe saibam reconhecer este enorme sacrifício!

Minas Gerais — 26-09-1894.
Pág. 4.

XLIII

Os homens superiores, os homens que se julgam importantes fatores do progresso e que, como a mosca do coche, limpam a testa suada, enfunando-se por haver concorrido muito, para ele, olham para o bom senso burguês, com um certo desdém; tanto é certo que o senso comum, essa coisa menos comum que existe no mundo, só pelo seu nome, afasta de si os olhos de quem se julga guindado às mais vertiginosas alturas da razão e perfeitamente habilitado a resolver todas as questões da vida, pelo valor de X.

E o senso comum e um avolumadíssimo produto de milhões de adições insignificantes; mas que, exatamente pelo seu grandíssimo número, dão resultados prodigiosos.

Esfalfam-se, na quarta página de todos os jornais, os especuladores de todos os gêneros e de todas as drogas, para encarecer as vantagens dos seus produtos e fabricos; apóiam os seus supostos triunfos em documentos que dizem autênticos e perfeitamente espontâneos; pulverizam a *espiga*, com termos de uma tecnologia científica feroz, fantástica, assarapantadora, e o tal bom senso, depois de haver lido toda aquela ladainha de feitos e de fatos, abana a cabeça, ergue sereno e soberano o sobrolho e remata quase sempre a leitura de todos os reclames, com esta frase popular que é uma famosa síntese de tudo quanto se adquire na prática de mourejar na vida: "cantigas"!

E, como do excesso de virtudes nascem naturalmente vícios correspondentes, essa prudência transforma-se em medo, essa cautela em desconfiança; generaliza-se o que nem sempre se pode generalizar e consideram-se como cantigas de curan-

deiro as teorias da ciência e práticas da arte, desde que as não vejam realizadas imediatamente na prática, modificando-lhes apenas a alcunha, chamando-lhes, por suprema complacência, não "cantigas de curandeiro" mas "histórias do papelório!"

Não é necessário devassar os arquivos e demais repartições da Comissão Construtora da Nova Capital do Estado de Minas, para se verificar quanto ela tem trabalhado, em todos os complicadíssimos ramos, em que se subdivide a sua missão.

A nova capital atravessa exatamente agora o seu período mais importante e produtivo, mas esse período não pode ostentar os tantans do reclame; porque é a suma do grande trabalho científico que só daqui a poucos meses, se há de desatar em fatos evidentes, em resultados palpáveis; os únicos frutos em que acredita o cauteloso bom senso burguês.

Isto que se fez é o que se devia ter feito; mas, como às crianças e ao povo, seja necessário sempre engodá-los, parece-me que já é tempo da comissão encetar a sua segunda fase; embora faça correr parelhas com ela, a continuação dos trabalhos que ainda haja que fazer e que são complemento da primeira.

Temos apenas quatro anos para realizar este grande empreendimento e vejo, com um certo receio, que a multidão de operários, artistas e especuladores ainda se não encarreirou para Belo Horizonte; localidade com um clima belíssimo e que abre à indústria em todas as suas manifestações, um campo larguíssimo e produtivo, e que atualmente não existe em nenhum dos outros estados da República.

Tem aparecido alguns carpinteiros e pedreiros, mas poucos e sobretudo operários das circunvizinhanças: de Sabará, de Santa Luzia, de Morro Velho, etc.

São Paulo, um estado que atravessa agora uma crise econômica sem exemplo, que tem quase todos os trabalhos parados, que regorgita de operários e artistas estrangeiros, ainda não nos mandou ninguém e outro tanto sucede aos demais estados. Dir-se-ia que a nova capital de Minas se está construindo em segredo e a portas fechadas; que este grande centro de atividade artística e industrial ainda é desconhecido no resto da República!

Este estado de coisas parece-me útil que se não prolongue por muito mais tempo, para que, no ânimo dos trabalhadores do Brasil, não comece a entrar a construção de uma

nova Capital no Estado de Minas como uma coisa legendária, ficando agrupado nesse grande capítulo que o povo intitula de "cantigas" ou de "histórias de papelório".

Já há uma extensa zona estudada e demarcada devidamente; já se conhece quais os edifícios que aí devem ser erguidos; já há planos e esplêndidos para muitos deles; porque se não há de desde já abrir venda para os lotes de terrenos, estabelecendo assim um campo imediato para a atividade particular; por que se não há de desde já pôr em realização alguns edifícios do Estado, tornando, por esta forma, Belo Horizonte num centro atraente para as indústrias de todo o gênero e trabalho de toda a sorte?

É conhecido o caráter prudente e desconfiado do mineiro, e não serei eu que lhe vá à mão por tal feitio; porque meu pai dizia que: o único processo útil para nunca ser enganado é desconfiar de todos, sem exceção, e de si próprio, na maioria dos casos.

Ora, os mineiros das vizinhanças e os de longe que aqui têm vindo por acaso, nada têm visto; porque, pautando os seus juízos pelo tal código do bom senso burguês, os inúmeros rolos de papel que existem nos arquivos da comissão construtora, a infinidade de estacas que cobrem toda esta zona, são, lá para eles, simplesmente *coisas para inglês ver!*

Os seus capitais, que são grandes, mas acumulados com muita cautela e economia, não são, no seu ver, dinheiros que se entreguem a empreendimentos que, por enquanto existem no papel. Erram e erram grosseiramente; mas eu já o disse e repito outra vez: às crianças e ao povo é necessário sempre engodá-los.

Pensar-se que o dr. Aarão Reis aceitou a missão de formar, em quatro anos uma grande capital, com edifícios, encanamentos de águas e de esgoto, com ruas e avenidas calçadas, para duzentos mil habitantes, é um absurdo que não deve entrar na cabeça de ninguém.

Formar um núcleo, para a população provável, por estes quinze ou vinte anos; fornecer-lhe todas as regalias e confortos de uma cidade moderna: deixar projetado, sem vícios de origem, todo o resto da cidade, que se virá emendar, no núcleo central, com toda a facilidade e à medida que o crescimento da população o exija é o que tem de fazer o ilustre engenheiro.

E, como esse núcleo inicial seja um empreendimento dificílimo, parece-me que tudo está em pôr mãos à obra para realizá-lo, no curtíssimo prazo dado para esse fim.

Ponham-se à venda os lotes de terrenos; comece-se a construir alguns edifícios públicos; anuncie-se, nos jornais da Capital Federal e nos de todos os Estados, que, em Belo Horizonte, há um campo vastíssimo para toda a espécie de atividade é o que parece da mais instante necessidade.

É forçoso combater esse estado mórbido, que nos está atrofiando atualmente e aplicar-lhe todos os recursos da medicina, para que se não aposse do corpo, transformando-se em estado crônico!

Minas Gerais — 30-09-1894.
Págs. 5 e 6.

XLIV

Pela boca, morre o peixe!

Pela língua, paga o homem!

E, obrigado com estas duas máximas, como si fossem guarda-chuva e guarda-sol, apresento-me diretamente, aos leitores do *Minas Gerais*, para lhes pedir vênia desta minha ausência de alguns dias; ausência, que se escuda ou pretende escudar, no segundo dos provérbios, que encimam o artigo; provérbio que, como todos os seus outros irmãos, representa a sabedoria das nações.

É o caso que, pelo espaço de seis meses, Alfredo Riancho, às suas mais arriscadas e espaventosas hipérboles, havia contado o clima de Belo Horizonte; elevando-o às alturas da famosa Madeira, da salubérrima e solitária Piza, da pitoresca e perfumada Módena, da agreste e saudável Caneças, uma povoação dos subúrbios de Lisboa, onde jamais puderam viver nem médico, nem boticário!

E Alfredo Riancho caiu doente, prostrado na cama e, com ele, dezenas de pessoas que, neste salubérrimo torrão, se tinham abraçado à idéia da imortalidade sem defluxos nem constipações, sem azias nem maleitas; como se isso aqui fosse o paraíso terreal, sem que ao menos houvesse nele uma serpentezinha que nos fizesse cair e pecar.

Alfredo Riancho pagou, pois, pela boca; mas, apesar de se estorcer com dores, de passar horas deitado na cama, a única posição que lhe é tolerável, apesar de ter o estômago encharcado em tisanas e a pele besuntada de milhares de bálsamos, óleos e pomadas; como criminoso impenitente, sustenta

ainda as excelências deste clima, que há de resistir por muitos anos aos insidiosos ataques da indústria e do comércio falsificadores; dois dos mais poderosos fatores das dispepsias e outras doenças correlativas.

Quando esta espécie de epidemia começou a grassar entre a população de Belo Horizonte, pouca importância se lhe ligou.

Dos que tinham o mal, poucos o confessavam.

Era que a enfermidade tinha como que um caráter burlesco e ridículo.

Há doenças de que a humanidade se ri, como por exemplo, a dor de dentes e a dor dos calos.

Há doenças com que todos simpatizam: a tísica e a nevrose.

E há ainda outras doenças inconfessáveis, de que nos rimos; se bem que as suas dores lancinantes nos façam sofrer males do purgatório.

Nos primeiros tempos, como ia dizendo, sentíamos que andava o quer que é de misterioso no ar, a população, outrora, tão rubicunda e sadia, ostentava cores lividas e esverdeadas; via-se, com espanto, que se interrompiam, sem motivo plausível, conversas aliás interessantíssimas; as visitas nunca iam além de um quarto de hora; o serviço das secretarias sofria repetidas intermitências; nas estradas, encontravam-se animais arreados, presos a troncos de árvores e, não longe deles, sentia-se o rumorejar dos troncos de árvores, o estalido das folhas secas, debaixo de pés cautelosos e exploradores e, pela indiscrição dos farmacêuticos e de alguns corpos de delito, nas veredas, picadas, ruas largas e praças de Belo Horizonte, chegou-se ao conhecimento de que esta população era vitimada de uma doença quase geral e que essa doença, de caráter gastro-intestinal, não podia deixar de ser causada ou pela natureza momentânea das águas ou então, pela má qualidade das carnes ou da farinha de trigo.

Mas, em Belo Horizonte, há águas de vinte ou trinta procedências, algumas ótimas outras sofríveis e, do uso de umas e outras não se tem originado nada que lhes possa ser imputado.

O pão é fornecido por um padeiro honradíssimo e sobre a probidade do qual não pode haver sequer sombra de suspeita.

Enquanto a carne há três fornecedores e com a carne de todos os três, andam indistintamente doentes e sãos todos os fornecidos.

Consultou-se o médico; chegou-se mesmo a iniciar uma vistoria sobre os animais antes de se abateram; mas as poucas medidas tomadas denotavam a pouca crença no seu bom êxito.

Foi então que um engenheiro, natural do Estado de Minas, me disse que a constituição médica atual de Belo Horizonte era idêntica à de todas as localidades do Estado de Minas, ao iniciar a época das chuvas.

— Sofre-se muito, dizia-me ele, durante dez ou quinze dias, fica-se extenuado, exausto, esgotado; mas depois também fica-se *fino*, com estas mugidelas continuadas do fígado. Passadas essas duas semanas de limpeza, que esplêndida saúde gozamos, sr. Riancho! E o que lhe digo: fica-se *fino!*

E eis aqui como, à espera de ficar *fino*, eu tenho sofrido torturas do inferno e, demais a mais, curtidas na solidão do meu quarto divorciado do trabalho, que é a coisa que mais me mortifica.

Mas, mesmo na solidão do meu tugúrio, tenho tido notícias do muito que se está fazendo por Belo Horizonte.

A grande avenida, que parte da base até o alto do Cruzeiro, vai locar-se dentro em breve. E dizem-me que essa locação é definitiva; arrasando-se prédios, cafuas, tudo quanto possa obstar à sua completa instalação no terreno. E como essa avenida venha ser a *mestra* sobre o alinhamento da qual se hão de traçar as demais ruas, a obra vai ser feita com as exatidões meticulosas de um verdadeiro trabalho científico.

Que soberba e majestosa deve ficar esta avenida, larga e extensíssima, tendo no vértice do seu ângulo perspectivo o majestoso templo que deve coroar a pequena crista do Cruzeiro.

O palácio da presidência também está quase concluído. É um primor de arquitetura moderna e, pela escadaria majestosa do qual os pretendentes hão de hesitar em subir se não houver algum que, por deslumbramento e respeito, descalce as botas!

Só uma coisa me impressiona, como artista: é essa tal ou qual uniformidade de estilo, que forçosamente se deve originar de todos os edifícios serem projetados por um só arquiteto de muito talento e recursos artísticos.

Tanto os que escrevem como os que desenham conhecem que não há nada mais difícil do que mudar o estilo.

Forjam-se, reforjam-se os períodos; torcem-se, retorcem-se as orações; substitui-se a ordem natural, pela ordem inversa e,

depois de todos estes processos artificais; de todas estas metamorfoses, a frase fica inteiramente nossa; porque, na literatura e nas artes, o autor esconde-se sempre como gato — deixando o rabinho de fora!

É por isso que eu entendia que se deveria encomendar a outro arquiteto nacional ou estrangeiro o plano de dois ou três edifícios destinados à nova capital; seriam dois ou três tipos diferentes e que é natural ainda fizessem realçar mais o talento do dr. José de Magalhães.

Garnier, o festejado arquiteto da *Grand-Opera* de Paris talvez que se lhe esgotassem os recursos, diante da complicada missão de planejar todos os mais importantes edifícios de uma grande capital.

Não é lícito exigir idêntica façanha do dr. José de Magalhães, sobretudo porque o Estado de Minas não lhe paga *en consequence*...

Minas Gerais — 14-10-1894.
Pág. 2.

XLV

Não sei que extensão os estadistas mineiros dão, à palavra "simplicidade", quando tratam da sua nova capital e repugna-me acreditar; que os que se têm por profundamente versados na ciência econômica; entendam que a simplicidade seja sinônimo de probreza, nudez e absoluta ausência do mais mesquinho e comezinho adorno, nos edifícios e praças que devem embelezar a futura "Minas"; cidade que sobre todas as vantagens de ser construída toda de novo e de lais a lais, tem deveres que lhe impõem os últimos suspiros e agonias do século XIX.

Construímos, é verdade, uma capital para os filhos do Estado de Minas; mas esses mineiros são igualmente filhos da República dos Estados Unidos do Brasil e são, além dessas duas desvanecedoras filiações, filhos do século das luzes ou, talvez antes, do século XX, que se lhe segue; porque só para essa época é que se poderá contar com uma capital mineira, dotada de todos os recursos, com que a pretendem enfeitar.

A criação de uma capital nova traz portanto, pesadíssimos encargos para os mineiros e refiro-me aos encargos morais e não aos econômicos; porque, para os segundos, está o Estado de Minas preparado como nenhum outro Estado do Brasil.

Fitam os olhos sobre nós, não só todos os brasileiros como todos os povos do mundo; visto que uma cidade e demais a mais uma cidade destinada a ser a capital de um Estado florescente como o de Minas, erguida sobre um solo nu e simplesmente desbravado, é cometimento de que só se vangloriam os Estados Unidos da América do Norte e a República Argentina.

Nestas circunstâncias trabalhamos diante de uma platéia de muitos milhões de espectadores e que na maior parte educados em meios muito mais ostentosos e desenvolvidos dos que até atualmente possui o Brasil, hão de pedir-nos muito e, naturalmente, muito mais, do que poderemos ou do que deveremos apresentar-lhes.

Um grande edificio, com seis metros de pé direito, com ventiladores, janelas bem rasgadas e portas por onde entre desembaraçadamente uma mobília, satisfaz, a rigor, aos preceitos do conforto e da higiene; mas pergunto eu: há direito de erguer, em 1894, esses barrações hospitaleiros, sem regras nem proporções, sem remates nem ornamentos, pretextando apenas, que a comodidade e a saúde dos moradores foram, com esta medida, plenamente atendidas?

De certo que não e tanto é assim que, pelas duas estações de Estrada de Ferro, pelos planos da Igreja Matriz, do Palácio do Presidente, do Palácio da Administração e de muitos outros edifícios planejados, se vê que o dr. Aarão Reis, ilustrado engenheiro como é, entendeu a *simplicidade* na acepção em que esta palavra devia ser tomada e que vamos ter uma capital, se não ostentosa, pelo menos, digna do Estado de Minas, do Brasil e do século XIX.

Em tais condições, nenhum dos fatores que constituem uma grande cidade moderna pode ser esquecida e teremos, além de praças grandes e elegantes, ruas extensas e largas, canalizações de todo o gênero, jardins, teatros, etc. e, como a escultura não possa ser excluída dentre esses fatores, por que é que não havemos de ter, logo desde principio, uma estátua?

Aqui, já me parece que estou vendo os arquieconomistas do Estado a torcerem o nariz; calculando, com as ampliações que causa o medo quantos contos de réis nos iria custar essa estátua que, na sua opinião, deve vir acompanhada de um monumento, que custa sempre dez ou vinte vezes mais do que a estátua!

Pois é neste ponto que a minha prática me permite dar-lhes um conselho; conselho que na minha qualidade de velho jornalista, eu dou sem me ser pedido.

A Inglaterra é um dos países que tem maior número de estátuas, perpetuando a memória dos seus homens célebres e é, ao mesmo tempo, um dos países que menos dinheiro tem gasto relativamente com monumentos!

Os ingleses costumam encomendar uma estátua, a um escultor inglês, francês ou italiano; porque nenhum país, como a Inglaterra, universalizou tanto a arte, em todas as suas manifestações. Feita a estátua, que deve necessariamente ser um primor artístico; porque a Inglaterra tem também, como nenhuma outra nação, o segredo de ser bem servida, pelo processo simples de nunca regatear o preço daquilo que adquire, colocam essa estátua sobre um cubo de pedra; mas um cubo, na sua mais rigorosa simplicidade e ali fica um monumento, que impressionará tanto como outro qualquer mais prolixo em lineamentos arquitetônicos; porque esse monumento compõe-se simplesmente de uma obra-prima da estatuária, de um plinto e de uma base lisa ou, quando muito, assente sobre três degraus.

Eu adoro estas estátuas! A vista repousa quieta e serenamente, sobre o assunto, — não principal, mas único e exclusivo, — o herói comemorado é contemplado, sem nada que nos distraia e, associada a essa idéia, só aparece a admiração pelo escultor, isto é, uma associação de idéias perfeitamente em harmonia, com os preceitos da estética positiva, que só permitem, na concepção artística, a intervenção da individualidade do seu autor.

Se o Estado de Minas quiser adotar o sistema inglês, sistema que já foi perfilhado por muitas outras nações, poderá, desde já ornar a sua nova capital com uma estátua e essa, na minha humilíssima opinião, deve ser a da cidade de *Minas* e erguida na grande praça, para onde enfrenta a majestosa estação da estrada de ferro.

Sobre um cubo de granito, a figura simbólica de *Minas*, receberá os seus hóspedes e visitas, no meio de uma grande praça ajardinada.

O local escolhido desperta a atenção e a perícia do escultor fará, de certo, com que o visitante observe mais de perto essa majestosa figura de mineira que, como eu a entenderia, se tivesse a fortuna de ser escultor devia ser uma mulher, de feições meigas e firmes, a um tempo; o quer que é dessa *doce severidade* tão preconizada pelos ingleses e que é uma das características da mulher mineira.

A estátua de *Minas* cingiria a coroa mural, por debaixo da qual, cairiam fartos e ondulados cabelos; não teria o gesto aparatoso de quem atrai as vistas só pelo exagerado do bracejar; teria a serena tranqüilidade, que é o grande desideratum, das obras da estatuária antiga e moderna.

Enquanto aos atributos da estátua, fornecer-lho-ia facilmente a riqueza do solo e subsolo do nosso Estado e para que em tudo fosse respeitada a simplicidade, no cubo, na face da frente ler-se-ia apenas esta palavra tão lacônica e tão eloqüente:

Minas

Eis como eu entenderia a estátua, com os impulsos despreparados da minha singela estesia.

Mas a outros compete delinear esta estátua no seu conjunto e detalhes e o Brasil se não tem, como a Dinamarca, um Thorwaldsen, como a Alemanha, um Sewantaler, como a Itália, um Canova, como a França, um Garpeaux, tem um Rodolpho Bernardelli, que tem honrado o Brasil, em todas as exposições no estrangeiro!

E uma estátua de *Minas* poderá custar, que sei eu? Doze ou quinze contos de réis!

Pouco mais do que custam as salvas de pólvora seca, em todas as fortalezas do porto do Rio de Janeiro, num dia de festejos públicos!

Minas Gerais — 21-10-1894.
Pág. 2.

XLVI

Há cerca de ano e meio que estudo e convivo com o povo mineiro e cada dia me afirmo mais na idéia, de que é um povo com muitos defeitos na educação; mas, em compensação, com um avultadíssimo número de qualidades notáveis, tão características, tão originais, que fazem dele como que um povo aparte, como se fora constituído por uma argamassa especial, que o torna diferente de todo o resto dos brasileiros.

Confesso que estranhei, a princípio, os hábitos e modos mineiros, como estranhara outrora os modos e hábitos dos irlandeses, nos primeiros anos que residi em Dublin; como estranhei, mais tarde, o espetaculoso do gesticular, a hipérbole nas imagens, a loquella exageradamente fluente dos espanhóis da Andaluzia e das outras províncias do sul de Espanha; mas, como os franceses que, censurando os costumes norte-americanos, acabam quase

sempre por lhes fazer simpática justiça, afiz-me ao caráter mineiro, pela sua sinceridade, franqueza, lealdade e honradez, qualidades que, nos primeiros tempos, me pareciam envoltas numa entoação agreste, tosca, quase grosseira e que me afetava os adocicados melindres de homem educado na Europa; onde, a pretexto de civilidade e cortesia, se aprende a ser escrupulosamente falso, rigorosamente mentiroso, religiosamente lisongeiro e ridiculamente afetado; porque a afetação, a lisonja, a mentira e a falsidade são produtos infaliveis da educação européia e sobretudo parisiense!

Apesar do meu temperamento facilmente assimilável, ainda não estou o que positivamente se pode chamar um mineiro; nem se perdem, em ano e meio, vícios, sestros e denguices, contraídas em cinqüenta anos de idade: mas já sei falar claro e... espectorar direito: faculdades estas que, até certo ponto eram inatas na minha humilde individualidade.

A metamorfose ainda não é absoluta e completa; mas, observado que fosse por um médico de almas, o prognóstico de transformação radical era certo ou quase certo!

Não vou entrar em profundas elocubrações etnográficas, para que me falha o preparo e a competência; nem tampouco alargar-me, sobre as virtudes e defeitos do povo mineiro, que escolhi para, entre ele, lançar à terra este corpo carcomido pelas enfermidades e desgostos, porque não me sobra o tempo nem o bom humor para o embalar com *cantigas* vou falar apenas na liberdade do povo mineiro, nessa noção consciente da liberdade, que existe nos filhos de Minas e até no mais sertanejo e *tatamba*, dos recônditos e taperas do interior, deste vastíssimo e esperançoso Estado.

O sentimento da liberdade, no povo francês, nasceu das propagandas da revolução e esse sentimento da liberdade alastrou-se por todos os demais povos da Europa, aos quais, digam lá o que disserem, a França sempre serviu de modelo, em virtude de uma como que catequese.

Os sábios e os ilustrados deram o tema e bordaram as variações sobre a liberdade do homem e o homem, carneiro sempre em todos os séculos e em todos os paises, deixou-se ir derivando com a corrente das idéias modernas sem convicções, sem entusiasmo mesmo, mas com aquele abandono, com aquela inércia com que, em geral, nos deixamos arrastar, pelos fementidos cantos da sereia, por detrás dos quais talvez esteja a morte ou, com aquele gostoso desânimo, com que os velhos capitães de navios se deixavam aproar à costa; para onde os chamava talvez um farol guiador, talvez uma pérfida e traidora fogueira, com

que o povo do litoral atrai os navios, para, sobre os seus destroços e fazenda, saciarem a sua sede de aguardente, de especiarias e mais vitualhas, que eram o prêmio das suas vigilias, curtidas à chuva e ao vento!

A liberdade, para a maior parte dos povos da velha Europa, é, portanto, uma noção adquirida pela sugestão artificial; e um produto que se ostenta e do qual nos gabamos de possuir, com o mesmo valor de ostentação e gabolice, que se nota, em certos burgueses analfabetos, que se vangloriam de ter um Raphael Sanzio ou um Ticiano na parede da sua sala sem saberem, sequer vagamente, o que valeram e o que valem, na arte, esses dois luminares da sublime arte da pintura.

O mineiro, pelo contrário, nunca permitiu que lhe incutissem a idéia da liberdade; tanto é certo que, para ele, a sua liberdade é dádiva da natureza, é um *próprio* seu absolutamente seu; sobre cujo direito e propriedade, ele nem sequer sonha que possa haver controvérsia ou discussão possível!

Ora, como a idéia da liberdade seja uma coisa natural e inata no mineiro, a liberdade toma, quando usada por ele, um aspecto tosco, rústico; como todos os produtos naturais, antes de serem corretos e melhorados pela mão do homem.

O mineiro usa e quase abusa da liberdade, na sua casa e na dos outros; porque, associada à noção da liberdade, traz sempre a noção da posse.

Para todo o mineiro, é sua: a sua casa, a dos parentes, a dos amigos, a dos conhecidos e mesmo a dos desconhecidos; são suas todas as ruas, todo o Estado e creio mesmo que todo o Brasil!

Muitas vezes entrava-me, no quarto do hotel em que me hospedava, em Ouro Preto, um sujeito desconhecido e de chapéu na cabeça. Adiantava-se até o lugar em que eu estava escrevendo na máquina e, depois de me ver trabalhar dizia:

Sim senhor! Então o meu amigo está cosendo!

E ia ver os retratos, que eu tinha pregados na parede; perguntava-me informações sobre os retratados; ia à janela, acendia o cigarro com os meus fósforos e saia dizendo quase sempre:

— Até depois!

Ora isto que, na Europa, seria uma grosseria inqualificável, em Minas não é mais do que a inabalável convicção que tem o povo mineiro, da sua liberdade e de outra convicção ainda

mais sublime: a de entender que, no seu Estado, todos são seus irmãos, amigos, companheiros e sócios e, desta exagerada e, até em certo ponto, falsa convicção nascem também a facilidade e boa vontade com que todos se auxiliam mutuamente, a lealdade com que se cumprem todos os contratos, que, na maior parte, são lavrados particularmente e sem que passem pelo cartório dos tabeliães.

Mas, todas as grandes qualidades, levadas a exageração, transformam-se em grandes defeitos, acrescendo que, nos grandes centros de população, essas qualidades não poderão continuar e subsistir; porque as grandes coletividades são forçosamente formadas por elementos heterogêneos.

E, pensando assim, entendo que o dr. Aarão Reis deve, desde já começar a redigir um código de posturas; não para coartar as liberdades mineiras; mas para as limitar no ponto em que essas liberdades não afetem a liberdade de terceiros.

Começada que seja a construção do primeiro edifício, o alinhamento da primeira avenida, é necessário imediatamente uma postura, que determine a grossura das rodas dos carros de bois que, como navalhas, cortam e sulcam todos os caminhos; que estabeleça que os animais com carga venham atrelados uns aos outros e nunca em número superior a cinco; que marque lugares para cada coisa e se não o fizer teremos:

Jacás de toucinho arreados na escadaria dos palácios; burros presos às colunas de mármore ou de granito, como se fossem mourões de madeira; conclaves e reuniões populares, aos domingos de tarde, nos peristilos e vestibulos dos edifícios públicos, como agora nas vendas e outras infrações por todos os cantos e, para esconderijo das quais, o homem não tem a previdência e recursos do gato bem ensinado!

Eu respeito e adoro, por exemplo, a liberdade da locomoção; mas entendo que ela não deve ser tão ampla, que permita, aos outros, locomoverem-se por cima dos meus calos.

Minas Gerais — 25-10-1894.
Pág. 2.

XLVII

Começaram as primeiras chuvas.

Dir-se-ia, que sacudida pelas bátegas da água, a natureza despertou do seu longo sono letárgico de seis meses e até que despertou de bom humor, aquela eterna dorminhoca!

Os campos vestem-se de verdes galas; por todas as veredas, caminhos e picadas, brotam desaforadamente a erva; esmeraldando o terreno com mil cambiantes e gradações do verde; no céu, há intermitências no seu aspecto, apresenta, de hora em hora, risos cerúleos e carrancas, enoveladas em cúmulos de feia catadura; mas, desta diversidade de frases que apresenta o firmamento, nasce o encanto dos contrastes, o enlevo da variedade, o imprevisto dos efeitos de claro escuro; todos cheios de fosquinhas e de inesperadas mutações; como lágrimas e sorrisos de criança, que se sucedem sem solução de continuidade e se fundem esbatidos, como se esvaem o ódio e o ressentimento, nos entes nascidos para serem regulados unicamente pelos irrefletidos impulsos do coração.

E com este risonho acordar da natureza, parece que homens e passarinhos se tornam mais meigos, mais palreadores e cantadores; porque a fluência na pálrea dos humanos e a louçania no cantar das aves, creio que se contraem e estendem, conforme as metamorfoses do tempo que, meigo, desperta meiguices e triste e sanhudo, provoca melancolias e amuos.

Pelos intersticios dos muros, mesmo ao alcance das vandálicas mãos das crianças, os pássaros entrelaçam os seus fofos e delicados ninhos; como se estivessem em terras só de amigos ou só de santos e, ao contrário do que sucede em outras estações, não enjeitam os filhos, quando devassados e tocados na sua tenra pequenez implume.

Junto de minha casa, vejo um ninho que é visitado e remexido pelas mãos bárbaras e desajeitadas do rapazio da vizinhança e a mãe ou pai (que os meus conhecimentos ornitológicos não chegam para me meter em distinções no sexo da passarada), vem, depois de toda aquela desordem produzida pelas indiscretas mexedelas das crianças e que deixam quase sempre o ninho como loja de louça arrumada por macaco, ajeitar as palhinhas em extraordinária confusão, enfofar as folhas machucadas; como paciente dona-de-casa que estofa a crina dos colchões, depois de milhares de cabriolas que seus amados filhos e seus pecados deram irreverentemente por cima da cama!

E eu vejo tudo isto, de janela, como moças ociosas em ruas de muito trânsito e movimento; porque os restos da doença que sofri, se não me grudam à cama, como dantes, forçam-me a ficar ainda em casa e eu resigno-me a contemplar estas esplêndidas festas da natureza e da criação, apoiado ao parapeito da janela, como se estivesse vendo tourinhos de palanque.

Falavam-me sempre da abundância e continuidade das chuvas durante os quatro meses de outubro, novembro, dezembro

e janeiro, mas eu vejo, pelo menos por enquanto, que se grandes e prolongadas são as chuvas, prolongados e grandes são os intervalos da sua visita e, então, depois dos grandes chuveiros, quando o sol beija as folhas ainda pingando e as terras de um vermelho fulgurante, estriada pelos regos ainda chorando, que sulcam todas as ruas, então, é que ver a paisagem mineira!

Fala-se muito das belezas da paisagem de Minas; mas este abençoado terrão, depois da chuva, ainda não foi descrito e cantado como merece!

Aos trabalhos de movimento de terras afetos aos empreiteiros, a chuva, pelo menos por enquanto, longe de ter sido desfavorável, tem amolecido o terreno; as pás e as picaretas entram pela terra dentro, como faca bem afiada em pão-de-ló bem batido e, salvo algumas intermitências no trabalho, tudo tem até agora protegido a construção da nova capital.

E, a propósito da nova capital, sobre cujo assunto nunca pode haver demasia de abundância e prolixidades, ocorre-me a idéia que sou, talvez, o único homem que pode dar a seguinte e interessantíssima notícia, aos leitores do *Minas Gerais*:

No dia 26 ou 27 deste mês, lança-se a primeira pedra, nos alicerces da bonita casa de residência, que se vai construir junto à esplêndida estação do Entroncamento.

Apesar da cerimônia ser efetuada o mais à capucha possível, nem por isso deixa de ser a do lançamento da pedra fundamental da nova capital do Estado de Minas Gerais; visto, que até esta data, ainda senão terá lançado, à terra, nenhum dos alicerces destinados às novas construções.

Cabe, portanto, esta honra aos empreiteiros Edwards, Camarate & Soucasseaux rapazes sacudidos e que não têm cochilado um segundo para a rápida execução dos seus trabalhos.

Já estou imaginando, quando os fins da convalescença me permitirem montar no...

Ah! É verdade! Esquecia-me de lhes dizer que tenho alfim um cavalo!

Eu verdadeiramente não sei se tenho um cavalo ou um terço de cavalo; porque o bicho pertence à razão social de que faço parte e que é composta de três sócios; mas, em todo o caso, quando monto o meu Rossinante, monto-o sozinho; nem creio mesmo que a rotundidade dos três sócios desse espaço para duplo serviço de garupa!

Só o que lhes posso dizer é que é um cavalinho baio-claro, pernas finas, anca descarnada e musculosa e, que faz seis léguas numa marcha ou num picado incansável.

É muito manso e inteligente; relincha para pedir a ração, às 6 horas da tarde em ponto, parecendo que regula o seu relógio pelo famoso cronômetro do dr. Radice; come como um burro, o que é um desaire para um cavalo e, de vez em quando, à noite, às horas do chá, entra-nos pela sala de jantar a dentro, ou para se fazer lembrar ou para dar as boas noites.

Um destes dias, não sei porque distração, um dos meus sócios deixou-se emaranhar nos troncos de alguns arbustos que o fizeram escorregar suavemente pela anca, até a terra da estrada.

O cavalo parou logo e pôs-se também logo a pastar sossegadamente, para não malbaratar o tempo em pinotes e carreiras estafadoras!

Tem apenas um defeito: é saltador.

Salta regueiros, salta cercas, salta muros, salta o diabo; desde que, no lugar para onde salta, haja pasto mais gordo e viçoso do que aquele que lhe reservam seus donos.

Anexa à qualidade de saltar muros e cercas, tem a de levantar e dar coices!

Mas levanta-se, com umas elegâncias de cavalo de monumento; dá uns coicezinhos de família tão engraçados, que todos lhe perdoamos a maroteira.

Prometeram-me agora um cavalo para passeio; um cavalo sério, grave, comedido no passo e no menear da cabeça.

Parece que tem para mais de trinta anos!

Pelo menos, andou com os ossos pelos tremedais do Paraguai!

Não faz mal, monto-o e meto-me nas funduras da equitação paleontológica!

Minas Gerais — 28-10-1894.
Pág. 2.

XLVIII

Indo, há dias, ao escritório da comissão construtora, para negócios exclusivamente de meu interesse, o dr. José de Magalhães, com a sua afabilidade e despretensão habituais, disse-me levando-me para a frente da sua prancheta de desenho:

— Venha ver os diferentes modelos, que estamos fazendo, para as futuras armas, da garrida e catita *Minas*.

E mostrou-me dois bonitos escudos desenhados com muita finura e delicadeza.

Ora, eu não sei até que ponto, num regime republicano, os estados e as cidades podem ou devem ter armas. Tem-as as repúblicas, não sei por que motivo as não terão também as suas cidades e estados; mas as armas de uma cidade inteiramente nova, lembram-me certos brasões heráldicos, forjados a martelo, para fidalgos novos, que não são nobres mas nobilitados e que arranjam sempre meios e modos de acharem, na sua geração, descendentes diretos ou remotos dos cruzados!

Compreendo as armas da cidade de Paris, com o seu barquinho, porque me habituei a vê-las de há muitos anos; sem que eu, bem como a maioria dos parisienses, soubesse o que simbolizava uma nave, como armas de uma cidade que ainda há de ser porto de mar daqui a muitos anos ou mesmo muitos séculos.

Admito as armas de Lisboa, porque as conheço desde tenra idade, sem saber qual a sua origem e conhecendo apenas da sua história, o fato falso ou verdadeiro, do marquês de Pombal, quando lhe tiraram o retrato do famoso monumento erguido ao anodino rei D. José I, para o substituir pelas armas da cidade de Lisboa, que são um navio, navegando com panos enfunados:

— Adeus, Portugal, que agora vais à vela.

Frase que eu sempre considerei, como incontida expressão de despeito e, na qual, sempre encontrei uns certos laivos de orgulho e vaidade.

Sempre liguei muito pouca importância a títulos, brasões; a hábitos, comendas e grã-cruzes e meu pai, homem honradíssimo e um verdadeiro coração de ouro, a teimar que éramos descendentes dos Camarates, príncipes de Bolonha e eu sempre a insistir em supor, que éramos filhos de algum lavrador de Camarate, bonita vila que fica lá para os lados de Alcochete ou de Azeitão.

Ora, entre a árvore genealógica que pode produzir a pomposa e galharda Bolonha e a que pode nascer nas terras arenosas, onde se ostentam, enguiçadas, as vilas de Samouco, aldeia galega de Ribatejo, Camarate e Pico dos Regalados, faz a sua diferença e meu pai, apesar do inesgotável amor que me tinha nunca me

perdoou esta divergência de opiniões que nos atirava com os quartéis principescos de Bolonha, para os tremedais das Tezirias do Tejo ou para os lodos do canal de Azambuja!

Mas eu não governo o mundo nem o governa isoladamente ninguém e uma vez que é praxe os estados e cidades terem armas, intrometo-me no assunto; porque, por muito escassa que seja a fantasia, sempre encontro nela elementos para inventar um brasão, mesmo que fosse o de um taberneiro enriquecido, que quisesse aparentar que era filho de Vasco da Gama ou do gaulês Vercingetorix, que é mais antigo!

Uma das armas, que me mostrou o dr. José de Magalhães, representa um boi no centro do escudo, encimado pela coroa mural.

O boi simboliza o Curral de El-Rei, nome que primitivamente teve a zona, onde se está derrocando o presente arraial do Rio de Belo Horizonte e onde se começou a construir a futura capital do Estado de Minas.

Eu respeito muito El-Rei nosso Senhor e os seus respectivos currais; mas parece-me que eles pouco têm que ver com uma nova capital, nascida numa época, em que domina o regime republicano e de mais a mais num estado do Brasil, que deve muito pouco aos monarcas de além e aquém-mar; os quais mugiram a província de Minas, a livre gosto e saber dos seus governadores.

Além disso, se o boi fosse mocho, ainda tolerava a coisa, se bem que boi mocho, na minha opinião, se pareça um tanto com um homem careca e isto seja dito sem ofender a ninguém e sobretudo ao humilíssimo autor do presente artigo, cujos reflexos da calva já fazem lembrar o bojo dos antigos queijos do reino!

Boi armado e demais a mais, alta e largamente armado, como ele está no tal brasão também se me afigura impróprio e perigoso sobretudo se não tiverem a prevenção de lhe embolarem os chavelhos.

Voto portanto contra o boi e voto com o desafogo de quem vive num estado, que se preza ter o voto livre.

O outro brasão representa o sol nascendo por detrás de uma montanha que é realmente um belo horizonte.

A idéia é mais nobre, menos arraigada às pequices dos pergaminhos, mais decorativa, mas tem o inconveniente das odes e poemas sinfônicos de Listz: carecem de programa para se compreenderem, porque, sem ele, é que se não mete o dente na música descritiva, nem a cacete.

O dr. Aarão Reis descreve este brasão admiravelmente, com aquela sua linguagem simples, mas sempre clara e por vezes imaginosa:

— O sol que nasce, diz ele, é a nova capital de Minas, que surge do horizonte que, por belo, alude a Belo Horizonte, etc., etc., etc.

A gente está mesmo a ver, com os olhos da imaginação, naquele sol fulvo e rubro, a nova capital e mesmo, de passo pelas veredas da imaginação afora, julgamos ver mesmo, nas rutilâncias do astro-rei, os contornos indecisos do Palácio do governo, da esbelta igreja matriz e da alentada caixa dágua; mas o demônio é que o governo de Minas não pode pôr, ao lado do observador recém-chegado, um cicerone e sobretudo um cicerone com o talento do dr. Aarão Reis, para explicar toda aquela armadilha simbólica das armas da bizarra e elegante *Minas*.

Além disso, o sol nascendo, apesar de ser para todos, mesmo ao nascedouro, é já quase domínio exclusivo das repúblicas da América do Sul; coisa com que eu encafifava, quando em Buenos Aires, passei quarenta e cinco dias sem sol e eu a vê-lo nascer, em todas as esquinas, por todos os edifícios, em todas as guaritas e moedas de cobre e prata.

O sol sempre a nascer, mas nunca nascendo realmente, que martírio para mim, que gosto tanto do sol.

Mas também, quando cheguei ao Rio de Janeiro, pus-me duas horas de cabeça ao léu, no largo do Paço, para me vingar com uma fartadela de sol e de sol de fevereiro, que é sol de frigir moscas.

Consta-me que se está planejando um terceiro brasão, para as armas da nova capital.

No centro da composição, uma cabeça de mulher, cingindo a coroa mural que se espreguiça para cima do brasão, servindo-lhe de remate.

Uma novidade completa, um preito à mulher mineira, uma idéia que se não enraiza nos empoeirados arquivos das velhas e carcomidas monarquias.

Eu voto, a olhos fechados, neste terceiro brasão ou, antes, votaria, se tivesse títulos e capacidade para isso.

Com este brasão, as armas da formosa *Minas* nascem ao mesmo tempo que ela.

É uma capital que, em 1894, ainda não tem história e eu fecho o artigo, com uma chapa velha como o dilúvio:

Felizes dos povos, que não têm história!

Minas Gerais — 11-11-1894.
Pág. 2.

XLIX

Dizem os luminares da ciência e os práticos da vida, que a variedade é o melhor condimento para os estômagos e para o espírito e não sei mesmo se filósofos e moralistas entendem também que a variedade é boa para a saúde das almas, que parecem sofrerem igualmente de amuos e tentações, nos páramos uniformes da monotonia.

Na crítica da arte, (se é que eu a tenho feito com jeitos de merecer tal nome), sempre sustentei a necessidade de conúbio da variedade e da unidade; se bem que hoje reformado no pensar, pelas idéias da moderna estética positiva, eu só peça, na arte, a sinceridade na comoção artística e a probidade na sua manifestação, mas no que contende com as regras para a alimentação do estômago e do espírito, nunca me meti pelas insondáveis profundezas das teorias que regem o assunto, tanto é certo que sempre me prezei de não ser nem gastrônomo nem moralista.

E podia sê-lo.

Se a prática é a melhor lição em todas as coisas da vida, eu poderia falar de cadeira, sobre alimentação de todos os gêneros; porque já enchi o estômago, comendo ou imaginando que comia, em vários países do norte e do sul da Europa; em Macau e em Cantão, na formosa e feroz Timor, em Luanda, Moçambique e Dacar, no Rio de Janeiro e mais cidades do Brasil, em Buenos Aires, Montevidéu, Santiago e Valparaíso e pelo fato de haver comido nas cinco partes do mundo, só cheguei ao conhecimento de uma lei que domina despoticamente em todo o orbe: é que só há um cozinheiro impecável — o apetite!

E quanto à saúde da alma, nunca, para a conservar, recorri a conselhos de ninguém.

A alma tem, sestros de burro velho e estradeiro.

O melhor é deixar-lhe escolher o bom caminho pelo instinto que, para almas e para burros, não admito as eloqüentes persuasões da catequese nem as teorias da nobre arte da equitação!

Ora, e quanto ao espírito, sempre procurei estudar meios e modos e lhe dar o repasto da variedade e falo aqui do espírito do autor e do espírito dos leitores, porque é de praxe, na contextura romântica, nunca deixar de descrever o algoz e as suas desfortunadas vítimas.

Milito há cerca de trinta anos no jornalismo e enquanto me tenham arreado com as plumas de crítico musical, tenho borboleteado por todas as províncias da imprensa, é verdade que com fortuna vária e, se não tenho caído, nos insondáveis vértices da asneira absoluta, é porque a minha manha natural sempre me trouxe aferrado na mente o preceito que tenho por meu e que reza que: toda a arte está, não em conhecer o que se sabe, mas em conhecer aquilo que se não sabe!

O homem de imprensa, que conhece as artimanhas da sua profissão, nunca deve insistir em vencer as dificuldades, mas em iludi-las e, como eu as tenho iludido, Deus da minha alma, nestes seis lustres de contínuo mourejar pelas picadas e meandros da letra redonda!

A minha locomania nunca teve nem norte nem bússula e, sem bússola e sem norte, têm sido os meus estudos dos últimos anos de vida. Tenho, pelos mais intoleráveis déspostas do mundo, o relógio e o cicerone.

Viajo, portanto, pela terra e pela vida, sem que me tolham os decretos do cronômetro e as observações dos entendidos.

Refiro-me aqui unicamente às livres fugas que faço durante os ócios da vida, porque, no cumprimento dos meus deveres, ainda conservo religiosamente os preceitos de indefectível pontualidade, que bebi, na mocidade, dos padres irlandeses que me educaram.

Um dia destes fui-me pelos matos das proximidades da foz dos Arrudas, a caçar tatus; esse animal encouraçado que me tentava, menos pelas promessas de um manjar novo, do que para vê-lo de perto e vivo, visto que o conhecia apenas morto e envidraçado, nos armários dos museus zoológicos da Europa.

Não tento ocupar a atenção dos leitores do *Minas Gerais*, com os pormenores de tal caçada.

O assunto é por demais espinhoso e eu, que tanto tenho escrito sobre a digitação do piano e outros instrumentos, hesitaria em descrever as importantes funções que exerce o dedo dos humanos, na especialíssima caçada dos tatus!

Eu apanhei um, (nanja com o dedo); mas, agarrando-o pela cauda antes dele se aproximar da toca; outros dois apanhou a senhora que me acompanhava e também por processos absolutamente confessáveis!

Provei a iguaria, com modesto entusiasmo e sobre as qualidades comíveis do bicho, reservo-me para dizê-las depois da competente aprendizagem.

E a aprendizagem, na comida, é uma necessidade imprescindível.

Tão raros os frutos e viandas que agradem na primeira vez. Enjoaram-me, na prova, o cheiro e sabor do caju e hoje adoro um e outro, despejei uma caterva de impropérios contra a Rússia, quando provei o célebre "caviar" e atualmente considero-o como uma delicadíssima entrada num almoço, quando estendido com manteiga fresca, em delgadas fatias de pão.

Conta-se que um espanhol, indo viajar por terras da Alemanha, entrara num botequim e pedira ao criado uma bebida nacional.

Trouxeram-lhe a espumante e dourada cerveja.

O espanhol sorveu um trago, cuspiu imediatamente e careteando ainda perguntou ao criado:

— Você sabe a bebida que deram a Cristo, antes de o crucificar?

— Dizem que foi fel e vinagre.

— Pois se lhe tivessem dado cerveja, então é que o... babavam.

E, voltando ao assunto, ou, antes, à variedade de episódios que enchem a minha vida de agora, à noite, quando estava digerindo ainda com uma certa dificuldade, a tatuada que ingerira, vi, na manga direita do meu casaco, um bicho todo anelado e retorcido: era um escorpião!

Ora, eu conhecia o escorpião unicamente pelos almanaques e folhinhas de porta ou de parede; mas sabia que a sua ferroada era, se não mortal dolorosíssima.

O instinto ensinou-me a sacudi-lo com presteza e o escorpião apossou-se da conversação durante toda a noite, que parecia exclusivamente dedicada à pacífica e curiosa família dos tatus.

Às cinco horas da manhã, vou para o escritório, para me perder nos abismos do "Diário" e do "Razão"; às dez almoço; do

meio-dia às duas, se o serviço permite, aquarelo paisagens, às cinco janto; à tarde dou voltas a cavalo e ainda para questões de serviço e à noite estudo, escrevo e toco...

Piano? Perguntará o leitor.

Não senhor... realejo!

Até onde nos pode levar a perversão do gosto.

Aos domingos, pesco para mim e quase sempre para os outros e eis a minha vida variada, à qual se apresentam sempre episódios novos que me enrobustecem desaforadamente o corpo e que eu, separado de minhas duas filhas, privado dos seus carinhos, ausente dos seus encantadores amuos, livre do seu incômodo e adorável papaguear, considero a vida mais monótona e embrutecedora que é possível imaginar.

Mas o homem é um animal de contradições: quer o que não tem; deseja o que não pode; queixa-se das mágoas que o atormentam e das alegrias que dilatam o coração e, nos assomos da minha tristeza enfadada, eu sempre sou visitado, com um beijo de sol em dias enuveado, pela consoladora máxima:

"Antes assim, que pior"!

Minas Gerais — 15-11-1894.
Págs. 4 e 5.

L

O povo do Rio de Janeiro, no qual o contato do estrangeiro, tem produzido uma mescla de tipos, de caracteres, de gostos e de temperamentos diferentes possui, apesar disso, uma série de sestros e de manias, que o individualizam e lhe dão uma feição própria.

Em vinte e quatro anos que ali residi, conheci-lhe muitas, algumas, que, boas, sofríveis, ou más eram em todo o caso, inexplicáveis.

Cito apenas duas, que agora me acodem à memória: a primeira que constitui uma feição característica e admirável deste povo; a segunda que é um sestro e talvez um fruto herdado dos portugueses e que existe enraizada nos fluminenses de todas as camadas sociais; se é que as modernas idéias democráticas permitem que ainda os homens se dividam e classifiquem por camadas.

A primeira refere-se às demonstrações coletivas, sobretudo, nos teatros, divertimentos e festejos públicos.

Conheço, de longa prática, as célebres pateadas dos teatros líricos de Lisboa e também as ruidosas manifestações de agrado e desagrado da maior parte dos teatros da Itália e conheço ainda o que são as praças de touros de Madri, de cuja vozeria e tumulto me lembro com arrepios; mas todas essas demonstrações populares são mais ou menos combinadas; tem o seu andamento cíclico; parecem-se com os efeitos, determinados pelos dois ângulos opostos e colocados por debaixo do pentagrama, nas peças de música e que impõem um *crescendo-diminuindo* ou um *diminuindo-crescendo*, mas que nada têm de comum, com as pateadas que se vêem no Rio de Janeiro e que admiram, sobretudo pela espontaneidade e firmeza de ataque com que começam e pela espontaneidade e firmeza de ataque com que terminam!

Aparece, num teatro lírico daquela Capital, um tenor mau, reconhecidamente mau: rouquenho, delgado, *capretto* na voz, sem expressão, sem sonoridade, sem gestos nem atitudes dramáticas. Todos os espectadores o ouvem em silêncio, no mais atento recolhimento; não se lhe comenta nem as *fifias*, nem os desencontrados movimentos da sua quadratura musical, nem tampouco as vandálicas esfoladuras que ele dá na afinação. O tenor passa, na opinião do empresário, do regente e dos inexperientes em coisas do nosso teatro; mas, de repente, como se tivesse desprendido uma mola que imprimisse a vida e movimento, a todos aqueles títeres inertes, com um *enssemble* digno de uma orquestra, dirigida por Colonne ou por Michael Costa, rebenta uma pateada estridente, ribombante e temerosa, em que tomam parte velhos e moços, clero, nobreza e povo e creio mesmo que as senhoras; as quais não resistindo ao impulso geral, batem sub-repticiamente com o tacão das botinas no chão, como quem entende que lhes pertence, não só o direito do voto como o das manifestações públicas.

Não houvera convenção, nos intervalos dos atos, nem nos corredores e saguão do teatro; mas aquilo rebentou, como se o chefe dos *romanos* dos *calheiros* do *lustre* da *claque* tivesse alçado a batuta e houvesse dado o sinal da explosão!

Foi necessário a prática de vinte tantos anos que, em serviço de imprensa, me trouxeram atarrachado a todos os espetáculos de companhias líricas, para que pudesse pressentir uma pateada e não por sinais certos e determinados; mas por um quer que é, que andava nos ares, por uma destas comoções nervosas, muito parecidas com a impressão, que sentem certos indivíduos com a aproximação de uma trovoada; por um fenômeno muito de comparar-se, com o esvoaçar dos passarinhos, horas antes de começarem os tremores de terra e terremotos!

E a pateada termina com a mesma exatidão de *ensemble!*

As manifestações de desagrado dos fluminenses constituem, de per si só, um espetáculo único no mundo! o outro característico dos cariocas e esse igualmente inexplicável; mas muito mais digno de censura, é, em parte, uma herança inevitável dos hábitos de vida claustral, que sempre tiveram os nossos primeiros colonizadores, em parte, fruto da inércia, indolência e falta de iniciativa das regiões hiperbólicas do calor.

Nos meses de dezembro, de janeiro e de fevereiro, o termômetro sobe ali de uma maneira assustadora e as condições higrométricas da Capital Federal ainda tornam esse calor mais intolerável e debilitante.

Nesses meses, de manhã, o calor é sufocante, ao meio-dia, torra-nos, de noite, recrudesce e não deixa conciliar o sono; por forma que, no dia seguinte, achamo-nos ainda mais cansados, de que quando, na véspera, nos metemos na cama.

Para esses calores, só há dois refrigérios: o dos parques e jardins fartamente arborizados, como o Passeio Público e o Jardim do Campo da Aclamação e um passeio a Niterói; onde o deslocamento do ar, pelo movimento das barcas, nos fornece um ventinho agradável e, em todo o caso, com menos rajadas e intermitências, do que os leques e ventarolas que, no meu entender, efeminam e emaricam os homens.

Pois bem, no Rio de Janeiro, durante a estação ultracalmosa, ninguém vai a um passeio, para tomar fresco, sentado à sombra das suas frondosas árvores!

Aos domingos, a banda de música militar ainda puxa para o jardim do Campo da Aclamação alguns *dilettantes*, de noite, também a cervejaria e a banda dos alemães levam algumas pessoas ao Passeio Público; mas excluídos esses atrativos da música e da cerveja, não há nenhum outro que leve lá ninguém!

Fica-se em casa, com o lampeão de querosene aceso perto do rosto ou com o bico de gás por cima da cabeça, cosendo e suando, lendo e transpirando, discutindo, à torreira do sol, nas ruas; conversando, encafuados nos botequins que naquela capital, são verdadeiras coxias e, sempre ao sol na rua, e sempre, ou fechados em casa ou por debaixo de horríveis combustores os fluminenses esquecem-se de que têm o primeiro parque do mundo e o refrigério de se abanarem, por horas consecutivas, nas barcas de Niterói, que só cobram a passagem, quando entra o passageiro; podendo este andar, de cá para lá e de lá para cá, todo o dia e toda a noite, pela insignificante quantia de duzentos réis!

O que acontece aos fluminenses, com relação aos jardins públicos, acontecerá também aos mineiros, quando puderem dispor de um parque amplo, grandioso, dotado de todos os encantos de paisagem; com grutas, cascatas, riachos, alamedas frondosas e sombrias.

Ainda não conheço suficientemente o caráter e hábitos mineiros, para o dizer.

O que sei é que a Comissão Construtora da Nova Capital projeta um esplêndido parque, que, com certeza, será citado no estrangeiro; porque é difícil encontrar-se, em outra parte do mundo, um tão acertado conúbio da arte com as galas da natureza.

Quem o está planejando é o jardineiro-paisagista Villon; o homem a quem realmente se deve o magnífico Jardim do Campo da Aclamação.

Mas, em Belo Horizonte, o terreno é mais graciosamente acidentado; a zona mais fértil e luxuosa; a água, aproveitada de vários corregos e nascentes, mais abundantes; o horizonte mais vasto, mais agradável, mais ameno e, por entre todos estes pródigos dons da natureza mineira, formigam: cascatas, grutas, ruinas, tanques, coretos, chalets, viveiros, gaiolas, alamedas frondosas, clareiras; todos os grandes atrativos dos jardins notáveis, reunindo, num só ponto, os encantos dos Campos Elísios, do Parque Monceaux, das Buttes-Chaumont, do Campo de Marte, do Parque de Montsouris e de todos os jardins de que se ufana Paris.

O nosso parque terá tudo.

Terá também freqüentadores?

Só Deus o sabe!

Minas Gerais — 18-11-1894.
Pág. 5.

L. I

Os calceteiros de Paris chamam à pedra excessivamente dura: pedra *pif*, pedra *paf*, àquela, cuja densidade e dureza a tornam própria para o calçamento e pedra *puf* aquela que se transforma, ao mais pequeno choque da ferramenta.

Pois senhores, não conheço região no mundo tão abundante dos *pifs*, de *pafs* e de *pufs*, como aquela em que se vai assentar a nova capital de Minas!

Os empreiteiros, que têm de lavrar diretamente as suas pedreiras, à caça honesta de *pafs* encontram-se na maior parte das

vezes, com *pifs* e Deus sabe com que heroicidade resiste esta sorte de granito, às pancadas da marreta, do marrão, às bicadas da picola fina e grossa!

Os *pufs* ninguém os lavra e eu ainda menos, que, de *pufs* e *pomadas* de jornalistas estou eu farto até os olhos; mas, diante dos *pifs* que a todo o momento, me aparecem, suo por ver suar, canso-me por ver cansar, praguejo por ver praguejar os cavouqueiros; bracejando, de sol a sol, sobre colossais monolitos de granito e imitando, no mais atrevido realismo, os mitógicos Titães, procurando em vão escalar o céu, de chapéu de Braga e calças de brim de Minas!

E estas relações que entretenho agora com as pedras fazem me lembrar muitas vezes do calçamento da futura capital de Minas.

Qual é o melhor sistema de calçamento para uma cidade populosa?

Eis uma resposta difícil de dar; apesar dos notáveis e importantes progressos, que o calçamento tem feito na segunda metade deste século.

Se as maiorias têm razão, são os paralelepípedos de granito que a têm; visto que a maior parte das cidades ainda se acham calçadas por este sistema; si bem que na sua aplicação, haja diversidade de modos, os quais encontro, em iguais proporções, prós e contras.

Não me enfiarei a dentro, pela ciência dos calçamentos, que pertence aos engenheiros, que são sempre nimiamente zelosos, pelos seus engenhos e engenhocas; mas direi apenas, pelo muito que tenho gasto solas em cidades calçadas e mesmo com vaidades de serem muito bem calçadas, que o sistema de paralelepípedos de granito se me afigura o melhor; se se atender a todos os preceitos que exigem a forma e a camada da areia, sobre a qual têm de repousar as pedras do calçamento.

Se, como fazem os franceses, espalharem, dentro da forma, uma camada de areia, com uma altura de 0,m 10; se a comprimirem, depois, com bugios e regarem abundamente, até que essa camada de areia fique reduzida a 0,m 07 de espessura; se sobre esta primeira camada, estenderem uma segunda, também com 0,m 10 de altura e trabalhada da mesma maneira e, ainda em cima da segunda, uma terceira com a espessura de 0,m 03 a 0,m 06, teremos uma magnífica cama para assentar o calçamento do granito; cama que dará grande duração ao revestimento de pedra; tanto é certo que, da boa cama que a gente faz, depende a boa cama em que a gente se deita!

Dizem os mestres que a areia é tudo no calçamento; atendendo que reparte com mais uniformidade e pressão exercida sobre a pedra; dando-lhe mais segurança, visto que a sua semi-fluidade lhe permite preencher os espaços e interstícios, que ficam entre os paralelepípedos.

Em Paris, colocam as pedras em fileiras perpendiculares à direção das ruas; mas, nas cidades principais da Áustria, os paralelepípedos são colocados em filas oblíquas ao eixo das ruas; o que me parece preferível, por ser mais resistente à ação das rodas dos veículos, que se exerce, seguindo a linha diagonal do calçamento, cujas pedras se tornam, além disso, solidárias uma das outras, em conseqüência da direção oblíqua, das juntas.

Mas, tanto na Áustria, como na França, na Alemanha e na Itália, o calçamento de paralelepípedos de pedra tem provado muito bem e o mesmo teria acontecido no Rio de Janeiro, se a ganância dos empreiteiros e a má fiscalização das câmaras municipais, não tivessem levado as camadas de areia e o seu modo de empregá-las a condições vergonhosas ou irrisórias.

Fala-se muito nos calçamentos de madeira que, em Paris, Londres e outras cidades da Europa e da América tem provado regularmente.

Amortecem completamente o ruído do rodar dos carros, não conservam nem o pó nem a lama, diminuem o esforço dos animais na tração dos carros; mas todas estas grandes vantagens são inutilizadas pela pouca duração de tal calçamento.

É, além disso, dificílimo encontrar madeira que satisfaça às necessárias condições de homogeneidade e não devemos esquecer que as mudanças repentinas de temperatura deterioram prontamente as melhores madeiras e que, até hoje, apesar da variedade de substâncias conservadoras que tem inventado a indústria, só o pinho é que tem preenchido regularmente o seu fim e a única madeira que, pelo lado econômico, pode ser empregado nos calçamentos.

Sem pergaminhos de engenheiros de pontes e calçadas, sem a prática de calceteiro ou mesmo de modesto britador, parece-me poder afirmar que a Nova Capital do Estado de Minas será calçada com paralelepípedos de granito, na maior parte das suas ruas; reservando-se talvez, para as grandes avenidas o sistema de Mac-Adam, que, nas ruas com algum declive, é magnífico sobretudo para os carros.

Mas deixando os *pifs* os *pafs* e os *pufs* em mãos mais competentes, volto ao grande parque que se projeta é que só agora me foi dado ver, na planta, que ao dr. Aarão Reis apresentou o jardineiro paisagista Villon.

É duas vezes e meia maior do que o parque do Campo da Aclamação; que já é citado por um dos mais vastos que se encontram no centro das grandes capitais.

O nosso Le Nôtre houve, nesta planta, não só como jardineiro de primeira ordem, mas como homem que conhece a fundo a economia.

Aproveitou todas as sinuosidades do terreno, que são muitas naquela zona. Na depressão do terreno que fica no centro, estabeleceu um grande lago, alimentado por abundantes nascentes e pelo córrego que lhe fica vizinho. Neste lago que se desdobra em canais que serpenteiam por todo o parque, há distância de cem metros, de margem a margem, ilhotas onde já florescem árvores grandes e, por todas essas línguas de água, só poderá passear em canoa; o que é um inestimável prazer para os que como nós vivem tão distantes do litoral!

No parque, há ruas largas para trânsito de carros, ruas extensas e quase planas onde os velocipedistas poderão fazer folietrias nos seus biciclos; um coreto colocado em lugar alto para a música; um restaurante com todas as comodidades e todos os prazeres que dão os bonitos panoramas; um cassino com um teatrinho; uma gruta e um túnel, pitorescas casas para os guardas do parque e tudo isto disposto de maneira que, por uma acertada escolha de linha, se vê tudo, da entrada ou dos pontos principais do parque.

Uma grande praça circular e arborizada dá entrada para o jardim encantador, que tem ainda outras portas e para o qual se trata de transplantar, por meio de carros especiais, as grandes árvores que já se acham espalhadas pelas pitorescas cercanias de Belo Horizonte.

Concluído este parque, a capital "Minas" ficará com um atrativo para chamar, para aqui, os ricos e remediados que procuram os lugares arborizados para passarem os meses da estação calmosa.

O parque de "Minas" constitui pois, um dispêndio que, com razão, se pode classificar no capítulo das "despesas produtivas".

Minas Gerais — 23-11-1894.
Pág. 2.

LII

Consta-me que o dr. Cesar de Campos já entregou, ao chefe da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas, os estudos definitivos para o seu abastecimento de água potável.

Na minha humilde opinião de profano em todas as ciências, é o **fornecimento das águas potáveis, a uma população, o mais** complexo e importante problema da engenharia moderna e aquele que, apesar dos profundos estudos que se tem feito, sobre as propriedades químicas e higiênicas das águas, em França e sobretudo na Inglaterra, ainda está longe de resolver-se; tanto é certo que a ciência hidrológica, tão útil ao bem-estar das populações, ainda caminha, infelizmente, nos seus primeiros e incertos passos.

Todos sabem que as águas encerram naturalmente os elementos solúveis dos terrenos que atravessam e, nestas condições, podem conter compostos numerosíssimos.

Nas águas destinadas aos usos da vida, encontra-se sempre, em quantidades bastante notáveis: alumínio, ferro, cal, magnésia, soda, potassa, amoníaco, ácidos silícico, sulfúrico, clorídrico, fosfórico, azótico e carbônico.

Algumas há, em que se encontra também vestígios de brômio, de iodo e de outras substâncias, que devem exercer ação importante nas qualidades higiênicas da água; não esquecendo que, além das matérias minerais citadas acima, há quase que constantemente e em proporções mais ou menos consideráveis, matérias orgânicas de composição e propriedade muito variáveis; mas cuja influência sobre as águas é sempre muito desagradável.

Não se conhece ainda, de maneira precisa, o modo de ação sobre a economia animal de cada uma das substâncias isoladas ou misturadas, que se encontra nas águas potáveis. Conhece-se, é verdade, a composição química de grande número delas; mas ainda hoje o processo do inquérito é o aconselhado como o mais eficaz; se bem que se não prescinda, depois, da análise quantitativa e qualitativa das águas destinadas ao abastecimento de uma população, conquanto seja extremamente difícil dizer, em que estado de combinação se acham, na água, os elementos que a análise dela separa.

Como análise ou, antes, como elementos para o inquérito tão recomendado por Pignan, por Magon e por outros que tratam da matéria, o dr. Cesar de Campos limitou-se a verificar se as águas que captou possuiam as propriedades de dissolver o sabão, de cozer o feijão e de serem agradáveis ao paladar.

São três *chapas* populares para o conhecimento da água de que nos servimos; mas os três elementos mais importantes, se não os mais certos, para que possamos dizer se uma água serve ou não para todos os usos domésticos.

No ponto que está a questão sobre a potabilidade das águas, a opinião dos consumidores ainda é o elemento mais digno de atenção; porque a ciência química, no seu caminhar vertiginoso e portanto no seu tatear constante, transforma e modifica opiniões, de ano para ano e, por muito pouco que sejamos versados no manusear da retorta, sabemos que a água que contivesse menos matérias em dissolução era a recomendada, pelos autores outrora, como a melhor para a alimentação do homem e sabemos hoje que, se as águas demasiadamente carregadas são sempre más, as quimicamente puras não seriam melhores tanto para o homem, como para todos animais da criação!

Contesta-se igualmente, hoje, que a falta de iodo e o excesso de magnésia sejam fatores do *bócio*, nestas circunstâncias, o povo, esquivando-se às nobres e louváveis tropicadelas da ciência, vai escolhendo e rejeitando, de modo próprio, as águas que lhe convém.

É um fato muito conhecido, o das pensionistas do hospício de velhos de Bolton reclamarem, em alta grita, todas as vezes que, por experiência, lhe preparavam o chá, com água *dura* ou *crua;* isto é com água que continha uma proporção exagerada de cal. Os padeiros clamam logo contra essas águas e tanto os padeiros como as velhinhas de Bolton insurgiam-se, pelos efeitos da prática, contra a *crueza* ou *dureza* da água que lhe forneciam e não, coitados, porque se tivessem enfronhado em elocubrações hidrotimétricas!

Estudada a qualidade das águas, que deviam abastecer a nova capital "Minas", o dr. Cesar de Campos estudou, com igual zelo e probidade, a quantidade que pode entrar no seu abastecimento.

Calculou, sobre a água que dão os mananciais na seca que atravessamos e que, no dizer dos habitantes de Belo Horizonte, é uma seca sem exemplo.

E, sobre este mínimo eventual de fornecimento, calculou ainda, pela mínima do mínimo e achou a proporção de trezentos litros por cabeça; proporção que se pode sustentar até larguissimas épocas, pelo fornecimento de novos córregos captáveis; mesmo quando a população chegasse a 800.000 almas ou meno a um milhão de habitantes!

Pondo de parte a cidade de Roma, que ainda atualmente pode fornecer água aos seus habitantes, à razão de mil litros por cabeça, só me lembro de duas cidades que tenham abastecimento superior a trezentos litros por cabeça: Dijon que, duran-

te quase todo o ano, fornece água aos seus habitantes à razão de quatrocentos litros por cabeça; mas que, na estação calmosa, reduz esse fornecimento a duzentos e quarenta litros e Carcassonne, que tem um abastecimento constante de quatrocentos litros por habitante.

Enquanto aos demais centros populosos, temos:

Londres, com cem litros de água diários, por habitante.

Paris, com cento e quarenta litros.

Nova York, com cento e vinte litros.

Bruxelas, com oitenta litros.

E em todas as demais cidades, o fornecimento de água oscila, entre oitenta e cem litros diários por habitante.

Já vêem os mineiros que a sua futura capital, depois da excepcional Roma, figura brilhantemente entre as primeiras, pelo que toca o abastecimento de águas potáveis, e se não a comparo, em vantagem ou desvantagem, com o Rio de Janeiro é porque, daquele vértice insondável, que tragou mais de sessenta mil contos de réis, ainda é difícil dizer, que quantidade e que qualidade de água dele se pode tirar!

Na capital de Minas, há água de boa qualidade em grandíssima quantidade, embora a sua população chegasse a proporções consideráveis, o que não é natural em cidades do interior.

Resta agora canalizá-la e distribuí-la aos consumidores.

Da canalização de tais águas já cuidou esmeradamente o distinto engenheiro Cesar de Campos, e com grande senso econômico; projeto de que falarei em outro artigo, se me não falharem de todo a competência e os apontamentos.

Enquanto à distribuição das águas, creio que ainda não foi estudada pela comissão construtora; que naturalmente deve dedicar a esse melindroso assunto o zelo e boa vontade que tem mostrado em todos os demais serviços.

É uma questão de insignificante monta para a engenharia, mas muito interessante para o consumidor.

Há dois sistemas de distribuição: a distribuição contínua e a descontínua.

Contra a distribuição descontínua, que fornece água só em certas horas do dia, todos clamam, incluindo eu que, em Buenos Aires tinha sempre que andar de relógio em punho, para saber quando me podia lavar e banhar!

No sistema contínuo, há dois meios de fornecer água, por conta, ao freguês: o da tal *pena d'água*, que, a todo o momento, fica entupida e o dos contadores de Siemens, de Bastos ou de qualquer outro autor e que nos faz pagar a água que gastamos, no fim do mês.

É uma economia para os hidrófobos sujos e um corretivo para os que querem viver todo o dia dentro d'água como os patos!

Com água à discreção, nem o oceano chegava só para os brasileiros!

Minas Gerais — 29-11-1894.
Págs. 2 e 3.

LIII

O que eu admiro, no projeto de abastecimento de águas à nova capital de Minas, é o seu caráter essencialmente prático, econômico e previdente.

Não se dispende um ceitil a mais; não se fazem tentamens novos e que podiam ser irrealizáveis; não se esquece o futuro; levando as precauções até o ponto de se ficar premunido, contra as necessidades de uma população, mesmo levada às proporções, se não do impossível pelo menos do improvável.

Os homens de ciência transcendente talvez nada tenham que estudar no abastecimento das águas da capital "Minas"; mas o dr. Aarão Reis entendeu e entendeu muito, que todo o interesse da questão estava em fornecer a água à capital, de boa qualidade, em grande quantidade e pelo menor custo que fosse possível.

E parece-me que realizou essa intenção.

Além dos córregos Serra, Acaba Mundo, Mangabeira e outros, que nascem e correm, na costa setentrional da serra do Curral, em que assenta a localidade e que ofereciam captação de boas águas, em cotas suficientes, para suprimento da futura cidade, apresentavam-se também, ao estudo, os córregos Taquaril, Leitão, Cercadinho, Bom Sucesso e Posse; afluentes todos da margem direita do Arrudas.

O Serra é o que oferecia captação em cota mais elevada e fornecia 25 litros por segundo.

O Acaba Mundo dava quinze litros por segundo, servindo portanto para abastecimento de 11.500 habitantes.

O Taquaril não resolvia a questão.

O Leitão e Bom Sucesso não ofereciam cota suficiente, para desaguarem no reservatório do Acaba Mundo.

O Posse, que tem uma água excelente, exigia grande extensão e grande diâmetro de tubos.

Deu-se preferência, pois, ao Cercadinho, que fornecia 112 litros por segundo; isto é, água para trinta e dois a cinqüenta mil habitantes.

Taquaril, Posse e Bom Sucesso ficaram reservados para depois e o Leitão ficou também reservado para mais tarde, destinando-se-lhe a missão de fornecer lavanderias e para descarga dos canos de esgoto.

O Gentio e Ilha foram destinados para suprir o Acaba Mundo, abaixo da represa de captação e servir para alimentar os grandes lagos do Parque.

O Mangabeira é aproveitado para uma grande lavanderia pública.

O projeto estabelece que o Serra será canalizado por tubos de 0m,30 que terão 1.233 metros de desenvolvimento e dirigido para um reservatório com a capacidade de 2.000.000 de litros e que será construído num morro situado por detrás do Cruzeiro.

O Acaba Mundo será levado em tubos de 0,30 com 1.392 de desenvolvimento para o seu grande reservatório que se construirá na Encosta do Ilídio e que terá capacidade para 18.000.000 de litros.

O Cercadinho, que também vai desaguar neste reservatório, será conduzido por uma linha mista, com 6.212 metros, sendo:

3.947 de caixa fechada de alvenaria.

138 de caixa aberta.

275 de calha em túnel.

1.852 de sifão de dupla linha de tubos de ferro, com 0,m 30 de diâmetro.

O túnel deve ser rasgado na Garganta das Pedras, dispondo-se na sua boca inferior, uma cascata para arejar as águas na passagem do túnel para o sifão.

Estas obras que eu enumero aqui, sem ordem nem segurança, porque sempre fui um repórter de ínfima categoria, devem custar, na totalidade, rs-977.849.024.

Creio que nunca se inundou a população de uma cidade, por fora e por dentro, com tão pouco dinheiro!

O dr. César de Campos, cuja erudita e amável conversação é um perigo para quem tem que fazer, disse-me que devemos contar com as obras que constam do tal projeto, concluídas daqui a oito meses.

E eu felicito os atuais habitantes de Belo Horizonte e felicito-me ainda com mais entusiasmo, porque para mim, a água é a única bebida de que necessita a criatura. E, depois, têm os demais humanos a certeza de não beberem água, aqueles mesmo que matam a sede unicamente com vinho, com cerveja, ou com cidra?

Uma garrafa de vinho contém sempre muita água com pouco vinho; a cerveja não é mais do que uma tisana feita com água, e alguma cevada, pouquíssimo lúpulo e açúcar e eu entendo do riscado que já, por dois anos, propinei cerveja da minha lavra, aos fluminenses.

Coitadinhos!

A cidra não é mais do que maçãs e água postas em fermentação.

E, entre a água impura e a água pura, eu prefiro a última; exatamente pela razão de ser raríssima.

Em Paris, bebia sempre a água com *groseille* ou com qualquer outra droga colorante, para lhe esconder o desagradável aspecto.

Em Londres, capital em que o sol se parece com a lua e a lua com um queijo fresco, a água parece-se com um líquido amoniacal, cujo nome conservo nas penumbras do anônimo, para não escandalizar os meus leitores.

Em Lisboa, era tanta a quantidade de cal que tinham as águas, que se podia dizer que os estômagos dos lisboetas andavam tão caiados, como a frontaria dos seus prédios.

E, finalmente, em Belo Horizonte, que água tenho eu bebido, santo Deus!

Enquanto não consegui encher a minha moringa na fresca e deliciosa nascente, que corre num quintal do meu sócio e amigo, que água eu bebi, nascida pelas calhas que alimentam o

ex-Curral d'El-Rei e que, servindo para a bebida e despejos do vizinho A, vem correr, com toda a sem-cerimônia, para a casa do vizinho B, que a bebe colaborada e fornece depois, com a sua própria colaboração, ao vizinho C e assim por diante.

O que terei eu bebido, eu, que naquele alfabeto hidráulico, fico pelas alturas do X ou do Z!

Diz-se que os sofrimentos e mágoas deste mundo são levados em conta dos nossos pecados, no ato de saldar as nossas contas ao entrar na eternidade.

Que saldo a meu favor devo eu levar, à presença do Supremo Julgador; eu que, durante três meses consecutivos, comi feijão preto e abóbora amarela, arroz de água e carne-de-vento e regado e lavado, por dentro e por fora, com esse líquido amarelo, turvo e nauseabundo, que os felizes habitantes do velho arraial intitulavam pomposamente com o nome de água.

Pobre água! Como te caluniavam!

Minas Gerais — 01-12-1894.
Pág. 3

LIV

Como era fatal e irremediável, todas as construções que se vão realizar na nova capital de Minas, terão, por material: a madeira, o tijolo, a pedra e por exceção, algum ferro, nas tesouras de certos armazéns.

O ideal do dr. José de Magalhães e o da maioria dos engenheiros e arquitetos modernos e que consiste em substituir as velhas e pesadas carcaças de pau, encascadas na não menos velha e pesada alvenaria de pedra, pelas elegantes, leves e racionais construções de ferro e tijolo, ainda não pode ter cabida, num lugar distante do litoral em mais de cem léguas e quando para aproximar essa distância, temos apenas, como recurso, o serviço insuficiente e moroso, da nossa Estrada Central do Brasil!

Porque cumpre não esquecer esta tristíssima verdade: "Se a Estrada de Ferro Central do Brasil quiser, a construção da nova capital de Minas não se efetua em quatro anos, o que era perfeitamente possível, mas em oito, dez ou quinze anos!"

Não digo que isso venha acontecer, mas aponto apenas a possibilidade de se dar esse fato desastroso para os mineiros.

Creio que a administração dessa estrada tem tido, até agora, bons desejos de servir o Estado de Minas; mas os materiais, não obstante os dísticos que os marcam, levam muitas vezes um e mesmo dois meses para chegarem a Sabará!

Imaginem quanto tempo levariam para cá chegar, se, da parte da administração da Central, houvesse maus desejos ou mesmo decidida intenção de os retardar?

Diminuir, portanto, os materiais conduzidos por essa estrada era uma necessidade imprescindível para o dr. Aarão Reis.

Mas, ainda assim, dependemos dela, no que toca às madeiras de construção, porque cumpre não esquecer outra tristíssima verdade: o Estado de Minas, e com ele todos os demais Estados do Brasil, não têm madeiras que possam concorrer, com a que nos vêm de Riga, da Suécia e dos países do norte da Europa e da América; porque não têm florestas servidas por boas estradas; porque nos faltam os mais rudimentares meios de trânsito; porque não temos ainda indústrias levadas à perfeição e disciplina de poderem mandar, a milhares de léguas dos centros produtores, materiais que, ampliados no preço, por centenares de acréscimos, que lhes fazem a ganância e especulação dos intermediários, ainda chegam, aos mercados de consumo, por metade do preço que custariam os produtos nacionais!

Sobre as nossas esplêndidas riquezas florestais, enganamo-nos quase todos, quando pensamos que elas possam vir a ser, para o futuro, uma grande fonte de exportação.

Exatamente porque as nossas madeiras de lei são admiráveis, não só pela variedade caprichosa do veio, como pela extensíssima escala de tons que possuem, não só, no grande comprimento dos seus troncos, como na rigidez férrea de sua fibra, é que são evitadas pelos industriais de França, de Alemanha, de Itália e da Inglaterra, porque o seu custo de mão-de-obra é duplo ou mesmo triplo, porque lhes embota os ferros da ferramenta, porque lhes cansa o braço do operário.

A "Marcenaria Brasileira" fez algumas tentativas de exportar madeiras do Brasil para a Europa, mas sempre sem resultado.

Manoel Diego dos Santos, talvez o industrial mais adiantado que teve o Brasil, levou, para a Europa, um navio carregado com madeiras de lei, que ficaram *encostadas* por muitos anos e às quais ele mesmo teve que dar consumo, empregando-as na construção de alguns prédios, que levantou em Vigo!

Na Europa, emprega-se a madeira do Brasil na manufatura de móveis, só que por encomenda do freguês!

Se as magníficas madeiras do Brasil apresentam tantas dificuldades às fábricas da Europa, que possuem máquinas aperfeiçoadíssimas para, em tudo o quase tudo, substituir o trabalho manual, o que seria dos construtores e empreiteiros da nova capital, se lhes exigisse o emprego exclusivo de madeiras nacionais?

Conta-se que um carpinteiro de Minas, habituado a trabalhar nas belas e rijas madeiras do seu estado, encontrando, debaixo da sua plaina, uma tábua de pinho que lhe deram para aparelhar, deixou-se ir tanto atrás do gasto que lhe proporcionava a maciesa do pau, que deixou a tábua reduzida a menos de metade!

Observando-lhe o dono da casa que aquele serviço lhe aplainava a tábua e o *cobre;* o carpinteiro, continuando, respondeu:

— Já agora, mestre, deixe-me ir até o fim, que eu pago a tábua!

O pinho sueco, westerwich, de Riga ou congêneres será exclusivamente empregado nas construções da nova capital de Minas; que, com ele, ficará muito sólida e economicamente construída; mas devemo-nos, desde já, prevenir contra um perigo que apresenta este sistema de construção: — o do incêndio!

Enquanto se planeja e levantam os primeiros e principais edifícios da nova capital, parece-me que seria prudente encomendar já, para o estrangeiro, duas bombas a vapor e um certo número de bombas químicas para acudirem logo no começo e imediatamente quando se manifestasse o incêndio.

Há dois tipos de bombas, que já são muito conhecidas no Rio de Janeiro e que a cidade de Paris adotou para o seu corpo de bombeiros.

Refiro-me às bombas de Merryeather e às de Shand e Mason.

Ambos estes tipos são admiráveis, pela rapidez com que fazem vapor, por lançarem cerca de setecentos litros de água por minuto e por levarem o seu jato de água até a distância de 34 metros, distância a que não tinha chegado, antes, nenhuma outra bomba.

Qualquer destes dois sistemas é de primeira ordem, mas eu prefiro a bomba Shand e Mason, unicamente por a ter visto,

manejada pela seção do corpo de bombeiros que levei para Buenos Aires, salvar a seção inglesa da Exposição Continental realizada ali no ano de 1882 e que, sem o rápido e poderoso auxílio da bomba de Shand e Mason, ficaria reduzida a cinzas e por a ter visto salvar também a Exposição Rural na mesma cidade, incêndio em que os nossos bombeiros fizeram jus à medalha que lhes conferiu o governo argentino.

Os bombeiros de Buenos Aires acudiram, é verdade ao incêndio, mas chegaram meia hora depois dele começar, com a sua brilhante banda de música, com as suas espingardas, patronas, barretinas e penachos deslumbrantes, mas a respeito das bombas que traziam, eram todas manuais e muito para comparar-se, na sua ação salvadora, com o tal instrumento burlesco que pôs em cena o grande e malicioso Molière!

Na ocasião em que trabalhava, com toda a força a nossa bomba de Shand e Mason, um oficial argentino, talvez por despeito, talvez por não acreditar na formidável força de jato de água que lançava a bomba brasileira, passou-lhe por diante.

O jato lançou-o por terra, enrolou-se e deixou-o muito maltratado!

Com duas bombas de qualquer destes fabricantes, com algumas bombas químicas pequenas, com alguns apetrechos indispensáveis e com uma dúzia de bombeiros que podiam ser voluntários, ficávamos ao abrigo de qualquer desastre produzido pelo incêndio.

Eu não gosto de *voluntários engajados à força;* mas os voluntários que assentam praça por vontade têm dado ótimos resultados, especialmente no serviço de incêndios.

Experimentem-se na nova capital de Minas, que, pelo menos neste ponto, permite experiências.

Minas Gerais — 05-12-1894.
Pág. 3.

REVISÃO FINAL:

RESPONSABILIDADE DA DIREÇÃO DA REVISTA

IMPRENSA OFICIAL

BELO HORIZONTE — OUTUBRO DE 1985

Revista do Arquivo Público Mineiro

VENDE-SE NO

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

RUA AIMORÉS, 1.450

30000 - BELO HORIZONTE

1985 — Ano Nacional da Cultura